MEMÓRIAS LITERÁRIAS

APRECIAÇÕES E CRÍTICAS

Memórias Literárias

APRECIAÇÕES E CRÍTICAS

POR

SANCHES DE FRIAS

LISBÔA — 1907
Compôsto e Impresso na Typ. da Emprêsa Literária e Typographica
Rua de D. Pedro, 184 — PÔRTO

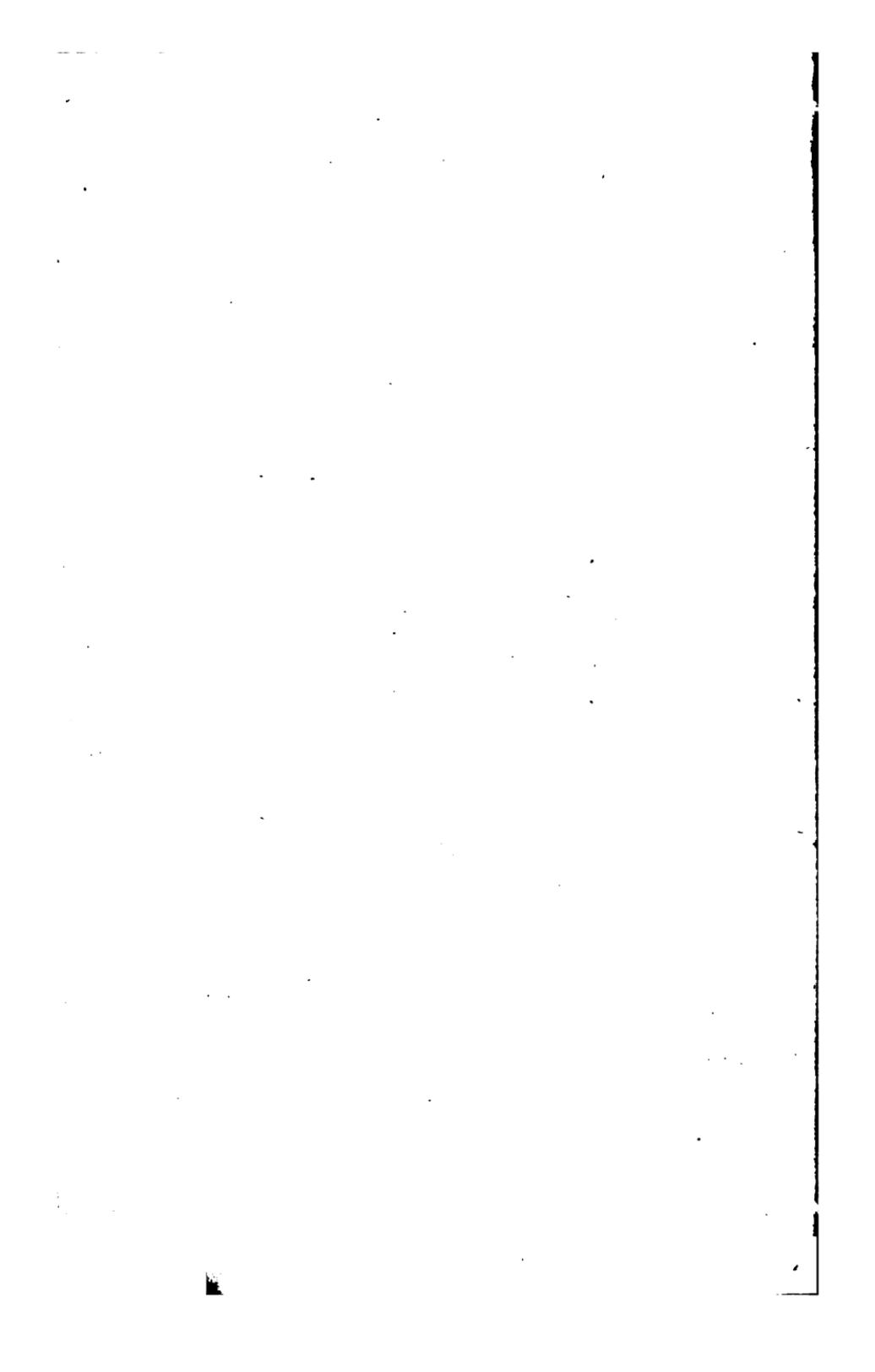
AO

Gremio Literário Português

DO PARÁ

DEDICA

O ex-presidente e sócio graduado

Viscande de Sanches de Frias.

As nossas memórias

Se bem nos lembramos, Alexandre Herculano asseverou, num dos seus livros, que no meio de uma nação decadente, mâs rica de tradições, o mister de recordar o passado é uma especie de magistratura moral, é uma especie de sacerdócio.

— Exercitem-no — clamava êle — os que podem e sabem, porque não o fazêr é um crime...

Ora, na tradição, propriamente dita, figuram as lêtras, como elemento primacial, e consequentemente os nomes dos que as praticaram com proficuidade.

Recordar êsses nomes, a que muitas vêzes faltaram desastradamente incentivos creadôres e a publicidade necessária, é cumprir a recomendação do nosso historiadôr, é satisfazêr portanto um acto de patriotismo, embora, como em alguns pontos dêste livro, se não trate de sumidades, incensadas pelo rumôr das turbas, quase sempre injustas, levianas ou ignaras.

As figuras da nossa galeria, á exceção de uma,

fôram tôdas do nosso conhecimento, próximo ou remoto, directo ou espiritual, demorado ou passageiro; e dahi vem, com o império, que sôbre o nosso temperamento exercem determinadas recordações, a razão capital de coligirmos escritos, alguns dos quaes andavam dispersos em publicações alheias.

Quando outro valôr se lhes não atribua, ficar-lhes-á o de expôr aos olhos dos entendidos e dos amigos das bôas lêtras muitas peças não divulgadas e numerosas notícias não sabidas.

Sobram-nos já testemunhos de gente douta nêsse ponto essencial.

Isso nos basta, porque o aplauso dos que sabem é a moeda única, a que podem aspirar os que, devota e desinteressadamente, moirejam em escrita portuguêsa.

E por fim, quando outras razões não imperassem, a publicação dêste livro, seria, mais uma vêz, a confirmação do lema seguinte de nosso uso:

— A investigação e o registo do passado representam um culto, devido á memória dos que fôram, ao mêsmo tempo, laboriosos, inteligentes e bons.

E dêste lema não aberraremos nunca.

Lisbôa.

Largo do Intendente
abril de 1807.

SANCHES DE FRIAS.

Candido de Figueiredo

A esta figura primacial cabe o primeiro lugar, a cabeceira do rol, por sêr o único ente vivo da galeria de mortos, aqui representada.

Os períodos, que lhe desenharem o vulto, cedem ao impulso fortíssimo de uma ação espontânea, fria e calma, livre dos preconceitos da amizade, isenta por inteiro das seduções de uma devota simpatia.

Não podem apresentar o homem tal qual o estimamos; pintar o escritôr com tôdos os atributos, que lhe engrandecem o nome; nem descrevêr o funcionário público, segundo a nota dos seus serviços, porque em períodos fugitivos não cabe a tela completa dessa magnífica trindade; nem as acanhadas proporções de umas notas passageiras e superficiaes, que alargadas necessitariam de um livro, pretendem mais do que esboçar, a traço leve, o perfil de Candido de Figueiredo.

Pois temos pena de que assim seja, mâs descansamos inteiramente num amanhã mais ou menos

longo, em que melhor ensêjo e a pujança de mão superiôr á nossa hão-de necessariamente penetrar com desassombro nos recantos modestíssimos de um retraimento injustificavel, arrancando de lá completa, espelhada e firme a personagem, que desejávamos apresentar a descoberto.

Emquanto isso não acontece, á falta de melhor, vamos nós esboçando recordações, que de outra coisa não trata êste livro, pâra elucidação alheia e pâra a intimidade do nosso uso, com a despretenção libérrima, que nos caracteriza em absoluto.

*

* *

Começamos por um levíssimo toque biográfico.

Antonio Candido de Figueiredo nasceu a 19 de setembro de 1846, em Lobão, aldeia do districto de Vizeu.

No seminário desta cidade, onde foi educado, recebeu êle o primeiro batismo de amôr ás lêtras, ainda em vêrdes anos, colaborando em várias fôlhas periódicas de Vizeu e Coimbra.

As pomposas tendências de uma imaginação irrequieta, que subia constantemente ás alturas poéticas de um ceu constelado de estrêlas fascinantes, uns sonhos de risonha inexperiência, a atração, que o impelia pâra a convivência social, e por cima de tudo uma índole franca, aberta aos melhores intuitos progressivos da instrução— bem cêdo lhe fizeram conhecêr que não tinha vocação alguma pâra o estudo eclesiástico, a que o destinavam.

A impaciência dos mestres porêm, quando êle deu pela absoluta negação pâra o sacerdócio, já lhe havia lançado pêias, fazendo-lhe recebêr a primeira ordem sacra!

Esta circunstância foi origem de graves contra-

tempos e até amarguras, que lhe ensombraram por alguns anos a sua vida pública e particular, embaraçando-o extraordinariamente até que, depois de porfiados esforços e larguíssimos dispêndios nas chancelarias de Portugal e Roma, o pontífice Leão XIII houve por bem dispensál-o dêsse impedimento, pâra podêr casar catolicamente, como casou.

A feição literária era a principal característica do môço estudante.

Ao saír do seminário, tinha concluido os *Quadros Cambiantes*, o seu primeiro livro de versos, uma estreia brilhante, que, no corrêr dos tempos, obtêve duas edições, publicando-se a última com largas apreciações críticas de Castilho, Mendes Leal, Pinheiro Chagas e outros, em 1874, quando concluia em Coimbra a sua formatura em direito.

Até essa data porêm havia já dado á estampa vários livros e panfletos em prosa e verso — *Um anjo mártir*, poema lírico; os *Pirilampos*, prosas várias; a *Generalização da história do direito romano*; o *Tasso*, poema dramático, em sete cantos, baseado em factos do século XVI; as *Parietárias*, coleção de poesias, dada como brinde aos assinantes do *Diario de Notícias*; a *Liberdade da indústria*, nas suas relações com a economia política e com a história da civilização; o *Municipio e a desentralização*, análise académica, a propósito da reforma administrativa, aventada por Rodrigues de Sampaio; a *Morte de Yaginadatta*, episódio traduzido em verso do poema sanscrito o *Ramayana*; e grande cópia de artigos dispersos nas fôlhas diárias.

*

* *

Algumas dessas publicações, tão variadas no fundo e na forma, denunciando fortes aptidões de inteligên-

cia e arte, valêram-lhe o sêr eleito sócio da Academia Real das Sciências, ainda durante o seu curso de estudante, em 3 de fevereiro de 1874, facto talvêz único nos anaes daquela corporação.

Um peregrino espírito de mulher, D. Mariana Angélica de Andrade, a saudosíssima poetisa dos *Murmúrios do Sado*, em data anteriôr a essa eleição, por uma estranha e notavel coincidência, em carta escrita pâra alem do Atlântico ao autôr dêste livro, a propósito do movimento literário de então, dizia com a rara perceção do seu culto entendimento:

— Não sei se tem lido alguma coisa, ou ouviu falar de um dos mais arrojados talentos da geração moderna, Candido de Figueiredo, um rapaz inteligentíssimo, que ainda cursa os bancos da universidade. Recomendo-lhe os livros desta florescente individualidade, que promete larga sasão de óptimos fructos.»

A futura espôsa de Candido de Figueiredo, que nessa época não sentia por êle mais que os raptos da sua admiração, não se enganava, como brevemente lh'o provou a eleição da Academia Real das Sciências.

Releve-nos o douto académico a explanação desta longinqua particularidade, ignorada por êle, uma partícula de incenso lançada agora na turibulação, que a sua saudade costumou sempre tributar á memória ilustre daquella desditosa senhôra, que tão sua foi.

Ao recordar-lhe a morte prematura, escreveu êle:

. . . .

...as minhas ilusões, a minha crença,
os sonhos do meu lar
desvanecia-os uma dôr imensa,
e desapareciam
como uma nuvem, que se esvai no ar.

. . . .

Dias depois na minha solidão
eu ajoelhava aos pés da sua imagem,
mais reverente que o fiel do Islão.
que, após larga viagem,
entorna á flux o seu piedôso pranto,
e expande o coração
na santa kaaba do profeta santo.

Isto, que o poeta suspirava, ao celebrar o primeiro aniversário tumular da sua poetisa do *Sado,* pertence á composição, com que fecham as *Nictagínias,* seu penúltimo livro de versos.

A nossa homenagem, pois, a turibulação de quem, de mais a mais, infausta e doridamente, já enfermou do mêsmo mal, não lhe pode sêr molesta.

*

* *

Candido de Figueiredo entrou na vida pública em 1875, um ano depois da sua formatura, abrindo escritório de advogado, de parceria com os doutôres Julio de Vilhena e Pereira Lima e sendo nomeado inspectôr das escolas no districto de Coimbra.

Em 1877, foi despachado conservadôr do registo predial, em Fronteira, donde o transferiram pâra Alcácer, em cuja localidade exerceu tambem o cargo de presidente da câmara.

Em 1881, nomearam-no secretário directôr geral da secretaria da Bula da Cruzada; em 1882, professôr do liceu de Lisbôa; mais tarde, por concurso, segundo oficial da secretaria da Justiça.

Ainda, em 1893, foi governador civil de Villa Real, de cuja administração escreveu um opúsculo, intitulado *O govêrno civil de Vila Real.*

Presentemente, e, diremos, bem tardiamente, é chefe da primeira repartição do ministerio da Justiça.

Como funcionário público foi sempre o primeiro

entre os primeiros, na rigorosa execução dos seus devêres.

Nunca nos esqueceremos de que, há anos, procurando-o, na repartição dessa época, á hora de maior trabalho e frequência, era êle a única pessôa, que lá se encontrava. O próprio porteiro desertara do respectivo lugar!

Pois, apesar da assiduidade exemplar e largos serviços, apesar das suas lêtras e probidade, nunca foi bafejado pela aragem da fortuna, ou da empenhoca indígena; levou anos longos a sêr preterido na graduação, que lhe competia; a vêr galopar nas alturas da política os audazes, a quem sobram ousadias em vêz de modéstia e probidade, trêtas em vêz de lêtras.

As lêtras, no nosso país, ainda são pâra muitíssima gente de alto coturno simples *manhas,* como as denominavam antigos fidalgos e governantes, que assinavam de cruz, em prol das suas pessôas e destinos adjacentes.

Naquilo, que não dá pão, nem chorudas benesses, lá tem sido Candido de Figueiredo um pouco mais favorecido da sorte: fêz parte da comissão fundadôra da Sociedade de Geografia de Lisbôa; e é, alem de sócio da Academia das Sciências, professôr correspondente da Academia de Jurisprudência, de Madrid; membro titular da Sociedade Asiática, de París; do congresso dos orientalistas, de Londres; do Instituto, de Coimbra; comendadôr da Ordem Humanitária da Cruz Branca, de Itália; membro do consêlho superiôr de Instrução Pública; e recentemente do Gremio Literário Português, do Pará; do Centro de Sciências, Artes e Lêtras, de Campinas, Brasil; e acima disso, e extremamente honrôso, sócio da Real Academia de Espanha, onde foi propôsto pelo conhecido diplomata e homem de lêtras Valera, pelo naturalista Mir e pelo filólogo Cartázer.

Mais adiante nos ocuparemos desta honrosíssima eleição.

Outras corporações de sciências e lêtras têm proclamado o nome de Candido de Figueiredo.

Sirvam de exemplo a Academia Montreal de Toulouse, que num concurso poético lhe concedeu as *palmas de oiro,* e o último Congresso Jurídico do Rio de Janeiro, que o distinguiu com uma medalha de honra.

Apesar disso tudo, não nos vá esquecêr, em materia de títulos honoríficos, que, sendo talvêz o sócio correspondente mais antigo da Academia Real das Sciências, não logrou alcançar até hôje, apesar da sua elevada estatura literária, em volta da qual circulam quarenta e tantas publicações, onde se comprehendem trabalhos monumentaes lexicográficos e filológicos; não alcançou até hôje, dizíamos, a nomeação de sócio efectivo, honra seja feita á camaradagem académica, que lhe avalia o mérito!

Mostrando a nossa estranhêza a alguem, que tem alta ingerência no assunto, foi-nos respondido:

— Que quer? O Candido nada pede!

Esta resposta sintetiza o estado psicológico de uma grande parte da alta sociedade portuguêsa, a mandatária, a governante, a que influe em honrarias e proventos.

A lamúria e o empenho substituem a capacidade.

Uma entidade, reconhecidamente valorosa, màs excessivamente modesta, que não rastêja deante dos potentados janízaros de qualquer porte; que não pede, nem berra, nem grita; que não despedaça carteiras no parlamento; que não préga discursos flamejantes e ameaçadôres, nem escreve artigos incendiários — pode apodrecêr, á míngua de pão ganho e honras merecidas, que ninguem se lembra dela, como se faz mister nêste país de declamadôres pataratas e de patriotas liliputianos a arrebentar de basófia, má língua e manhas.

Alem da empenhoca e do compadrio, que tanto grelam e medram em terras portuguêsas, a Academia Real das Sciências, segundo o conceito de Camillo, só floresce em goivos sepulcraes, orando pelos sócios idos.

Oiçâmol-o, em poucos períodos: [1]

— Não se cuide que eu, com o selvagismo de um minhôto em literatura, pretendo molestar os hereditários joanêtes da Academia. Nego. Os meus joanêtes de sócio correspondente acham-se tambem comprometidos.

«Considero a Academia Real uma arca de sapiência humanal, de reserva pâra a catástrofe de um dilúvio de ignorâncias eminentes. Respeito-a como um banco das nossas riquêzas espirituaes, banco sem transações, com acionistas tôdos de prenda, dando-se ares de estar sempre em liquidação; mâs não líquida.

«Se não vive muito ao sol ardente, que refunde o velho mundo, tem a vitalidade sombria do obituário. Quando um sócio vae continuar na vida eterna o somno das suas sessões, os confrades vivos gememlhe o elogio fúnebre, uma nénia em períodos redondos, *ore rotundo*, na prosa da fundação do estabelecimento.

«Em seguida, recolhem-se a brunir velhos adjectivos e a escovar algumas metáforas de fivelas e rabicho, pâra a necrología de um futuro confrade môrto.»

Candido de Figueiredo pode contar, pois, com as honrarias do alem-túmulo académico.

*

* *

De 1874, ano da sua formatura em diante, os escritos do nosso poéta sucederam-se uns aos outros,

---

[1] *O General Carlos Ribeiro*, pg. 15.

numa longa serie, onde entram — *O Poema da miséria*, cânticos e trenos, de cujas páginas fôram injustamente esvurmados por certa crítica uns intuitos, que nunca têve; *Homens e lêtras*, galeria de poetas contemporâneos; o *Manual dos jurados*; o poemêto as *Creanças*; a tradução da *Moral pâra tôdos*, de Franck; os *Companheiros de Vasco da Gama*, romance historico de Alvaro Perez; as *Duas Viuvas*, comédia de Malefille, representada no Gimnásio; e em 1883 as *Nictagínias*, coleção de versos, onde ao santo amôr da família se abraçam, em grinaldas virentes, as flôres de um estilo comovente e castiço sôbre doiraduras de um brilho imarcessivel, apesar das *Nictagínias*, modestas e retraídas, só vicejarem depois do sol pôsto.

Essas flôres pouco vulgares pinta-as o autôr, com extraordinária verdade e melancolia nas palavras, que antecedem o livro, e terminam assim:

— Viçaram suavemente nas sombras, mais ou menos densas, de uma existência escassamente alumiada pelos sorrisos da fortuna e rudemente batida de temporaes e lutas.»

Apesar disso, engrinaldam versos como os desta *Visão*:

Ao longe, muito ao longe, em provindoiras eras,
meu espírito errante, e scismadôr e só,
como Hervey perscrutando ossadas e quiméras,
perscrutava o passado, a sombra, o nada, o pó.

Necrópole deserta, imenso cemitério,
eis o que, em tôrno e alem, o espírito abrangeu;
exibia-se um drama, original, funéreo,
ossadas por teatro, e personagens — eu!

E o espírito, curvado em tétricas voragens,
interrogava o nada, a esfinge funeral,
evocava, em tropel, fantásticas imagens;
e um eco me disse: — Aqui foi Portugal.» —

E ainda perguntei: — De tanto lustre e glória,
do vivêr e pensar de tantas gerações,
nada posso vêr? nada conserva a histó ria?
— Sim — respondeu o eco — o livro de Camões.» —

*

* *

O jornalismo, como as lêtras, deve á musculatura intelectual de Candido de Figueiredo um ramo notavel da sua pasmosa actividade.

Durante a colaboração em fôlhas periódicas, publicou os romances — *Último abencerragem* de Chateaubriand; a *Pomba*, de Alexandre Dumas; os *Dois tamanquinhos*, divulgado há tempos em volume por Corazzi; o *Ramo de lilax* e o *Bebé* de Ouida; e uns capítulos da *India Antiga*, os quaes fôram traduzidos e comentados por Blanc, da academia de Gand.

Em Coimbra, redigiu a *Fôlha*, de colaboração com João Penha, Gonçalves Crêspo, Simões Dias e Guerra Junqueiro; fundou com Mota Féliz a *Gazêta da Beira;* redigiu o *Cenáculo*, de Lisbôa, o *Jornal da Noite*, na parte literária e noticiosa, a convite de Teixeira de Vasconcellos; colaborou na *Correspondência de Portugal;* dirigiu o *Diario de Portugal;* fundou a *Capital*, onde pela primeira vêz o tivémos por colega, e fêz parte da redação do *Glôbo*, onde egualmente nos desvanecemos com a sua camaradagem, leal como poucas e apreciavel como nenhuma; redigiu o *Português*, onde, depois de têr floreteado o seu talento em crónicas semanaes de largo fôlego, se converteu no *Caturra Junior*, tão celebrado por suas lições filológicas; e hôje, e actualmente, trabalha no *Diário de Notícias*, onde, alem da critica do movimento literário, em porfiadas notas, esperadas e lidas com avidêz, delicadamente, sôb forma levíssima, a rir, continúa, com extraordinária erudição, como verdadeiro mestre da lingua, a fustigar não só a algarvia do jornalismo moderno, como

barbaridades dos francêlhos e das gentes muito amantes de coisas estranjeiras, e que por isso não sabem o que falam e escrevem; e ainda dos inovadôres de uma linguagem abstrusa e campanuda, os insurrectos, que pretendem celebrizar-se á custa de um estilo, onde introduzem vocábulos de sua invenção exclusiva, que não são do nosso idioma, nem pâra lá caminham.

Quanto á imprensa, podemos afoitamente certificar que o nome de Candido de Figueiredo figura em tôdos os principaes periódicos literários do nosso tempo, dentro do país; e fóra dêste, especialmente na obra monumental do conde italiano Angelo de Gubernatis, não muito conhecida entre nós e denominada *Dictionaire international des ecrivains du jour;* e mais honrosamente ainda no *Libro dell'amore,* trabalho colossal em cinco volumes do poliglota fenomenal e grande poeta veneziano Marco Canini, que conseguiu reunir nêsse riquíssimo repositório literário, trasladando-as a italiano, poesias escriptas em 140 línguas e dialectos, antigos e modernos, vivos e mortos, dêsde o provençal e o basco até o tártaro e japonês; dêsde o tupí e o patagão até o sanscrito, bengala e azteca.

Êsses escritos, que são cânticos universaes de tôdos os actos e sentimentos, que se relacionam com o amôr, traduzidos verso a verso, literalmente, em tôdos os géneros de metrificação e rima, com uma correcção admiravel, com uma erudição linguística e um trabalho de investigação e paciência pasmosos — representam um assombro pâra tôdos, que sabem que é, muitíssimas vêzes, mais dificil fazêr-se uma bôa tradução em verso do que escrevêr um excelente original.

E ao falar nisto, e como demonstração muito valiosa e agradavel do que afirmamos, não nos furtaremos á tentação de trazêr pâra aqui uma amostra, que diz respeito aô poeta das *Nictagíneas*

Trata-se de algumas das estrofes, consagradas por Candido á esposa, insertas nessa coleção de versos, a que já nos referimos; e publicadas integralmente no *Libro dell'amore.*

Damol-as intercaladas com a metódica e fidelíssima interpretação de Canini.

Venho do mar... Escuta-me! sou náufrago
que vem cumprir um voto, e descançar.
E' sagrado o meu voto; se é sagrado!
Têr fé mal sabe quem não há lutado
com as tormentas em revôlto mar.

Vengo dal mar: m'ascolta... Sono un naufrago
che vuol compiere un voto e riposar.
Oh! come sacro è il voto ch'ho formato!
Mal tiene fede chi non ha lottato
con le procelle di sconvolto mar.

....

Algumas vêzes, um fugaz relâmpago
rompia a custo a cerração fatal;
e a voz distante de ignorada ondina
penetrava no seio da neblina
quase impondo silencio ao vendaval.

Talora il tenebroso aere un fuggevole
lampo fendeva a malapenna e in sen
della nebbia la voce penetrava
di sconosciuta ondina: impor sembrava
alla procella che venisse men.

E' que em teu seio virginal, castíssimo
ecoara do náufrago a oração;
e quando, extenuado, semi-môrto,
alcancei o sereno e amigo pôrto,
meu olhar não buscou os ceus em vão.

Nel tuo petto castissimo de vergine
la preghiera del naufrago trovó
un ѐco, e allor che stanco, mezzo morto,
il tranquillo raggiunsi amico porto,
l'ochio mio il cielo invano non cercó.

Cumpro o meu voto; e, como ofrenda humílima
tôdo o meu sêr deponho em teu altar.
Pertenço-te! e os joêlhos dobrar quero
junto a teus pés, no santuário austero,
no templo augusto, que se chama — o lar.

Compiendo il voto, l'essermio, qual umile
offerta, ecco depongo sul tuo altar
e chinare i ginocchi ora à tuoi piedi
me nell'augusto santuario vedi,
che tetto conjugal suolsi chiamar.

Deliciôso! pois não é?

Traductôr e traduzido são dignos um do outro. Canini é, ao mêsmo tempo, um prodigiôso filólogo e um magnífico poeta.

Alem dos trabalhos de Marco Canini, temos que mencionar as traduções, em alemão, do doutôr Storck, e em sueco, do doutôr Göran Björkman, distincto lusófilo, lente da universidade de Upsal.

*

* *

A instrução pública e a pedagogia devem a Candido de Figueiredo uma avultada coleção de livros e opúsculos, em grande parte dos quaes se atendeu escrupulosamente ás exigências dos programas oficiaes, como, o que mais importa, á índole das matérias e á perceção gradual dos entendimentos juvenis, a que são destinados, condição essencial, que falta a grande número dos nossos compêndios, por vêzes, mistifórios indigestos, a pedir tesoura e lima.

Citaremos — *História de Portugal,* cuja oferenda pública tivémos a honra de merecêr, na sua 4.ª edição, *História Universal, Geografia antiga, Geografia moderna, Prolegómenos da história de Portugal, Dicionário de latitudes, Manual dos direitos e devêres, Cosmografia, Corografia Portuguêsa, Rudimentos do*

direito Civil, publico e administrativo, Economia política, Recapitulação da historia das literaturas, Notícia histórica dos antigos povos do Oriente, Rudimentos de Literatura. Prosas modernas, Antologia Poética, Episódios e figuras célebres da história de Portugal;

Em administração e polémica, devemos mencionar — *Tosquia de um gramático, O golpe de misericórdia,* continuação do mêsmo assunto; *O consêlho Superiôr de instrução pública,* relatórios; *Bula da Cruzada,* relatório oficial; *As escolas ruraes,* a *Má língua de um bacharel em mística,* com o pseudónimo de Lourenço de Braga; e *Usufruto e fideicomisso,* estudo jurídico.

*

* *

Chegado a êste ponto, melhor nos parece, espaçando breves considerações e comentários, que nos ocorrem, continuar chronologicamente a lista compendiosa da grande obra de Candido de Figueiredo, cujas faculdades intelectuaes e de trabalho são um fenómeno raro, em corporatura, que nada tem de agigantada e fenomenal, especialmente porque nas suas obrigações oficiaes e imprescindiveis não há largos ócios, nem horas feriadas.

Arrolemos, pois:

Lições práticas da língua portuguêsa, 1.º volume, 1891, reunião das cartas ao *Português* escritas pelo *Caturra Junior,* início da obra monumental filológica de Cândido; de que se publicaram o 2.º volume, em 1893; e o 3.º em 1900, em repetidas edições.

Lisbôa no ano três mil, 1892, sátira enorme sôbre os costumes da actualidade; o que êstes serão no citado ano. Pelo que pertence á pornografia scénica, os teatros, ao rompêr dos aplausos, apagarão as luzes, embrulhando-se espectadôres e artistas do sexo femi-

nino com os do sexo contrário, no furôr dos entusiasmos!

O *Bacharel Ramires*, 1894, episódio romântico, seguido de mais seis contos, e inserto na coleção da livraria Pereira.

O livro de Job, 1894, monumento da poesia hebraica, dificílima e única tradução em versos portuguêses.

Amôres de um marinheiro, narrativa histórico-romântica, 1.º prémio no concurso aberto pelo *Diário de Noticias,* por ocasião do centenário da India.

Chrisântemos, 1896, poesias líricas, brinde do *Diário de Notícias.*

Nôvo Dicionário da língua portuguêsa, 1899, 2 grossos volumes em fólio, com acrescentamento de trinta mil vocábulos não recolhidos e grande cópia de aceções ainda não mencionadas.

Fisiologia da mulher, 1900, obra afamada e característica, traduzida do italiano de Mantegazza.

Arminho, 1900, conto, oferecido, em 1 de janeiro, aos amigos do autôr, como brinde de bôas festas.

Vencêr ou morrêr, 1901, drama, em 5 actos, de Henrique Sienkiewicz, autôr do *Quo Vadis*, tradução do italiano.

Os estranjeirismos, 1902, resenha e comentário de centenas de vocábulos e locuções estranhas á língua portuguêsa.

O problema do casamento, 1903, nova obra magistral de Mantegazza, tradução do original com expressa autorização do autôr.

Manual da sciência da linguagem, 1903, traduzido de Jiácomo de Gregório, professôr da universidade de Palermo.

O que se não deve dizêr, 1903, bosquêjos e notas de filologia portuguêsa.

Vamiré, 1905, romance curiosíssimo e típico dos tempos primitivos, traduzido de Rosny.

Problemas da linguagem, 1905, complemento crítico e exegético das lições práticas da língua portuguêsa e de outras obras.

Falar e escrevêr, 1906, novos estudos práticos da língua, em dois volumes.

Figuras literárias, 1906, ùltimo livro, reunião de escritos vários biográfico-críticos, onde se comprehendem perfis e medalhões nacionaes e estranjeiros.

*

* *

Indicada sucintamente a naturêza dêsses livros, bem desejávamos redigir alguma coisa mais, ultrapassando as raias de uma simples ementa bibliográfica, exercendo crítica, e fazendo confrontos e citações.

Na impossibilidade de o fazêr, porque essa tarefa exigiria um livro, limitar-nos-emos a ligeiras notas de impressão e a fugitivas transcrições poéticas, destinadas a quem não conheça inteiramente a obra completa de Candido de Figueiredo.

Comecemos por arrancar uma página dos *Chrisântemos,* essas flôres doiradas, como lhes confere o nome, exemplares brilhantes, que, ao fim do verão, apesar da falta de aroma, constituem os mais ricos ornamentos dos jardins modernos:

OUTRO MAR...

Deram-me por destêrro a larga pradaria,
onde floreja o amôr, e onde palpita o gôso;
e, ao lado do prazêr, do fausto e da alegria,
achei-me triste e só, Tântalo desditôso.

Corri o continente, a vêr se encontraria
região, em que eu não visse alheio amôr ditôso:
cheguei á beira-mar, más... — pérfida ironia!
o mar beijava a rocha, ébrio, febril, nervôso.

Ergui a vista ao alto; e, no docel flamante,
que abrigava do mar o tálamo gigante,
a viração tecia os cantos nupciais...

Senti fugir-me a vista; andei um passo avante;
era o pontal da rocha! e, como a Safo amante,
afundei-me no mar dos loucos ideais.

ROSA BRANCA

Tenho uma rosa branca na lapela,
e tu, ao vêr a rosa,
dizes, sorrindo: — E' bela!
E eu, ao vêr-te sorrir, digo: — E's formosa!
Ambos temos razão:
porque a rosa, que eu trago na lapela
não é mais branca, nem é mais formosa
do que tu, flôr singela,
que me enchêste de amôr o coração,
ungindo-me de essência preciosa...

Discordamos num ponto: — Em teu conceito
a flôr, que eu trago ao peito,
seria a flôr das flôres, um primôr,
se não tivesse espinhos... um defeito!
E eu, minha rosa branca, meu amôr,
amo-te tôda e tanto, que não minto,
dizendo que, feliz e sem temôr,
irei colar os lábios, se quiseres,
sôbre os espinhos, que entrevêjo e sinto,
sôbre os espinhos, com que tu me feres!

Os primeiros versos, como arrôjo de imaginação dolente, como grito de uma alma alanceada, e os segundos, como deliciôso madrigal, são verdadeiros modêlos.

Mal empregada musa em andar hôje foragida, ela, que podia constantemente desatar-se em exhuberâncias de fecunda e risonha primavera, sempre nova, sempre viril, sempre creadôra!

Em tôda a obra versificada de Candido de Figuei-

redo, e especialmente nos *Chrisântemos*, poderemos cognominal-o o poeta do amôr.

Os próprios queixumes, que podiam descair por vêzes na melancolia tristonha e sombria dos trenos, elevam-se ás vagas e indefinidas regiões do ideal, onde os silfos vaporosos de umas aspirações sonhadas, mâs incorpóreas, irrealizaveis, como oiro, adejam, peneiram-se e resplandecem, envolvendo o presistente sonhadôr numa atmosfera de bem-estar inspirativo, que transmite ao leitôr uma grande parte das impressões do poeta.

Sem a aspiração do vago, sem o colorido bruxuleante do sonho, os *Chrisântemos* não teriam a variedade de tintas tão admiradas na planta, que, com sêr tão variada, participa de uma só naturêza.

Vejamos, por exemplo, a pag. 15 a entrada *Na Floresta :*

«Sonhei — e tão pouco dura
o prazêr que um sonho empresta —
sonhei que, ás horas da sésta,
vagávamos á ventura,
numa enredada floresta.

....

E nêsses dôces instantes
as aves luxuriantes
modulavam, com ternura,
os himnos dos seus amôres
nos meandros da espessura».

E o caso ó que, bem a dentro da floresta, o sonhar, mais de apetecêr que a crua incerteza da realidade, acompanha-nos, envolve-nos, subjuga-nos.

Candido de Figueiredo, nas palavras preambulares dos seus versos, virando-se pâra o poente, chama-lhes *despedidas de verão,* modesta e impropriamente.

Chamemos-lhe nós, com mais justêza, os admiradôres do grande mestre da nossa língua, cuja frase brincada e cuidadosamente brunida é por vêzes um

primôr e um dôce encanto; apelidemo-los de *sempre vivas*, que só lhes quadra este nome.

Em almas privilegiadas é inato o afecto imorredoiro.

Quem tanto exalta o sentimento por excelência, o amôr, e o canta e o diviniza, ardentemente, não se despede... deseja e aspira sempre; e, agarrado ao seu lema sacrosanto, fal-o tremular constantemente nas tendas dos numerosos crentes.

O próprio poeta nos diz que é, e deve sêr assim, quando pede uma legenda á sua musa inspiradôra:

> —Repoisa nesta urna o coração gelado
> do escravo mais fiel, do trovadôr plangente,
> que amou até á morte e nunca foi amado.

Que nunca foi amado, dil-o êle, não o cremos nós. A sua queixa vem de que o amôr eterno é insaciavel.

Nas almas, onde êle viceja sempre vivo, a própria desventura não mata as esperanças, atira-as ao espaço amedrontadas, mâs não as dissolve, nem as aniquila;

> «E, ao debandar das pobres avesinhas,
> as minhas esperanças maltratadas
> fugiram pelo espaço, amedrontadas,
> como um bando de tristes andorinhas.

Sim, fugiram, mâs não morrêram.

A primavera do poeta dos *Chrisântemos* só acabará com êle.

Dil-o claramente a própria subtilêza irónica dos versos característicos da *Correspondência*:

> «Não mais te ofenderás de uma suposta injúria,
> ou de uma acusação, que eu não tivera em mente,
> e, em vez de acusações, de queixas e lamúria,
> terás canções de amôr, e amôr principalmente».

Afirma-o o delicadíssimo e notavel madrigal do

último charuto, cuja nuvemzinha de tenue fumo ofendeu os olhos da musa do poeta:

« Doeu-me tanto a lágrima arrancada
por um futil charuto impertinente,
que o arrojei á estrada,
pâra que tôda a gente
esmague o vil, que desastradamente
te fêz chorar, ó minha dôce amada.

Assevera-o o dramático, rendilhado e originalíssimo poemêto da *Autópsia*, que tôdo êle, como as composições de carácter diverso, tresanda, na essência e no fundo, ao filtro incorruptivel do amôr.

Os *Chrisântemos* pôis, temol-os nós, como tôda a gente, que puder sentir, por *sempre-vivas* da mais fina espécie e do melhor, mais vistôso e doirado colorido.

Que se convertam em esperanças de nova colheita é o voto dos poetas e das mulheres, a quem o autôr os consagrou, porque versos como os seus só devem ser lidos por poetas e sentidos por mulheres, bem entendido, que saibam sêr mulheres.

*

* *

Folheemos por último *O Livro de Job*, e quedemo-nos no lugar, em que o desventurado se refere ás origens do seu sabêr:

Mâs a sabedoria, mâs a sciência
onde é que ela se esconde?
A luz da inteligência
onde está ela? onde?

O. prêço dela o homem não conhece,
nem ela entre delícias aparece

O abismo diz consigo:
— Meu seio não a tem. »
E o mar brada tambem:
— Aqui dentro não é o seu abrigo. »

Não há prata, que a valha, nem por oiro
a poderão comprar;
nem oiro, nem cristal, nem um tesoiro
a podem igualar;
tudo o que há de maior e de mais alto
nada a ela se pode comparar:

nem as mais vivas côres indianas,
nem a pedra sardónica preciosa,
nem topásios de terras libianas,
nem safiras, nem tinta radiosa.

Donde a sabedoria, pois, provem?
e onde é que a inteligência tem logar?
Dentre os viventes não a viu ninguem,
nem as aves a podem avistar.

Os homens, hôje, mortos e perdidos
só puderam dizêr que a fama dela
chegou a seus ouvidos.

Em Deus porêm inteira se revela,
Êle conhece e vê onde ela está,
porque vê tôdo o mundo e tudo quanto
debaixo do céu há.

Foi quem ao vento e ás águas deu medida
na proporção devida.

E, quando ás chuvas sua lei ditava,
e o caminho ás tormentas assinava,
foi então que o Senhôr a investigou,
a viu, e a revelou.

E disse ao homem: — O temôr de Deus
é a sabedoria;
e inteligência tem o que desvia
do mal os passos seus. »

Pela amostra se podem calcular as dificuldades, com que lutou o tradutôr, ao servir-se do têxto da

Vulgata de S. Jeronimo, dada a lume e comentada por Du-Hamel, de mistura com outras interpretações autorizadas, pâra reduzir a castiços e sonoros versos portuguêses, embaraçados, de mais a mais, por grande quantidade de rimas, o *Livro de Job.*

Só um verdadeiro poeta e bom filólogo conseguiria convertêr num dos seus melhores productos intelectuaes essa preciosa relíquia da poesia hebraica.

*

* *

Obrigado pelo espaço, que nos vae faltando, a passar adiante, cabe-nos mencionar agora a obra do lexicógrafo e do filólogo; o que faremos tambem de fugida, porque ela está vulgarizada, bemdita e aceita por tôdos os que estudam e lêem, livres dos pruridos da invêja e dos predicados da murmuração malévola.

São alto monumento levantado á nossa língua os oito volumes, que comprehendem as *Lições Práticas, Os estranjeirismos, O que se não deve dizêr, Problemas da linguagem* e *Falar e escrevêr.*

Tôdos êsses livros, se não fôram conveniências de editôres e receio de que um título genérico fizesse julgar que êles se não poderiam adquirir separadamente, deviam contêr uma só denominação, porque tôdos, embora os materiaes se possam destacar uns dos outros, são verdadeiras *Lições Práticas* da língua portuguêsa, cujo título único lhes compete.

O largo ensinamento, que proporcionam; a propaganda da sua doutrina em época, na qual presumidos, sábios de quotiliquê e as enxurradas de uma imprensa bárbara ameaçam desmoronar os alicerces da língua; as questiúnculas estereis, a que têm dado aso; e as discussões estereis e fecundas, que, dentro e fóra da fronteira, se têm derimido — repre-

sentam elevado pedestal de glória pàra o seu autôr, cujo triunfo é indiscutivel e assinalado.

E nem tanto era preciso pâra que a Candido de Figueiredo, ao falar-se de benefícios á língua portuguêsa, se conferissem as honras do Capitólio.

Bastavam-lhe os dois volumes do *Nôvo Dicionário*, em cuja elaboração de 7 anos juntou aos 65:000 vocábulos registados mais 30:000 que desperdiçados não faziam parte do erário lexicográfico; bastaria até sabêr-se que pâra uma segunda edição já o autôr recolheu mais de 14:000!

Só isto, descontada embora a colaboração de alguns devotos, representa um trabalho hercúleo pâra quem não vive positivamente das lètras, tendo que forragear o pão de cada dia em labôres de naturêza diferente.

Se fama e glória fartassem alguem, largos cabedaes contaria, a estas horas, o autôr do livro.

As repartições do Brasil, onde taes obras são úteis, requisitaram largamemte o *Nôvo Dicionário*.

O senadôr Rui Barbosa, eminente letrado e homem douto daquêle país, quando no senado brasileiro se discutiu a reforma do codigo civil, nos 2 volumes infolio, que publicou em 1903, como réplica ás defèzas da redação do projecto da câmara dos deputados, depois de declarar que Candido «sobreexcede, sem confronto possivel, quanto á cópia de palavras, aos seus mais próximos antecessôres» cita dezênas de vêzes o *Nôvo Dicionário*, muitas delas pàra estribar conceitos seus.

E por último, pâra não alongarmos provas, a Real Academia de Espanha, que não é pródiga na distribuição de honrarias, abriu as suas portas a Candido de Figueiredo, após a publicação da sua obra lexicográfica.

O filólogo Cartázer, um dos proponentes, ao comunicar-lhe a eleição de sócio, dizia-lhe categoricamente que pâra isso concorreu, com especialidade, a simples

introdução do *Nôvo Dicionário*, a qual, em verdade, é uma dissertação filológica de primeira plana.

Como contraste frisante, ou antes, como agradecimento pátrio, a Academia das Sciências de Lisbôa, de que Candido é o mais antigo membro correspondente, como já notámos, após o aparecimento da sua grande obra, preteria-o deploravelmente, não dava pela sua existência, em março de 1900, admitindo nas vagas existentes nada menos de sete socios efectivos!!

Isto é o menos certamente. O mais, a verdadeira pena é que, no meio de tudo isto, sejam quaes fôrem as honrarias pessoaes, as riquêzas, acrescentadas ao erário da língua por Candido de Figueiredo, e as ingratidões recebidas, pena é que a musa dêste se encontre chorosa e erradia, por montes e vales, deplorando a transfiguração do inspirado poeta em nobilitado filólogo.

Justos queixumes os da malfadada musa!

*

* *

Ao terminar, não nos olvidaremos de juntar aos títulos nobiliários do escritôr os dotes de maior valia que concorrem no homem, ornamentos distinctos, que assentam no pedestal finíssimo de um carácter ilibado, submetido a longas e duras provas, mâs sempre prestigiôso no seio da família e na convivência de subordinados, colegas e amigos.

O *mens sana in corpore sano* de antiga nomeada desmente-se por inteiro naquela organização fenomenal.

Referindo-nos á musculatura intelectual de Candido de Figueiredo, não vão pensar os que o não conhecem que ela tem por alicerces a robustêz de uma grande saude e a fôrça de um côrpo atlético ou medianamente agigantado.

Ao contrário, raras vêzes se devem têr visto espírito e coração em côrpo tão franzino e debil, que precisa, pâra não vergar, de um regimen certo, escrupulôso, invariavel.

Pois bem, vão observal-o, batam-lhe á porta, espreitem-no no seu labôr constante, noite e dia, domingos e dias santos, em que se não encontram diversões; e hão-de notar que as horas pâra êle são diferentes das horas de tôdos nós, miraculosamente preenchidas por uma actividade de pasmar, onde não há ócios nem intervalos fortificantes, que não sejam os extremos votados á família, que se apoia, em absoluto, na riquêza da sua inteligência e na fôrça do seu braço.

Espreitemos:

- A seguir ao levantamento e ablução matinaes, na moradia de Pedrouços, algumas horas gastas á mêsa do trabalho literário: após o almôço, entrada no comboio pâra as funcções da repartição oficial, de que é chefe exemplar; cumpridas estas, regresso a casa e nova labutação até ao jantar, que já se realiza de luz acêsa; terminado o repasto de uma dieta quase absoluta, ligeiro descanço; nova saída pâra o comboio em direção ao *Diário de Notícias*, onde a sua demora é longa; e finalmente, regresso a Pedrouços pâra o sono imprescindivel, precedido ainda, quando a tornada se faz a certas horas, de trabalho ás vêzes inadiavel.

E por êste labôr ininterrupto, em que se não contam largas palestras, nem saraus, nem teatros, se adivinha a razão, por que se lhe não conhecem faltas nos seus devêres oficiaes, a que andam ligados muita dedicação e largos serviços; por que pontual e convenientemente os seus artigos não escasseam, ás horas precisas; a correspondência bisemanal pâra a secção literária do *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro; a circunstanciada crónica quinzenal pâra outro jornal

brasileiro o *Estado de S. Paulo;* o material continuado pâra o *Dicionário Prático Ilustrado,* espécie de pequeno Larousse, destinado a Portugal e Brasil e contratado por uma emprêsa de Paris; e ainda e finalmente os costumados trabalhos pàra as suas publicações em livro!

*

* *

Pelo pouco, que ahi fica dito, por devêr, amôr á verdade e á justiça, sôbre o poeta, escritôr e filólogo, ácêrca do funcionário público e sôbre o homem — vê-se que os seus méritos de sciência e lêtras; o seu talento fecundo; os seus serviços de prosadôr vernaculíssimo e humanista distincto, a sua vasta sementeira pelos desbaratados meandros da nossa língua, uma larga quadra de professorado público; o desempenho cabal e consciencióso do seu cargo, onde tem gasto o melhor tempo da sua vida, num período de trinta e tantos anos; as provações de uma lida constante, as virtudes da sua alma de eleição e a modesta feição do seu carácter ilibado — ainda lhe não grangearam a segurança do seu futuro, e nem ao menos o lugar, a que têm direito, onde se pavoneam reputações farpalhudas, que por ahi assoalham as superficialidades de renomes, falhos de merecimentos escorreitos, mâs cercados dos confortos, que a fortuna empresta aos apadrinhados e aos atrevidos.

Num país, onde os conselheiros formigam, em prodigióso enxame, nem ao menos uma carta de consêlho bateu ainda á porta de Candido de Figueiredo.

Muito perde quem não berra, nem forjica votos na politiquice nacional!

Muito podem os émulos e a maldade humana!

João Pereira da Costa Lima

I

Não era um bohémio, como lhe ouvimos chamar, uma vêz.

Uma parte da Europa denomina dêste modo o simples habitante da Bohémia, e a outra, a occidental, quere significar o cigano, êsse producto errante de uma raça infecta, como lhe chamariam os antigos, casta embusteira, rapinante, dissoluta e nómada; nós, porêm, os portuguêses, damos-lhe uma apropriação mais lata, pôsto que um tanto infundada e arbitrária.

O bohémio pâra nós é o indivíduo ralaço, falto de palavra e de meios, artista sem arte, escritôr sem lêtras, vadio de profissão, umas vêzes; noutras, o estroina propriamente dito, indolente, folgasão, vagabundo, fazendo da noite dia, á mêza do jôgo ou do botequim, no alcoice, na taberna ou na rua; rico numa semana, esfomeado e lazeirento, na outra, dormindo indiferentemente num palácio ou numa estre-

*

baria: eivado de preguiça e dívidas, avêsso ao trabalho e ao senso comum.

As exceções a esta regra são pouco de notar.

Costa Lima não foi portanto um bohémio.

Êste representa uma vulgaridade, facil de encontrar: onde houver excesso de leviandade, má creação, falta de trabalho e de brios, ou simplesmente uma doidice, um desiquilibrio inato, não será dificultôso encontrar um bohémio.

Costa Lima, com os seus instinctos primitivos de delicado artista, com uma fôrça espiritual, que pairava por vêzes nas regiões do sônho, com a subjectividade característica de um irrequieto, que se mergulha no vácuo das aspirações indefinidas, desejando muito, conseguindo muito, aspirando a mais e requerendo mais e melhor; hôje insaciavel, amanhã farto e aborrido, cheio de desêjos e anciedade num dia pelo que desdenhara na véspera — êste homem de extraordinárias aptidões, que podiam dar, cultas e metodizadas, uma notabilidade, formam um sêr especial e notavelmente contraditório.

Mixto de leviandade e honra, de argúcia e probidade, cérebro exaltado e creadôr, organização inconstante, irrequieta, desambiciosa e ao mêsmo tempo trabalhadôra e inventiva, êsse homem foi um voluvel descomunal de um espírito indomavel e de uma anormalidade rara.

Levou tôda a sua vida a estimar e a desejar o que não tinha; e só estava bem onde não estava.

O dom da ubiquidade não chegaria a satisfazêl-o, se lhe viesse ao encalço.

E, caso extraordinario! êste voluvel descomunal não era o ente enfastiado, de testa franzida e maneiras abruptas, que caracterizam os saciados, ou os descontentes, que nunca chegam á meta do seu constante desejar.

Alma limpa e bôa, cabêça leve, desanuviada, Costa

Lima lutava com os insucessos e as mudanças, de ânimo alegre, sem que os factos e o tempo lhe alterassem a complexidade do seu carácter.

Ria, trabalhava, sofria, mudava de posição, gemia e folgava, acto contínuo, de um momento pára o outro, conforme o caso ou o motivo.

Não antecipemos porêm certos toques colorantes do esbôço, que pretendemos delinear.

Embora estas memórias não tenham propriamente a feição biográfica, ocasiões haverá, como esta, em que a personalidade literária não poderá ser bem entendida sem essa feição. O homem e o artista, completos ou não, conservam sempre uma linha inquebrantavel de união.

A creança denunciou o homem, e êste comprehendeu, concretou o artista.

D'ahi a necessidade do apontamento biográfico.

II

João Pereira da Costa Lima, filho de Manuel Pereira da Costa, oficial reformado, e de D. Florinda Amelia de Lima, nasceu na villa da Feira, a 13 de màio de 1836.

Dissémos que a creança denunciara o homem, e vamos proval-o rapidamente, ao corrêr da penna, referindo-nos a alguns dos factos culminantes da sua meninice.

Aos 9 annos, o pequeno João era um afamado diabrête. Ninhos de pássaros, muros de quintaes e cêrcas e os restos muralhados do castello godo tinham nêle um atrevido escaladôr; cabêças de companheiros desavindos, arcaboiços de porcos, cães e gatos um terrivel contendôr, a pau e pedra.

Com grave desgôsto da família, desertava de casa

e da escola, frequentemente, mudando de sítio e de divertimentos.

O pae castigava-o a miude, até que de uma vêz o Joãosito, pâra se furtar ás consequências de uma estroinice da véspera, cujos ecos haviam chegado a casa pela noite, desapareceu na manhã seguinte pâra sítio desconhecido.

A mãe, que em vão o mandara procurar, ás horas do almôço e jantar, amofinara-se, vendo que o dia estava a findar, e que o marido saíra desesperado á cata do filho.

A' bôca da noite, entravam ambos no tugúrio conjugal, o diabrête suspenso pelas orêlhas roxeadas na pressão dos dêdos paternos, e o dono da casa esbaforido e cansado pela caminhada, que dera até ao castelo, onde o rapazito cabritava doidamente, atirando comsigo aos escombros, e esfarrapando-se nas muralhas, em perseguição dos pardaes e das borbolêtas, tão suas imitadas e sócias.

Corriam os tempos, mâs o *Joanico da Florinda,* como lhe chamava o pôvo, que nem sempre se comprazia com os brinquêdos turbulentos do rapazote, não ganhava emenda.

O pae, que começava a desesperar da salvação do filho, a que não bastavam privações e castigos, excogitava uma tremenda lição, que lhe servisse de verdadeiro escarmento.

Depois de muito pensar, dirigiu-se á forja de um ferreiro, estabelecido nos arrabaldes, planeou com êle o que quer que foi; e, voltado a casa, depois de uma conversa rápida com a espôsa, chamou o tunante á sua presença, e ordenou-lhe que se vestisse, e o acompanhasse.

D'ahi a pouco, os dois davam entrada na denegrida forja, que ao pequeno pareceu o antro fabulôso de Vulcano, de que lhe falava o seu manual; e o honrado oficial parava diante do ferreiro maioral, que

pelo fusco da cara, onde luziam olhos debruados da côr do ferro rubro, se assemelhava ao próprio Vulcano, e falava iracundo assim:

— Aqui tem êste sujeito, que vem aprendêr o ofício, já que outro lhe não serve. Não lhe dê largas nem oisio, e não o deixe sair, sem recebêr ordem minha. Se êle tentar fugir, atire-lhe ás pernas com um ferro em braza, de modo que uma bôa escaldadela lhe faça moderar os ímpetos de grande mariola, que é.

E Manuel da Costa, dando ao côrpo fingidos movimentos de grande iracúndia, saiu trovejante de ameaças.

Joãosito, que, havia dias, completara 10 annos, ficou por momentos estarrecido, e lacrimejou, quando lhe marcaram o primeiro serviço, o inicio dos aprendizes, dar ao fole, um maldito instrumento, que ás vêzes lhe bufava pó do carvão e faiscas de lume pâra a cara e mãos, que iam ficar negras, calejadas e entumecidas.

Decorridos alguns dias de rude aprendizagem, que nada suavizava e que pouco tinha de atraente no passadio e na cama, o irrequieto rapaz scismava insistentemente no modo como havia de cometèr uma nova garotada, que o livrasse de semelhante vida.

E nisto pensava êle certamente, quando uma tarde lhe vieram aos ouvidos os sons fascinantes de duas violas e uma rabeca, enfeitados com as cantigas de uns cegos ambulantes, que tinham parado á porta exteriôr da forja, pâra que lhes dessem esmola.

A meio da inesperada música, que se arrastava numa melopêa desafinadamente dolorosa, uma idêa súbita irrompeu o cérebro do Joãosito. Tivera um acertado e brilhante pensamento; aquela ideia era a sua salvação, que o futuro a Deus pertencia.

Quando calculou que o grupo dos pedintes iria estrada em fóra, longe daquela maldita e negra cova de ferreiros, pediu licença pâra uma necessária saída

ao quinchôso, e saltando de socalco em socalco, ligeiro como os passaritos, que êle costumava perseguir, deitou-se a corrêr em demanda da desconhecida caravana.

Bem depressa lhe avistou as figuras: um cego realmente cego, outro que o não era, um côxo fingido, o indispensavel burro bagageiro e um rapazola zanaga e atoleimado, ageitadôr dos taleigos e víveres, tangedôr da alimária e aflautado tiple da companhia.

Quando Joãosito se acercou daquela gente, e lhe falou, a sua voz tremia de fadiga e comoção; o que não privou de engendrar a historiêta, que ia decidir da sua negra vida.

Era um orfão sem pae nem mãe; o seu encanto seria corrêr terras, e vêr mundo; não tinha emprègo, nem parentes, que lh'o procurassem; vinha ali oferecêr-se pâra que o levassem, que êle não queria, nem desejava outra vida.

— E sabes tu cantar, rapaz? — perguntou o pseudo-aleijado, gostando de vêr o ar de espertêza do ladino garôto.

— Sei, sei, sim senhôr. Canto o fado e...

— Parece-me bom arranjo o diabo do fedêlho — comunicou o côxo ao cego.

— Pôis que venha — respondeu êste.

E d'ahi a instantes o endiabrado Joanico da Florinda dava dois pinchos de contente, recebia uma sacola ao hombro, e lá seguia a nova orientação da sua azougada cabèça no curiôso mister de môço de cego.

Pelo caminho ensaiou-se um fado, que êle cantou na povoação mais próxima, a contento de pedintes e ouvintes.

O resto da tarde e o dia seguinte, passada a noite num palheiro das cercanias, fôram empregues na visita aos lugares mais arredados, voltando o bando a aproximar-se da vila da Feira, que deixaria de manhã pâra seguir caminho opôsto.

Ao passar por um casal das vizinhanças, já o luar inundava a paizagem, que era formosa e rumorejante pelo tráfego das colheitas em época estival, como era a de então.

Numa eira próxima, tumultuava uma pouca de gente, que se acocorava á roda de um montão de espigas de milho pàra uma descamisada, que pelo gargalhar de rapazes e raparigas prometia decorrêr alegre.

— E se nós fôssemos alí tocar e cantar um bocado? — aventou o cego.

— E p'ra que? — tartamudeou o côxo, que, fingido em tudo, sentia embaraços na lingua pelo vinho ingerido numa tasca, onde fôra a título de comprar cigarros.

— P'ra que, heim? Podiamos ganhar a ceia, e dormir regalados na palha da eira.

— Lá isso é verdade — acrescentou o tiple zanaga, cubiçôso de se divertir, e aliviar da caminhada.

— Isto é muito bôa gente — concluiu o Joãosito com vivacidade, agradando-lhe não entrar na vila, onde podia sêr reconhecido.

Amarrado o burro ao cercado do quinchôso, em lugar onde pudesse sêr visto, lá caminharam os pedintes muito afaveis e cumprimentadôres a oferecêr os seus serviços pessoaes e artísticos, que fôram aceitos, com grande gáudio da rapaziada presente.

Joãosito, parecendo-lhe vêr gente conhecida, por cautela, tomou lugar á retaguarda do bando, que, logo á entrada e a pedido geral, se preparara pâra dizêr do seu ofício.

Iam começar pelo nôvo fado.

— Chega-te p'ra *deente*, rapaz! — ordenou o côxo ao trânsfuga, virando-se pâra traz, e impelindo-o por um braço.

O creançola não gostou da ordem, nem do apertão, mâs encheu-se de coragem, andou pâra a frente,

carregou o chapeu pâra os olhos, a vêr se encobria o rôsto, e *botou* larga cantiga, com tôdo o desembaraço.

Pobre dêle! Joãosito punha, e repunha, mâs Deus dispunha.

A certa altura, as filhas do dono da eira, depois de mirar o rapaz, benzendo-se com ambas as mãos, cochicharam com o pae; e êste, fazendo pala da mão direita, abismou-se por sua vêz, exclamando:

— Olhem quem êle é... Valha-te Barzabú! Olhem quem êle é... o Joanico da Florinda!

E agarrou-o pela jaleca.

A assemblêa desfêz-se em risadas, mâs o honrado lavradôr, gesticulando indignado, ameaçava os pedintes de os ir denunciar ao regedôr, como desencaminhadôres de creanças pâra o seu ofício de ralaços e mandriões.

Os acusados requereram misericórdia, contando o caso como fôra; e Joãosito, que já sentia nas orêlhas a costumada pressão das mãos paternas, dava um empuxão, a vêr se conseguia furtar-se á violência da scena.

O lavradôr porêm, que se prevenira contra as artimanhas do velhaquête, segurava-o bem, e d'ahi a instantes ia entregal-o aos paes, a quem, valha a verdade, pediu indulgência e conformidade.

— Que remédio! — clamou Manuel da Costa, meneando a cabêça, verdadeiramente descoroçoado.

E no dia seguinte reenviava o filho á escola, onde o mestre, secundando as iras do pae, lhe aplicou uma bôa duzia de palmatoadas, menos mal merecidas.

Se ao menos o endiabrado rapaz désse pâra as lêtras!

Baldada tentativa! João era inteligente, mâs a vida airada, quer dizêr, a constante mudança de situação constituía uma prenda inata, que a naturêza lhe impuzera.

Por último recurso, um ano mais tarde, o nosso

pequeno heroe, que já criara lenda de endemoninhado, dava entrada, como marçano, numa mercearia do Pôrto.

Alí sim; longe da família e da terra natal, naquela escola de ferrenhos e apertados horisontes, onde os desgravatados tafues do comércio usavam jaquêta de briche e tamancos, alí, a emenda devia sêr rápida e certa.

Pâra amansar díscolos incorrigiveis, e pâra amaciar o pêllo a valdevinos, não havia como o encebado balcão e as mais untuosidades de uma bôa mercearia.

O caso foi que, d'ahi a poucos mêzes, o gordonchudo merceeiro dizia mal da sua vida, porque o rapaz não tinha préstimo pàra coisa nenhuma: não acordava ás horas do serviço, tosquenejava durante o dia, entornava a talha das azeitônas, besuntava a cara dos companheiros com manteiga, e procurava divertir-se em vêz de trabalhar.

Um diabo, que não podia têr bom fim! Por sua parte, o João resolvêra nova mudança, e, fiado na proteção gazalhadôra da mãe, que o havia de livrar da maior durêza do castigo, abandonou uma bela manhã o balcão da mercearia, sem dizer adeus a ninguem.

Despreocupado que ia, no intuito de matar saudades da família, não deu pela sua falta absoluta de dinheiro, e só se lembrou, á entrada da ponte, de que não tinha os cinco réis da passagem.

E ahi está como, pela misória de cinco réis, se obscurecia o ideal de um esperançoso mancêbo de 12 anos!

Desventurado João! A malucar na sua vida, foi sentar-se á borda do caminho sôbre o relveiro.

Êle nada sabía de destinos, se não uma voz secreta lhe diria que, assim como ao menino e ao borracho Deus lhes põe a mão por baixo, o acaso é tido como protectôr encartado dos estroinas.

D'alí a instantes, uma mulher, com uma cêsta de roupa á cabêça, caminhava ponte fora, defrontava-se com êle, e, depois de o observar detidamente, exclamava cariciante:

— Olhem o Joãosinho! Então que diabrura temos nós agora?

Era uma antiga serventuária dos paes, uma bôa alma, que já lhe conhecia as manhas, e que lhe depunha nas mãos os 5 réis salvadôres.

Pâra ganhar o tempo perdido, o rapaz deitou-se a corrêr até que se viu fora dos limites da cidade.

A jornada porêm seria longa, a noite viria surprehendêl-o em caminho; o suor escorria-lhe da testa e as pernas requeriam descanso.

Atirou comsigo pâra uma alfombra de relva, á beira da estrada, e têve muita inveja dos caminheiros, que conduziam animaes de carga, indo comodamente montados ou estendidos sôbre os carros.

Depois de algum tempo, pensou que podia pedir condução ao primeiro carro, que jornadeasse pâra as bandas do seu destino.

A êste tempo, passavam, em sentido contrário, uns burriqueiros, vendedôres ambulantes e expositôres de feiras, aos quaes chamam tendeiros.

Iam a conversar, e atentaram no rapaz, que os ficou seguindo com a vista, deitado sôbre a relva, cotovêlos fincados no chão e cabeça apoiada entre as mãos, na posição, que tantas vêzes usara nos tempos, ditosos tempos! em que armava aos pássaros.

Um dos homens, já a consideravel distância, depois de gesticular muito, mexeu e remexeu os bolsos das calças e do colête, parecendo ao Joãosito que nêsses momentos alguma coisa caíra na estrada, sem que o sujeito dêsse por isso.

Era uma coisa branca... lusidia... algum botão dos alamares da jaquêta, sem dúvida.

E o rapaz não se mexeu, importando-se pouco

com o caso, até que os homens desaparecêram na linha extrema do horisonte.

Então voltou a pensar no assunto, e, impelido por uma certa curiosidade, levantou-se, e correu pâra o sítio, onde lhe parecêra que o objecto caira.

Impelia-o a Providência dos desmiolados, o acaso, que vinha em seu auxílio, e que podia fornecêr uma bôa página a um romance, em que se ia tornando a sua vida aventureira.

João, ao encontrar muito bem pôsto na estrada e apenas salpicado de poeira um bonito cruzado nôvo... um pinto, não podia, com razão, acreditar em tamanha fortuna.

Deu quatro cambalhotas de gáudio, e meteu pernas ao caminho, depois de assentar na aplicação de tão elevada riquêza, que êle mirava e remirava, como que pâra acreditar bem no que via.

Atraz dêle, começaram a tilintar os guizos de um macho, guiado por almocreve, que cantarolava, caminhando a passo cadenciado, e levando a comprida rédea lançada, como é costume, quando o animal é manso, sôbre o hombro direito.

O macho seguia-o, como se fôra um cão.

— Olé, rapazola! *Indas* que eu mal *progunte* p'ra onde é que vaes?

— P'ra villa da Feira. E vocemecê?

— Eu tambem.

— Ora então muito bem, — respondeu João contentíssimo, propondo-se pâra ser conduzido no macho.

— Isso agora! Estás doido, *home?* Não vês como o macho vae cansado? Sempre me saiste um *stúrdio!*

O rapaz alegou que tinha dinheiro, com que pagar, puxou do pinto, passou-o ás mãos do almocreve, que se convenceu, e enterneceu logo.

D'ahi a instantes, o Joãosito escarranchava-se sôbre a carga do macho, e assim, no tempo devido, dava entrada na terra natal.

A mãe, com quem se avistou primeiro, comunicou ao marido que o rapaz viera doente, em razão do trabalho pesado da mercearia portuense, cujo dono aconselhara a viagem; e que era preciso portanto dar-lhe algum tempo de folga, e cuidar-lhe da saude.

O pobre pae, bem ou mal, deu-se por convencido, especialmente por desejar que o filho se aperfeiçoasse na escrita e contas.

Uma doença porêm, e esta séria e fatal, destruia, passado algum tempo, aquêle principal arrimo da família: D. Florinda de Lima enviuvava, e, pelas suas circunstâncias e por consêlho de parentes e amigos, era obrigada a separar-se do filho, como tanta gente, destinado a ir procurar fortuna em regiões estranhas.

III

Em país, onde se ajuizasse, governativa e patrioticamente, dos males da emigração, seria crime o mandar creanças pâra climas tropicaes, entes ainda imprestaveis pàra o amanho da vida, párias, que, quando se não perdem ou não definham, precisam, chegados á edade viril, de voltar ao seu país a reconstruir a saude arruinada, justamente na época, em que podiam começar a ganhar o pão, com proveito pâra si e pâra os outros.

A negregada e amolecida orientação pública portuguêsa, no entanto, vae cuidando sempre que a opulência de um emigrante pode substituir a ruina de milhares, e deixa dizimar populações agrícolas, onde só há mulheres, velhos e creanças, que são depois engolidos pela mêsma voragem, que lhes levou os paes.

E sabe alguem o que é o emigrante ao abandonar a sua terra, atirado a bordo de um navio, ás vêzes como simples carga, o que sente, o que pensa e o que precisa fazêr, chegado ao solo estranho?

Costa Lima nol-o dirá, mais tarde, compulsando a sua experiência e recordações.

Aos 13 anos de edade, em 1849, seguia êle mar em fóra, recomendado a uma casa comercial do Rio de Janeiro, a qual lhe deu *arrumação*, como lá se diz.

O rapaz, tão irrequieto como fogôso, não mudou muito com a nova situação: garotada, que lhe ficasse a geito, não era despresada; torneira, que êle pudesse abrir, agua, que conseguisse toldar, ruma de fazendas, que sorrateiramente pudesse precipitar na rua, ao passar, não ficavam sem a intervenção do seu braço.

Empregou-se, portanto, desempregou-se, uma e bastas vêzes, garotou, cresceu e trabalhou, passando-se por fim a Pernambuco, ahi com 18 anos, e, pela inconstância do seu temperamento, no andar do tempo, seguindo pâra as províncias do norte, por onde se entretêve uns dez anos nos diferentes misteres de caixeiro, agente de indústrias, caçadôr, hoteleiro, alugadôr de fatos de máscaras, corretôr de negócios, fotógrafo e até gerente de uma emprêza funerária, a que êle se referia, sempre com muitíssima graça, chamando-se êle próprio *gato pingado.*

Êste último cargo exerceu-o êle na Parahiba, não chegando a prefazêr quatro annos em qualquer das províncias, em que desembarcou — Pernambuco, Parahiba, Ceará, Maranhão e Pará, como nunca se demorou tempo egual em ocupação nenhuma da sua vida!

E disso se vangloriava êle nas suas conversas, como corolário da versatilidade invencivel do seu espírito.

Sem bôa aprendizagem escolar, pouco versado em leituras úteis, desconhecedôr de determinados livros e autôres, Costa Lima tinha fraquíssimos conhecimentos literários.

Entretanto começava a poetar, e a sentir pelo teatro uma profunda inclinação, aproveitando tôdas as récitas de curiosos, em que pudesse tomar parte, sem

prejuizo de umas aventurosas caçadas, pelos matos dentro, no que se tornara destro e apaixonado.

No seu album de familia, incompleto como quase tôdas as suas coisas, encontrámos três poesias, publicadas em jornaes dóssa época, composições de fraco merecimento, como estrêas, que deviam sêr.

A primeira é datada de S. Luiz do Maranhão, em 25 de setembro de 1862, intitula-se *Maldição,* significada num queixume amorôso, e compõe-se de cinco quadras, de que destacamos a terceira:

Amava-te tanto que até em meus sonhos,
Mui bela eu te via a meu lado sorrir;
Agora, acordado, mal posso encarar-te,
E quero p'ra sempre medrôso fugir.

A segunda, marcada com a data de 24 de outubro seguinte e o título *Não creio,* tem entre seis estrofes esta quadra:

Não creio nas galas, que os ricos inventam,
Se nelas ostentam vaidosos preceitos;
Bemdigo os andrajos, que nunca infamados
Se viram, calcados, ao crime sujeitos.

A terceira, escrita no Ceará, a 10 de março de ano imediato, 1863, no album de uma senhôra, e em número egual de quadras, termina assim:

Perdôa, senhôra, se fui arrojado,
Tentando nêste album meu nome traçar,
Perdôa-me, sim, que por Deus eu te juro
Não mais outra fôlha de negro manchar.

Da metrificação uniforme se deduz a simpatia, que o autôr dedicava ao musicalíssimo verso de arte maior, em verdade preferivel ao seu vizinho, o prosaico alexandrino, e muito usado na época.

Costa Lima, por último, dera preferência ao cultivo da fotografía, e, com o primeiro pecúlio, que

juntou, fêz uma viagem á Europa, com o fim especial de ir, como foi, a Paris estudar essa especialidade.

De volta desta cidade, tencionava o fogôso mancêbo visitar sua mãe, de quem nunca se esquecêra, e a terra, que lhe fôra bêrço.

Os recursos porêm iam em debandada, e êle, quando deu por si, só têve tempo de ir tomar ao Havre um vapôr do Brasil, e regressar ao Maranhão, onde fundou o seu primeiro estabelecimento fotográfico.

Organizadôr de mil projectos, emprêsas e fantasias, enamorado e saudôso da sua primeira viagem europêa, logo que arranjou dinheiro, realizou nôvo passeio, a que se seguiram outros, sempre que a moeda abundava.

De tôdas as vêzes, quando o nosso viajante aportava de nôvo ás praias de alem-mar, certo era que o dinheiro escasseara, e tanto, que até de uma vêz essa falta lhe serviu de verdadeiro reclamo.

Fôra o caso que êle, ao recebêr a bordo do navio, que o conduzira, alguns amigos e afeiçoados, que lhe louvavam a bôa aparência de saude, metendo as mãos nos bolsos, onde só restava uma moeda de cinco tostões, exclamara, erguendo ao ar êsse fraco resto de maior quantia:

— De côrpo não vamos mal; agora de dinheiro... é o que vocês estão a vêr... uma pobrêza franciscana. E vejam lá... não se esqueçam de mim.

Não foi preciso mais. No dia seguinte, a fotografia enchia-se de freguêzes, que precisavam, e não precisavam de retratos, e o dono da casa, muito popular e credôr de fundas simpatias, realizava um excelente negócio, e não podia dar vasão a tôdo o trabalho, que acorrêra.

Na viagem de 1863, visitou êle, pela primeira vêz, a terra natal, e gosou bastante com a recordação das scenas da sua creancice.

Costa Lima, apesar das suas rapaziadas, vida libérrima, volubilidade característica e mais predicados, era, e foi sempre, muito cortêz e delicado com as mulheres.

Admirando com olhos de vêr e cobiçar as raparigaças carnudas e sadías da sua terra, dedicou a uma delas mais simpatia, e, sempre que a encontrava, dirigia-lhe amabilidades e carícias, muito ao de leve, cortêzmente.

A cachopa porêm dava pouca corda; quando muito, quedava-se a derriçar o avental com os dentes, mâs não tugia nem mugia.

Lima queixou-se do caso, muito espantado, mâs viu que a pessôa, com quem falara, lhe ria nas bochêchas.

— Você não tem geito nenhum. Isso não se faz assim. Se quizer cativar o agrado da moçôila...

— Por simples curiosidade, mero estudo...

— Seja pelo que fôr. Quando ela estiver á sua beira, fale-lhe, e toque-lhe á moda da terra.

— Tocar-lhe eu...

— Sim, sim. Palavra puxa palavra... uma palmada nas costas... uma cotovelada... um empuxão...

— Amôr aos bofetões pelo que vejo...

— Pois que mais? E adeusinho, que se faz tarde.

— E o caso foi — contava Costa Lima, com o costumado chiste — que eu não precisei de mais lições. Numa tarde encontrei a rapâriga num olival deserto; falei-lhe galhofeira e lorpamente, e fui-me chegando pâra ela, que descansava as mãos nos quadrís roliços, tendo os braços em arco; em seguida a uma graçola, assentei-lhe valente palmada nas costas, concluindo:

— Ah! *sôra Marq'uinhas!* que eu ando derretido por êsses olhos, que parecem repôlhos.

E zás! um empurrão!

— Ora o diabho do *sôr Janzinho* sempre tem coisas!

«E riu muito, avançando e recuando, como que a pedir mais. Não me fiz rogado; e, falando e rindo tambem, aplicava-lhe um forte beliscão a um braço, e recebia em troca um murro amoravel, que me ia deitando a terra. D'ahi a instantes rebolcávamo-nos os dois sôbre a relva do olivêdo, sovando-nos reciprocamente, com grande força e afabilidade.»

A recordação desta e de outras scenas campesinas serviu mais tarde pâra a urdidura de uma comedia original, de que a seu tempo nos ocuparemos.

IV

Do Maranhão passou Costa Lima a estabelecêr a sua casa fotográfica no Pará, onde mais a popularizou, escrevendo versos, tomando parte em saraus, festejos e récitas, e onde permaneceu mais tempo.

Por esta época escreveu êle a sua primeira peça teatral, *As Pupilas do Escravo*, drama em três actos, inspirado nos costumes e destino dos prêtos, que êle estudou e observou de perto, sendo óptimo imitadôr dos seus modos e linguagem.

Desta vêz, por sória enfermidade, voltava novamente a Portugal, em 1865, aos 29 annos de edade, e ia hospedar-se em Bemfica, na casa de seu tio o comerciante Almeida Lima, onde têve por enfermeira cuidadosa e amoravel sua prima D. Adelaide, que pouco depois se tornava sua espôsa.

Se não fôra a circunstância da doença, que o obrigou a estudar, minuto a minuto, dia a dia, as qualidades daquela bôa senhora, Costa Lima, que não se demorava nunca em observações duradouras sôbre coisas e pessôas, com o seu espírito instavel, talvêz não chegasse a matrimoniar-se em tempo nenhum.

Os que lhe conheciam o carácter inconstante na forma, mâs honrado e laboriôso no fundo, julgaram que o casamento seria pàra êle a estabilidade e a quietação futuras.

Pelo decorrêr dêstes apontamentos, veremos se o conheciam bem os que presumiam conhecêl-o.

Acompanhado de sua mulher, em 1866, voltava ao Pará, onde reabria o seu estabelecimento fotográfico, correndo-lhe próspera a fortuna, quanto a dinheiro, mâs muito adversa no que respeitava á saude da espôsa, cuja compleição era refractária ao nôvo clima.

Esta poderosa razão obrigou-o, no ano seguinte, a trespassar a sua casa a Felipe Fidanza, seu compatriota e fotógrafo, que foi um excelente artista na mêsma localidade, e a regressar a Lisbôa, onde, pâra bem dizêr, contado o tempo da meninice e o da larga peregrinação e residência em terra alheia, ia começar a terceira época da sua vida.

Apesar de tudo, como já temos indicado, Costa Lima possuia bôa dose de probidade e certas qualidades afectivas, alem da habilidade tenaz pâra angariar os meios de vida, predicados, que o tornavam distincto do bohémio, cuja aliança repele.

O sentimentalismo não era o seu menor predicado.

Abramos o seu album nas páginas, onde se encontram os versos incompletos da sua poesia *O Colono*, e ahi o reconheceremos como protagonista, que peregrinou, e sofreu.

A pobre mãe entrega ao pequeno emigrante a trouxa de roupa, que êste leva pâra o navio, essa estranha máchina, que ha-de expatrial-o.

....

Foi numa manhã de inverno
Fria, ventosa, gelada,
A bordo era tudo inferno
Nos preparos da jornada:

No convez, em cada canto,
Não se via um rôsto enxuto:
Eram torrentes de prantó,
Pranto de um dia de luto.

Pelas enxárcias os ventos
Soltavam tristes zunidos,
Como orchestra de lamentos,
Num concêrto de gemidos;
E' que nessa hora suprêma
D'um adeus, á despedida,
Não há lábio, que não trema,
Nem lágrima reprimida.

Minha mãe, silenciosa,
Contra o peito me estreitava;
Naquela alma dolorosa
Nenhuma angústia faltava,
Do pranto bebia as fezes
Num transporte longo e mudo...
E' que a mudêz, muitas vêzes,
Nada diz, dizendo tudo.

Quando a voz do comandante
Retroou pelos espaços:
— Larga! Larga! — ai! nêsse instante,
Sentindo-a fugir dos braços,
Como um cão, que alem, da margem,
Num batel vae vendo o dono
Sumir-se, ao sôpro da aragem,
E alí fica ao abandono,

Ganindo, uivando, convulso
De dôr, de pena, de mágua,
Como a querêr num impulso
Atirar-se ao cima da agua;
— assim eu, no mêsmo ancêio,
Vendo-a sumir-se na bruma,
Senti as fibras do seio
Retalharem-se, uma a uma.

Depois... moveu-se a barca, e num momento
As velas defraldando ao mar e ao vento,
Passou alem da barra,
Semelhante ao milhafre, que na garra
Leva a tímida rôla pelos ares.
O abutre dos colonos vae no bôjo...
E leva bem seguro o seu despojo
Roubado da família aos pobres lares.

Êstes sentidos versos, que se não parecem com os precedentes pela correção e pela sonoridade, são evidentemente uma página do coração, e representam uma vigorosa e triste lembrança, e uma notavel amostra das desaproveitadas aptidões do autôr.

Continuemos porêm:

....

Sabe alguem quanto custa ao desgraçado
Colono o pão da vida, que é regado,
Com lágrimas de escravo, em terra alheia,
Quando sente corrêr, de veia em veia,
O sangue refervido ao sol ardente,
Que queima, como lava incandescente,
Nos êrmos do Equador? e, a cada instante,
Nos horrôres da febre calcinante,
Nas âncias, na fadiga, no trabalho,
Pedir em vão aos ceus um dôce orvalho
Êsse orvalho, que á planta Deus concede;
Que a febre lhe mitigue, e mate a sêde,
E uma luz, que lhe sirva de bonança,
Um raio, um raio ao menos de esperança,
Que parêça dizêr-lhe: — Sua, lida,
Trabalha, que amanhã uma outra vida
Te aguarda alem... ; alem... finda a vigília,
No regaço da paz e da família?

Sabe alguem o que é vivêr sem um auxílio
Nessas longinquas plagas? nêsse exílio?
Oh! bem felizes vós, entes nascidos
Em bêrços d'oiro! vós sempre aquecidos
Dêsde a infância aos ternissimos bafêjos
Da mãe, que vos adora, que os desêjos
Vos pre-sente, adivinha, e no regaço
Meiga vos paga em beijos cada abraço!

Que ri do vosso rir, e chora, quando
Aflicta, a dòce mãe, vos vê chorando!
Vós, que nem mêsmo uma hora separados
Vos vístes pela ausencia! Ah! bemfadados!
Quem nunca se viu longe... bem distante
Da patria, da família, ou de uma amante,
Não sabe o que é sofrêr na mocidade
Dez anos de martírio e de saudade!

Nós pela nossa parte, ao preconizar a verdade dêste quadro, bem experimentado por nós, diremos que só a ausência e a saudade podem fornecêr semelhantes tintas.

Costa Lima sentiu dolorosamente o que escreveu, indicando-nos a época dêsse incompleto escrito, sem o pensar e sem o querêr talvêz.

Afirmando que ninguem dentro da pátria pode sabêr o que são

Dez annos de martírio e de saudade;

e tendo ido para o Brasil aos 14, mostra-nos claramente que escreveu êsses versos, em 1860, aos 24 anos de edade, ou pelo menos quo os tracejou, apurando-os mais tarde, visto que as amostras precedentes são de 1863 e de si muito insignificantes.

Algum tempo depois de chegar a Lisbôa, em meiado de 1867, Costa Lima adquiriu por trespasse a afamada *Fotografia Silveira*, o célebre moedeiro falso, que a estabelecêra na rua do Thesouro Velho e no lugar, que hôje ocupa o teatro D. Amelia.

Se êsse estabelecimento deu ao nôvo possuidôr não pequenos incómodos pelas repetidas buscas, a que a polícia procedeu, em razão da casa têr pertencido ao notavel falsificadôr, tambem lhe serviu, no andar do tempo, pâra título de popularidade e glória.

Converteu-se, em horas vagas e ás noites, em centro de reunião e ensaio de alguns artistas e especial-

mente de curiosos dramáticos, que celebraram frequentes espectáculos e vários festêjos no velho teatro do Aljube e na sociedade da rua do Alecrim, chamada do *Carapau,* porque a sua instalação primitiva fôra feita numa casa da Ribeira Nova, fronteiriça do mercado de peixe.

O crisma burlêsco nasceu de se dizêr, ao designar a sociedade, que se ia pâra o Carapau; e tão forte se tornou que foi companheiro da sociedade dramática pâra a rua do Alecrim e pâra a casa, onde se vê hôje a *Arcada de Londres.*

A tal respeito e pâra sinal da importância e duração desta sociedade, bom será notar que a picarêsca denominação resistiu ao tempo e ao próprio têrmo da agremiação, pois que, ainda ha pouco ao gremio progressista, que lá funcionou, se chamava o *Centro do Carapau.*

Costa Lima, como é de vêr, em sua casa e fora dela, constituiu-se a alma do movimento teatral particular, como actôr e autôr.

Escreveu a *Espadelada* e o *Othelo tocadôr de realejo*, e refundiu o seu drama *Os Pupilos do Escravo*, peças que passaram ao theatro Gimnasio, onde êle, a pedido da emprêsa, foi desempenhar as personagens principaes de tôdas elas, porque ninguem possuia qualidades imitativas eguaes ás suas.

Na *Espadelada* resumia costumes ovarinos que observara na sua própria terra, não lhe esquecendo de acentuar bem o característico namôro aos empuxões.

Quando o rapagão do Thomaz se queixa á velha Terêza de que a sua *Jaquina,* a sua conversada, o vae trocar por um *casaca* da cidade, entre o mais, que viu, afirma:

— Êle estava-*le* a fazêr gaifônas, assim, no queixo, e ela a fingir que *nan* qu'ria, e êle a teimar, e ela a deixar-se ir, e a pôr-se *ós* murros a êle! A... aquê-

les murros eram *munto* meus! Se êle os quer que vá lá p'ra *cedade*, que *nan* falta quem *los* dê.

As habilitações e o estudo local, de que o autôr dispunha, davam-lhe portanto uma feição, que ninguem podia disputar-lhe.

Nos *Pupilos do Escravo*, a larga convivência com os prêtos do Brasil, dos quaes imitava com a máxima correção os modos, as cantigas e a linguagem, assegurava-lhe um êxito ainda melhor.

No *Othelo tocadôr de realêjo* finalmente, a circunstância de ter sido escrito pâra uma paródia ao trabalho do trágico Rossi, que em vésperas de partida, fôra ao Gimnasio admirar e elogiar Costa Lima, a acentuação correcta, com que êste imitava o italiano, fizeram que o autôr servisse de mestre, como actôr, aos artistas representadôres, que se lhe seguiram.

Há numerosas famílias e companheiros seus, que ainda hôje se lembram com saudade dessa época brilhante.

*

* *

Em 1871, três anos e meio depois de estabelecido, em razão do seu temperamento e por ventura dos recentes processos fotográficos, que entraram em luta com os seus, engendrou Costa Lima nôvo projecto de vida; o que sempre lhe foi facil.

Conferenciou com Procópio e Lambertini, que scenografavam de sociedade, disse-lhes o que pretendia, e contratou com êles a pintura de um extensíssimo pano de fundo, que se desenrolasse lentamente á vista do espectadôr, durante certa representação, e apresentasse a tôda a altura da caixa o comprido e formôso panorama de Lisbôa, desde a barra até ao extremo de Santa Apolónia.

Feito isto muito a seu contento, muniu-se das pe-

ças dramáticas já mencionadas, juntou-lhes a imitação em 1 acto *Orestes e Pilades*, que compozera anteriôrmente, escreveu a bordo do vapôr, em que entrou, uma nova comedia, em 1 acto, *A Vindima*, e dirigiu-se com tôda essa bagagem artística e literária ao Rio de Janeiro.

Organizada uma companhia ambulante, de que era o primeiro actôr e o chefe, começou a expôr o seu reportório e o panorama, que despertou um alegre alvorôço entre a colónia portuguêsa, entusiasmada por vêr representar comédias de costumes nacionaes, ao mêsmo tempo que se desenrolava e ela via, saudosa e palpitante de comoção, o magnifico panorama da capital do seu país.

Não era preciso mais. A lembrança de Costa Lima alcançava um prémio avultado de grandes aplausos e óptimos lucros; e êle mandava a tôda a pressa encomendar a Procópio e Lambertini um panorama idêntico do Pôrto.

A chegada dêste nôvo pano aumentou os lucros do feliz empresário, que, por uma notavel coincidência, se encontrava nos mêsmos intuitos de exploração artística com o tragico Rossi, que foi vêr e cumprimentar.

O famôso artista, recordando-se da paródia, que vira em Lisbôa, feita á sua personalidade com tamanha correcção, mostrou desêjos de a tornar a presenciar.

Costa Lima, admiradôr convicto do afamado italiano, esmerou-se no desempenho, que deu ao tocadôr de realêjo do seu *Othelo*, pronunciando os trêchos da lingua de Dante com o acionado e a modulação da voz de Rossi, que em testemunho do seu aprêço e gratidão lhe ofereceu o retrato, cuja dedicatória tem a data de 27 de junho de 1871.

Não colecionando nunca as lembranças dos seus triunfos, e importando-se até muito pouco com elas,

o autôr da comedia *Othelo* ligou sempre manifesta importância ao retrato de Rossi.

Resolvido, depois disso, a transferir-se pâra o norte do Brasil, percorrendo o litoral, Costa Lima passou da capital ao Rio Grande e a outras localidades do sul, onde continuou a ganhar grôsso dinheiro.

Conseguido o seu desiderato, esperava êle e com tôda a razão alcançar uma riquêza; antigos padecimentos porêm, em que avultava uma afeção de bexiga, obrigaram-no a desfazêr-se do material da sua emprêsa, vendendo-o ao actôr português, há muito falecido no Rio de Janeiro, Vicente Rodrigues, que seguiu o itenerário traçado pelo seu antecessôr até ao Pará, onde o tracejadôr destas linhas chegou a assistir á exhibição das comédias e panoramas, que em verdade produziam em almas bem portuguêsas o vivo agridôce das saudades e as exaltações do patriotismo, que só os exilados podem e sabem sentir.

Mal diriamos nós então, que, ainda por um sentimento de apêgo ás coisas pátrias, haviamos de sêr o cronista dos objectos e do autôr dêsses espectáculos!

*

* *

Depois da demora de um ano e tanto, Costa Lima voltava novamente a Lisbôa, em 1872, trazido pela enfermidade, e empregava em inscripções hespanholas o avultado pecúlio, que afortunadamente adquirira.

Nova fatalidade no entanto lhe vinha ao encontro, e tal impressão lhe causou que uma grande parte dos seus cabêlos branquearam, de um dia pâra outro, segundo o seu testemunho.

Os acontecimentos políticos de Hespanha fizeram baixar o seu papel a um preço arrastado, que representava enorme prejuizo, e meteu pavôr.

Costa Lima, sem ânimo pâra esperar, como mandava a bôa razão, assustou-se em demasia, e no ano seguinte vendia ao desbarato tôdos os valôres hespanhoes, que possuia.

Êste revez foi o maior e mais sério de tôda a sua vida. Costa Lima, pela primeira vêz, pensou maduramente no seu futuro e no da espôsa, embora desta não tivesse descendência, que estipendiar, e temeu por ambos.

Esta preocupação havia de acompanhal-o, como acompanhou sempre.

Precisa se tornava uma volta imediata ao trabalho, e portanto êle, readquiridas, numa grande parte, as feições peculiares do seu carácter, empregava-se como gerente do café da *Europa*, o antigo *Hespanhol*, do Rocio, então pertencente ao pae de Matos Moreira, de quem já era presádôr e amigo, como não podia deixar de sêr, visto que a convivência dêste, na sua qualidade de traductôr, editôr e autôr de comedias e literatices várias, lhe seria proveitosa e agradavel.

Continuando a obedecêr á instabilidade da sua naturêza, á sua tendência pâra coisas teatraes e ás muitas solicitações de amigos e admiradôres, voltou a tomar parte em espectáculos de curiosos, em casas particulares, no teatro Taborda, em varias peças, e anos depois no do Principe Real, desempenhando o dificílimo papel do velho Gaspar nos *Sinos de Corneville*.

Não nos antecipemos porêm.

Continuando tambem e sempre a seguir a feição principal do seu temperamento, de gerente do botequim passou a escriturário ajudante do fiscal Serrinha, no hospital de S. José, donde se transferiu pâra o Pôrto, no emprêgo de pagadôr do caminho de ferro do Minho e Douro.

Restam-nos dessa época três poesias suas — *Fado,*

inédito de onze quadras, escrito no seu album, em 1875; *Paz e Progresso*, impressa em avulsos e destribuida no teatro de S. João, onde êle foi recital-a, na presença de el-rei D. Luiz, que acabava de assistir á inauguração do dito caminho de ferro, em 17 de maio dêsse ano; e *Emfim*, versos congratulatórios por têr acabado a guerra civil de Hespanha, dados á luz num jornal portuense, em 10 de março de 1876, uns e outros apensos ao sobredito album.

A primeira composição, o *Fado*, é ligeira como o título indica, mâs redunda em nenia ou simples queixume pessoal e não em cantata erótica, que se casa aos sons da gemebunda guitarra.

E' como segue a quadra mais de estimar:

> Hòje, debil como a palma,
> Que sacode o vento irado,
> Nas últimas cordas da alma
> Quero saudar o passado.

A segunda *Paz e Progresso*, não tem espontaneidade; é uma poesia de ocasião, um objecto de encomenda. A estrofe seguinte constitue a melhor das suas cinco décimas:

> Paz! ó paz! bemdita sejas!
> Bemdita, lúcida estrêla,
> Pomba, que nos ceus adejas,
> Quando vae finda a procela;
> Bandeira, que no Calvário
> Se arvorou; branco sudário
> De puro sangue manchado,
> Legado santo, eloquente,
> Dêsse mártir inocente,
> Que na cruz morreu cravado.

O terceiro escrito, consagrado á Hespanha, sim: é meditado, vigorôso e sentido; compõe-se de onze

décimas, de que destacamos três, pesando-nos que o espaço nos não dê maiores ensanchas.

. . . .

São irmãos os combatentes,
No mêsmo ventre gerados
Da mãe pátria! Dissidentes,
Cegos, loucos, desesp'rados,
Vão lançar-se na voragem,
Dando exemplos de carnagem,
Como esfaimadas panteras!
Na pelêja enraivecidos,
Quem dirá, pelos rugidos,
Se homens são ou brutaes feras?!

E a glória? De quem a glória?
Do matadôr... ou do môrto?
Como, ó Christo, é irrisória
A tradução do teu Hôrto!
Como os homens em delírio,
Escarnecem do martírio,
Que sofrêste em seu proveito!
Com que pálido cinismo
Vão profundando êsse abismo,
Que os ha-de sorvêr no leito!

Falando dos padres, que animavam a guerra de Hespanha com a palavra e o exemplo:

. . . .

Junto ao trabuco execrando,
Pende-lhe ao lado um rosário!
E... vão matando... e prégando
O verbo... a lei do calvário!
Ó padres! com que direito
Metralhaes o debil peito
Da pátria, que jáz exangue,
Em nome de Deus? Mentira!
Quem com sangue redimira...
Não quer dos homens o sangue.

Êstes versos não são de uma cabêça airada, nem de um coração levemente pervertido, como podem sêr

os do bohómio. A alma do autôr, aberta a tôdos os sentimentos generosos, não tomava parte nas volubilidades do seu carácter.

V

Na segunda metade de 1876, saía Costa Lima da capital do Douro, pâra vir exercêr em Lisbôa o elevado cargo de directôr do Asylo de D. Maria Pia, de que pediu exoneração, antes de findar um ano, por não concordar com desperdícios e pontos de administração, que pretendeu corrigir e melhorar.

Na intenção de crear melhor carreira, dedicando-se ao comércio de logista, partiu em seguida pâra Paris, onde fêz um sortimento de quinquilharias e objectos de bom gôsto pâra brindes e fins diversos, e veio estabelecêr-se na rua do Côrpo Santo.

Em pouco tempo, transferiu esta loja, e foi montar, na rua do Ouro, outra do mêsmo género, denominada *Casa das Variedades*, que egualmente trespassou, decorridos mêses, seguindo novamente pâra o estrangeiro. Ocorreu isto em 1879, do que nos dão testemunho certo uns versos do seu album, datados de Antuerpia, em junho dêsse ano.

Intitulam-se: *Recordações da minha terra*, e, como taes, são um esbôço retrospectivo de alguns quadros da sua meninice.

Eu vejo-te, ó minha terra,
P'lo prisma da minha infância,
Num vale, encostada á serra,
Tôda frescura e fragrancia,

Onde o sol, como em gracejo,
Ao vêr-te tão bela, em maio,
Lá do ceu te manda um beijo
E uma flôr em cada raio.

. . . .

Como paga dêste anceio
Só te peço, ó chão da Feira,
Sete palmos do teu seio,
Na minha hora derradeira.

E ahi está o indivíduo, que a tôdos abismava com a inconstância do seu labutar e com as exterioridades do seu genio folgasão, a gemêr melancólicas lembranças da terra natal, no torvelinho de uma das mais formosas cidades europêas, onde o negócio, a que ia, e as diversões locaes lhe deviam ocupar o tempo e a imaginação!

Admiravel organização a dêste incongruente em tantíssimos pontos da sua vida!

Desembarcado o sortimento, com que se tornou a Lisbôa, veiu Costa Lima estabelecêr-se, ainda uma vêz, na mêsma rua do Ouro, primeiro quarteirão, ao vir do Rocio, numa loja, a que pôz o nome de *Casa de Berlim*, onde se demorou por três annos.

Em principios de 1883, já êle, liquidada essa casa, tratava de voltar á vida de fotógrafo, apropriando o único andar do prédio baixo da rua do Arco Bandeira, n.º 136, esquina da travessa da Assumpção, pâra instalação do nôvo mister, a que ia dedicar-se, tencionando aproveitar máquinas e objectivas, que guardara da fotografia *Silveira*, mâs que pouco diziam com o progresso e aperfeiçoamentos dos aparêlhos modernos.

A absoluta economia era de há muito a sua norma de procedêr, embora as frequentes alienações dos seus estabelecimentos só lhe tivessem acarretado os prejuizos da instabilidade, pois sempre com êles lucrara mais ou menos.

Pouco tempo se demorou ahi porêm, negociando os arranjos e obras, que fizera, com o fotógrafo Goes, que ainda hôje lá conserva a sua conhecida galeria.

Foi nessa casa, que pela primeira vêz nos encontrámos com o Lima, que, pelas suas maneiras apri-

moradas, apesar de nos têr tirado um mau retrato, destinado á 1.ª edição das nossas *Horas Perdidas*, onde figura gravado, nos cativou dêsde logo.

Em tôdo êsse ano descançou, e poetou, escrevendo, exceção feita dos versos, que citámos, do *Colono*, a melhor de tôdas as poesias avulsas, *Um conto á lareira*, a 4 de setembro, recitada por êle, anos depois, no teatro da Trindade, e publicada em seguida pela livraria Tavares Cardoso.

> Foi por uma dessas noites,
> Em que a neve cae a flocos;
> Á chamma viva dos tocos
> Resinosos, da lareira,
>
> Ao derredor conchegados,
> Moços sentados em sêpos,
> Velhos em bancos sentados,
> Casa de antigo morgado,
>
> Solar de velha nobrêza,
> Onde o pão é de quem quer
> E quem quer se senta á mêza,
> Que ouvi a seguinte história
> Por bôca muito estimada.
> Tenho-a aqui bem na memória,
> Como hôje mêsmo contada.

E assim correm, num andamento de xácara medieval, 305 versos, formando um folhêto de 16 páginas, em que a lenda se ocupa de um fidalgo, que enlouquecêra, ao ouvir no hospital, onde enfermava a amante ludibriada, as queixas e maldições, que ela lhe votou nas vascas da morte.

O conto é narrado ao próprio filho do algôz, o fidalguinho, que não sabia que a alma penada do pae gemia, a certas horas, junto de um cruzeiro, que então se envolvia em mórbida claridade; e a narradôra é uma velha aldeã, que termina assim:

Se, quando por lá passar,
Vir a luz e ouvir um ai,
Não se esqueça de rezar,
Que êsse louco era seu pae.

E visto que se não trata sòmente de um panegírico, cuja feição exclusiva não é de bôa crítica, nem se adapta ao nosso modo de vêr, acentuaremos que há senões gramaticaes e de construção, encontrados aqui e alí, em tôda a obra de Costa Lima. Cotados porêm pela superficialidade dos seus dotes literários, mais lhe fazem realçar a inventiva e o mérito, e são de pequena monta, se se considerar que a absorção do seu espírito não podia sofrêr demasiada tensão, nem prolongar-se pelo contínuo movimento, que as suas faculdades requeriam.

Do citado mês e ano de 1883, encontra-se ainda no album uma curiosa poesia, que vamos transcrevêr, porque é um original e verdadeiro apólogo de excelente quilate, denominado pelo autôr:

PRÓLOGO DE UM LIVRO

(Se eu chegar a escrevêr um livro)

Um dia um cedro frondôso
Ia soberbo, imponente,
Levado pela corrente
De um ribeiro caudalôso.

Um raminho de oliveira,
Tranzido de susto e mágua,
Ia ao lado, á tona d'água,
Seguindo a mêsma carreira.

—Onde vaes, ó pobresito?
—Pergunta o cedro arrogante
Ao ramo, que, a cada instante,
Vae temendo algum conflicto.

— Vou! — diz êste, sem orgúlho —
Á mercê de Deus e á sorte.
— Tu vaes, louco! achar a morte
No areal, por entre o entulho;

« Em quanto que eu, sôbre a relva,
Serei, onde fôr levado,
Pelo pôvo transplantado
Como gigante da selva! »
....

Mâs... perde o cedro no jôgo,
Pois, tendo á praia arribado,
Foi feito em lenha a machado,
E consumido no fôgo.

O raminho, da agua á tona,
Têve as horas tão felizes,
Que aportou, lançou raizes,
Medrou, e... deu azeitôna.

Apesar de sêr bem feito êste apólogo, conceituôso e belo, o autôr não cumpriu a promessa, que a si fizera, porque o livro, que posteriôrmente escrevêra, e de que ao diante nos ocuparemos, levou prólogo diferente, quando os versos, que acabamos de citar, na figuração do sentido, lhe quadravam á maravilha.

Ia-nos escapando do mês anteriôr outro manuscrito, com que o poeta castigou um façanhudo padre, que em altos berros pedia o restabelecimento da inquisição.

Não podemos tambem deixar de o transcrevêr, como testemunho, que é, dos sentimentos religiosos do autôr e do modo como tratava assuntos diversos, obedecendo sempre a um impulso de rectidão e justiça.

Que fé posso eu têr, diz, ó padre! que esperança
No Deus do teu sermão, um Deus tôdo vingança,
Severo, injusto, mau, um Deus de crueldade;
Num Deus, que não perdôa á fraca humanidade?
Como hei-de eu, ámanhã, pedir o teu consêlho,
Se tu, bronco levita, insultas o Evangelho,

Prégando que é de sangue, injusta e só veneno
A lei do redemptôr, do sábio Nazareno?
Quem foi que te ensinou que Deus, pâra grandêza,
Precisa um côrpo assado em lenha sempre acêsa?
Pôis é crivel que Tu, na cruz morrendo exangue
Pâra os homens salvar, queiras de homem o sangue?
Ó Christo, ó Redemptôr? Não creio, não? não creio!
No fundo da minha alma.. aqui, dentro do seio.
Palpita um não sei quê .. que me diz: — Crê! espera!
« Alem... a eternidade, alem... uma outra era. »
E se eu fôr justo e bom, lá... na hora derradeira,
Terá minha alma o ceu, sem ir... pela fogueira.

Esta repulsa justa e enérgica equivale a uma profissão de fé concisa e clara, duas qualidades inherentes á fulguração de uma ideia bem inspirada.

*

* *

Os predicados, que Costa Lima possuia, em larga dose, como homem de sociedade, não constituem a nota menos recomendavel do seu perfil biográfico. Um passeio ao campo, uns anos, uma reunião familiar, uma teatrada, um festêjo e uma função qualquer tinham nêle um elemento de ordem superiôr: pedreirava, se era preciso, servia de aderecista, carpinteirava, corria, barafustava, vendo tudo, prevendo tudo, desfazendo-se em anedotas, em pilhéria e expedientes de tôdo o género.

A sua figura meã, leve e expedita era obrigada em tôdos os festins de amigos e afeiçoados e ainda de simples conhecidos; encheria um volume a narrativa dos acontecimentos, scenas e episódios de sua invenção.

Lembra-nos de uma vêz, em nossa casa e noite de entrudo, que se tinha projectado uma brincadeira qualquer, de que não nos recordamos, pâra regalo das pessôas, que concorrêssem. Nada foi preciso po-

rêm. Costa Lima preencheu um programa completo, desfiando, por último, um fiel e magnifico rosario de cantigas características dos indígenas do Brasil, representando, vestido e caracterisado, um típico monólogo galêgo, cantado ao piano, e pedindo-nos finalmente que pronunciássemos uma arenga ou uma recitação qualquer, que êle se encarregaria da gesticulação.

Escondendo-se por detraz de nós, recuados os nossos braços pâra as costas e substituidos pelos dêle, produziu um correcto acionado, em que entravam a limpèza do suor com o nosso lenço, o retorcêr do bigode, o ageitar da pêra, o puxamento do colête, o abotoar do casaco e outras minudencias, que provocaram gargalhadas e admiração.

Quere dizer, Costa Lima fizera de uma insignificância muito conhecida, uma novidade e uma coisa de arte.

A propriedade do Beato, denominada a *Quintinha,* pertencente a Matos Moreira, foi outr'ora um gremio de larga e festiva convivência, onde á numerosa cohorte dos seus parentes se aliavam várias famílias das suas relações, havendo, aos domingos especialmente, espectáculos, saraus dansantes, palestras e outras diversões ao ar livre e pela quinta fóra. Num destes festêjos, chegou Costa Lima, já quando homens, senhôras e creanças estávam reunidos numa promiscuidade pitorêsca, encostados uns ás portas do terraço contíguo ao jardim, outros sentados junto dos alegrêtes, êstes conversando e rindo e aquêles movendo-se em várias direções, num círculo radiôso, a que dava a nota musical a filarmónica de cavalaria 4, propositadamente contratada.

Não se assentara ainda no momento inicial da diversão projectada.

Olhares diversos incidiram sôbre Costa Lima, quando êste, depois dos cumprimentos, a meia voz, perguntava simplesmente ao pintôr Mello Junior.

— Então que há de nôvo?

— De nôvo? Ah! sim. Uma fatalidade pessoal.

— Heim? Uma fatalidade?

— Sim, homem. Morreu-me o... o canário.

— Coitado! Deus lhe fale na alma! — balbuciou o Lima, comicamente consternado, e elevando os olhos ao ceu — E que fêz você?

— Tenho-o no bôlso do sobretudo.

— Sim? Ó grande homem, dê cá um abraço!

Costa Lima não quis ouvir mais, esfregou as mãos de contente, travou do braço do Mello, e entrou num quarto próximo.

D'ahi a pouco, estava o cadáver do passarito amortalhado, metido em caixão aberto, engrinaldado de flôres, pôsto numas andas, que quatro homens deviam conduzir; e o quarto armado em camara ardente.

Depois disto, o Lima saiu ao jardim, que mediu cabisbaixo e a passos lentos, com ar trágico, subiu a um poial, e bateu palmas. Tôda a gente se convenceu dêsde logo que êle ia exhibir uma das suas graças, e fêz-se um absoluto silêncio.

O oradôr, engasgado da comoção e friccionando a glote com a ponta dos dêdos, e tregeitando muito, começou por dizêr que assim como caía uma nódoa no pano mais alvo, no esplendôr d'aquela festa, como raio olímpico, estrondeara um desgôsto; contou a morte infausta de um célebre cantôr, por quem a arte estava de luto; fêz-lhe a apologia, e narrou-lhe a morte angustiosa, limpando o suor e as lágrimas; convidou tôda aquela distincta assembléa pâra acompanhar o entêrro de tão ilustríssima personagem, a que se dariam as honras de um culto, embora êle, o peregrino cantôr, fôsse pagão de origem.

A' vista da câmara ardente e dos *gatos pingados*, conductôres do esquife, generalizou-se uma estrondosa gargalhada, e o préstito começou a organizar-se sôb as ordens da panegirista, que envergara uma sarapilheira em ar de dalmática, e empunhava o hissope,

uma piassava ou brocha de pedreiro, cujo balde, um alcatruz, Mello Junior conduzia como caldeirinha.

A música tomou lugar á frente, desempenhando uma marcha fúnebre, nada mais nem menos que a do Chopin; era seguida pelos pendões e êstes pelo esquife, cercado de carpideiras, pelos celebrantes e por duas longas filas de convidados de ambos os sexos e de tôdas as edades empunhando brandões, que fornecera o próximo canavial; e lá marchou aquêle luzido acompanhamento, quinta fóra, até ao sítio sepulcral, onde, á beira da cova, houve as necessárias ceremonias, responsos e discursos, com pasmo da vizinhança longinqua, que se debruçava das janelas, varandas e muros, não comprehendendo nada do que via.

Pâra amostra basta o que fica dito, por onde se pode ajuizar das faculdades creadôras e repentistas dêsse homem, que começámos a apreciar devidamente nas lendárias palestras do escritório de Matos Moreira, especie de areópago, onde se escrevêram e planearam muitas literatices, onde soaram, atravez de muitos anos, berratas de controvérsia e conversas multiformes de vários homens afamados, dêsde Camillo Castello Branco, Teixeira de Vasconcellos e outros até muitos indivíduos de mérito e sabêr; os quaes rarearam e fugiram, uns pâra o rude amanho da vida e tantos! pâra o sorvedoiro da morte.

Cabe-nos tambem o nosso quinhão de saudades de um certo tempo, alí decorrido, e em especial daquêle, em que o espírito de Costa Lima florejava ainda, fomentando horas de alegre, risonho e inofensivo passatempo.

VI

Uma noite, estavamos em comêço de 1885, esperou-nos êle á porta do estabelecimento do Moreira, e, apartando-se comnôsco até ao meio do Rocio, disse-nos

que ia fazêr-nos uma comunicação; e, a passear e a falar, foi-nos recitando os versos de uma sátira formidavel, que nos espantou.

— Isso é seu? — perguntámos abruptamente.

— E' — respondeu-nos com certa timidêz. — E como a coisa promete ir muito longe, queria ouvir a sua opinião, a vêr se dêvo continuar. Pretendo dar uma sova rimada nêstes patifes, os ruminantes bípedes do país, já que não posso dar-lhes com um pau; e vae d'ahi...

E continuou a dizêr versos de uma larga feitura e acentuação especial, um contraste perfeito do pouco, que dêle conhecíamos, rimas cáusticas e mordazes, que d'ahi a dias lhe fazíamos repetir a outrem, que lh'as louvou, como nós lh'as tinhamos louvado e encarecido.

Ao sabêr que se tratava de um poêma, os amigos de Costa Lima, conhecendo-lhe a tibiêza e a volubilidade, se lhe impuzeram no ânimo, cabendo-nos, e d'isso nos honramos e prezamos, uma grande parte do encorajamento, que êle têve pâra levar a bom fim a obra principal do seu engenho.

D'ahi a mêzes, em edição luxuosa, muito salpicada de bôas e numerosas ilustrações de Bordallo Pinheiro, era publicada pela livraria Tavares Cardoso A LUSA BAMBOCHATA *poema triste em verso alegre — por* JOANICO MILA, semi-pseudónimo, em que Costa Lima, ao assinar o seu livro, como alma, que tantas vêzes se virava pâra as reminiscências da meninice, se recordou, prestando-lhe homenagem, da terra do seu nascimento, inscrevendo alí o nome, que lá lhe deram na infância, e ocultando-se ao mêsmo tempo no anagrama do seu último apelido.

Bem dissera êle noutra parte:

> Como paga dêste anceio,
> Só te peço, ó chão da Feira,
> Sete palmos do teu seio,
> Na minha hora derradeira.

Ao assinar-se o simples *Joanico*, o Joanico da Florinda, consagrava êle as glórias da sua obra capital, se algumas auferisse, aos saudosos lugares do seu bêrço.

— Ora, como diabo ó que você deu por isso? — disse-nos um dia. — E olhe que foi o único, que me adivinhou o pensamento, creia.

E disfarçou, mudando o rumo á conversa.

Vejâmos agora o poêma.

Compõe-se êste de 7 cantos muito eivados de títulos e subtítulos, divisões e subdivisões, que lhe mesclam o conjuncto, afeiando-lh'o, e prejudicando-lh'o, á primeira vista.

Na distribuição dos materiaes pois o autôr fêz obra só por si, e deu impropriamente o carácter de uma coleção de composições soltas ao que ó rigorosamente um poêma, dividido em cantos.

Dedicado a todos os *Filoxeras políticos da Parvónia,* descreve êle uma sátira violenta, em que o autôr se converteu em Cabrião atlético do estadista Fontes.

Antonio, o *caro*, é o protagonista, cercado sempre de três entidades nefastas, o *Voto*, o *Empenho* e a *Propina*, bases do seu podêr. Mefistófeles e o autôr elevam-se aos ares num balão, e de lá observam o estado do país.

Reunindo Antonio os seus satélites e outras muitas entidades, ocorre uma grande orgia, a bordo da nau do Estado, um infernal pendemónium, a que o velho e esfarrapado Portugal não é chamado a assistir.

Antonio enche demasiadamente o bandulho, sente naúseas, visões, remorsos, e adoece, tendo por último um sonho, ónde se desenrola a situação de tôdos os negócios públicos, açambarcados pela trindade Empenho, Propina e Voto e figurantes anexos.

Continuando a sonhar, Antonio é prêso pelo pôvo, e metido entre os faquistas do Limoeiro; assusta-se

por isso, e pede ao directôr largà *rusga*, que o tranquilize; põe-se depois a fazêr reflexões sentado na tripeça do falido país, e desfaz-se em recriminações tardias.

Marca-se o dia do julgamento, e é levado ao tribunal entre janízaros, que lhe mofam do podêr, do scetro e da corôa de papelão. E' interrogado largamente; e as testemunhas contrárias, que são a Agricultura, a Escola, a Industria e um veterano do Mindêlo, tecem-lhe fulminantes acusações, a que se opõe a defêza composta dos *ruminantes* do Estado, onde especialmente figura a sobredíta trindade, ou trempe como o autôr diz melhor.

Propostos os quesitos, o júri absolve o acusado, que o presidente do tribunal exhorta, aconselhando-o a que se arrependa dos seus pecados.

Segue-se a justiça do pôvo, que não concorda com a sentença. A' saída da audiência, uma turba-multa carnavalêsca, com o José Augusto a sermonar á frente, pega no Antonio, leva-o em charola, e condena-o ao castigo de um cento de injeções de sulfurêto de carbono, deitados os calções abaixo, e a sofrêr a tiragem dos dentes postiços pâra que o tesouro fique aliviado.

Ao parecêr-lhe que sente o esguicho seringatório nas regiões abdominaes, Antonio acorda do tremendo pesadêlo, e dá parabens á fortuna, que continúa próspera.

Tal é o assunto do poêma, tão curiôso como vasto, tão variado como engenhôso, pois que, concretando muitos pontos de administração pública, põe um toque frisante e vehemente nas chagas e vícios principaes, que a tôdos nos afligem, atacando o ponto principal da nossa ruina a política eleitoral e partidária, a que se pode chamar uma agremiação de conventículos.

Têve o autôr o fôlego imprescindivel pâra tão larga caminhada? não fraquejou nas diversas subidas?

Fraquejou bastante; o que não é de estranhar, atentas a naturêza da sua compleição e a larguêza do primeiro livro, que escrevia em verso de variada contextura.

Entretanto encontram-se alí frases de uma propriedade insubstituivel, páginas de incontestavel valôr e muitos versos, que Xavier de Novaes e até o próprio Bocage, em ajuste de contas com os seus adversários, não se dedignariam de assinar.

Costa Lima, demais a mais, fôi sincero na sua indignação de bom patriota; e disso previne o leitôr, ao erguêr-se o pano do scenário, que vae expôr-lhe:

Não faço exploração de escândalos funestos,
Nem fôgo de guerrilha aos homens bons e honestos.
Não venho furibundo, em verso escandecente,
Os peitos inflamar de um pôvo paciente.
....

Politico não sou. Que Deus seja louvado!
Não tenho por industria ofício tão gabado,
Que, á parte o que se preza, é bom pâra quem sonha
Na glória do intestino, ao prêço da vergonha.
....

Vejâmos algo pâra dentro desta portada, uma âmostra, que venha corroborar as nossas asserções.

Falando de Antonio, diz o primeiro canto, que é muito provavel que

A pátria agradecida erga ao grande galfarro,
Uma estatua de gêsso em pedestal de barro,
E em letra garrafal, bem gôrdo, êste letreiro:
— Os filhos da Parvónia ao mestre financeiro,
Moderno exploradôr, de argúcia papafina,
Que poz o pae na espinha e os manos *á divina*.

A sedução pelo dinheiro, a deusa corrutôra dos patifes, é assim pintada:

Não vês aquela dama, em trajes insolentes,
Seguida, logo atraz, de imensos pretendentes,
A bôlsa sempre aberta, a mão sempre estendida,
Portuguêsa a valêr, frêsca, bela, garrida,
Com lábios côr de rosa e a voz pura, argentina,
Sonora do metal... vês? chama-se a PROPINA!
Propina, a bela dama, a fada seductôra
Rainha da belêza, a deusa encantadôra!
Quando meiga e sorrindo, em alguem põe a vista,
Adeus, justiça e lei! não há quem lhe resista!

Passêmos ao *Empenho:*

Agora mais alem... Vês um homem sisudo,
Vestido com decência, um tanto barrigudo,
De fita á tiracól, comendas a brilhar,
Direito como um fuso, ou taco de bilhar,
Falar pausadamente á súcia, que o rodeia,
Mexendo no berloque apenso da cadeia,
Com ar aristocrata e *pose* de empreitada,
Sorrindo por disfarce ao som de uma pitada?
Chama-se o D. EMPENHO, o tipo verdadeiro
De quem já fôi ministro e agora é conselheiro.
....
Propina *mais* empenho *egual* a coisa feita:
Não há neste torrão ninguem que o não respeite;
Do luso machinismo *Êle* é mola, *Ela* azeite.

Vejâmos o melhor membro da trindade augusta, que acompanha o velho Portugal:

Passemos ao terceiro, aquêle outro burguêz
De um tôdo espertalhão, que junto dêle vês.
Oh! êsse... é mais! é tudo! é grande potentado
Que faz de um badameco um par, um deputado;
E quando está de veia agarra um boticário
E fal-o, sem c'rimonia, um alto funcionário.
Amigo do vadio e protectôr da pândega
Faz do Estado uma creche e um asilo da alfândega.
Faz tudo quanto quer, quer tudo quanto faz;
Na fúria do querer, crê tu que êle é capaz,
Sem licença da carta ou permissão de alguem,
Da pasta dar da guerra ao Jaime de Belem.

Pois êsse... meu amigo, êsse .. chama-se o VOTO,
Que tem sido e será peor que um terremoto.
Por onde quer que passa arraza, e faz caliça...
De casas? Não... da lei, da honra e da justiça.

A orgia a bordo da nau do Estado consta do segundo canto, o melhor e mais opulento do poêma. Alguns versos:

Lá dentro a mêsa posta, em roda a Bambochata,
Dando vivas ao *pôrto* e aos petiscos do Mata.
São parte do festim, que abrange tôda a sala,
Antonio, tôda a côrte e a trempe em grande gala.
Antonio, á cabeceira, as honras faz da mêsa,
Em frente da Propina e ao centro da nobrêza.
O Voto e o D. Empenho ocupam dos dòis lados
Lugares de etiquêta, aos *trunfos* consagrados.

A festa é deslumbrante e o luxo de espantar,
Não visto nos festins de Nero ou Balthazar.
Os bronzes, os cristaes, veludos e alcatifas
Metêram num chinelo Alhambras e Califas.
....

Não falta alí ninguem. Nenhum representante
Da fauna parasita e classe ruminante
Deixou de compar'cer. Nos bródios das finanças
São provas ao concurso os dentes mais as panças.

Nunca a bordo da nau se viu tanto *Bazôrra*
Nunca tanto glutão comendo á tripa fôrra.
Algum já na poltrona impando se recosta,
Repleto como um ôdre, a cara descomposta,
O olhar incerto e vago, a beiça gordurenta
E a calça a rebentar, deitando pela venta
Brumosas espiraes do alcoólica fumaça,
Como d'um alambique, ao destilar cachaça.

E assim por diante, vae a musa brejeira do poeta, como que brandindo o gládio da vindicta, ululando épicamente, trovejando e espargindo torrentes de ridículo sôbre as figuras, que desenha.

E por aqui ficaremos nas citações, porque nos

não sobra espaço, e porque o livro corre impresso e á mercê de tôda a gente.

O jornalismo pouco se ocupou da obra.

Não admira a quem conhece a defeituosa engrenagem dêsse vehículo da notoriedade pública.

Uma grande parte da imprensa, assoldadada a interesses pessoaes e partidários, têve mêdo de desgostar os patrões; e outra, vendo na assinatura do autôr um pseudónimo desconhecido, e não tendo que adular um amigalhaço ou um nome festejado, não fêz caso da publicação; uma não logrou tempo pâra lêr, e est'outra não soube digerir o que leu.

E' o costume; não havia que estranhar. Entretanto o autôr, que num adiantado período da sua vida, revelava tão fortemente a especialidade do seu estro, até alí mal prevista, recebia aplausos de muita gente, e era particularmente felicitado nos serões do Rocio.

*

* *

Numa das noites de reunião, Matos Moreira comunicou-nos que fôra incumbido por Francisco Palha de propôr contracto a Costa Lima pâra que êste fôsse desempenhar no teatro da Trindade o difícil papel de Gaspar nos *Sinos de Corneville*, de que Palha desejava fazêr larga repetição.

Estava ainda na frêsca lembrança de tôdos a maneira correcta e brilhante como o actôr Ribeiro, recentemente falecido executava tão escabrôso papel.

Entretanto o habilíssimo ôlho do empresario da *Trindade*, que anos antes fôra de propósito ao Príncipe Real admirar a aptidão natural de Costa Lima, nas duas récitas de curiosos, onde se representara aquela peça, não achava, entre tantos actôres do género, quem pudesse egualar o amadôr, que mandara convidar.

Êste facto é o aferidôr certo dos méritos teatraes de Costa Lima, porque o Gaspar da operêta nas scênas do castelo, é um papel altamente dramático e de singular dificuldade.

Confessando-se causado pâra taes cometimentos, no que os seus amigos concordaram, sem lh'o dizêr, Costa Lima comtudo, sempre com os olhos no futuro, e não tendo de há muito arranjado modo de vida, aceitou o partido, que lhe ofertavam, com o ordenado de 50$000 réis mensaes. Era a primeira vêz, que tal acontecia, porque no decorrêr de tôda a sua vida, tendo representado em teatros públicos e em associações particulares, mais do que qualquer actôr de profissão, nunca aceitara escritura ou contracto em parte nenhuma, dizendo, segundo o seu temperamento, que queria sempre estar apto a acordar de manhã num polo, e a transferir-se á noite pàra o outro, se bem lhe aprouvesse.

Era esta a sua afirmação.

Um tanto receiosos do êxito, nós e outros amigos fomos á Trindade assistir á estrêa, como era natural, e tivémos a satisfação de o vêr trabalhar excelentemente na parte falada, e de tomar quinhão nos aplausos geraes, com que fôi premiado.

Era um rejuvenescimento.

Não ficou isso sem um cómico episódio, que d'ahi por diante nos serviu de gracêjo trocista contra Costa Lima nos tiroteios amigaveis dos serões do Rocio, e que precisamos apontar pàra inteligência completa de uma correspondência, que há de a seu tempo seguir-se.

Quando o Gaspar, aflicto e desalentado, vem cair numa cadeira, depois da scêna torturante do dinheiro, vimos que Costa Lima se desconcertara um pouco, circumvagando a vista pelo tablado, como que á procura de qualquer coisa. E insistia e tornava a olhar, numa atitude, que não era do papel, atò que, na ocasião, em que os camponêzes o cercaram, já socegado,

pôde abaixar-se rapidamente, e apanhar do chão o que quer que era... nada mais nem menos do que... um dente postiço, que lhe caira no calôr da peroração.

Costa Lima, nas primeiras palestras, têve que suportar uma forte saraivada de dichotes, com que era atacado, ameaçando punir-nos a dente, se a campanha proseguisse, e rindo muito comnôsco.

Do que êle, havia tempos se não ria muito era de um certo modo de salivar, com que numa noite alguem se lembrou de lhe desconcertar uma berrata política, em que êle, sem sêr político, no seu direito de patriota, apreciava o Fontes, chamando ruminantes insaciaveis a tôdos os que postejavam, e enguliam as receitas dos contribuintes.

D'ahi por diante, quando algum de nós queria desorientar o Lima, em qualquer arenga mais comprida, ou simplesmente desafiar-lhe as *iras*, puxava do lenço, e pigarrava com certo estridôr.

Era remedio eficaz. O oradôr enterrava os dêdos na tabaqueira do dono da casa, embrulhava um cigarro com certa voluptuosidade, e reagia em frase apimentada, que era o que se pretendia.

Nós pertencíamos ao número dos que mais se deliciavam com as arrancadas, imitações e fructos do graciôso espírito do irrequieto e bondôso Costa Lima; e êste correspondia-nos, tendo por nós uma amabilíssima deferência, que muito prezávamos. No regresso anual a Lisbôa, de volta do nosso tugúrio da Beira increpáva-nos êle sempre de que nos esquecíamos, de que nunca lhe tinhamos mandado duas simples linhas; e, no ano seguinte de 1886, fazia-nos comprometêr em sentido contrário.

— Escreve-me? — insistiu.

— Está dito, com uma condição.

— Venha ela: diga.

— De que a sua resposta será em verso.

— Aceito, comtanto que o meu bom amigo dê o exemplo. E não me diga que não.

Não havia resistir a instâncias, que eram uma finêza, e representavam afecto.

Retirando-nos, nêsse ano, muito mais cêdo, por motivo de obras, a 22 de abril, escreviamos-lhe, como se vae vêr.

No final da correspondência, comprehenderá o leitôr, e nós dirêmos a razão, por que inserimos aqui a seguinte

CARTA

Meu amigo, Costa Lima,

senhôr de crítica acerba,
varão, a quem falha um dente,
màs que, apesar dessa falha,
rumina, como a outra gente,
os ordenados do Palha, [1]
sem lhe prestar um serviço
que de alguma coisa valha,
— eis-me aqui ao vosso lado,
em espírito, risonho,
e até saudòso e apressado.

A vós, clamadôr potente
dos nossos belos serões, [2]
mordaz, severo, exigente,
crítico dos mais pimpões,
a quem ocorrem aos centos
as palavras galhofeiras,
a quem, oh! caso inaudito!
uma simples *cuspidela* [3]

---

[1] Alusão á pequena época, em que, depois de têr desempenhado o papel do velho Gaspar nos *Sinos de Corneville,* recebia ordenado, sem sêr chamado a trabalhar.

[2] Passados no escritório de Matos Moreira.

[3] Lima contrariava-se sempre que algum dos ouvintes cuspia intencionalmente, quando êle falava, como fica dito.

faz perdêr as estribeiras;
— eu cá, do alto do Parnaso,
ao meu Pégaso agarrado...
peço perdão... — eu desta encosta,
em pleno seio da Beira,
no meu garrano montado,
vos envio o meu saudar,
como áquele, a quem costumo
de vêz em quando tosar,
sem que por isso vos deixe
de muito querêr e amar.

Ai, mêus serões do Rocio!
ai, fúrias de Costa Lima!
como esta alma vos estima!
que saudades vos envio!

O' varão de azêda veia,
estou a vêr-vos co'os dêdos
sôbre tabaqueira alheia,
cortado o discurso a meio,
á procura de um cigarro;
depois a batêr em cheio,
homem grandíloquo e forte,
nas costas dos *ruminantes*, [1]
uma récua de trafantes,
e até no latim do Sousa,
como quem diz — *estão verdes.*
Ouvindo-vos ninguem ousa
falar, tugir ou mugir.
Se eu emudêço de pasmo
no furôr do entusiasmo,
e começo por babar-me,
e acabo por cuspir,
lá se interrompe o discurso!
e vós, com a mão na calva,
grave e fulo como um urso,
soltaes fera e negra praga,
como se andasseis aos tômbos,
com os *guerreiros* de Braga! [2]

---

[1] Qualificativo, que o Lima dava aos roedôres do dinheiro do Estado.

[2] Alusão a uma desordem qualquer, de que os jornaes deram larga noticia.

Perdoae, varão ilustre,
que eu não vos quero dar coça;
os meus ataques de asía
não são ataques de troça;
bem o diz esta saudade,
que eu vos mando viridente,
cá da minha soledade
dôce e meiga confidente.

Ai, mêus serões do Moreira!
ai, fúrias do Costa Lima!
como esta alma vos estima
cá nas charnecas da Beira!

Se o cantôr da *Bambochata* [1]
queria que eu, recordando
os tempos da meninice,
e a voz á brisa soltando,
lhe mandasse um terno idílio
d'estas campinas floridas,
onde o rouxinol modula
as cantigas escolhidas
no seu vasto reportório
de tão velha tradição,
previno-o que descêr deve
das alturas da ilusão,
do cume dessa esperança,
pôis, em pedras atascado,
passo a vida envôlto em barro
e em tábuas empoleirado,
cantando trenos á bolsa,
que me vae ficar esguia,
chata como um pé de meia,
delgada como uma enguia. [2]

Ai fúrias do Costa Lima!
ai, meus serões do Rocio!
como esta alma vos estima!
que saudades vos envio!

---

[1] *Lusa Bambochata,* poema satírico já descrito.
[2] Tratava da edificação de um prédio.

*

Por mais que eu queira entretêr-me
uma hora a filosofar,
ou a pensar coisas dôces
pâra um lêdo versejar...
lá vêjo a mão dos canteiros
nas pedras a martelar!
e dêste paiz da brôa
não consigo tirar nada,
que se pareça a uma lôa,
ou a uma simples volata,
que me dê um alegrão,
uma trégua á prosa chata,
um sorrisô ao coração.

Ai, meus serões do Moreira!
ai, fúrias do Costa Lima!
como esta alma vos estima
cá nas charnecas da Beira!

O melro canta nos vales
o cuco nos pinheiraes,
os riachos fazem côro,
tilintando os seus cristaes;
a filomela amorosa
trila, á borda dos ribeiros,
e eu, oh! dura e triste sina!
só oiço vozes de operários
e serras de carpinteiros!

Ai, calva do Costa Lima,
ai, dente dos meus pecados!
quando tornarei a vêr-vos,
ó sêres idolatrados?!

Recebei fundas saudades,
que se estendem aos Moreiras,
um... parco nos sêus sorrisos,
e outro... alegre de maneiras,
que eu cá fico desterrado
até quando Dêus quizer!
Adeusinho, ó caro amigo!
estou bom.... muito obrigado.

Das margens do Alva airôso,
onde já fui ás enguias,
triste, aborrido e saudôso,
montado no seu ginète,
vos sauda o vosso

Frias.

Pombeiro, 22 abril 1886.

Quatro dias depois, recebiamos esta

RESPOSTA

Recebi, meu caro Frias,
os teus cento e trinta versos,
cento e trinta melodias
de perfumes bem diversos;
taes e quaes como dum vaso
do beirão jardim silvestre,
ou do monte do Parnaso
um *bouquet* da mão de mestre.

Feliz tu, ó meu poeta,
que do meio das agruras,
onde nasce a violeta,
inspirado das venturas,
que se encontram nos penates,
qual sonoro passarinho,
vaes cantando, entre os tomates
do pomar... ao pé do ninho!

Canta, canta, meu cochicho,
que o cantar na soledade
entra n'alma, como o esguicho
da bisnaga da saudade.
Entre pedras de esquadria,
muita cal e muita areia,
eu invejo-te a poesia,
que desfructas nessa aldeia.

Olha, eu creio estar-te vendo,
de esmeralda na gravata,
o bigode retorcendo,
empunhando uma chibata,

calça e luva côr de ervilha,
(sem falarmos no *penante*)
a cair-me de forquilha
no selim do rocinante.

Cuido ouvir qualquer vivente
dessas serras, com seu galgo,
a dizêr-te humildemente:
— Salve-o Deus, ó *sôr fedalgo!*
Creio ver-te a romper solas,
açodado, ardendo em braza,
procurando as quatro bolas
pâra os ângulos da casa.

Ou, de jaqueta e tamancos,
a guiar um grande carro,
pela estrada aos solavancos,
carregando pedra e barro;
e a vêr quando na capela
do jantar a hora sôa,
p'ra engulir uma escudela
de feijão vermelho e brôa.
....

Mâs... emfim... prompto o *quilombo,*[1]
já de volta do teu ninho,
julgo vêr-te, em cada lombo,
quatro dêdos de toicinho,
de bochêchas escarlatas,
nédio, cheio como um pote,
a contar-nos as bravatas
do fogòso garranote.

Volta, volta, caro amigo,
ao lugar donde fugiste,
tu não sabes, nem te digo
como agora tudo é triste!

Nem um riso dos teus lábios,
de alegria leve indício!
tudo é grave; nem ha *sábios,*
que nos deem *beneficio!*[2]

---

[1] Choupana dos indígenas do Brasil.
[2] Alusão a dois pataratas, que, uma vêz por outra, iam aos serões do Rocio.

Cá ficamos esp'rançados
pedinchando ante os altares,
que êsses dias bemfadados
voltem breve aos nossos lares;
e queimando alguma cêra
á Senhôra milagreira,
p'ra te conservar a pêra
e a comprida cabeleira.

Costa Lima.

Lisboa, 26 d'abril de 1886.

Os que nos lêrem, hão-de aplaudir, como julgamos, a espontânea e brincada singelêza desta resposta; não poderão, no entanto, adivinhar o valôr, que ela tem na história literária do autôr, nem o lugar especial, que ela ocupa no revôlto escrínio das nossas recordações.

Essa poesia significa, e é o tão celebrado canto do cisne.

Que saibamos, Costa Lima nunca mais escreveu versos; e d'aqui a publicação da nossa carta, como homenagem, como turibulação do nosso passado convívio, como objecto seu próprio e sobretudo e finalmente por sêr o documento, que provocou o último alento poético do autôr da *Lusa-Bambochata*.

A sua obra literária começou tarde, e acabou cêdo.

VII

Concluamos nós tambem.

Pouco depois da sua despedida do teatro da Trindade, Costa Lima, que, havia muito, se queixava do estômago, foi obrigado a deslocar-se, indo, a ares, pâra um hotel de Caneças; e em tão bôa hora o fêz que os hóspedes, seus companheiros, se lhe agregaram com entusiasmo, porque encontraram a melhor e mais sadia recreação nas suas lembranças, ditos e

modos de procedêr, a ponto do hoteleiro lhe oferecêr, passados dias, hospedagem gratuita, ao vêr tôda a gente encantada com semelhante convivência.

Esta estada em Caneças sugeriu a Costa Lima um meio de segura economia, que era o seu constante pensar. A título de consolidar as melhoras da sua desfalcada saude, comprava d'ahi a pouco uma pequena quinta na vizinha povoação de Monte-mór, na intenção de se dedicar á agricultura, e até á sua predilecta diversão da caça, que em tôdos os tempos o atraíra e desenfastiara.

A principiar pela família, ninguem lhe aplaudiu a resolução; êle porêm, que uma tarde fomos encontrar, de mangas arregaçadas e sujas de barro, a pedreirar na cozinha da habitação, gabáva-nos a nova mudança de vida, e ia mostrar-nos as dependências da casa, em cuja estrebaria se entregava a tristes cálculos um descarnado garrano, que lhe viera com a compra da propriedade, e era destinado ao serviço das terras e á condução dos productos, e que nos pareceu o típico lazarento dos versos de Tolentino.

— Come, que o leva o diabo! — respondeu o Lima ao nosso reparo, em que lhe recomendávamos menos parcimónia com a desolhada alimária.

— Ha-de costumar-se com os tempos, que vão maus — concluiu — não se póde aturar a vida de Lisbôa: a carne, o peixe, os ovos, o leite... Aqui ao menos... o ar... e... A minha gente é que não gosta disto... Eu dou-me muito bem... passo melhor do estômago, e hei-de fazêr cá desta coisa uma vivenda rendosa.

E ia mostrar-nos as territas, comprehendidas em três socalcos, meia duzia de oliveiras e uma bacelada que êle, em especial, mandava espetar nos interstícios das pedras, nos buracos das parêdes divisórias, pâra poupar terreno, e aumentar o rendimento!

Apesar do rédito sêr pouco ou nada chorumento,

Costa Lima ainda se conservou em Montemór, perto de 4 anos, conseguindo afinal vendêr a propriedade com um certo lucro.

Voltando a residir em Lisbôa, veio êle pâra o nosso lado, como administradôr do jornal diário *O Glôbo*, de que fomos um dos proprietários e redactôres, em 1888. Essa convivência deu-nos o motivo de uma aprehensão quotidiana.

Costa Lima, sabendo que um homem experiente e digno só deve contar comsigo, e abanando a cabêça afirmativamente, quando lhe diziamos o que já escrevemos — que raríssimos amigos, um entre mil, deixam de sêr o que são as andorinhas, que só aparecem no bom tempo — redobrava de receios pelo futuro, perdia a graça natural, e tornava-se preocupado, esquecido, merencório.

Do *Glôbo* passou, como pagadôr, pâra a companhia Nacional de Caminhos de Ferro, donde saiu, depois de algum tempo, desta vêz, porque a directoria resolvêra diminuir o pessoal do escritório.

Recrescia o mau-estar; Costa Lima desertara de há muito das palestras, e como que se afástava de tôda e qualquer convivência.

A breve trêcho e apesar de tudo, lutando energicamente pela vida, estabelecia-se na rua das Prêtas com loja de mobília; d'ahi a tempos, trespassava-a, e convertia-se em contratadôr de objectos antigos, tomando atitudes de sovina e exagerado encarecedôr de bagatelas.

— Você está-me dando um óptimo judeu — dissemos-lhe um dia, com a liberdade usual, condoendo-nos secretamente, não do seu estado de meios, que nunca felizmente lhe falharam, mâs da perda completa de umas scintilações, que eram o principal ornamento do seu espírito.

— Sim, senhôr: os óculos, o ar de finório, a calva

gre, a obra capital, publicada pela mêsma casa de Tavares Cardoso.

Carta ao Visconde de Sanches de Frias, últimos versos, constantes dêste escrito.

*

* *

Sintetisando as ocupações, cargos e ofícios, em nenhum dos quaes permaneceu quatro anos, vemos que Costa Lima, num período de cincoenta, foi: aprendiz de ferreiro, môço de cego, marçano, caixeiro por vêzes, agente de negócios, empregado de várias indústrias, caçadôr, proprietário de uma emprêsa funerária, hoteleiro, alugadôr de fatos de máscaras, fotógrafo por diversas vêzes no Brasil e em Portugal, empresário teatral, gerente de botequim, pagadôr do caminho de ferro do Minho e Douro, directôr do Asilo Maria Pia, lojista na rua do Côrpo Santo, dono do Bazar de Novidades na rua do Ouro, comerciante da Casa de Berlim na mêsma rua, lavradôr, administradôr de jornal, pagadôr da Companhia Nacional dos caminhos de ferro, negociante de mobília, agenciadôr de objectos e moveis antigos, espingardeiro, actôr e autôr.

Fenómeno extraordinário! voluvel descomunal!

Sem que nos ceguem saudosas lembranças, podemos afirmar que, como autôr, aprofundando estudos com a tranquilidade e persistência necessárias, Costa Lima teria sido um homem de lètras, fecundo, aprimorado e distincto; e, como actôr cómico e dramático, dedicando-se ainda vigorôso á difícil e espinhosa carreira do teatro, daria, além de um grande artista, uma fulgurante notabilidade.

> Sátiras prestam, sátiras se estimam.
> Se nellas a calúnia o fel não verte.

disse muito bem o inimitavel Bocage.

Costa Lima não caluniou ninguem; castigou ao contrário máculas frisantes no seu livro capital.

Apesar de tudo pois, há-de vivêr por muito tempo na característica e vehemente mordacidade do seu poêma, que é um grito formidavel contra a impolítica desgovernação dêste país, pelo seu passado heroico e por seus recursos e dotes naturaes, tão digno de melhor sorte.

Se êsse livro não vale uma glória, significa um padrão.

Os padrões até num país de vândalos podem perdurar longamente.

Matos Moreira

A desoladôra divisa francêsa *Les morts vont vite* acha cabimento em tôdas as partes do mundo, e especialmente entre nós, em cujo meio o respeito e a lembrança, consagrados aos mortos, têm fraquíssima cultura, até no seio das próprias famílias, donde partem os entes dilectos pâra a viagem, de que se não volta.

Na nossa peregrinação comemorativa de entidades falecidas, a que nos ligam simpatias ou recordações, raríssimas vêzes temos alcançado apontamentos de quem os podia, e devia fornecêr. E' certo, é. Os mortos depressa esquecem.

Vae resentir-se dessa pecha o desataviado escôrço, que a nossa simpatia e camaradagem de algum tempo dedicam a João Baptista de Matos Moreira, de quem tôda a Lisbôa conhecia os dois últimos apelidos, em razão do seu estabelecimento, tão bemquisto e frequentado, á esquina do Rocio, n.º 67, e do largo de Camões, sítio, a que ainda hôje se chama pela

bôca de tantíssima gente, apesar de novas firmas e denominações, a *Loja do Matos Moreira.*

Quando acertamos de passar pela espingardaria, que hôje ocupa o local, que serviu ao escritório dessa casa, sentimos profundo constrangimento e quase repulsão, ao lembrar-nos do estreito scenário, que tão largo foi no forjamento de tantos planos de artes e literatices, e em tôda a casta de discussões, leituras e palestras, aos milhares, sôbre política, sciência, costumes, comércio e indústria; areópago tonitruante de sábios grandes e pequenos, médicos, jurisconsultos, financeiros e especialmente artistas e literatos, dêsde Rosa, pae, ao Taborda; dêsde os tempos de Camillo aos de Teixeira de Queiroz; dêsde Lopes de Mendonça, Teixeira de Vasconcellos e Costa Lima até ao signatário dêste livro, pertencente aos últimos figurantes.

*

* *

O Matos Moreira, rôsto angulôso e descarnado, em côrpo de mediana estatura, testa espaçosa, bigode descaido, cabeleira pouco farta, lunêta de míope, tôdo simpático e extremamente circunspecto, Matos Moreira, completamente desajeitado pâra o serviço do balcão, onde nunca se encontrava, sentado deante da sua carteira, prenhe de papelada inutil em extravagante e desleixada mistura, presidia á reunião dos palestrantes, que não tinham horas certas, nem programa definido.

Iam, e vinham, noite e dia, principalmente e de preferência á noite, segundo a sua vontade e o tempo vacante, de que podiam dispôr.

O local era estreito, pejado de prateleiras lateraes, onde, do cimo ao fundo, se depositavam mercadorias.

Por vêzes os assentos não podiam cabêr a tôdos, e dahi se originava um ceremonial de precedências e

obsóquios, que descambavam frequentemente em facécias e risota, e tambem na retirada de alguns, que não simpatizavam com os recem-vindos.

De dia, a luz era transmitida pela ampla vitrina, onde se expunham aos olhos ávidos das creanças objectos de brinquêdo e tôda a especie de bonecos, transformada hôje na porta da loja de espingardeiro; e de noite por candieiro de suspensão.

Os frequentadôres do estabelecimento comercial, propriamente dito, não davam pelos mistérios daquela recóndita sinagoga, porque um reposteiro de baêta encarnada, se lhe interpunha, á porta do acesso.

Matos Moreira, na sua seriedade tribunícia, a fazèr e a consumir cigarros, era o barómetro das tempestades demosténicas ou azêdas, o padre-mestre pâra sustêr desatinos excessivos, conselheiro em casos de melindre, graduadôr exímio da temperatura cómica.

— O' Matos Moreira riu-se! Olhem que êle riu-se!

Esta exclamação era indício indiscutivel de que o narradôr ou a narrativa tinha verdadeira graça. O riso nêle, homem de temperamento apático e descuidado, era coisa de celebrar com vozes e gestos admirativos.

Tôdos o estimavam por sua bondade e delicadêza; tôdos o acatavam por sua ilustração e porte.

A começar por afeiçoados dos últimos tempos dêsse notavel convívio dos serões do Rocio, ainda existentes, e a acabar por nós, quantas saudades ainda hôje vicejam ou reverdecem nas almas daquêles, que se acercaram do Matos Moreira!

Já em vida dêle, como nêste livro se deve têr visto, diziamos em verso, através do correio, ao satírico do Costa Lima:

Ai, fúrias do Costa Lima!
ai, meus serões do Rocio!
como esta alma vos estima!
que saudades vos envio!

Ai, meus serões do Moreira!
ai, fúrias do Costa Lima!
como esta alma vos estima
cá, nas charnecas da Beira!

Ai, calva do Costa Lima!
ai, dente dos meus pecados!
quando tornarei a vêr-vos,
ó sêres idolatrados?!

Recebei fundas saudades,
que se estendem aos Moreiras,
um... parco nos seus sorrisos,
e outro... alegre de maneiras.

Alfredo Moreira, o irmão, alma do negócio da casa, já tambem riscado da lista dos vivos, depois de cruciante sofrêr de alguns anos, era a antítese do João por sua actividade e expansões alegres.

Êste dedicava-se á escrituração, nos intervalos palestraes, e aquêle á labutação da gerência diária.

*
* *

A feição característica de Matos Moreira era a tendência pâra emprêsas, onde predominasse a lêtra redonda.

Ainda depois da transformação do seu comércio de tipografia, livros e papelaria em loja de quinquilharias e objectos artísticos, não têve ânimo de se desfazêr da secção tipográfica, que do Rocio transpassou pâra a praça dos Restauradôres n.os 15 e 16, onde continuou a editorar algumas obras, conservando a clientéla de assinaturas das suas numerosas divulgações bibliográficas anteriôres, antes e depois do seu negócio de livraria com Tavares Cardôso, a quem definitivamente a trasladou.

E' avultadíssimo o número das traduções, que fêz,

e espalhou: do que sabemos podem-se contar 65 volumes das seguintes obras — *A comedia do Amôr, O Manuscrito Materno, A mulher adúltera, Os que riem e os que choram, As obras de misericórdia* e *A inveja*, de Escrich: *O médico vermêlho* e *O pacto de sangue*, de Ponson du Terrail; *O filho dos operários*, de Richebourg; *O guia do deserto* e *Joaquim Dick*, de Paulo Duplessis; *A pérola de ouro*, de Berthout; *A lôba*, de Paulo Feval; *O senhôr Lecoq*, de Gaboriau; *A filha do homicida*, de Montepin; *O castello de Montsabrey*, de Sandeau; *Os miseraveis*, de V. Hugo; *Os amores de Artagnan, O laço de flôres* e *A corda do enforcado*, comedia num acto.

Com maior base de recursos instructivos, Matos Moreira daria um escritôr primacial.

No entanto, a sua obra completa está longe de sêr dispicienda, porque, além das numerosas traduções apontadas, publicou, como romancista, os originaes *Rôsto e coração*, num volume, e *Tempestades do coração*, em dois; e, como comediógrafo, as peças, num acto, *Abaixo a palmatória, Um amigo de Laváter, Contínuas surprêsas, Guerra aos pares* e *Guerra aos nunes*.

Estas comédias fizeram época, entrando em tôdos os reportórios das companhias dramáticas portuguêsas e brasileiras, por sua graciosidade de um cunho originalíssimo.

Algumas manifestações de bôa gargalhada presenciámos, ao vêr representar as duas últimas, pâra além do Atlântico, a mil e tantas léguas de Lisbôa, onde mais tarde lográmos conhecêr o autôr, que, em virtude da sua compleição merencória e pouco dado a expansões de riso, não nos parecia capaz de sacrificar ao chiste, que resumbra das suas peças teatraes.

É fenómeno já notado a graciosidade dos escritos em certas pessôas sorumbáticas.

Camillo, como adiante mostraremos, referindo-se

a Faustino de Novaes, o nosso moderno Tolentino, certificou que os seus versos satíricos e de galhofa eram escritos nos momentos de maior taciturnidade.

Modesto nos seus hábitos e procedêr, o Moreira não se lisonjeava muito com os encómios recebidos, nem com a vulgarização do seu nome. Ainda ultimamente, ao realizar a versão dos *Miseraveis,* de cuja trasladação poética nos encarregou, e ao publicá-la na sua tipografia, em 1885, mandou gravar no frontispício simplesmente — *tradução de João de Matos* — nome, que corre em público nessa edição de dois grossos volumes ilustrados.

*

* *

A última tentativa literária de Matos Moreira, emprehendimento, que, a vingar, seria de grande utilidade pública, e passou despercebido no nosso meio de publicidade mesquinha e avariada, foi o *Jornal da Infância,* periódico ilustrado, muito bem colaborado por escritôres e desenhistas de nome, e destinado a creanças.

Nos dois volumes, que ainda hôje circulam por mãos de quem lhes sabe dar o valôr, que o tiveram, e notavel, deixou o Moreira as últimas provas do seu culto engenho, em contos e episódios, dignos do *Orfão,* opúsculo anteriôrmente publicado.

São as seguintes as publicações do *Jornal da Infância:* — *Aventuras de Antoninho,* narrativa; *Contos dq tio Esguêlha,* um aldeão de sabêr, fugido aos costumes da cidade, segundo uma lenda sueca; *Pobre Margarida,* comovente episódio de orfandade; *A suplica de Lóló,* conto infantil; *Zé Pardal Pinta Monos,* narrativa escolar; *A' beira-mar,* episódio marítimo; *A maldade de Pedrinho,* o *Tocadôr de aldeia*

*

e *Um desastre,* poesia ilustrada como os demais escritos.

Por sêr transcrição única e escrita em verso, género, em que Matos Moreira se confessava sempre refractário, como de facto o era, aqui inserimos o

DESASTRE

A mamã da Carlotinha,
pâra os anos festejar
da sua qu'rida filhinha,
deitara num alguidar
ovos, assucar, bom leite
e um fiozinho de azeite.

Que belos bôlos teria
a Carlotinha formosa,
se, ao fôrno ou banho-maria,
a traquinas, a gulosa
deixasse a massa ir cozêr,
pâra depois a comêr!

Mas... junto á banca passando,
onde estava o alguidar,
têve o desêjo nefando
do belo dôce provar.
—A mamã não saberá...
deve sêr bom... vamos lá. »

A vazilha a custo inclina,
pondo-se em bicos de pés,
e vae lambendo, a ladina,
o dôce, que a mamã fêz...
mâs... a coisa tinha p'rigo...
Tôda a culpa tem castigo!

Tanto o alguidar empinou,
que, vindo ao chão afinal,
debaixo dêle ficou!
parecendo, por seu mal,
em meio de tal borrasca,
um pinto, a sair da casca.

Carlotinha! Carlotinha,
quem te mandou ir tocar
nos ovos e na farinha,
que estavam no alguidar?
Por seres gulosa, apressada,
Ficas agora sem nada.

Só pâra creanças, de facto, o Moreira podia metrificar.

E pae amantíssimo era êle das suas, em favôr das quaes bôas diversões se organizaram na sua quinta do Beato, bailes, serenatas, representações, de que ainda resta saudosa tradição.

Esta quinta, dádiva testamentária de seu padrinho, cujo apelido, o último, era *Matos*, conferiu a Moreira a melhor nota das qualidades afectivas da sua alma, a que se referia á gratidão.

Foi em lembrança de semelhante generosidade que êle, ainda môço, assinando-se simplesmente João Baptista Moreira, nome patronímico, resolveu para tôdo o sempre chamar-se João Baptista *de Matos* Moreira, como recordação grata e indelevel do seu afectuôso padrinho.

Raro exemplo de reconhecimento êste, que se prolongará indefinidamente, em quanto durar a sua larga descendência!

Matos Moreira finou-se ainda em anos vigorosos.

Pois, apesar da sua numerosa obra literária, triunfos de comediógrafo e emprêsas tipográficas e jornalísticas, a imprensa, ao noticiar-lhe o passamento, só deu provas de conhecêr o comerciante, esquecendo o escritôr; e os teatros de Lisbôa não se lembraram do homem ilustrado, que por lá transitára aplaudidamente!

Bondôso e modesto Matos Moreira! Sirvam-te ao menos de homenagem tumular estas linhas, que certamente não valem a glorificação da tua pessôa, mâs registam, como desejam e nos basta, um protesto amigo.

E' desgraçadamente certo: — Os mortos depressa esquecem!

Sebastião Pereira da Cunha

I

Nunca é tarde pâra ofertar aos mortos a turibulação da nossa saudade ou do nosso respeito, especialmente quando êles deixam atraz de si um rasto luminôso, que se contrapõe ás trevas do esquecimento.

— Os mortos passam depressa — diz, e sente quase tôda a gente.

E' uma verdade pâra as almas frívolas, que não pâra aquêles, que ás qualidades afectivas de um bom coração aliam um verdadeiro e sincero culto pelas obras, que deixam as pessôas de bom sabêr.

Ao acre pesadume, com que notávamos o desamôr, que o nosso país de um incrivel analfabetismo vota ás obras literárias, respondia-nos há tempos uma senhôra, com um profundo convencimento:

— Pois olhe: só vale a pêna têr nascido... pâra escrevêr um livro, coisa única por que vale trabalhar e sofrêr.

De facto, a afirmação desta bôa amiga e admiradôra dos escritôres demonstra um judiciôso critério, porque de muito mau quilate será a obra, que não resista ao desfalecimento do intelecto, que a produziu, e se não prolongue pelos anos adiante, ao menos no afecto de um ou outro devoto das lêtras pátrias.

Se o livro é bom, então, se acareou a estima dos que podem, e sabem entendêl-o, e se o futuro lhe reserva lugar assinalado, então, mais duradoiro que o mármore e o bronze, resiste á voragem dos séculos, e não morre nunca.

E' verdade que a vozeria dos audazes, a guizalhada das turbas, que os aplaudem, e o atroamento da fama ocasional, que os afortunados conquistam entre os contemporâneos, não distinguem bastas vêzes o verdadeiro mérito onde êle está, nem apregôam a moeda de puro toque, que os modestos e os fracos de ânimo lhe oferecem, sem sêr vistos, nem percebidos.

A germinação de um simples grão pode salvar a semente de uma seara inteira; a pequena obra portanto de um homem, que não têve o aplauso público, de que era digno, em vida, pode salval-o da ingratidão dos contemporâneos, e conquistar-lhe a justiça dos vindouros, após a sua morte.

A obra, de que vamos tratar, está nêste caso, e há-de livrar do esquecimento a distincta mão, que a delineou, porque é de puro e bom quilate.

II

Sebastião Pereira da Cunha foi depositário e seguidôr de um nobilíssimo legado, a herança ilustradôra de seu pae, fidalgo no procedêr, no sangue e nas lêtras.

Ao ofertar-lhe a sua *Selecta* de bons versos, dizia-lhe Antonio Pereira da Cunha:

«Meu filho. O primeiro livro, que publiquei, ofereci-o a teu avô; a ti, que tens o seu nome e que espero o imitarás, constantemente e em tudo, quero dedicar-te êste, que é o último, que imprimo.

«Como verás são versos.

«Tu, com grande gôsto meu, tambem sentes dentro da alma aquela música indefinivel, a que a *Porcia* se refere, e herdaste uma certa propensão, que na nossa família se revela pâra o culto da poesia; sirva-te, pois, de incentivo o exemplo de teu pae, pâra que não retrocedas no caminho, que encetaste, nem resistas á tua vocação.

«Eu vou, tu vens. A mim já começam a cercar-me os pálidos crepúsculos do outono; pâra ti dura ainda a primavera, com seus viçosos encantos e extensos horisontes.

«E's môço; não te recusa Deus a inspiração; aproveita emquanto é tempo, e lembra-te do adágio dos antigos: *ars longa, vita brevis*».

Assim começou o oferecimento do seu livro o venerando autôr dos *Contos da minha terra.*

E o filho, como representante dos sagrados respeitos, que a fidalguia de outras eras consagrava aos progenitôres, seguiu a esteira paterna; e, como poeta, o que mais é, ultrapassou-a em menos tempo e em obra menos volumosa.

Nós pertencíamos ao número dos que nada sabiam de Sebastião Pereira da Cunha.

No princípio de 1892, seu nobre tio, o sr. conde da Figueira, apresentava-o em sua casa, numa tarde, ao nosso convívio, que foi sempre ocasional e passageiro, pela sua residência prôlongada em Vianna do Castello, no solar dos seus avoengos, notavel, poética e esmeradamente reformado por seu pae; e tambem pelas nossas demoras annuaes em terras da Beira.

Pereira da Cunha não era, como outros indivíduos, o mau producto de uma raça dessorada pelos contínuos

enlaces com parentes, tão erradamente seguidos entre as antigas famílias aristocráticas. Sem sêr corpulento, e tendo uma estatura mediana, dispunha de uma bôa presença. A testa era espaçosa, o olhar incisivo e claro, o sorriso breve, a fisionomia aberta e o tôdo elegante e erecto.

Na nossa conversa, praticámos de lêtras na generalidade, e falámos especialmente das que tinham formado a reputação de seu pae, como prosadôr e poéta, um dos planêtas dessa brilhantíssima constelação, que têve como luminares poderosos, como astros de primeira grandêza, Castilho, Herculano e Garrett, de quem era indefesso admiradôr, pôis julgava, como nós, que a numerosa e proficiente pleiade de escritôres dessa fulgente época, tarde ou nunca será egualada, dêsde que do nefelibatismo ignaro iamos descaindo no empolamento da frase, que, a par da creação de têrmos bárbaros ou estranjeirados e de outros abastardamentos da linguagem, parecia querêr convertêr-nos em ôcos e insípidos gongoristas.

Da nossa conversação, em que Pereira da Cunha têve a amabilidade de referir-se a um ou outro dos nossos livros, que mostrou conhecêr, resultou a oferta, que êle nos fèz, dias depois, a 30 de março de 1892, do último livro de seu pae, a *Selecta* de versos, acompanhada das seguintes palavras: — *Ao senhôr Visconde de Sanches de Frias, como prova de consideração pelo seu belo talento e nobres qualidades, oferece S. Pereira da Cunha.*

A ementa desta immerecida dedicatória faz-se aqui unicamente pâra que a pequena consagração, que tributamos á memória do ilustre literato, registe tudo o que puder e souber, como é de bôa razão em casos taes.

Mercê de Deus, o prurido do amôr próprio não nos faz sofrêr demasiado.

A' despedida, perguntando-lhe nós que género de trabalhos o entretinha, literariamente, comunicou-nos

que delineava as scenas de um drama histórico em verso.

— E' um simples ensaio — acrescentou modestamente.

A dificuldade da espécie não podia sêr maior; e um país, que só possue um teatro dramático, falsamente chamado normal, fossilisado pela incúria dos govêrnos e entregue á exploração arbitrária de uns autocratas, que lá não consentem actôres e escritôres de fóra das suas amizades, não era de molde por certo a acoroçoar a peça de quem tão modestamente se inculcava.

De facto, no ano seguinte, 1893, publicava-se o SAIO DE MALHA, *drama histórico e original, em 3 actos, por Sebastião Pereira da Cunha;* e nós recebíamos um exemplar, vindo das mãos do autôr, com uma dedicatória, que era ainda superiôr á precedente, e que por isso não reproduzimos.

A nossa leitura, realizada com avidêz, deu-nos o convencimento rápido de que defrontávamos com um bom sabedôr de português, o que hôje em dia já não é vulgar, e com um poeta de excelente cunho.

Foi uma revelação, uma agradabilíssima surprêsa.

Se á obra faltavam determinadas condições dramáticas, ao verso, embora um tanto monótono, no conjuncto, pela sua contextura em parêlhas e medida quase inteiramente alexandrina, sobravam trêchos de uma sonoridade irreprehensivel e de uma doçura e propriedade encantadôras.

E disso, verbal e francamente, démos conta ao autôr, dias depois; e disso, no que respeita á última parte, vamos fornecêr agora uma plena demonstração, já que os trabalhos de Pereira da Cunha só são conhecidos de poucos, e passaram despercebidos da imprensa e do nosso mesquinho, desunido e irritante mundo literário.

O poeta, arcando com grandes dificuldades, e pro-

cedendo a leituras e estudos vários, trouxe pàra assunto da peça um episódio dos últimos tempos do infortunado D. Sancho II, tendo por fim, ao que parece, glorificar a inegualavel fidelidade de Martim de Freitas, e tornar evidente a sanha irreconciliavel do astuto, ferrenho e poderôso D. João Viegas, arcebispo de Braga.

E' protagonista o irmão dêste, D. Ramon Viegas Portocarrero, rico homem de entre Minho e Douro.

O *primeiro acto* passa-se nas fraldas da serra de Airó, diante do presbitério da aldêa dêste nome. Portocarrero mal ferido por um urso, durante certa caçada, é trazido ao burgo e velado a ocultas por Aldonça, filha de um velho guerreiro, que guardava, como preciosa lembrança de família, um sáio de malha, que de seu destemido pae herdara.

O enfêrmo não travara conhecimento com a carinhosa enfermeira, que é requestada por um rapaz do pôvo, mâs que se apaixona pelo desconhecido, a quem trata, e que, pobre dela! lhe desaparece, numa ocasião, em que se ausentara, mandado buscar pelo bispo, seu irmão; o que deixa a pobre donzela semi-louca de pezar.

E aqui termina o acto.

Os sentimentos do padre João Annes, que muito prezava a rapâriga, a quem tudo esclarece e a quem protege, o seu afecto aos môços, que educa e que reunira no adro do eremitério, pâra a oração respectiva, e a despedida, que lhes faz, pintam-se do seguinte modo:

Mocidade, que és tu? A aurora, que desponta
No ceu azul da vida. A nuvem não te afronta,
Nem te escurece o albôr. A voz da filomela
Dá-te um canto amorôso, e o lirio abre a capela
Quando tu passas, luz! Folga, rebanho amado!
Estes vales são teus. E' teu o alcantilado
Cerro, que alem se vê. Brincae, cordeiros novos!
Mostrae vossa saude em saltos e corcovos,
Que o pastôr vos espera, á noite, no redil!

E depois dêste trêcho inicial, digam-me se taes versos não revelam a voz de um maviôso poeta, tão natural, como espontâneo!

A invectiva do môço enamorado, que, ardendo em ciumes, acusa Aldonça de têr o coração cheio com outro amôr, e lhe pergunta se ela insiste no que reputa uma loucura, responde inabalavel a pobre sonhadôra, embora desesperançada:

... Sim, insisto; e nunca tua espôsa,
Pero Vaz, hei-de sêr. Comtigo, tamanina,
Nos campos folguei. A face purpurina
Muita vêz me beijaste em jogos de creança.
Dormi no teu regaço. Ataste-me na trança
As violêtas do vale e as rosas da montanha,
Ambos de dois, á tarde, alegres, em companha,
Subimos, á porfia, ao cimo das colinas;
Fomos buscar ao ninho as aves pequeninas,
Ocultas na devêza, entre a folhagem mesta,
Tudo isso passou! E agora que nos resta
Dessa quadra feliz?

E' um verdadeiro quadro do século XIII e uma pintura peregrina de tôdos os tempos, emoldurada numa formosa tapeçaria campesina.

Tal não diria, com tamanha e tão acertada fidelidade, Pereira da Cunha, se tão de perto não conhecêsse as delícias naturaes do seu pitorêsco Minho.

Um dos frades, que vem buscar D. Ramon, por mandado do arcebispo bracarense, é uma víctima das vocações torturadas pela clausura, e disso se queixa ao seu companheiro pelo modo, que se vae vêr:

Farto estou de sermões, irmão. Sou ruim frade?
A culpa não foi minha. Obrigaram-me. A grade
Do claustro é para mim a porta de uma jaula.
Fera escondida eu sou. Leio Amadis de Gaula,
Sonho co'a guerra santa, adoro a Deus: seria
Bom espôso e bom pae, se em merencório dia,
Não me forçasse alguem a votos, que eu não tinha,
Sou ruim frade, mâs a culpa não foi minha!

Êstes versos, que formam um belo contraste com os antecedentes, são por isso um toque de sombra, muito de vêr pelo vigôr da pincelada.

*

* *

O *segundo acto* comprehende a continuação dos tôrvos amôres do mal afortunado aldeão, que jura vingar-se do repúdio de Aldonça. D. Ramon, que se enamorou da suposta mulher do rei D. Sancho II, e que pretende tirar-lha, vae a Airó, pâra conhecêr a rapâriga, que o salvara e tratara, toca-lhe na janela, e tenta de agradecido beijar-lhe as mãos. Pero Vaz, que espreita a distância, vê o movimento, toma-o por expressão de amôr, desesperado abandona a aldeia, e foge pâra a serra.

D. Ramon, que precisa de gente de guerra, incita o padre Annes a que se ponha á frente do pôvo, e que o acompanhe a Coimbra, onde pretende roubar D. Mecia, e destronar D. Sancho. Logra convencêr o padre e o próprio pae de Aldonça, o velho guerreiro, que acompanha a sortida, envergando o seu preciôso talisman, o *Sáio de malha.*

Logo no comêço canta Aldonça:

O' velho sáio de malha,
De meu pae nobre bragal,
Conta á môça a gran batalha
Da moira Alcacer-do-Sal.

E mais adiante diz a Pero Vaz, que ameaça esmagar-lhe um pulso, por onde a sacode com violência:

.... Repito e não receio
O teu olhar feroz: nem temo as dôres; creio
Que me esmagaste o braço; agora dá-me a morte.

PERO, *caindo de joêlhos*

Aldonça, fiz-te mal? Amôr, perdôa! A sorte
Porque me fere assim? Eu creio em Deus, respeito
A minha velha mãe; tôdo o infortúnio aceito,
Menos, o de te vêr, Aldonça, em braços de outro.
Pinguem-me a cêra quente, entalem-me no pôtro
Màs digam-me que tu has de ser minha um dia.

ALDONÇA

Nunca! nunca o serei! Pero, quanto daria
Pàra te consolar, desventurado môço!

As palavras de Pero Vaz são o exaspêro do ciume, retratado o seu vulto enorme no âmbito estreito de uma simples miniatura.

A um vilão, incitado pela voz do padre, que aparece revestido de cota e elmo a empunhar a cruz e a espada, bradava o pae de Aldonça, ao ouvir dizêr que prestes estavam tôdos:

Tôdos, não! Falta um: chama-se Martim Peres.
E' velho màs não resta aqui, entre as mulheres,
Quando a patria lhe pede o braço, o sangue e a espada.
Sus! a Coimbra! Aldonça, ó filha idolatrada,
Quero-te muito a ti, màs quero mais A'quele,
Que nos remiu na Cruz!

Êstes versos representam uma feição dos costumes e crenças, em que a religião e a fôrça se ligavam bastas vêzes, brutal e cegamente.

*
*   *

No *terceiro e último acto*, representado nos paços do poderôso arcebispo de Braga, faz-se a apresentação de D. Terêza, rainha de Leão e tia do pobre rei, que fôi morrêr a Tolêdo, em cuja cathedral está a sua

ossada, ainda hôje, sem um simples letreiro, que mostre ao menos uma fugitiva lembrança de nacionaes e estranhos. A rainha vae ali, muito arrependida dos seus pecados, em vésperas de se recolhêr a um convento.

Nêste acto patenteam-se as más qualidades do prelado, e exhibe-se a parte dramática de melhores efeitos.

Aldonça, acusada traiçoeiramente na sua honra pelo namorado, o Pero Vaz, que desprezara, é conduzida como penitente ao ostentôso paço, pâra se purificar na *prova de fôgo,* ou *ferro caldo*, tão usada nos grandes crimes, ou a morrêr queimada, se dessa prova não saisse ilesa.

Encandecidos sete ferros de arado, Aldonça, de pés nús, passôu sôbre êles, saindo sem uma mácula do fôgo, e caminhando em seguida erecta e milagrosamente.

E' esta a pecha principal do acto, que não precisava do inverosímil e menos do maravilhôso pâra havêr as qualidades, que o distinguem.

Chega um emissário de Coimbra a dizêr que Martim de Freitas, perdida a sua causa, nem assim se rendêra, e se fôra caminho de Hespanha a entregar ao sepulcro de D. Sancho as chaves do castelo de Coimbra.

Aldonça, salva da calúnia, perdôa ao homem, que por ciumes quizera perdêl-a, e promete fazêr vida santa num mosteiro.

D. Ramon, já esquecido de D. Mecia, arrependido do seu passado e deslumbrado pelas virtudes desta mulher sublime, oferece-lhe a mão de espôso, que ela aceita radiante e pasmada da sua inesperada e inacreditavel ventura.

O arcebispo opõe-se ao enlace de seu irmão, o rico homem do Minho, com uma vilã de sangue humilde.

D. Ramon presiste, e o pae de Aldonça prova a

sua descendência nobre, vinda de uma filha do rei mouro dos Algarves, filha chamada Fátima, que, namorada de um christão, fôra sua mãe, que com seu pae casara.

O sáio de malha, que deu nome ao drama, era pois um presente da moira, que o fizera por suas mãos, e que salvara o pae do cativeiro, e lhe dera tôda a ventura.

Em face de tal testemunho, o arcebispo cede jubilôso, e abençôa os noivos.

E assim termina o acto.

A homérica e solenissima afirmação histórica de Martin de Freitas, o famôso castelão de Coimbra, é narrada pelo irmão do prelado da guisa seguinte:

...... O alcaide truculento
Resiste como heroe, fiel ao juramento,
Que proferiu. Chamou á praça a soldadêsca,
E disse-lhe, apontando a filha, môça e frêsca
E ainda donzela e pura: — O alcaide português
Não entrega Coimbra a Afonso, o Bolonhêz!
Tenho esta só; é bela e muito amada;
Pois prefiro aqui vêl-a agora deshonrada
A deshonrar-me a mim, vendendo êste castelo.

Ao espírito fidalgamente cavalheirôso de Pereira da Cunha não podia escapar o registo de tamanha abnegação, fidelidade e rigidêz de carácter.

A compleição ferrenha do prelado bracarense e o feitio vilanaz da sua ambição constam do seguinte modêlo:

Tudo isso foi mister; de nada me arrependo.
De que servem a mitra e o báculo, não tendo
Montes de oiro tambem? Um bispo é como o sol:
Brilha, ilumina, aquece, e surge no arrebol,
Vae aos paços reaes, aos templos e aos altares,
Recebe a adoração de crentes, aos milhares,
Tem vassalos leaes, besteiros, capelães;
Màs é mister tambem que o erário lhe não falte;
E' pedra preciosa; é-lhe preciso o esmalte.

Nêstes versos daguerreotipa-se com justêza a feição do clero elevado, a abastança e o poderio, de que dispunha triunfantemente nos tempos áureos da edade média.

O padre João Annes, o bom párocho de Airó, dando de rôsto com a figura do desventurado D. Sancho II, retratada num painel, pendente da sala do trôno archiepiscopal, lamenta-o assim:

Tudo te abandonou na tua desventura!
Só resto eu... um padre, um miseravel cura
De uma aldêa minhôta. O scetro, a cr'oa, a espôsa
Arrancou-t'os a mão da sorte caprichosa,
E a pátria, em que nascêste e a que tanto querias,
Nem sequer te abrigou os derradeiros dias;
Nem ao menos te dá um leito de granito,
Onde possas dormir em paz, pobre proscrito.
Fôste guerreiro audaz: arremessaste o guante
A's faces do Koran, erguêste triunfante
A cruz do Christo em Serpa, Moura e em Juromenha;
Povoaste Sortelha, e restauraste Idenha;
Alargaste a fronteira a Portugal co'a espada;
E dão-te em recompensa, ao cabo da jornada,
O exílio e a maldição.

O afecto do bom padre achou nas palavras do poeta um eco fidelíssimo e a calorosa gradação, que vale um protesto de patriota e de homem de bem.

Quando D. Ramon expunha a seu irmão o arrependimento, em que estava, de ações más, que praticara contra a causa do infortunado rei, e anunciava o oferecimento da sua mão a Aldonça presente, vejâmos uma parte do que lhe respondia o orgulhôso e fero arcebispo:

Tu, dom Ramon, irmão do Primaz das Hespanhas,
O primeiro serás na côrte; e, se quizeres
Uma espôsa, terás aos centos as mulheres!
Deixa em paz o passado, e cuida do presente;
Não fica bem a um môço êsse ar de penitente;

Os remorsos, se os tens, atira-os pâra longe,
Ou então despe o sáio, e veste-te de monge.
Vá, enverga a cogúla, o cantochão entôa:
E eu cá 'stou, meu irmão, p'ra te abrir a corôa.

O sarcasmo destas palavras resumem altivêz desmedida e um odiôso sobrecenho, que chega a apavorar-nos.

E' porque o vigôr do verso, apesar de pouco harmónico por vêzes, se adapta perfeitamente á especialidade do escabrôso assunto.

Quando Martim Peres, pae de Aldonça, prova a sua ascendência principêsca, vinda do rei moiro, de que descendia sua mãe, fala assim, num trêcho da narrativa:

...... Tinha uma filha o moiro
Môça, pura e gentil. Fadas de bom agoiro
Prometeram-lhe um dia a cr'oa dos Algarves.
Quando Fátima em pé, no cimo dos adarves
Despontava, sorria a naturêza e as aves
Saudavam-na, escolhendo os cantos mais suaves;
Nos rimances andava o nome seu, casado
Com a voz da teorba e do arrabil doirado;
Junto da barbacan, á nóite, os trovadôres
Mandavam-lhe um suspiro e um cântico de amôres.
Eis o que era Fátima... a alegre borbolêta
Das planicíes do sul, a filha predilecta
Do poderôso emir de Silves.

Que purêza de linguagem! que propriedade de verso! que bela nota descritiva! que dôce aragem poética não banha tôdo êste formosíssimo trêcho, com que vamos terminar as citações da estrêa de Pereira da Cunha!

E' que o *Sáio de Malha*, embora falho de efeitos dramáticos, que exige o palco, é nas scenas capitaes da sua urdidura um reflectôr histórico e a demonstração plena de uma organização poética de puro quilate, muito pouco vulgar.

O *Sáio de Malha* representa o vôo de uma ave imperativamente arrojada, que, pelo decorrêr dos tempos, prometia remontar-se á cumiada das supremas alturas.

Foi êsse o nosso juizo. Em breve se ha-de vêr, no proseguimento destas linhas, se laborávamos em êrro.

III

Ao tempo da publicação do drama, já Pereira da Cunha, como resultado de uma viagem de estudo, feita em Hespanha, que êle estimava apaixonadamente pelas tradições e pelo parentêsco, havido alí por avoengos seus, se entretinha no delineamento de um nôvo poema histórico, em que tôdo se engolfava.

Não o sabíamos então.

Ao agradecêr-nos a oferenda de um exemplar do nosso romance *O Senhôr de Fóios*, que êle sabia verdadeiro no fundo, escrevia-nos, um ano depois, em 1894, do seu castelo de Portozêlo, a formosa vivenda de Vianna do Castello, uma extensa carta, de que vamos arrancar uma amostra, não só pâra dar a público um inédito do ilustre poeta, como registar a leve nota humorística, com que êle classificava a sua situação, que não, repetimos, por envaidecimento próprio:

..... «Venho felicital-o sincera e entusiasticamente pelo seu primorôso trabalho. Que horas deliciosas me proporcionou a leitura do seu livro, a mim escondido num recanto, embora formosíssimo, do Minho, a mim sequestrado de tôda a convivência literária, aturando constantemente tantos *Josés Bernardo* e *Joões da Barroca;* [1] a mim, que passo a vida entre

---

[1] Personagens do nosso romance.

*

montanhas de milbo amarelo e torrentes de vinho verde». [1]. . . . .

E preseguiu no juizo, que entendeu devêr fazêr do nosso escrito, mâs a respeito do seu nôvo poema, que estava prestes a sair dos prelos de uma modesta tipografia de Vianna do Castello, não mencionava uma única palavra.

E o caso é que a distribuição fêz-se, mâs as livrarias, que avistámos, não nos mostraram a existência da obra, nem a imprensa, que chegou ao nosso conhecimento, a registou por qualquer forma, exactamente como acontecêra com o *Sáio de malha*, cuja divulgação passou despercebida da própria meia dúzia de caturras, que ainda curam de letras nêste pequeno país de grandíssimos pataratas.

Por uma diabrura do correio, só em dezembro nos foi entregue o volume, que nos fôra destinado pelo autôr.

Apesar d'isso, a existência do livro e o seu próprio título, *A Cidade Vermelha*, poêma-hispano-árabe, serviram-nos de genuina surprêsa.

A leitura, realizada e repetida acto contínuo na companhia de um amigo, tão bom conhecedôr como excelente fazedôr de versos, veiu acusar a prevista e sensivel propensão das faculdades do poeta, genuina-

---

[1] E' de saber, pâra suavisar o quadro, que a casa de Pereira da Cunha, reconstruida por seu pae, ao estilo dos castellos medievaes do Rheno, com o refinado gôsto de um verdadeiro poeta, brilha como notavel residência senhorial, a que não faltam os fossos, a ponte levadiça, as barbacans e a torre de menagem, a 12 kilómetros de Vianna; e é a faustosa joia architectónica da freguesia de Portozêlo donde o nosso poeta escrevia, sôb a designação de *Castelo de Portozêlo.*

D. Antonio da Costa, no seu *Minho,* trata desta encantadòra habitação, cuja estampa se vê a pag. 176 do *Almanach de Lembranças* do ano de 1896.

mente portuguêsa na inspiração e na linguagem, mâs portuguêsa á antiga, quando o dizêr simples, rendilhado e puro, companha o timbre dos que bem sabiam escrevêr.

Simões Dias e nós ficamos maravilhados, na admirativa e encantadôra aceção do têrmo, que outro não existe pâra dar a medida do nosso sentimento de então.

*

* *

A' entrada do nôvo ano, a 4 de janeiro de 1895, escrevíamos a nossa impressão ao autôr, tão sincera como a espontaneidade, que a formulou rapidamente, por um impulso convicto e inabalavel da nossa consciência.

Não saberiamos agora architectar palavras melhormente do que então o fizémos; e por isso seja-nos permitido deixar aqui, e a seguir, o transunto da carta, endereçada ao castelo de Portozêlo:

— Meu caro poeta. Li, e reli, no remanso do meu gabinête e em companhia do doutôr Simões Dias, tão suave como característico trovadôr das *Peninsulares*, as páginas notaveis do poema, hispano-árabe, com que V. Ex.ª se dignou brindar-me, realizando assim, com duplicado prazêr, o veracíssimo preceito de que os poetas por poetas devem sêr lidos.

«Essa leitura, cortada a espaços pela apreciação pausada de nós ambos, foi uma surprehendedôra e entusiástica revelação pâra Simões Dias, que o não conhecia, e uma pleníssima confirmação do elevado conceito, em que eu aferia, de há muito, os dotes poéticos do autôr do poema.

«Nos tempos, que correm, então, nesta época de dissolução espiritual, em que a sensualidade báchica campéa nos costumes, no teatro e nas lêtras amenas, vasada em moldes de linguagem bárbara, desconhe-

cedôra inteiramente da belêza musical e vernácula do riquíssimo português dos bons mestres, consola realmente vêr que ainda existem individualidades enérgicas, que prometem vivêr e morrêr abraçadas ao lídimo dizêr, á tradição genuina do nosso opulento erário linguístico.

«Que diferênças reedificantes de estilo e sentimento não vão dos cantos da *Cidade Vermelha* ás nebulosidades gramaticaes e desassisadas do nefelibatismo e ás figuras e imagens desgrenhadas e obscenas do realismo crú?!

«Já escrevi, e repetirei sempre, com os poetas, que nos precederam: — A poesia é o sentimento do belo. O que não tiver belêza estructural, panorâmica ou sentimental não pode chamar-se poesia.

«Tôdos os séculos, dêsde os tempos obscuros até os nossos dias, tiveram como poético o que era somente belo.

«No tétrico e no horrivel tambem há belêzas, penso eu, que dizem os discordantes. E' verdade, mâs com tanto que o quadro horripilante possa elevar-se até ás alturas da epopêa.

«Um espírito delicado, contemplativo e arroubado só poderá tolerar a lubricidade sistemática nos versos de Ovidio, nas estátuas grêgas ou nas ruinas de Pompeia. Os cânticos da moderna oficina só se podem divinizar pelo trabalho; nos arruidos dissolventes de aspirações controvertidas e anárchicas tudo é ôco e esteril. No esvurmar as scenas deletérias e os vícios, que tumultuam fóra das nossas casas, só devemos topar com o tédio e com a repulsão instinctiva, que outra coisa não é senão a contração de tôdos os germens poéticos da nossa alma.

«A comovente tragédia do último abencerragem é um dos mais rutilantes acontecimentos do século XV; os paços encantados do Alhambra um fecundíssimo erário de inspiração romanêsca e poética, porque tudo

ali é belo — o local rendilhado por maravilhas de architectura, a sumptuosidade relembrando os tezoiros faraónicos e a tradição palpitante de uma raça, mais nobre e ardente do que a dos fetiches orientaes.

«Assim o entenderam entre muitos, Irvine, nas suas lendas e contos mouriscos, Zorrilha, no seu poema local e V. Ex.ª na sua *Cidade Vermelha.*

«Investigada a época, consultada a tradição, determinadas as personagens, a sua alma pensativa iluminou-se ao clarão subtilíssimo do sentimento do belo?

«Sem dúvida. Só um poeta, dulcificado pela sensibilidade e alumiado pela arte, podia descrevêr os cânticos dôirados da *Cidade Vermelha.*

«A rude misantropia do meu carácter é pouco propensa a louvaminhas faceis. Menciono o que sinto. Do seu poema, variado na estructura da frase e do metro, resaltam, como joias opulentas, sôbre fundo azul, a propriedade da linguagem, o acêrto das imagens, o colorido local e um sabôr penetrante aos mais deliciosos perfumes do Oriente.

«O sentimento e a arte fizeram o milagre, que deixa de sêl-o, dêsde que V. Ex.ª se nos revela um verdadeiro poeta.

«O simples canto *No Jardim de Lindaraxa* só por si bastava pâra uma elevada classificação.

«Entretanto poema e poeta, verdade verdade, passaram quase despercebidos pela mesquinha altura da nossa publicidade.

«Não admira. E' frequente o facto. O género do livro, por um lado, e o desapêgo ás bôas lêtras, que se afundam diariamente na fornalha desvirtuadôra e torrencial da imprensa diária, por outro, eram de sobra pâra o efeito.

«Não terá senões o poema, como obra de arte, e como é próprio da condição humana? Tem, a meu vêr, um defeito de construção, que em nada lhe prejudica, verdade sêja, a belêza dos materiaes.

«O rendilhado edifício bracêja elegantíssimo, fendo os ares com as agulhas dos seus miranêtes, com a dentadura dos coruchéus, e atrae-nos fantásticamente com as laçarias das ventanas e com as colunatas dos pórticos; mâs, aqui e acolá, no âmbito interiôr, faz-nos desejar maior larguêza de construção.

«Os amôres de Lindaraxa com Padilla, o seu fingimento pâra com o rei moiro e o convencimento dêste pâra a rendição de Granada, que era a sua ruina capital, estão a requerêr scenas de contextura mais larga ao habilíssimo artista, que tão brilhantemente se houve com tudo o que lhe saiu da sua palhêta inspirada.

«E' êste o predicado das coisas de fino quilate: atraem-n'os, seduzem-nos, e tornam-nos insaciáveis.

«E por isso, semelhante reparo, no meu entendêr, vale o elogio supremacial da *Cidade Vermelha.*

«Releve-me V.ª Ex.ª a prolixidade dêste meu agradecimento á finêza ofertatória do seu excelente poema, brilhante incentivo e estêio fortíssimo pâra novos cometimentos; e creia-me com veras — confrade muito devotado — *Visconde de Sanches de Frias*».

Pereira da Cunha, o esperançôso e já notavel poeta, que em fins do ano seguinte havia de morrêr ignorado dos seus conterrâneos, exceção feita de meia dúzia, que têm a dita de possuir os seus escritos, cuja existência tivémos, por mais de uma vêz, a desconsolação de sabêr desconhecida dos próprios livreiros — agradecia-nos comovido o nosso juizo epistolar; e respondia-nos, tão pouco costumado estava a que lhe celebrassem o talento, numa láuda da sua carta, com êstes dizêres:

— Vou guardar a sua carta como um conceituosíssimo trêcho de estilo epistolar, que é, e como um documento de raro valôr, que, embora imerecidamente, me honra sôbremaneira.

«Tem muitos defeitos o meu poema hespano-árabe, mâs quero-lhe, porque o escrevi com tal ou qual rigôr histórico. As personagens, que nêle figuram, á exceção de Padilla, o preferido amante de Lindaraxa, são verdadeiros, como se prova das minhas notas.

«O poema é um tanto ardente, porque se passa em Granada, a cidade querida de Boabdil; tratei-o com afecto....»

Pudera! Ainda que o autôr nol-o não afirmasse, bem adivinhávamos que amôr presidiu a essa *ardência* do poema!

Entre vários animaes da creação não é raro vêr mães, que esmagam os filhos á força do afecto, desenvolvido na compressão nervosa, com que os abraçam, segundo os naturalistas.

A exaltação do amôr e da ardência da inspiração, que em cada canto do poema se revela, como explodindo rápida, de um só jacto, fôram os motôres, que lhe reduziram o alargamento, a que a robusta aptidão de Pereira da Cunha podia dar vastíssimos horisontes.

O seu organismo de peninsular, encarnado no amante hespanhol da formosa moira, a Lindaraxa dos paços de Granada, combustinou-se, ao tocar nos pontos capitaes, delirante e apaixonadamente, deixando somente atraz de si as faülhas de oiro, que chisparam do seu génio creadôr.

Dessas simples faülhas brotou o poema, que, apesar de tudo, pâra nosso gôsto e a nosso vêr, é a obra versificada de melhor género e a mais scintilante de tôdas as publicações feitas a algum tempo a esta parte, obra, que há-de ficar, embora desconhecida dos louvaminheiros públicos, porque um bom livro, tarde ou cêdo, vem a conquistar pela voz dos estudiosos, o lugar, a que tem direito.

IV

O poema, embora os não marque, como era de esperar, consta de seis cantos, desiguaes na extensão e na rima variada, que é a forma melhor e mais atraente de compôr os poemas modernos.

A simples dedicatória — *A meus filhos* — representa a transmissão do tributo, que o pae do autôr lhe deixou na oferênda do seu último livro de versos; representa um legado enternecedôr de família.

O primeiro canto — *A Espanha Arabe* — é a ampla e vistosa portada do rendilhado edifício; descreve em castigados versos alexandrinos, como o pede o assunto, alternados de rimas agudas e esdrúxulas, o domínio dos árabes e a conquista dos reis cathólicos, a que resistia Granada.

Da Hespanha ao meio, em pé, o trono audaz dos árabes
Levantava-se ovante e ornado de laureis:
Por tôldo... um ceu azul, por base... trinta léguas
E em tôrno duas mil aldeias infieis.

....

E crescia e medrava. As rúmuras vergónteas
Que lançava ao chegar o quente mês de abril,
Chamavam-se Sevilha e Cadiz, Múrcia e Córdova,
Alicante e Granada, a moira do Xenil.

Beijava-lhe a raiz o mar Mediterráneo,
Perfumavam-lhe a fronte as virações do sul;
Serviam-lhe de encôsto os eriçados píncaros
Da montanha de Elvira e as cristas do Padul.

....

Dom Fernando terceiro aponta-lhe o montante:
Fundo golpe lhe abriu, golpe de lidadôr!
Alah voltou a face aflicta e lacrimante,
E Sevilha curvou-se á cruz e ao vencedôr.

....

Só restava Granada, e rubro, qual scentêlha,
Um vaso colossal a circumdar-lhe o pé.
Êsse vaso era a Alhambra, a *Cidade Vermêlha*,
O sonho do Profeta, o relicário, a fé.

Nêste valente dizêr, sente-se a tuba épica dos tempos heroicos; ajuize-se por esta amostra que qualidade de versos temos que esperar do poeta, no decorrêr da sua obra.

*

* *

No segundo canto, *A Alhambra,* mais extenso e variado na versificação, que apresenta as principaes dificuldades de um paciente metrificadôr, canta-se o edifício com as suas maravilhas interiôres.

De Mahomet, *el Mir,* a filha predilecta
Em deredor estira os braços de granito.
Como que procurando a sombra do Profeta,
Entre a serra nevada e o alcáçar do Infinito.

Lá dentro os seus jardins, e fontes e alabastros,
Com segrêdos de amôr, e sombras, e verdura,
Em brilhante espiral arremessando aos astros
Aromas de rosaes e jorros de agua pura.

Estas duas quadras, por si só, encerram a síntese duma descrição inteira. Continuemos porêm:

Além, via-se o *Alberca,* o páteo dos viveiros
De rosas carmezins e peixes peregrinos;
Embalsamava o ar o arôma dos canteiros,
Refrescavam-lhe o solo os tanques cristalinos.
....
Ao fundo os alcantis dos rudes Alpujarras
Marcavam do Profeta a amplíssima baliza:
Dêste lado o islamismo, a Alhambra e as cimitarras,
Do outro, o ardente olhar dos netos de Witiza!

De um lado a Alhambra e do outro as hostes de Fernando e Izabel, que a assediavam, havia mêses.

Os infieis tremem no seu reducto.

Da Alhambra nas salas rúbidas
A côrte passêa inquieta,
E, ao longe, a vista discreta
Fita com pasmo e rancôr.
As huris, em jardins mágicos,
Como leves mariposas,
Polulam por entre as rosas,
Suas irmãs no frescôr.

Continúa a narrativa, respeitante a mouros e christãos.

Desaba o mourisco império,
Falta Granada sómente
Granada, que sempre crente,
Sorri da agua lustral;
Que estremece á voz cathólica,
Como a palmeira do Egipto
Estremece, ouvindo o grito,
Que ergue o vento no areal.
....

Juram tôdos pela hóstia,
Em *Santa Fé* consagrada,
Que, na veiga de Granada,
Ou vencem ou morrerão;
As tendas, as ambulâncias
Cobrem o solo do moiro,
Ergue-se o estandarte de oiro
De Castella e de Aragão.

Entretanto Lindaraxa, a deslumbrante amada do pobre Boabdil, enamorada de D. Cesar de Padilla, um dos capitães christãos, só cura dos seus amôres, e corre a avistar-se com o mancêbo hespanhol de sôbre os muros fortificados do magnificente edifício.

Súbito, a Alhambra ilumína-se.
Numa ventana assentada
Mulher, anjo, talvêz fada,
Despontou, gentil visão!
Volve os olhos formosíssimos,
Como se alguem procurasse,
E encosta a morena face
No rendilhado balcão.

E viu alguem, e manda-lhe beijos na ponta dos dêdos, e apressa-se a ir ouvir as homenagens de um dos inimigos de Granada, prestes a desabar!

O' moira esquiva e formosa,
Que vêjo á luz do luar.
Conta a história fabulosa
De Granada, teu solar.

Pede-lhe o namorado môço, oculto pela sombra da muralha. E ela, desferindo o arabil, á luz de uma puríssima nôite, em tom dolente e apaixonado, entra de cantar:

Quando eu era creança e, á noite, assim que a lua
Vinha alegre a surgir detraz daquela *serra*
Que se chama Nevada,
Minha mãe me beijava, e, pára adormecêr-me,
Passava a sua mão nos meus cabêlos nêgros
E contava-me assim a *História de Granada:*
....

A lenda tôda contada em redondilha, alternada com rimas graves e agudas, é um quadro de execução admiravel pela verdade e pelo colorido; é sozinha um poemêto, de que mal podemos dar idêa.

Do vale ao fundo, inclinada
No seu bêrço de paues,
Dormia a gentil Granada,
A moira de olhos azues.

E ao vêl-a dormindo disse,
Com meiga voz Mahomet:
—Desponta o dia, e sorri-se...
Surge, Granada, de pé!
....

Desperta! Fui eu que um dia,
Por toldar o brilho á cruz,
Transformei a Andaluzia
Num paraiso de luz.

Fui eu que a serra *Nevada*
Cobri de branco albernoz,
E a esta terra abençoada
Dei lirios, perfume e voz.

E tudo isto, creança,
O fiz por amôr de ti:
Ahi tens a paterna herança!
Vim trazer-t'a eu mêsmo aqui.
....

Nisto, uma pérola, solta
Do seu turbante real,
Se desprende, e cae revolta
Sôbre uma rosa do val.

No lugar, onde caiu a joia, surgiu miraculosamente Alhambra, como nos contos orientaes.

Chamas-te a Alhambra! Cem annos
Em torno a ti volverão,
Até que uns sceptros tiranos
Venham quebrar-te o condão.

Terminada a canção, a moira corre a ventana apressadamente, e desaparece, deixando Padilla deslumbrado, de braços estendidos pâra a encantada muralha, duvidôso, aflicto. Por fim, tira o capacête a vêr se a aragem lhe suaviza a ardência do cérebro, e dirige-se sequiôso a uma fonte próxima.

Oh! dita! Junto da fonte cae um papel perfumado, que lhe marca uma entrevista nos jardins da linda moira.

Sim! irei — disse então — sêja embora cilada.
Um soldado hespanhol receia a Deus somente.»
E apertando no cinto a triunfante espada,
Encaminhou-se audaz ás terras do crescente.

E aqui termina a segunda parte, tão engenhosa como finamente dedilhada, um largo trêcho, onde a observação rigorosa da lenda local se casa nobre-

mente ao estado psicológico das personagens, que nela figuram.

VI

O terceiro canto — *No jardim de Lindaraxa* — tem por assunto a entrevista velada pelos meandros daquela encantadôra estância, a história da moira e o pacto entre os dois namorados pâra a entrega de Granada, isto é, pâra a eterna perdição da Alhambra.

Dom Cesar de Padilha entrou na alegre estância.
Erguia-se no ar a sensual fragrância
Das ervas dos paues;
Divisavam-se ao longe os rúbidos crescentes,
E o Dom e o Xenil moviam, indolentes,
Os labios seus azues.

Como que por encanto, um bosque de palmeiras
Estremeceu de leve, em convulsões ligeiras,
E o seio verde abriu;
E como a ave louçã, que se evolou do ninho,
Seductôra mulher, moira, feita de arminho,
Dêsse bosque surgiu.

Lindaraxa trazia o manto azul celeste
Das sultanas do harem, sôbre a setínea veste
Pérolas e coraes;
E na trança gentil, floresta de azeviche,
Tinha um turbante rubro, o esplêndido fetiche
Dos povos orientaes.

Não se podem exigir maior elegância e propriedade descritivas, nem mor belêza de estilo e frase em tamanha e tão notavel simplicidade.

A moira, após o deliciôso introito do diálogo, convida o christão a sentar-se-lhe ao lado.

Nas formosas manhãs, ao toque da alvorada,
Venho invocar Alah nesta florida gruta:
Cantei-te no laúde a história de Granada.
Vou agora contar-te a minha história; escuta:
....

Vendo-me um dia
Despir a facha,
E entrar no banho
Co'os braços nús,
Deram-me o nome
De Lindaraxa,
Que quer dizêr
Rosa de luz.

E fui crescendo,
Formosa e dura,
Como as espumas,
Que vem do mar:
Màs... pobre e triste
Como a tristura,
Que, no deserto,
Sofreu Agar.

Orfã e pobre, a pequena moira acolheu-se á proteção de uma bôa mulher, que a peste, por suprema desgraça, lhe matou em breve.

Cobri-lhe o côrpo,
Inerte e frio,
De rosas brancas
E girasol,
E co'o meu pranto,
Correndo em fio,
Fiz-lhe a mortalha,
Fiz-lhe o lençol!

Nisto, surge uma fada, que, poisando-lhe a vara sôbre as tranças nêgras, lhe prognostíca um brilhante futuro.

Basta pâra isso que a esbelta môça têça com as fôlhas sêcas de certa palmeira um cêsto, e vá vendêl-o, no domingo, ao bairro moiro de Zucatim.

Passados dias, a aurora
Encontrou-me estrada fóra,
Cantando á luz da manhã;
Nos vales a cotovia,
Respondendo-me dizia:
«Sê bem vinda, ó minha irmã!»

Loiras abêlhas pousavam,
Em torno a mim, e falavam
Não sei que frases de amôr,
Na minha bôca pousando
Meus labios talvêz julgando
O botão de alguma flôr.

Sôbre o cabêlo abundante
Levava o branco turbante.
Das moiras virgens do Islan;
E, sôb o braço direito,
Um cêsto pequeno, feito
De palmeira e de romã.

Tôda a história, por êste teôr, é o sonho de uma lenda fatídica, um encantamento, a que não se desêja ouvir o fim.

A moira entra no mercado, que é descrito, infelizmente, em poucas pinceladas. No auge da turbamulta, surge no curto horisonte um torvelinho de poeira, e de repente tudo emudeceu, tudo pasmou.

Em poucos momentos, brilhante como o sol, despontou alí o senhôr de Granada, o rei Boabdil, que, ao fazêr caracolar o fogôso cavalo, foi ferir no pescoço a linda môça, que a fada lá mandara.

O rei, atónito de tamanha belêza, e sentido do mal, que fizera, sustêve o cavalo, e perguntou:

— Quem és tu? donde vens?

— Sou de Gueltar, senhôr — lhe respondi tremente —
Não tenho pae, nem mãe, nem tecto amigo e quente,
Nem abraços de irmão;
Vim á feira vendêr um cêsto de palmeira,
E a morte ia encontrando, aqui, na mêsma feira,
Em que buscava o pão.

— Nunca! não morrerás — volveu-me o régio moiro —
Que eu voto ao grande Alah o meu turbante de oiro,
Que Mahomet me deu!
Comigo á Alhambra vens. Não fujas, flôr, não cores;
Hão-de tratar de ti os físicos melhores...
O enfermeiro sou eu!

Disse; e estendendo logo o seu robusto braço
Com êle me cingiu o virginal regaço,
Na sela me assentou.
— Viva a Alhambra e o amôr! — bradou com voz potente!
E, em carreira veloz, pelo areal ardente,
Seu cavalo lançou!

Conta depois qual é o seu poderio enorme, como grande e primeira sultana, que é; e, ao terminar da história, vae a retirar-se, aconselhando Padilla a que faça o mêsmo.

Êste, porêm,

— Amas Boabdil? — lhe perguntou sombrio.
— Não! — respondeu a moira — o seu carinho é frio,
Como a neve polar.
— As moiras são de fôgo, e teem fôgo nos olhos;
O monarca é senil; digo-te sem refolhos,
Que o não posso amar.

— Então minha serás, embora a nobre espada,
Que herdei de meus avós, eu deixe deshonrada
Sôbre o solo andaluz.
Entrego-t'a... ahi a tens; somente é tua agora.
Serás minha, mulher, feita da luz da aurora,
Juro-o sôbre uma cruz.

E convida-a a abandonar o harem, e a prometêr-lhe que será sua mulher, indo encontrar-se com êle, em dada ocasião, passados alguns dias.

E Lindaraxa responde loucamente:

— Irei! E como oferta ao Deus da christandade,
Comigo levarei a *rúbida cidade,*
Essa Alhambra infiel!
Boabdil caiu! ha-de entregar Granada,
Sem um tiro se ouvir, sem um golpe de espada.
Bôa noite, anadel!

E afastou-se a corrêr; dir-se-ia uma gazela,
Fugindo num paul. Já quase mal se via;
Sôbre o ceu andaluz sumiu-se a última estrela,
Cantavam rouxinoes, vinha raiando o dia!

E com mágua do leitôr, que sabe sentir e vêr, acaba aqui a terceira parte, que só peca pela estreitêza do âmbito, e não pela execução primorosa, que se nos afigura a mais sentida e poética de tôdo o livro.

A alma de Pereira da Cunha, ao colorir das estrofes aveludadas e quentes, de que destacamos alguns matizes scintilantes, estêve inteiramente aberta ás emanações do belo, êsse fluido inenarravel, que é a suprema inspiração dos artistas de génio.

VI

Chama-se à *Sultana Infiel* o quarto canto, cujo argumento encerra a scena capital entre Lindaraxa e Boabdil, que a procurava já anciôso e tôrvo, á hora da entrevista; e acaba pelos projectos da fuga, que a infiel concebêra, ao votar-se a Padilla.

Depôis de passar em revista o passado e o presente, com palavras de amargura, exclama o desgraçado sultão:

> Lindaraxa, onde estás? onde te escondes, filha?
> As trevas vão passando, a aurora chega, e brilha
> Com suavíssima luz!
> Há quanto tempo aqui te espero, e te procuro,
> Debalde, nos salões, no *Alberca* triste e escuro,
> E no ceu andaluz!
>
> Onde jazes, querida? Acaso me atraiçôas,
> Moira infiel, que estimo e adoro mais que as c'roas
> E que o scetro real?
> Se assim fôr, ámanhã, nêste marmóreo solo,
> Rolará, decepado, o teu formoso colo,
> Aos golpes de um punhal.

Abre-se porta misteriosa, e Lindaraxa entra deslumbrante de belêza e de inimitavel fingimento. O

sultão ameaça, troveja e ouve vacilante as queixas e as desculpas artificiosas daquela feiticeira mulher; e acaba por enternecêr-se, e pedir-lhe perdão.

Boabdil tremeu. Era escusado tanto.
Contra o peito a estreitou, bebeu sôfrego o pranto
Dessa mulher gentil.
— Adoro mais que nunca o teu formôso busto —
Exclamou — como a rosa o orvalho e como o arbusto
As virações de abril.

Tudo estava consumado. Lindaraxa, astuciosa e bela sultana, ia cumprir o que prometêra, entregando a Alhambra sem pelêja, por traição própria; e convencia o rei a que, dias depôis, fôsse entregar as chaves ao acampamento christão, pâra... que pérfida! pâra *ir vivêr com ela* em sítio retirado, onde ambos só gozassem as delícias do amôr, num encantamento de mútua felicidade!

— Quem me dera, senhôr, que só p'ra mim vivesseis,
Que os cuidados da côrte e as luctas esquecesseis,
Um momento sequer!
Assusta-me o canhão, que estoira pelos ares,
Afflige-me o estridôr dos brados militares...
Sou fraca... sou mulher!
....
— Venceste, Lindaraxa! As aves de rapina
Cortarão com seu vôo a pálida bonina,
Nascida em teu jardim.
Prepara o teu bragal, as joias arrecada;
Anda comigo, vem, mulher idolatrada!
Sou teu, somente, emfim!

A treda entretanto ia preparar o bragal e reunir as suas joias e tezoiros pâra uma cruel palinódia, pâra desamparar o desventurado, a quem nada restaria brevemente, nem guarida, nem mulher.

E, ao sair dos seus aposentos doirados, dizia a seductôra e seduzida amada de Cesar de Padilla:

—Fica-te em paz, Alhambra, ó *rúbida cidade!*
Exclamou—Levo o amôr, mâs deixo-te a saudade
De um tempo, que passou.
E comprimindo o seio, ardente qual cratera,
Uma lágrima, então, e essa talvez sincera,
Nos olhos lhe brilhou.

E com isto acaba êste dificil retalho do poema, o qual se póde considerar pelo assunto a sombra necessária ao tracejamento da luz, tambem circunscrito a estreitos limites, como a parte antecedente, mâs por egual fiel e característico na sua relatividade com o mêsmo assunto, que é mais elevado e menos poético.

*
* *

Passemos ao seguinte quadro — *Fernando e Izabel* — que titulam o quinto e penúltimo canto.

Amanhece o dia seguinte, primeiro de janeiro, dia de ano bom. Estabeléce-se o scenário no acampamento dos reis católicos; dão-se uns traços vigorosos do tíbio carácter do rei Fernando e da enérgica atitude de Izabel, a quem principalmente se devem os assinalados impulsos de guerras e conquistas.

Falam ambos do demorado cêrco de Granada, que se não rendia, e do relaxamento da soldadêsca, que se entregava não aos labôres da campanha mâs aos amôres das mulheres mauritanas.

A certo ponto da conversa, a rainha exclama:

— Mâs dizei-me, Fernando: então nossos soldados
Andam soltando, á noite, os cantos namorados
A's jovens infieis?
— Peor, muito peor; saltam da Alhambra os muros,
E vão bebêr o amôr nos olhos seus escuros...
Soldados e anadeis.

« E' certo, espôsa minha, é certo, infelizmente!
Ainda, a noite passada, um bravo adolescente,
Leal entre os leaes,

Dormiu fóra da tenda. A punição o aguarda.
Foi Cesar de Padilla, o capitão da guarda
Dos anadeis reaes.

Izabel defende o grande valôr do ousado mancêbo, tenta desculpal-o perante o marido, e não acredita no que ouve, porque o passado de D. Cesar é uma brilhante prova de fidelidade e honra.

— Oh! quem m'o dera aqui! — exclama por fim.

— Um fidalgo hespanhol, quando a rainha o chama,
Levanta-se da mêsa, ou ergue-se da cama,
Empunha a espada, e vem »
Disse o joven Padilha, entrando nêste instante,
E curvando a cabêça, em mesura galante,
De cortezão, tambem.

E confessa lealmente os seus amôres, e protesta por êles, por êsses amôres, que são tôda a sua vida presente, promete, e jura que há-de trazêr a Alhambra, sem trabalho, nem batalha, ao podêr dos reis católicos.

Êstes não crêem no que ouvem.

— Pois bem — disse o anadel — uma proposta! ouvi-a:
Se essa Alhambra infiel vossa não fôr no dia,
Em que vos falei já,
Um cadafalso erguei, morte, que tanto humilha!
E um fidalgo hespanhol, sim, o último Padilla
Nêle sucumbirá.

Se porêm cumprir o prometido, se a *Cidade Vermêlha* vier ao podêr hespanhol, segundo êle afirma, a môira será sua mulher, e os reis católicos padrinhos da bôda.

— Por Deus! — disse Izabel — sendo assim, tua espôsa
Lindaraxa será, e noiva tão formosa
Levarei ao altar;
E finda a cerimónia, e em minha côrte entrando,
Grandes honras tereis, ficar-vos-eis chamando
Marquesês de Gueltar. »

— Cumprirei! — disse o môço; e saiu respeitôso
Do pavilhão real, levando estranho gôso
No rôsto juvenil.
Um momento depois... sucesso extraordinário!
Junto á porta assomou da tenda um emissário
Do rei Boabdil!

Triunfavam as promessas do anadel e a suprema perfídia da bela Lindaraxa.

Boabdil escrevia a requerêr a paz, e a capitular, pedindo indulgência pâra as relíquias dos seus antepassados e pâra os vencidos guerreiros do Islan.

A missiva pungente entristeceu o coração de Izabel.

Quando acabou de lêr, a piedosa rainha
Levantou pâra o céu os olhos, onde tinha
O pranto a borbulhar;
Depois ajoelhou; o rei seguiu-lhe o exemplo;
E a tenda transformou-se em solitário templo,
Tendo a cruz por altar.

A alma christianíssima do imaginôso e suave poeta chorou tambem, e tôda se povoou de sentimentos piedosos, ao desprendêr de si os lineamentos desta scena de tão pujante e desencontrado colorido.

*

* *

Absorvidos e fascinados por uma leitura constante, rendilhada e ardente como a *Cidade Vermêlha*, chegamos finalmente ao têrmo tão pouco almejado, á *Conclusão,* que assim se chama modestamente o sêxto e último canto.

E' tão curta como estonteante a descrição da marcha triunfal dos vencedôres.

Amanheceu o dia 6 de janeiro, dia da obediência dos magos de Bethlem; e a marcha de novos magos se percebe a distância, e vem ao encontro do régio

cortêjo, que se dirige fremitôso pâra o sítio conquistado.

Dom Fernando, Izabel, a côrte e os prelados
De Tolêdo e Sevilha, Agila e Calaôr
Avançam sôbre a Alhambra, e cânticos sagrados
Rebôam pelo espaço ao Christo vencedôr.

Dos prêsos hespanhoes, apanhados nas refregas, dá-se esta hercúlea e trovejante ideia, em simples quatro versos:

Cativos hespanhoes revolvem-se no estrado
Das masmorras, soltando um grito triunfal,
Setecentos leões, que um caçadôr ousado
Largo tempo encerrara em jaula colossal.

Pâra o magno triunfo, pâra a comemoraçâo de tão memorando dia, era precisa tôda a reverência de um grande passado.

E eil-a expressa tambem numa só quadra:

A luta finda está, a luta heroica e longa,
Entre o falso Profeta e o verdadeiro Deus;
E o espectro de Pelaio, em pé no Covadonga,
Bate as palmas, e diz: — Vencêstes, netos meus! »

Que valente, conceituosa e palpitante concisão!

E digam-nos que o escrevêr dêste modo não denuncia a palhêta de um assinalado artista e o cantar de um grande poeta?!

O portadôr da carta, endereçada aos reis católicos fôra o próprio filho do môiro de Granada; e, como ficara de refem ao cumprimento do que no escrito se dizia, acompanhava o triunfante préstito, desfazendo-se em lágrimas.

A rainha consolou-o, e abraçou-o. D'ahi a pouco parava a cortêjo diante de Boabdil, que vinha seguido de sua côrte entregar as chaves aos vencedôres, e que

um tanto curvado ao pêso da sua dôr, como no conhecido quadro de Padilla se vê em côres fieis e scintilantes, parou o seu cavalo, e intervaladamente, entre soluços, começou a falar desta maneira:

— Somos vossos, senhôr. Entrae, rei invencivel!
Eis da *rubra cidade* a chave e os corucheus.
Sê feliz, dom Fernando! A luta era impossivel
Entre a cruz e o crescente. Ó minha Alhambra, adeus!

E nessa apóstrofe magnífica á sua triste sorte, e numa invocação a Alah, termina o acto da sua rendição, e afasta-se, limpando as lágrimas á manga do albornoz.

Entretanto sôam as exclamações e os cânticos sagrados, e a cruz ergue-se ovante nos mais elevados corucheus da Alhambra.

A rainha depois começa a distribuir mercês a fidalgos e guerreiros.

Nisto abre-se uma porta subitamente, e D. Cesar de Padilla, trajando de grande gala, aparece conduzindo pela mão uma gentil mulher; acerca-se do doirado sólio, e ajoelha deante dos monarcas, recordando-lhes que aquêle era o dia seis de janeiro.

— Izabel de Castella, a Alhambra é conquistada!
Não vos menti, senhôra, e o voto meu cumpri.
Agora vós, rainha. A promessa é sagrada.
Lindaraxa aqui está: minha esposa eil-a aqui. »

— Como é formosa! — disse Izabel, contemplando
o vulto escultural da juvenil christã. —
Cumprirei a promessa. Ao templo, rei Fernando.
Marquêses de Gueltar, a boda é amanhã. »

Entretanto, no extremo serro do Padul, soltando largo suspiro, e trovejando altisonantes pragas e maldições, desenhava-se o perfil indignado de um cavaleiro mouro.

Era Boabdil, o último Abencerragem!
Ashavero, encetando o eterno caminhar!
Era o traído amante, era a sombria imagem
De um pôvo, que passou, pâra não mais voltar!

Sobêrbo e ao mêsmo tempo deliciôso!
Pois não é?
Bôa razão tinha o malogrado Pereira da Cunha, quando nos escrevia que a construção do seu poêma fôra cimentada com amôr!

VII

Um distincto publicista, correligionário e amigo seu, o falecido escritôr Manoel Barradas, ao noticiar o livro afirmou, numa das páginas do *Occidente,* que D. Cesar de Padilla, o ardente e apaixonado anadel, única personagem fabulosa do poema, era o próprio poeta.

Êste dizer é uma nota afirmativa de excelente observação psicológica.

Sim, é a verdade.

Pereira da Cunha, mergulhando-se inteiro na história do passado, num período de extremada fé, em que da religião, da espada e do amôr se formavam heroes e epopêas, encarnou-se no anadel hespanhol, com as tendências da sua alma, com o seu culto e respeito pelas tradições fidalgas, com a ardência fulgurante do seu coração de poeta... poeta.

Como muita gente, que não crê nos apregoados sentimentos niveladôres da actualidade, o nobre artista, alcíone branquejante de imaculados vôos, refugiou-se no passado, pâra não ouvir os guinchos da mascarada social, entre que era obrigado a vivêr.

E morrêu no vigôr da existência, quando os filhos, tão necessitados ainda do seu agasalho, lhe chilreavam em tôrno, e quando a robustêz do seu talento começa-

va a expandir-se, a bracejar frondosamente, pâra glória sua e dos seus conterrâneos.

Brutalidades do destino, como esta, fazem-n'os crente de que no estreito âmbito de uma sepultura não findam os destinos do homem, seja qual fôr o átomo, em que êles se reproduzam.

Em verdade, apraz-nos pensar, como os espiritualistas, em que a vida presente é apenas a transição pâra um mundo melhor.

Agrada-nos, consola-nos até o julgar, quando contemplamos o céu estrelado, que os milhões de luzeiros alumiadôres do nosso scismar são os espiritos fulgurantes dos inteligentes, que fôram bons.

Pereira da Cunha, que não conheceu os gabos públicos, que fêz imprimir os seus poemas em pobres edições numa tipografia provinciana, que não conseguiu divulgal-os, que não ouviu o eco do seu nome na tuba tantas vêzes mentirosa da fama, não morreu comtudo.

Um bom livro é superiòr á vida de um homem, apraz-nos crêl-o, e repetil-o.

Como escritôr vernáculo, sobrenadando á tona da enxurrada gongórica e estranjeirada, em que se baralham as lêtras hodiernas; como literato discordante dessa ignara geringonça; e como poeta de bom cunho e de pujante memória, ha-de perdurar nos cantos luminosos, inspirados e finalmente poéticos da *Cidade Vermêlha.*

E' monumento, que a indiferênça bestial das turbas não derruirá, e que basta por si só pâra a glória de um homem.

José Maria Corrêa de Frias

Foi um jornalista de raro critério e um patriota dos que, melhor e mais dignamente, bem merecem a gratidão da pátria; foi, por cima de tudo isso, que é muitíssimo, um homem, como trabalhadôr emérito, de elevada probidade e requintada modéstia, que é mais ainda.

Ausente do solo nativo e embora despremiado, nunca, da alma saudosa se lhe riscou a lembrança dos primeiros anos da sua infância.

José Maria Corrêa de Frias, nascido a 2 de novembro de 1828, em Lisbôa, era filho de Antonio Corrêa de Frias e de D. Cecilia Terêza do Vale, oriundos do concêlho de Arganil, pâra além do Alva.

Seu pae, militar veterenário, cuja carta fôra ainda passada pela *Casa dos Vinte e Quatro,* fêz a campanha peninsular, chegando a entrar em França com o exército anglo-luso; e mais tarde, depois da sua baixa, desejôso de tentar melhor fortuna, embarcou pâra o Maranhão, levando a família, em que entrava o pequeno José com os seus 14 anos de edade.

O rapaz fêz-se homem, labutou no comércio, sustentou os paes emquanto vivos, leu, estudou, foi medianamente felíz nas emprêsas, que fundou, seduzindo-o por fim aquela, onde predominava a lêtra redonda.

Já casado e pae de duas creanças, estabeleceu uma tipografia, em que de comêço foi o principal compositôr, e em que se distinguiu, ávido sempre das bôas notícias e glórias da pátria, que, verdade verdade, mal chegou a conhecêr, querido dos seus compatriotas, membro activo das associações portuguêsas, que, em terras do Brasil, são monumentos de grande amôr nativo, com que nenhum pôvo colonial rivalizou ainda.

A emprêsa tipográfica progrediu e aperfeiçoou-se, como demonstrou cabalmente, em 1866, na exposição industrial do Rio de Janeiro, onde os seus trabalhos fôram premiados.

Impelido pelo cultivo das lêtras, Corrêa de Frias, três anos depois, agregou ao seu modo de vida a fundação de um jornal, o *Diário do Maranhão,* orgão do comércio, lavoura e indústria, de que foi sempre directôr e proprietário; isto em 1869, época, em que o jornalismo era ainda cometimento difícil e arriscado.

A sua qualidade de estranjeiro não o traiu nunca; os bicos da sua penna não se exercitaram nunca em pugnas políticas, a que sempre se conservou estranho por tendência e propósito.

A seriedade dos negócios da sua modesta indústria e as doutrinas ordeiras e sensatas do seu diário crearam em volta do prudente e honrado jornalista, uma atmosfera de simpatia geral. Os nacionaes louvavam-lhe o préstimo e a probidade; e os seus compatriotas acompanhavam-no espontâneamente no generôso impulso de sêr util aos que dêle se acercavam patrioticamente.

Era preciso, a exemplo das colónias congéneres das outras províncias brasileiras, fundar na capital do

Maranhão, um hospital português, que fôsse amparo e sanatório de enfêrmos.

Pelo exemplo, pela palavra e pela penna, Corrêa de Frias, como membro eminente da *Sociedade Humanitária Primeiro de Dezembro,* tornou-se apóstolo intransigente dessa grande ideia; e com a sua tenacidade pouco vulgar, com a sua diligência inquebrantavel, com o seu acendrado patriotismo e bondade inata, desfazia atritos julgados insuperaveis; lidou, pediu, trabalhou assiduamente, e logrou por fim a plena realidade do seu ideal, vendo pompear, segundo o seu risco e administração, o vulto imponente do formôso edifício, que era um marco miliário, a mais, nos fastos notaveis da colónia portuguêsa em terras do Brasil.

Em seguida á creação do seu jornal, poucos mesês depois, a 31 de outubro de 1869, aniversário natalício de el-rei de Portugal, ocorreu a inauguração do hospital, em meio de regosijo e festas, pode dizêr-se, consagradas especialmente ao movel principal do facto assinalado, que se celebrava.

Lavrado o respectivo auto, os colegas de Corrêa de Frias na direcção da Sociedade Humanitária fôram, como lhes competia, os primeiros a assinal-o, seguindo-se tôdas as pessôas presentes.

Aquêle modesto e benemérito homem escusou-se a antepôr a sua assinatura á de qualquer das personagens inscritas, e só registou o seu nome em último lugar!

Levado em triunfo á sala de honra, uma comissão de patriotas, tendo á frente o consul português, descerrou-lhe o retrato, que ali fôra colocado de antemão, afirmando, como reza a crónica impressa dessa festa, que aquêle acto se praticava — «como prova de alto aprêço, em que eram tidos os serviços perseverantes, zelosa e inteligente administração, que êsse benemérito directôr havia desenvolvido nos trabalhos da cons-

trução do edifício, que se lhe devia incontestavelmente, avultando o curto período dos serviços e a sua economia».

O ilustre jornalista exultou de contentamento; não pelas homenagens, que lhe eram devidas e prestadas, mâs pela realização plena do seu arrojado empenho; e, como prova da sua íntima alegria, juntou á sua obra meritória mais um feito humanitário, êle, que estava longe de sêr abastado, e què portanto se prejudicava, dando alforria ao único escravo, que possuia.

Se mais não houvera, bastava êste acto pâra lhe definir o carácter.

Apesar de tudo, nunca nenhum dos governantes portuguêses, tão pródigos em dádivas honoríficas, lobrigou os serviços e merecimentos dêsse homem, que até morrêr, se enobreceu por suas virtudes humanitárias e acendrado amôr pátrio.

E' que as estatísticas e recomendações consulares, como não se tratava de um nababo ostentôso, ou de um argentário de poucas lêtras e muito cabedal, fôram mudas a respeito de Corrêa de Frias, que não solicitava benesses, nem adulava potentados.

*

* *

Passado um largo período de anos, começando a desdobrar-se o *Diário do Maranhão* sôbre as mêsas de leitura do *Gremio Literário Português*, do Pará, ao qual presidíamos, entrámos a notar o nome do citado jornalista, seu directôr; e pelos apelidos de família Corrêa de Frias foi-nos facil suspeitar que se tratava de um parente nosso.

Continuando a vêr o seu nome mencionado, a propósito dos festêjos patrióticos ou de outros assuntos da cidade maranhense, escrevemos-lhe a sabêr da sua identidade; e recebemos em resposta amplos esclare-

cimentos com demonstrações de muito regosijo, pois que o seu pae era irmão do nosso avô paterno Joaquim José de Frias, casado com D. Caetana Maria de S. Bernardo, nascida em Sahil, concêlho de Arganil.

Corrêa de Frias, que, ao lêr o nosso nome em jornaes paraenses, tambem tinha suspeitas eguaes ás nossas, era nosso primo em segundo grau.

Datam dessa aproximação espiritual e de parentêsco as nossas relações.

Ao falarmos da pátria, escrevia-nos êle que ardia de impaciência, havia muito, por visitar Portugal, donde saíra aos 14 anos: que se sentia já cansado, e não queria morrêr, sem avistar, embora de fugida, o *ninho seu paterno;* e que, ao realizar a viagem, faria escala pelo Pará, afim de nos conhecêr pessoalmente.

Disse-o, e cumpriu. Ahi por 1878, ao aceitar a nossa hospedagem, abraçávamo-nos com perfeita cordialidade, como que se de longa data convivêssemos paternalmente.

Homem de mediana estatura, porte erecto, barba cerrada avançadamente grisalha, e levemente apartada no queixo, faces um tanto angulosas, testa muito espaçosa e olhar incisivo, denunciando, apesar disso, calma e sensivel reflexo de bondade nativa.

No mais... espírito chão, palavra facil, raciocínio ponderôso, ideaes de progresso e paz universaes.

Quanto a nós, ainda agora, estamos a lêr numa carta o seu juizo — espírito culto, gónio batalhadôr, impetuôso até á exaltação, alma...

E mais não podemos dizêr, por demasiadamente elogiôso.

Quando nos despedimos, a bordo do transatlântico, que ia leval-o á Europa, fizémol-o comovidamente, como de irmão pâra irmão, apesar da nossa diferênça de edade.

Dahi a dois anos, regressávamos nós á pátria, en-

fêrmo e anciôso; êle escrevia-nos do Maranhão, felicitando-nos e aos dois entes queridos, que nos acompanhavam, um dos quaes só hôje vemos pelos olhos da nossa lutuosa e viuva saudade; e referia-se com muitos gabos ao pouco tempo, que lhe fôra dado gosar no solo amado, onde nos achávamos.

Em 1882, acometeu-o a terrivel doença do *béribéri*.

Obrigado a sair da cidade, por imposição médica, lançou mão dos modestos recursos, de que dispunha, e comprou, a uma légua de distância, uma pequena propriedade rústica, ou quinta, a que lá se chama *sítio* e noutras partes brasílicas *chácara* ou *rocinha*, donde vinha ao estabelecimento, pouco depois, quase quotidianamente.

A 12 de setembro, escrevia-nos êle:

— Como lhe disse, resido no campo, e sinto-me bem dos meus sofrimentos. A cidade não me quere; á terceira tentativa pâra lá me demorar alguns dias, desisti por me sentir mal. Os ares puros do sítio, a liberdade, em que estou, bons banhos, cultivo de flôres, colheita de fructos e o espírito isento de contrariedades, que, na minha ocupação, especialmente, surgem a cada passo — são o médico e a botica dos meus males. »

Ao nosso convite pâra nova digressão á pátria, dizia-nos ainda:

— Que prazêr não teria eu em aceitar o seu oferecimento! que dias agradaveis passaríamos juntos em excursão pelos arredôres do seu querido Pombeiro! Dois entes patriotas, amantes e admiradôres da nossa terra e da nossa gente, da... que passou, bem entendido, podíamos, sem testemunhas, que nos forçassem a disfarce, carpir a venalidade e molèza da geração actual, peor, mil vêzes peor do que a do tempo, que se seguiu á catástrofe de Alcácer-Kibir. Mâs... está escrito, como dizem os *crentes*, que...

aqui darei a ossada, sem arredar pé do solo brasílico.»

Estas linhas, em que mais uma vêz se afirma a alma afectiva do grande pátriota, resumam pesado desalento.

Corrêa de Frias nunca lograra alcançar largos réditos, que lhe permitissem estada longa fóra da sua labutação.

*

* *

Fôssem porêm quaes fôssem as vicissitudes da sua afadigada vida, a fibra patriótica vibrava sempre nos recessos do seu coração, com viva intensidade.

Referindo-se ao ultimato inglês e á naturalização, a que estavam sujeitos os estranjeiros, que no Brasil, não fizessem declarações categóricas, dizia-nos êle em 11 de março de 1890:

— Magoou-me profundamente o procedimento da Inglaterra pàra comnôsco, porque o sentimento patriótico em mim não afrouxa com os anos. Nêste ponto, penso hôje como pensava na mocidade.

«Pâra lastimar é tambem que grande parte dos nossos compatriotas se deixe cobrir pela lei da grande naturalização. Como sabe, moro fóra da cidade, e nem sempre posso ir aonde quero. Foi por isso que só a 13 de fevereiro me apresentei na municipalidade pâra fazêr a minha declaração.

«Que decepção me esperava! O livro estava em branco! Era, e fui eu o primeiro português inscrito!»

Esta nota é a corôa suprema da sua obra de verdadeiro patriota.

*

* *

Ao decaimento físico de Corrêa de Frias, no corrêr dos anos, sucedeu doênça moral de gravíssimas consequências.

A morte do filho Sizinio, seu braço direito no fervôr da labutação, e a sua viuvêz, ocorrida, depois de uma convivência tranquila de 34 anos, a 16 de maio de 1891, deram-lhe um abalo, de que facilmente se poderá fazêr ideia aproximada.

Dos afectos internos, seguro esteio da sua acidentada velhice, restava-lhe apenas a filha, a sua amada e extremosa Sirena, que, a 29 de janeiro de 1903, lhe havia de cerrar os olhos, a triste orfanada, ao recebêr-lhe o último suspiro.

O funeral de Corrêa de Frias foi manifestação pouco vista.

A' notícia do seu falecimento, seguido dias depois de exéquias especiaes, fecharam numerosos estabelecimentos comerciaes e de indústria, oficinas tipográficas e outras, basteando as suas bandeiras lutuosamente o consulado português, Associação Comercial, a Sociedade Humanitária, o Hospital Português, o Gremio aduaneiro e comercial, a Sociedade Caritativa da infância e as emprêsas dos jornaes da localidade.

Ao lado destas corporações, enfileiraram-se no préstito funerário, representantes de diversas entidades, o governadôr do estado, o presidente do município, autoridade militar, um membro do senado, funcionários públicos, delegados das classes artísticas, das oficinas e da imprensa local, e alguns da estranjeira e provincial.

No cemitério fôram calorosos os discursos, exaltando a memória do jornalista conscienciôso e severo e do homem de bem laboriôso, instruido e geralmente venerado; e entre as visitas de pêzames, feitas á desolada filha do môrto, notou-se a da primeira autoridade eclesiástica, a do prelado diocesano.

Ao excelente patriota, como se vê, fôram prestadas, em país estranho, honras de patrício ilustre.

*

* *

*

A sua obra literária resume-se na larga serie do *Diário do Maranhão,* que ainda hôje se publica, e conta 38 anos de existência; e na *Memória tipográfica maranhense,* de que se serviram pâra trabalhos posteriôres o doutôr Cesar Augusto Marques e Joaquim Serra, escritôres brasileiros; o que já foi notado no volume XIII do *Dicionário Bibliográfico*, onde, por engano, se poz a Corrêa de Frias o sinal de nacionalidade, que não tinha.

O Maranhão lembrar-se-á por larguíssimo espaço do patriota despremiado, que deixou as marcas da sua vitalidade na frontaria magnífica do hospital português; e nós, registando aqui o seu nome, tornâmonos eco saudôso da pátria de outras eras... da pátria agradecida.

D. Thomaz de Mello

Devemos uma sentida lágrima á memória, tão simpática como inolvidavel, de D. Thomaz José Fletcher de Mello Homem, fidalgo de origem, como filho do tenente general D. Antonio José de Mello Homem, que procedia da familia dos condes de Murça, e de sua mulher D. Constança Fletcher, senhôra de nacionalidade inglêsa.

Conhecido a princípio, na sua juventude, pelo Thomaz Fletcher, e mais tarde, até ao fim da vida, pelo D. Thomaz de Mello, foi na sua mocidade e até na edade viril, ao tratar-se de cavalos e toiros, actrizes e cantôras, viajatas e ceias espaventosas, incidentes amorosos e expedientes de estroina, rixas e rivalidades, precalços de vida airada e esbanjamentos do seu património, representado em propriedades da Moita, donde era natural — um vulto emérito, cuja fama têve um eco prolongado, como out'rora os alcançaram os fidalgos de maior nomeada.

Da estúrdia antiga, que os modernos janotas, ou estoiradinhos, pretendem imitar, desengonçada e su-

jamente, apenas na convivência com cocheiros avinhados e madragôas adjacentes, qualificativo, que no nosso lugarêjo pátrio, no cantinho da Beira, se aplica, quando há referência a rameiras — D. Thomaz de Mello, era um vigorôso rebentão, exemplar do mais alto quilate, a maior e melhor personalidade bohémia, entre tôdas as que chegámos a conhecêr.

Apesar do nosso conhecimento se têr realizado, apenas, já no declinar da vida, quando a sua gigântea estatura moral e física se confrangia nos desalentos de uma existência atribulada por várias privações, enfermidades e velhice, D. Thomaz ainda nos deu de si amplo retrato, larga cópia do que fôra nos tempos agitados e diversos da sua desordenada, barulhenta e aventurosa estroinice.

Descuidado, alegre, mentirôso, umas vêzes, verdadeiro até ás lágrimas noutras; emprehendedôr e leviano, sentimental e voluvel, sonhadôr e romântico, milionário num dia, pobre e esfomeado noutro; trabalhadôr e mandrião, estroina e poeta, devasso e pundonorôso — D. Thomaz de Mello não tinha similar nos contrastes, que lhe formavam o carácter boníssimo e caritativo, alumiado por uma alma ingénua e verdadeiramente fidalga.

Ninguem se despia, com maior desprendimento, com melhor vontade das próprias roupas pâra aquecêr a miséria do que êle; ninguem o vencia em rasgos de generosidade; ninguem urdia uma patranha com mais azo e serenidade, nem pregava uma peça com maior desplante, nem inventava um expediente pâra lances apertados, em menos tempo; nem mentia com mais descaro, nem louvava com tamanha sinceridade, nem doidejava com maior convencimento de que seguia caminho direito e ajuizado.

Um tipo exemplaríssimo e inconfundivel, único no seu género; velharia estroina, com tôdas as virtudes e defeitos, galas e pelintrice da mocidade.

Como luminares e companheiros de funda decadência, literatos de poucas ou nenhumas lêtras, rapazotes aspirantes ás glórias do Parnaso, jornalistas sem jornaes, artistas sem arte, actrizes sem teatro, empregados sem emprêgo, gente anónima de uma reputação incerta ou duvidosa — eram de ordinário os mais numerosos e assíduos frequentadôres da sua moradia da Calçada do Garcia, n.º 4 cuja ornamentação orçava pelos destempêros e diversidade das personagens, que lá penetravam.

O compartimento da entrada era ao mêsmo tempo sala de visitas, centro de conferências várias, gabinête de palestra e literatices, depósito do material de cartazes, cujo privilégio de afixação alcançara, e ás vêzes casa de jantar.

O tecto apresentava o aspecto garrido e multicôr da pintura anachrónica de uma barraca de feira; era uma extravagância cosmorâmica de efeito picarêsco; uma das três janelas, que davam pâra a travessa de S. Domingos, estava convertida em gaiola de rôlas, aves muito da predileção do seu dono, dêsde a mocidade; e as parêdes eram ornamentadas, á imagem e similhança do originalíssimo tecto.

Uma comprida e larga mêsa, velha e poeirenta, condizendo com o intervalo entre duas janelas, exercia as funções de jardineira, bufète e escrivaninha; duas cadeiras mancas e inclassificaveis, além da que ocupava o dono da casa, e uns bancos de correspondente feitio e valôr constituiam o resto do mobiliário, que, á exceção da mêsa e cadeira presidencial, nunca tinham poiso certo, evolucionando á mercê dos acontecimentos e dos visitantes.

Naquêle areópago poeirento e algo carunchôso, onde se declamavam versos, tiradas demosthénicas, lances dramáticos, chrónicas de amôres e de casos ruidosos ou amenos; e se forjavam tintas garridas de polichromia cartazeira — foi que, por incumbência

dêste género anunciativo, devida a um amigo nosso, tomámos conhecimento, em 1894, com êsse venerando levita da liturgia bohémia.

O aparecimento da nossa pessôa, cujo nome lhe era conhecido por literatices várias, espécie mal aventurada, de que êle era muito enfermiço, foi festivamente celebrado pela arrastada figura de D. Thomaz de Mello, um tanto obeso, ventre descaído, bela cabêça, ainda menos mal povoada de cabêlos ondeados mais brancos do que grisalhos, testa ampla, rôsto carnudo, enfeitado de pêra aberta e bigode de pontas pendentes, olhos vivos, tôdo distincto e aprazivel.

Pelo andar do tempo, estabelecida uma sincera e amigavel ligação, fomos convidado pâra leitura de inéditos nossos, de modo irresistivel; e acabávamos sempre por convertêr D. Thomaz de Mello á nossa maneira de vêr e ortografar.

Admirava-se êle de que, na nossa qualidade de titular e costado fidalgo, fôssemos ovêlha fugida da sua grei, ligando mediana importância a raças cavalares, esperas de toiros, aventuras teatraes, cêias de botequins, convivência com mulheres de vida airada e frequência aos círculos da moda, onde se imitam as estranjeirices, imprópria do nosso clima e costumes, e há muitas recitações em francês, por meninas perliquitetes, que se pejam de lêtras portuguêsas, por as não saberem, com aplauso e gáudio dos seus dignos progenitôres.

Ao falar nas passadas aventuras, D. Thomaz tinha aparências de iluminado, fervia ainda de entusiasmo, ao lembrar-se dos seus tempos áureos, e desatava numa atraente cavaqueira a torrente narradôra da sua espaventosa chrónica.

Os vinte anos, especialmente, haviam sido de uma volubilidade e extravagâncias de verdadeiro doido.

Os seus projectos, nunca realizados, de negociar em quadros antigos, de valôr, comprados na raia de

Espanha; os lances ruinosos de uma desenfreada jogatina; a frequência ás casas de penhôres, ainda então clandestinas, onde a ladroeira agiota fazia que uma moeda da avaliação de qualquer objecto ficasse reduzida a 3$600; casas de onzena descarada, onde sobresaíam, como mais afamadas, as do Martins marreca, do Largo de S. Roque; a do Prado, chapeleiro do Rocio; a do Carvoeiro herbanário, da travessa de Santa Justa, e a do célebre José, confeiteiro da rua do Ouro, cuja escrituração de empréstimos e penhôres residia simplesmente na sua memória fenomenal, com capitaes e juros; e a conquista de uma mulher, realizada a toques de flauta — fôram as primeiras narrativas, que ouvimos a D. Thomaz, muito salpicadas de seriedade cómica, protestos de arrependimento, sinaes de contumácia e, não raro, de vislumbres significativos de uma profunda saudade.

A sua voz vibrava altísona, ou simplesmente irónica e comunicativa, conforme o assunto, màs sempre atraente e repleta de poética entonação.

Resumiremos, como caso arteiro e curiôso, o fisgamento da mulher, extraordinariamente devotada á flauta.

Era uma vizinha, que habitava casa fronteira á sua, uma deidade suspeitosa, cujas bôas graças D. Thomaz desejava muito alcançar, como outros o haviam feito, ao que se dizia á bôca pequena. Bilhêtes, cartas perfumadas, ditos e graciosidades nada serviam pâra a obtenção de uma entrevista.

Um dia, numa casa das suas relações, o domadôr de pôldros, acabando de dansar uma contradansa com a caprichosa dama, pediu-lhe emprestado por instantes um vistôso ramo de jasmins e anémonas, que ela ostentava sôbre o peito, pâra que, galante e apaixonadamente, lhe sorvêsse o perfume.

A uma grosseira recusa, sucederam estas palavras, alusivas á diversão predilecta de D. Thomaz, que nos

baixos da sua casa se entretinha com a manutenção e trato dos seus cavalos:

— Não, senhôr; não consinto. O meu ramo, ao voltar da sua mão, ficaria rescendendo a cavalariça!

Indignado, D. Thomaz deixou de falar á vizinha, não tornou a olhar-lhe pâra as janelas fronteiriças, e conservou as suas sempre de vidraças corridas.

Um dos seus entertenimentos começou então a sêr a audição de flauta, que um seu hóspede, o espanhol D. Ramires, vinha dedilhar magistralmente no seu gabinête particular.

Êsse sujeito, que era um bohémio estroina, jogadôr e vagabundo, e mais tarde figuraria com o seu hospedeiro numa excursão de saltimbancos, distinguia-se como músico deliciôso.

Um domingo, ao saír da missa da egreja das Dôres, a dama esquiva abeirou-se de D. Thomaz, a quem cumprimentou com tôda a afabilidade, deu largas á conversação, entremeada de sorrisos amaveis, e perguntou:

— Quem é que toca flauta em sua casa com uma correcção e mimo admiraveis?

— A não sêr a minha cozinheira, quem há-de sêr se não eu?

— Caspite! E' extraordinário! Não lhe conhecia essa bonita prenda. Os meus sinceros parabens!

Thomaz formou rapidamente um plano. A mulher, que o tinha escarnecido e insultado, declarando-lhe abertamente que êle cheirava a estrume cavalar, havia de rendêr-se aos sons dolentes do maravilhôso instrumento.

Pensado e feito.

No dia seguinte, armava-se o scenário, e rompia a peça: um biombo a meio do gabinête; por detrás dèle D. Ramires flautando; na frente, uma poltrona, onde D. Thomaz, levando uma flauta aos lábios, fingia tocar, de vidraça aberta, virado pâra a janela frontei-

riça da famosa vizinha, que nela se deliciava, de cotovêlos fincados no parapeito e olhos luzentes de comoção e enlêvo.

Um êxito completo. A praça capitulou, do melhor grado.

A êsse seguiram-se dias de variada exhibição musical, acontecendo, por vêzes, o falso executante da poltrona deixar de tocar, quando o outro continuava, ou tregeitar com os dêdos nos orifícios da flauta, quando o espanhol se calava, como aconteceu, de uma feita, ao adormecêr emborrachado.

A dama enfeitiçada, na sua contemplação absorvedôra, não dava por isso, tal era o encantamento, que a enlouquecia.

O epílogo consistiu em mandar-lhe D. Tomaz, depois de saciado, a sua flauta feita em bocados, afirmando que não podia seguir a carreira encetada, porque ia embarcar pâra a América; e a mulher apaixonada, ao cabo de quinze dias, ia chorar saudades nos braços de um aspirante de cavalaria, que lhe cheirava a rosas.

Entretanto, a aventura inspirou versos ao graciôso doidivanas, o pseudo-flautista, entre os quaes havia êstes de terna despedida:

> Última nota de minha harpa lúgubre,
> mulher, escuta-a nêste canto meu,
> sentido e triste, que, num chôro íntimo,
> mandar pretende quem por ti morreu!
>
> Dêsses teus olhos o reflexo mágico,
> a luz foi breve, que fugiu, passou;
> porêm a chama, que deixaram, férvida,
> alma, existência e coração queimou.

E vão lá fiar-se em certos e determinados poetas!

*

* *

Na visita periódica, pâra nós honrosa p instada, que dedicávamos a D. Thomaz de continuava êste a sua palestra narrativa, acoroç pelos nossos rogos, que, estimulando-lhe a memói..., pareciam consolal-o, dando ás agruras do presente o gôsto amargo, màs sempre grato, das recordações do passado.

Como em tela cosmorâmica, passaram deante de nós os mil projectos e casos da sua vida erradia de negociante, picadôr, engenheiro, poeta e literato; o desbaratamento do seu mobiliário e quadros, alguns Theniers, que fôram vendidos a D. José Salamanca, e figuram hôje no museu de Madrid, e uma magnífica tela, cedida ignorantemente a um emissário de el-rei D. Fernando, por meia duzia de libras, quando valia quantia superiôr a uma dezena de contos de reis, por sêr um original de Rubens, como mais tarde se descobriu; a tentativa do negócio de frangos e da casa de penhôres, de que êle e os seus amigos seriam naturalmente os primeiros freguêses; as scenas de jogatina ao *monte,* em que o azar de um sujeito, que chegou a empenhar o cavalo, que montava, e os dois cães, que o acompanharam, é assim descrito:

— Foi ás cartas de baixo contra as de cima; parou ao lado, á cruz; jogou dentro, e jogou de porta; foi ao braço, saltou, fêz cêrcos, pisou, pisou e não pisou; pediu córte, mudança de baralho; trocou o lugar, e por último, depois de tantos esforços, sem que o azar mudasse, uma só cartada levou-lhe os derradeiros pintos.»

Seguiram-se as emprêsas dos teatros das Variedades e Circo Price, as do Passeio Público, estas de parceria com Salvadôr Marques, onde o professôr de dansa, Justino Soares, chegou a exhibir-se em bailes com o trage de Luiz XVI; o projecto de uma *Ilustração* modêlo, a propagação dos kiosques, a agência *Memoralista,* estabelecida em 1876, no próprio escri-

tório da calçada do Garcia, onde, sôb o maior sigilo, qualquer indivíduo podia mandar fazêr a sua correspondência a 40 reis por carta; a estada no Pôrto, em que D. Thomaz, na rua do Cimo de Villa, esquina da praça da Batalha, estabeleceu o celebrado restaurante *Comboio*, onde as iguarias tinham nomenclatura bombástica; e a inauguração em Lisbôa da fábrica particular de sardinhas á *Rochefort*, conserva apreciavel, que deu que fazêr ao Martins, o abastado merceiro do Chiado.

— O' Martins, estou em maré de enriquecêr — dizia-lhe um dia D. Thomaz, com o entusiasmo e aparências de um verdadeiro crente. — Inventei o fabrico de umas deliciosas sardinhas, que vou anunciar, e de que o seu estabelecimento pode sêr depositário. E' negócio de grande futuro, meu amigo. Vou mandar-lhe algumas latas pâra experiência.

O negociante conveio nisso.

A primeira remessa têve prompta e óptima venda; á segunda e terceira aconteceu o mêsmo.

Jeronimo Martins, maravilhado e muito sabedôr do seu ofício, ao falar com o fabricante das sardinhas *á Rochefort*, disse-lhe:

— Homem, a especialidade é um tesoiro. Vendeu-se tudo.

— Ah! sim? Muito estimo.

— Mande mais; mande mais. Olhe lá.

— Diga, Martins.

— Tem muitas latas preparadas?

— Umas vinte caixas, pelo menos.

— Pois mande-as tôdas já; e tome lá o dinheiro.

O negócio fêz-se, mâs as sardinhas deixaram de têr saída!

O caso fôra um dos expedientes de D. Thomaz pâra fazêr dinheiro. Parecia um lôgro.

Os compradôres da mercadoria, nos primeiros dias eram mandados pelo fabricante, que obtêve bôa quan-

tia, fazendo rir, ao que parece, a própria víctima seu curiôso estratagêma!

Com certa demora, Martins não sofreu prejuizos, porque a conserva era realmente bôa.

Com mais seriedade e afinco, com presistência e método, com pautado regimen e regrada economia, D. Thomaz, com as faculdades creadôras e arrojada iniciativa, de que dispunha, podia têr lucrado somas enormes, vivido e morrido na abastança.

*

* *

O facto capital da sua mocidade, o ponto, que melhormente caracterisa a sua vida airada, é representado pela excursão na raia de Espanha, aos 20 anos, como empresário e companheiro de uma leva de pobres saltimbancos.

Acompanhado de Portugal pelo cavalo, que montava, e pelo cão *Mário*, pelo ainda garôto homem flauta, rapaz estrábico e microcéfalo, que dentre os dêdos da mão fechada arrancava belos sons musicaes, e pelo já conhecido flautista D. Ramires, músico andaluz e aventureiro, jogadôr e borracho, penetrava em Espanha por Olivença, resolvido a adquirir pâra complemento da companhia, alguns macacos e um realêjo, que êle tocaria, antes e depois de se apresentar como cavaleiro de alta escola.

A breve trêcho, por penúria, o cavalo foi vendido, por cento e tantos duros, e substituido por uma égua velha, que custou quinze, e por um garrano lasão, que mordia e couceava, comprado por dez.

O primeiro e único espectáculo musical, realizado em Olivénça, mal dera pâra despêzas, retirando-se o público pouco satisfeito, por falta de variedade.

Em Valvêrde, a companhia aumentou com uma velha, duas raparigas, uma pantera, um urso e uma

burrita, que conduzia a jaula da fera, que se dizia de Java.

A empresária e directôra dêste último agrupamento era a velha Mercêdes, mulher suja e de aspecto repugnante. Uma das filhas, chamada Pura, loira e um pouco sardenta, mâs fina de feições, lidava com o urso; a outra, a Natividade, rapariga de 22 annos, contraste de sua irmã, alta, delgada, olhos e cabêlos nêgros, descaídos em cachos, elegante e um tanto triste, trabalhava com a pantera, que tinha a ferocidade de uma ovêlha.

O teatro foi improvisado numa adêga.

O bando percorreu as ruas da povoação no sábado, véspera do primeiro espectáculo, depois de têr cortado e carimbado os bilhêtes; e D. Thomaz tratou de pintar um cartaz enorme, que anunciava o seguinte programa, em períodos muito espaçados:

Hallando-se de paso en este pueblo la celebre compañia MERCÊDES, *tenemos el honor de presentar al ilustrado publico de esta muy noble poblacion los asombrosos numeros de que se compone el* DIVERTISSEMENT.

1.º *Presentacion de la celebre y terribil* PANTHERA DE JAVA *por Dona Natividad, la hermosa hija de la distinguida empresaria.*

2.º *El terrible y inteligente* PEPE SOLIS, *gracioso orso de los mares glaciales dançará una corcoviana con la donairosa* PURA, *hija tambien de la empresaria.*

3.º *El celebre garrano* BOABDIL, *amestrado en alta escuela, exibirá los mas sorprendentes y maravillosos exercicios jamás vistos en todo el orbe terraqueo y maritimo.*

4.º *Y ultimo.* LA MARAVILLA DEL SIGLO. *Un dueto de flauta con una flauta apenas. El divino y encantator portuguesito D. H. F. do Nazareth, conocido en todo el mundo por lo* HUMANO-FLAUTA.

Entrada 2 reales. A las maravillas. A las maravillas. Entradas a medio precio para los niños y militares.

A representação burlêsca decorreu com bom êxito. D. Thomaz apresentou-se, cavalgando o garrano, no próprio palco, ao gritar-lhe: — *Boabdil a saludar la escogida sociedad de Valverde.*

O bucéfalo fêz um cumprimento, contou as horas, batendo com a pata, e foi descobrir um lenço escondido.

Que belêza! Chapeus atirados ao palco, palmas, gritos de ovação... um delírio!

Os episódios, que se seguiram, a volta de D. Thomaz a Portugal na companhia de Natividade, cujos amôres duraram até á sentida morte desta, e deixaram rasto luminôso na memória do ilustre bohémio — são páginas palpitantes de naturalismo, as quaes, depois da narração a nós feita, fôram pelo protagonista transportadas pâra livro, onde figuram impressas [1] e onde se lêem estas palavras:

— Tudo quanto se desprende do convencional e do vulgar vibra-me despropositadamente na alma, entusiasma-me, prende-me, fascina-me, e arrasta-me pâra o seu meio.»

Nêste singelo dizêr encerra-se um resumo autobiográfico de D. Thomaz de Mello.

A continuidade enfastiava-o, o pouco visto dava-lhe desvarios; a novidade encantava-o.

*

* *

Nos vários meios da vida, que tentou, podem contar-se trabalhos de escritôr.

---

[1] Bohémia Antiga

Literato de estilo ligeiro e pouco correcto era comtudo imaginôso, e traçou febrilmente, sôb os primeiros entusiasmos, que lhe eram peculiares ao começar qualquer emprêsa, no período da maior actividade, as três primeiras obras, dadas ao prelo num só ano, o de 1874.

Estas e as subsequentes são por sua ordem: *Modesta,* romance, 1874; *Scênas de Lisbôa,* em 2 volumes, 1874; *Conde de S. Luiz,* romance, 1874; *Memórias de um sapatinho,* 1885; *Albano ou A perseguição ás batotas,* poemêto, 1889, opúsculo em verso de 28 páginas; *A espera dos Toiros,* 1897, folhêto de 25 páginas, apologia dos cornúpetos desengaiolados, isto é, louvôr ao restabelecimento das *esperas,* toleradas pelo govêrno civil; *Bohémia Antiga,* 1897; *Recordando,* 1904; *O Nêgro de Alcântara,* poema lírico de 100 páginas, apenso ao *Recordando; Contos e Casos,* 1904, de colaboração com Oliveira Mascarenhas; e *Um discípulo de Kune,* comédia, não impressa, que não fez carreira no *Gimnásio,* por sua demasiada *frescura.*

Passemos uma ligeira revista crítica ás obras de D. Thomaz de Mello:

Modesta. — E' uma tragédia, delineada em anos de impulsos generosos e efervescência amatória, ao mêsmo tempo suave e sinistra, onde há êstes versos, atribuidos ao heroe:

Crava os olhos no ceu, visão esplêndida!
E dize-me se ahi se alcança alivio
A's dôres do vivêr. Mede as estrêlas:
E, se nêsses milhões de sóes se encontra
A dôce e branda paz, quero prendêr-me
Aos raios dêsse olhar, com que me falas,
E partir, e chegar a ignotos mundos.

A noite, como vês, morna e sombria,
Desceu aos loureiraes; as avesinhas,
Afeitas á soidão, já se recolhem
Por entre as ramas do copado arbusto.

Silêncio é tudo aqui; o mar ao longe
Desperta, como em nenia entristecida,
Os prainos do vale. Ai! como é belo
A ideia mergulhar nos mil poemas,
Que se perdem em notas melancólicas
Por entre o murmurar da brisa ténue
De aromas arroubada! Como é dôce
Suspirar... suspirar! sentir perdêr-se
A mente, que descae no brando efluvio
De um êxtase de amôr! Olha, Modesta:
O mundo pâra nós e a vida é esta.

Baixando os olhos languidos,
Porque désmaias, pomba?
A rosa, quando tomba,
E' porque vae morrêr;
E eu quero vêr-te em júbilo
Rosa da minha vida!
Ergue o teù rôsto, querida,
O' astro do amanhecêr.
. . . .
Por entre um veu de lágrimas
Desmaia-te o semblante;
Teu seio palpitante,
Em êxtase descae!
Fala, revive, aníma-te
Ama, que o amôr é vida!
Ergue o teu rôsto, querida!
Tudo nos diz: — Amae!

Pinheiro Chagas, ao prefaciar êste livro, escreveu: — A literatura de Thomaz de Mello não se resente em geral dos episódios da sua vida; os seus versos são muitas vêzes plácidos e mimosos como um sonho de creança; o seu estilo tem os suaves reflexos das tranquilas paisagens, dos ceus doirados pelo poente e dos melancólicos crepúsculos.»

Quanto á primeira parte, os livros posteriôres do escritôr da *Modesta* serviram de pleno desmentido á asseveração de Pinheiro Chagas; tôdos contêm vivos reflexos da vida do autôr.

Scenas de Lisbôa. — São galeria cheia de esbocêtos alegres, pendurados como em cordel de feira, cuja

literatura caracterisam. Calão de fadistas e cocheiros, mancebias de marafonas e tafues avinhados, esperas de toiros, esbanjamentos e distúrbios de fidalgos e arraia miuda, ceias ruidosas, desmandos em casas de penhôres e bordeis, comezainas no *Marrare do Polimento*, na *Perna de Pau*, no *Colête Vermêlho*, episódios burlêscos, poucos casos dignos, raras virtudes e abundante seara de galicismos e linguagem rasteira atropelam-se, sucedem-se, denunciando scenas vividas umas, sabidas outras, pelo autôr, que, em dois volumes de 530 páginas, se faz lêr com certo agrado por quem não preze purismos de linguagem, nem quadros de sã e verdadeira psicologia social.

Conde de S. Luiz. — Descontados ligeiros senões, que ao nosso purismo filológico repugnam sempre, pois que em escrita nada julgamos superiôr á vernaculidade da língua, sejam quaes fôrem a índole do livro, o estilo e a reputação do autôr — é êste romance a obra melhor e mais correcta de D. Thomaz de Mello.

Téla cheia, bem pensada e urdida, lógica e realizavel, apresenta situações de perfeita naturalidade e retratos adoraveis, como os de Marta e Magdalena, D. Mariana e seu filho Manuel de Mendonça, destacando-se comovedôramente das figuras, que lhes formam o contraste.

Leitura sadia não parece filha do cérebro, que ideou as *Scenas de Lisbôa.*

Como nestas *Memórias* se trata especialmente de poetas, registaremos, com a unção devida, duas partículas da oração, que Marta, a delicada filha do operário, rezava piedosamente, num lance do seu coração amantíssimo:

Bom Jesus, tôdo pod'rôso,
Filho da Virgem Maria,
Socorrei-nos esta noite,
E amanhã, por tôdo o dia!

*

Se na terra não coubermos,
Levae-nos, Senhôr, aos céus!
Rogae por nós, pecadôres,
Virgem santa, mãe de Deus!

Memórias de um sapatinho. — O nome do autôr é substituido pelo qualificativo de editôr do livro.

Ainda bem. E' uma excrecência deslavada, uma semsaboria pornográfica, de que apenas salvamos êstes versos sonoros e bem feitos:

QUARTO DE BOHÉMIA

....
Quando estremecem as comas
Do laranjal, a florir,
Vêm-lhe entornar os aromas
No seu quarto de dormir.
....

A's tardes, ao pôr do sol,
Agitam-se os loureiraes
Aos sentidos madrigaes,
Que lhes manda o rouxinol.

Sôbre tapête de flôres
Pascem os alvos cordeiros,
E vêm descendo os outeiros
Ao canto dos seus pastôres.

Em bandos, as cotovias
Pipilam dôces carinhos,
E vêm-lhe tecêr os ninhos.
Debaixo das gelosias.
....

O seu quarto de dormir
Tem as parêdes forradas
De sêdas adamascadas
E mantas de *cachimir*.

Tem um leito torneado
De bello jacarandá,
Donde pende um cortinado
De sêda de Calcutá.
....

Tem sombras cariciosas
Como as grutas dos ascetas!
E' para... enraivar nervosas,
E para inspirar poetas.

O JANTAR

Acabou-se o jantar; foi suculento e opíparo.
Tem gôsto o anfitrião! Carneiros fôram dois;
Encomendou no talho a cauda de três bois,
Pâra a sôpa fazêr á moda dos bretões;
A' mêsa do jantar choveram iguarías,
Chegou, até, a havêr faisão... faisões guizados.
E, depois de servir uns vinte e três assados,
Foi salada a valêr; e logo dois leitões,
Com que ia arrebentando os pobres convidados!

Tem gôsto o anfitrião! Tem gôsto e tem dinheiro.
E quem dinheiro tem, em tudo, é um portento;
E ou *dá* em titular, ou vae pâra *S. Bento*
Defendêr o país, e bem depressa galga
Os degraus do podêr! Se casa, é com fidalga,
Filha do que esbanjou nomes e património,
E que se vê por hi, levado do demónio,
Sem eira, sem amôr, sem fé e sem família,
Sem castelo feudal, sem lar e sem mobília,
Errando, como os cães fugindo a strichinina,
Uivando pela rua, olhando a cada esquina,
Dormitando ao luar, nos bancos do Rocio,
Cheio de tradições e ainda mais de frio;
Vendo passar por si os grandes agiotas
Guiando os seus *laudaus;* e êle... sem trazêr botas!

Acabou-se o jantar. Já não podia mais
O triste anfitrião: caiam-lhe em cristaes
As bagas de suor da fronte macilenta
Sôbre a *penca* fatal, enorme, virulenta!
Ergueu-se! e dando o braço á pálida infeliz,
Sairam tôdos três — DOIS NOIVOS E UM NARIZ!

BOHÉMIA ANTIGA — Pinheiro Chagas, na introdução do romance *Modesta,* classificando o autor, escreveu:

— D. Thomaz de Mello ha-de sêr pâra o futuro uma das figuras lendárias do nosso tempo. A sua

paixão pela aventura, o seu ódio ao convencional, o anôjo das suas ideias, a tranquilidade, com que afrontava os acasos, os perigos muitas vêzes de uma existência nómada pâra fugir da trivialidade, da vida monótona das salas, tudo isso deu-lhe até certo ponto o carácter de um heroe de Murger.

«Há na sua vida febril um cunho de originalidade; não é uma cabêça vulgar a que fórma assim fantasiosos sonhos deslocados no século da prosa, em que vivemos. D. Thomaz devia vivêr no século XVI, ou no século XVII, nos tempos apaixonados e inquietos, nos tempos dos *cadets* de Saboia e dos *cadets* de Gasconha, na época heroica do cavalo amarelo de d'Artagnan, no século, em que Salvadôr Rosa vivia, hôje com os fidalgos e amanhã com os bandidos».

As pitorêscas narrações da *Bohémia Antiga* confirmam opulentamente o juizo de Pinheiro Chagas.

E' êste livro o melhor da coleção recordativa, e aquêle pâra cujo aparecimento concorremos indirectamente, quando, no final das palestras, a que já nos referimos, incitávamos D. Thomaz a reduzir a livro as principaes ocorências da sua existência aventurosa.

São páginas dos vinte anos, em que a confraternidade bohémia com saltimbancos, os rasgos de vida perdulária, os arrôjos quase inacreditaveis, os expedientes de momento, as privações angustiosas, a conquista feminil a toques de flauta, os amôres da carinhosa e bôa Natividade e vários lances de uma variada e irrequieta estroinice — formam quadros de uma risonha e perduravel garridice, em que, de longe em longe, se descobrem as meias tintas de uma lacrimosa saudade.

Em assomos dêsse gôsto amargo, ainda agora nos envaidecemos, ao lêr a dedicatória amiga, com que D. Thomaz nos ofereceu um exemplar do seu melhor livro de aventuras, ao dizêr-nos, cofiando o pêllo da sua velha gatinha:

— Aqui tem. Está satisfeita a sua vontade e a dos que desejavam vêr em lêtra redonda algumas das brejeirices da minha bohémia.

RECORDANDO — 1904 — Livro de esbocêtos biográficos, onde figuram amigos e conhecidos, de mistura com alusões pessoaes; registo de emprêsas malogradas, aventuras diversas no *Chinquilho* de Cascaes, nas bodegas do *Papagaio,* do *José dos Pacatos,* da *Horta das Tripas* e botequim da *Rôsca;* e acontecimentos galhofeiros e, até por vêzes tristes. Especialmente, quando se reporta ao último período da sua vida, o autôr mergulha a penna em fel e desânimo.

Sirvam de prova os seguintes dizêres:

— Ao morrêr, tanto se me dá que esta carcassa apolínea vá envolta em lençol de Flandres, como embrulhada e encartuchada em cartazes, sejam de corridas em Salvaterra, do teatro de D. Maria ou de ingredientes pâra fazêr crescêr o cabêlo.

« Quanto á condução do meu cadáver, é-me indiferente. Como, graças á minha bôa estrêla, tenho na família livres pensadôres, é de supôr que me façam o entêrro civil. Senão houver carro ou carrêta fúnebre, estendam-me ao comprido numa escada de cartazeiro, a cada extremidade um afixadôr, e... ála, que se faz tarde.

« Ao lado, com a gravidade, que estará pedindo o caso, o mais antigo dos empregados, de panela La sextra e a brocha na dextra, que me vá aspergindo com a massa, êsse caldo espartano, de que, há vinte e cinco anos, me alimento. E siga o pagode, chouтando pâra a grande vala dos anónimos!

« *Que haya un cadaver mas, que importa al mundo?* »

Como encargos, D. Thomaz pedia aos amigos duas missas por sua alma na vila da Moita, onde nascêra, onde fôra abastado proprietário e o era ainda do fôro de um *alqueire de cevada;* e em primeiro lugar, o

dispendio de um vintem de carapau ou bófe, pâra a gatinha, que, sem o abandonar um instante, passava a vida com os olhos fitos nêle, em constante meiguice.

Na ocasião de tracejar esta pungente ironia, o autôr esqueceu-se das rôlas, que, dêsde a mocidade, nunca deixou de mantêr, ao que parece, como símbolo da sua volatibilidade.

E' tambem de se apreciar esta rajada de abstrusa descrença:

— O homem devia morrêr em plena mocidade, em tôda a opulência da sua seiva, em tôda a exhuberância da sua vontade e das suas crenças.

«Morrêr... na juventude, com a fronte aureolada de esperanças e o coração de ilusões; morrêr... quando se crê em Deus, na amizade e no amôr; morrêr... com os olhos fitos no Christo e a mão entre as mãos da mulher, que amamos, de quem nos separamos com saudade, e a quem vamos esperar no desconhecido!

«Morrêr, porêm... velho, só, duvidando de tudo e de tôdos, sem um bom parente, sem um bom amigo, soltando uma blasfêmia no último suspiro; sem um olhar pâra o Christo, sem uma lágrima pâra a família...

«Triste! bem triste!

«E não pudêr eu voltar aos vinte anos pâra me suicidar!»

Contos e casos — 1904 — E' um volume, como o anteriôr, de género recordativo, engendrado de sociedade com Oliveira Mascarenhas, com quem D. Thomaz alterna seis narrativas e um conto, *A Nini*, a melhor peça da sua coleção.

Achar graça naquilo, que realmente a não tem, é privilégio e ventura de doidivanas e libertinos. O calo da estroinice, a revêzes, chega a resistir ás exigências naturaes da dignidade própria.

E é por isso que o autôr, cujas qualidades de bôa

alma chegámos a aquilatar, se não pejou de apregoar que, pâra uma comezaina desnecessária, seguida de café, cognac e mais beberagens subsequentes, chegou a empenhar, por dez mil reis, a aliança do seu casamento recente e um Christo, relíquia familiar, que trazia ao pescôço!!

Pâra um acto de bem-fazêr, num assomo de sentimento caritativo, não raro nos processos bohémios, comprehendia-se. Destinada a glutonaria, improvisada em plena rua com dois indivíduos, que casualmente se encontram, a acção praticada é por demais crua e consequentemente indigesta.

Êste caso entra, como um dos pontos culminantes na ordem de muitas historiêtas e alegrias *thomasinas*, cuja narração é triste, ao pretendêr o contrário.

Albano ou A perseguição ás batotas — 1889. — Não se percebe bem até onde se dirige o chiste dêste opúsculo de 28 páginas, cujos versos, dessonoros e incorrectos por vêzes, formam cartas de Albano a seu irmão Anthero, assinadas por *Capréstani*, pseudónimo, cuja existência tambem se não comprehende, visto que, no escrito, não há nada contra lei, instituições e bons costumes.

Albano arruina-se a jogar até que se estabelecem os assaltos ás *batotas*; e queixa-se a seu irmão, na melhor carta do opúsculo, a penúltima, nos seguintes têrmos:

Abyssus abyssum. Era de esperar, Anthero.
Após a perdição, irrompe o desespêro,
Jogou, perdeu, roubou. Probidade em hastilhas.
Disse-lhe: — Um meio há só: embarca p'ra Cacilhas,
Foge á miséria atroz, ao destino fatal!
Mergulha-te, ó heroe, no Tejo de cristal.»

E o mísero partiu; disse um adeus a Lisbôa,
A' familia; e comprou um bilhête de prôa.
Entrou pâra o vapôr; o olhar profundo e vário
Fixava-se no mar, o grande salafrário,
O altivo rugidôr, o hiante, o imensuravel,
Onde há perlas, coral, e peixe-espada e savel.

Estava muita gente a bordo, nêsse dia;
Iam não sei aonde: talvez á Trafaria
Conselheiros, actôres, actrizes e empregados,
Fadistas, sôlteirões e casaes bem casados.
Uma arca de Noé par'cia a embarcação!
Pâra tudo igualar... até levava um cão,
Um cão de negra côr do conselheiro Albino,
A quem sua mulher, chamando-lhe menino,
Bradava, a cada instante: —Albino tem cuidado.
Cuidado co'o *Batata*, o meu cão estimado!

Albano estremeceu; e de repente: bumba!
Ferra comsigo ao mar! Abre-se a salsa tumba!
Viu-o a agua, e fugiu. O Tejo recuou!
E' uma alma, que vae! um *ponto,* que passou!

O Negro de Alcântara—1904—Poema teatral, que intenta sêr uma paródia, e o é no seu génere, da ópera *Othelo,* em 4 actos, de ritmo diversificado e verso de muitas medidas, faz parte do volume *Recordando,* por economia de edição, e contem 100 páginas.

Pela linguagem e pelas personagens é uma farça lírica, trabalhosa, exequivel e graciosa em vários lances, admitindo coros e scenação diversa.

A Desdémona é uma colareja de nome *Zefa Moná;* chega a sêr envenenada pelo negro, Othelo de Alcântara com um frasco de tinta, mâs a *Perpetua,* contrariada espôsa de *Tiago,* chupa-a com um canudo de mata-borrão, que mete nas goelas da *Zefa,* e salva-a da morte, com gaúdio enorme do prêto, que, transportado de alegria, canta e dansa no meio do entusiasmo dos circunstantes e dos coros.

A volubilidade genial, inata, do autôr manifesta-se na extravagância de têr construido a maior porção do 3.º acto em prosa, desnecessária e infructiferamente, depois de escrevêr, entre palpitantes incorreções de dissonâncias métricas, aqui e alem, bons versos, como passamos a exemplificar:

Notemos, ás primeiras suspeitas, o desabafo do negro heroe:

Os desgôstos me vão levando ao rio
Do nêgro esquecimento, somno eterno,
Do homem de fôgo resta um homem frio
E sem entusiasmo! Estou um mono.
Meto mão, é verdade; e, se uns sarilhos
Posso ainda fazêr co'o marmeleiro,
Não sou o que era d'antes, não, meus filhos;
E do corcel de então resta um sendeiro!
Maldito seja quem *me fêz a cama,*
Quem da Guiné me conduziu á Estrêla!
O' *naifa* minha, afiada e bela,
Quem d'entre as *sardas* te botou na lama?

(Muito triste)

Verdôr dos meus amôres foi-se a pique
Nas batalhas do aniz e *cambrainha.*
Bebi centos de almudes ao despique,
E na *ardósia* estraguei a vida minha!
Sôbre mim a tristêza se derrama,
Não sinto dentro já nenhuma *aquela.*
O' *naifa* minha, luzidia e bela,
Quem d'entre as *sardas* te botou na lama?

Amavios e admiração da *Zefa,* após um bom grogue de aguardente, pela estatura e feitos do nêgro *Tello:*

Oh! como tu és forte! e como eu te amo,
Meu mais que tudo, amôr e meu leão!
Tu deves sêr cruel na *escamação,*
E um rolinho, quando toca a amar!
Conta-me agora a tua vida inteira.
Quem és tu? donde vens, ó homem forte?
Quizera sêr a tua companheira,
A tua dôce escrava até á morte.

Narra-me os teus *banzés,* tuas façanhas
Na India, nos Brasis, na Cotovia,
Na Arábia, em S. Thomé e nas Espanhas,
Em Angola, em Berlim, na Mouraria.
Eu quero contar-te as cicatrizes,
Que no côrpo te hão feito as navalhadas,
E, por manhãs de amôr, dôces, felizes,
Tratal-as a beijinhos e pomadas.
....

Já teus feitos illustres comemora
A *Fonte Santa*, a *Estrêla* e a *Triste Feia*,
As jornadas, que hás feito á Bôa Hora
E os mêses, que hás passado na cadeia.
Entusiasmado, pois, de tudo quanto
De ti ouvi contar, joia de prêço,
Êste meu coração, que prézo tanto,
Co'o *bata* minha ao teu amôr offrêço.

Cantata do negro *Tello* á amada *Zefa*:

Tu tens o calôr da lava
Tens o macio do arminho!
Vem, minha rolinha brava,
Minha flôr de rosmaninho!

Faculdades poéticas e inventivas possuia-as D. Thomaz de Mello bem fecundas. Assim êle tivesse propensão, aso e paciência pâra uniformizar, corrigir e estudar!

Na *Bohémia Antiga* D. Thomaz escreveu: — Se ainda me não tornei um adamita, e mais tarde não morri de fome, é pelo simples facto de sabêr deitar uns fundilhos, e juntar á prodigiosa abstenção do reptil o estômago assombrôso do avestruz. Um pedaço de pano veste-me; um bocado de pão alimenta-me.»

Nôvo daguerreotipo de si próprio, como vamos vêr.

Queixando-se-nos êle, uma noite, da sua inconstância quanto ao dinheiro, pois que não conseguia sêr poupado, nós increpámos-lhe essa pecha, com certa virulência.

D'ahi a dias, quando voltámos a sua casa, mostrou-nos êle, radiante, uma burra, que mandára fazêr pâra os sobejos do seu dinheiro, de que a sua própria pessôa se não poderia apropriar.

De facto, no ôco da parêde de uma janela, D. Thomaz mandara fazêr um buraco, resguardado a pedra e cal, com um simples orifício, por onde cabia apenas dinheiro de qualquer naturêza, metal ou papel.

— Hein? Que díz o amigo a isto? Pâra a renda da casa e pâra uma doença grave, hei-de eu alí ajuntar pecúlio, que sobre.

— Homem, eu sei lá!

— Pois não vê que é preciso escangalhar a parêde, pâra atingir o meu cofre?

Louvámos a ideia, e, verdade verdade, quase nos convencemos de que o resultado seria bom.

Dois mesês depois, ao entrar, depararam-se-nos pedras e caliça no pavimento junto da janela. O mealheiro fôra escandalosamente arrombado a golpes de martelo, num apêrto de mau govêrno doméstico.

Ao nosso pasmo, respondeu D. Thomaz, encolhendo os hombros, e dando-se, como por tantas vezês, por cabeçudo e incorrigivel.

— E já tinha sessenta e tantos mil réis! — terminou êle, olhando pâra a cavidade esboroada.

De outra vêz, tempos depois, ao penetrar na sala, já por nós mencionada, a que serviam de porteiros e guarda avançada os operários, que colavam, e dividiam os cartazes pelas ruas da cidade, fomos encontrar D. Thomaz em colóquio com uma dama, ainda nóva e simpática.

Quizémos retrocedêr. O dono da casa porêm deu-nos por bem vindo, convidou-nos a tomar parte na palestra, que nada tinha de especial ou particular, no seu dizêr, porque a dama, uma actriz, que nos foi logo apresentada, vinha alí, como nós, espairecêr um bocado.

Era mais uma pessôa das suas relações, uma visitante, que ficávamos conhecendo.

Abancámos depois dos devidos cumprimentos, vindo á balha casos e narrativas, em que D. Thomaz tomou a parte principal, dêsde a uma hora até ás três e meia da tarde.

— E é que ainda não almocei! — exclamou, ao fim dêsse tempo, o bom do D. Thomaz.

Espanto nos circunstantes, que eram a actriz, sentada á cabeceira da mêsa-bufête, defrontando comnôsco, e nós, que olhávamos pâra o narradôr, colocado ao centro, na velha e costumada cadeira de braços.

— Isso deve fazêr-lhe mal, sr. D. Thomaz. A estas horas sem comêr — reflexionou a dama.

Palavras e gesto nosso de pleno assentimento.

— Vocês dão licença. Eu vou almoçar, sem sair donde estou. São horas, lá isso são. Ora, como eu me esqueci! Quando se está em bôa companhia... O' Manuel? Manuel?

— Senhôr?

— Olha que eu ainda não almocei. Esta só pelos diabos!

O serviçal, que acudira logo ao chamado, encolheu os hombros, como que dizendo que não era coisa de admirar.

— Traze-me uma toalha. Avia-te!

O Manuel, tendo-se internado no corredôr, voltava dahi a pouco, coçando a cabêça, ao declarar que não encontrara o objecto pedido.

— Não importa — disse pachorrentamente D. Thomaz — Aqui mêsmo se arranja a toalha.

E lançou mão de um jornal, desdobrou-o sôbre a mêsa, diante de si, anediando-lhe as dobras com as mãos felpudas, e foi-lhe colocando em cima os objectos, que ia tirando da gavêta, e eram um pão de vintem, metade de um queijito saloio e uma manteigueira microscópica, prêta e esborcinada, a cujas parêdes interiôres se agarravam raras frações da untura usual.

Fechada a gavêta, gesticulou, oferecendo a pitança, partiu o pão ao meio, dividiu metade em pequenos bocados, que começou a esfregar no interiôr da manteigueira, e a metêr na bôca, de envolta com dentadas de queijo.

E mastigava com tôda a naturalidade e calma, como se estivera diante de mêsa opípara.

A actriz e nós encarávamo-nos significativamente, como admirados, mâs conversávamos, entretendo o repasto, animadôra e galhofeiramente.

— O' Manuel? — chamou novamente o comedôr, a certa altura.

— Prompto, snr. D. Thomaz.

— Falta o café, homem de Deus! Vae buscal-o. O costumado, já se vê. Querem vocês tomar café?

A' nossa negativa, o dono da casa, com as bochêchas atafulhadas de pão e queijo, que tinha a aparência de grêda sêca e esburacada, recomendou novamente que viesse o costumado.

O homem desceu as escadas, e voltou apressadamente, trazendo um bulezito, que não comportava mais de uma chícara de café.

— Traze agora o assucareiro e uma chávena.

O Manuel penetrando no interiôr da casa, demorou-se mais do que o preciso, dando aso a nôvo chamamento, mâs apareceu a coçar novamente a cabêça, porque só encontrara o assucareiro, irmão coevo da manteigueira, no esborcelamento e abundâucia do conteüdo.

— Não há uma chávena?

— Não há, snr. D. Thomaz.

— Bem! bem! Estamos remediados.

E o autôr e representante da *Bohémia Antiga* despejou o café dentro do assucareiro, não fazendo caso da estrídula risada da dama, que, esquecendo tôdas as conveniências, não pôde contêr-se.

D. Thomaz sorveu, a goles compassados e barulhentos, o café, imperturbavelmente.

Ingerida a beberagem, desocupada a mêsa, pegou no jornal, unindo-lhe as quatro pontas, e entregou-o ao servente, dizendo:

— Sacode as migalhas da toalha, e arruma-a.

Nova risada da actriz, com acompanhamento nosso.

— Pois sim; riam-se, mâs âprendam. Que lhes parece o banquête?

«Riam-se, mâs fiquem sabendo que é um caluniadôr quem me chamar desperdiçado. Aprendam a sêr económicos. Um vintem de pão, dez reis de manteiga, outro tanto de queijo e trinta reis de café formam um belo almôço de 70 reis! E digam que eu não sou um pôço de bem vivêr, exemplar único de bom regimen.

A actriz limpava duas lágrimas, nascidas de tanto rir; nós filosofávamos, entrementes, enternecido por aquêle enorme desconfôrto, e admirávamos a ventura de tamanho sangue frio, a quase alegria daquela veneranda figura de estroina emérito, que bem escrevêra, ao afirmar que sabia juntar á abstenção do reptil o estômago assombrôso do avestruz; e que um pedaço de pano o vestia, e um bocado de pão o alimentava!

*
* *

Lisonjeado por lhe têrmos escríto, não nos lembra quê, do nosso tugúrio de Pombeiro, da Beira, onde nos refugiamos uma parte do ano, respondia-nos D. Thomaz de Mello, em 30 de junho de 1901:

«Bemdito seja Jehováh, o Deus de Abrahão e do Hintze Ribeiro!

«Ainda tenho quem baixe ao meu ergástulo da calçada do Garcia, n.º 4, sôbre-loja, freguesia de Santa Justa; e, por intervenção de uma carta, venha bradar-me o *surge et ambula,* que Jesus Christo dirigiu a Lázaro!

«Sim, amigo! tu chamaste-me á vida, e eu desperto!

«Vou dêste areópago de enfermidades escrevêr-te páginas extraordinárias, que, se um dia chegarem á publicidade, me alcançarão, já não digo assento na

Academia das Sciências, mâs segura entrada na *Incrivel Almadense* ou no *Bota Abaixó* dos Terremotos.

«O meu nome... esse conquistará a imortalidade, não como primeiro cartazeiro da península, mâs como literato de polpa e topete.

«E não me abandones, caro amigo. Quando ao despedir-me dêste vale de lágrimas, eu soltar o derradeiro arranco, e, dobrando o ante-braço de encontro ao cúbito, me despedir cá do mundo, pâra onde vim contra-vontade, passados os oito dias de dó, publica-me estes desabafos pâra glória das lêtras pátrias e invêja de inimigos.

«Revê as provas com tôdo o cuidado, tira-lhes, segundo o teu sistema, quantas lêtras dobradas por lá encontrares; escreve Phidias com F, e Famalicão com F. ou sem êle, que o meu côrpo não estremecerá na sepultura, como o teu estremece, quando, nas horas de paz, no teu leito do largo do Intendente, ou no que ahi tens, acertas de lêr por alta noite *saco* com dois *cc* e *fantasia* com *ph*.

«As cartas, que eu pretendo escrevêr-te, serão um resumo sintético da minha vida inteira.

«Como em deorama, far-te-ei passar por deante dos olhos o meu passado, com tôda a polichromia dêste vivêr acidentado. Hei-de historiar-te tôdas as aspirações da infância, os desenganos da mocidade, venturas e desventuras, risos e lágrimas, opulências e misérias.

«Lembrar-te-ei especialmente as noites de paz religiosa, gastas na suave contemplação da naturêza, sentindo o arrulhar das fontes, vendo a plena lua a retratar-se nos lagos, e ouvindo ao longe no canavial gemente a fresca bafagem do norte, cuja aragem fazia tremêr o cálice das rosas.

«Depois... outras noites de alucinação, trágicas, desabridas, noites de lupercaes, *quartilho* na dextra, *evohés* estrondosas, acabando pelo lançamento dos

restos da bebida, no ladrilho das tascas, como á mêsa festiva o praticavam os antigos romanos, entre o Malvasia e o Falerno, limpando por fim as bôcas ás tranças soltas das escravas, que os acariciavam.

«E ainda... as noites, obrigadas a casaca e luva branca e a partidas aristocráticas, onde o jôgo vinga e viça, convidando á ruina; noites, onde se desbaratam patrimónios, empurrando as víctimas, no dia seguinte, pâra o convívio do onzeneiro, gran-senhôr de hipoteca e prego; noites de tavolagem, onde o despertar é triste, restando ao parceiro, quando resta, meio tostão pâra um almôço no café de Lepes.

«E tudo isto há-de passar deante de ti, em kaleidóscopo vivo, distincto e humano, como não podes imaginar.

«E que será, amigo meu, quando chegares á mulher, êsse ponto de interrogação, defronte do qual paramos, imbecis! como se fôsse ponto de admiração?

«Não te passa pela ideia o que eu direi da mulher, de quem S. Gregorio disse que seria mais facil encontrar um côrvo branco do que uma delas fiel; a quem S. Paulo chamou uma mentira da naturêza; de quem S. Matheus nega a entrada no paraiso; a quem o sabio Orígenes chamou a chave do pecado, a arma do diabo, venêno, áspide, artifício de dragão; a mulher finalmente, de quem Cícero se serviu, pâra se vingar de um inimigo, concedendo-lhe a mão da irmã.

«Quando eu te falar da mulher, de tantas mulheres, que amei, e por quem me perdi, então... então as páginas descritivas serão um assombro; e, o que é mais, farão a tua fortuna, como editôr!

«E já que falei de ti... continuemos. Sentes-te ainda um romântico? Não te envergonhes disso, que eu, apesar da gordura, ainda não deixei de o sêr. Os anos não estragam o coração.

«Eu que o diga.

Que aqui me mordo, e remôrdo
Sempre e sempre, em aflições,
Por me vêr assim tão gôrdo.
Ai, corações! corações,
Que tão meus fôram noutrora,
Com tanto amôr e ilusões,
Vinde vêr o pobre agora,
Com setenta primaveras,
Como por vós inda chora!
....
....

D. Thomaz de Mello, cujo inédito folgamos de registar, como recordação amiga e ainda como demonstração do seu feitio literário e do seu carácter pessoal, chegado a êste ponto do escrito, que nos endereçou, abandonando um pouco o seu estilo graciôso, alargou-se em intimidades, que não são pâra aqui; e no final, retomando a feição humorística, que lhe era peculiar, concluiu assim:

....

«Uma única coisa me não tem faltado... caso raro! o dinheiro.

«Como sabes, nada gasto comigo... nem com outrem, porque o tempo da tolice já acabou, e estou farto de ingratos.

«Esta semana tive uma encomenda de cem molduras, que livres de despêzas me renderam, com os cartazes, setenta e quatro mil réis, que juntos a outras economias me tornam riquíssimo.

«Nada. Isto assim não vae bem.

«Faltam-me as comoções da pobrêza, a ida ao prégo, o não me *pegar* com um credôr.

«Esta paz pôdre de capitalista gotôso é insuportavel.

«Detesto a riquêza. Se um dia ouvires dizêr que estou milionário, prepara a tua casaca prêta, toma um bilhête no rápido, e vem a Lisbôa, pâra entrar no meu funeral, pois que, dois dias depois de atingir o cúmulo da riquêza, suicidar-me-ei».

*

Se o estilo é o homem, nada mais se precisa pâra a completa personificação do nosso heroe.

*

* *

Alquebrado e aborrido, D. Thomaz de Mello não se finou, quatro anos depois de nos têr escrito, a 3 de Outubro de 1905, por causa do suicídio, que lhe serviu de gracêjo.

Após a turvação mental de alguns dias, sentado numa cadeira, inesperada e tranquilamente, sucumbia a uma lesão cardíaca, em que por vêzes falava; e era acompanhado ao cemitério ocidental por umas dezeseis pessôas, entre as quaes figuravam um primo, representante de tôda a parentela e os sete empregados jornaleiros da sua emprêsa de cartazes, unicos talvêz, a fóra a sua dedicada e paciente companheira de tantos anos, que o choraram sentidamente.

Vulto fidalgo de lendária estroinice, bom coração mal norteado, que mágua seria a tua, quando escrevêste, ao mergulhar o cérebro nas lembranças do passado:

— O' bohemia, que tanto amei, ceus iriados da minha alegre juventude, com que saudade vos recordo na sombria e lamentosa noite d'esta velhice desamparada!

*

* *

Há dias, subíamos, pezarosamente, a escada da calçada do Garcia n.º 4, pâra nos avistármos com D. Emilia Carneiro, a dama aludida, de quem requeríamos algumas notícias pâra êste escrito.

Um canto plangente, como que de penosa saudação, acolhia-nos no tôpo dessa escada. Era a toada fúnebre das rôlas, que haviam pertencido a D. Tho-

maz de Mello, nénia saudosa, que dahi a instantes se misturava com as lágrimas da sua desolada companheira, que ainda e frequentemente as chora, ardentes e sinceras.

Maio, 1906.

Pedro Ivo

Quem nos dera na edade, em que, pela primeira vêz, nos ecoou aos ouvidos, já afamado, êsse tão conhecido pseudónimo!

Aquêle, que vive uma certa quantidade de anos, embora não entrados ainda em extrema velhice, lançando vistas retrospectivas, em volta das suas recordações, encontra tristemente largo cemitério de mortas personagens, que, quando vivas, admirou e conheceu, ou simplesmente estimou, e aplaudiu.

Nunca vimos, nem tratámos de perto Carlos Lopes, que, na sua mocidade, ao vulgarizar os seus primeiros escritos, se acobertou modestamente sôb o nome de Pedro Ivo; sentimos porêm, há mêses, uma dolorosa impressão, quando a imprensa nos comunicou a sua morte.

Tínhamos, êle e nós, convivido espiritualmente, escrevendo-nos, a espaços longos, dêsde muitos anos, com extremada simpatia mútua, porque se dava entre ambos uma certa paridade de vida e gôstos.

Sendo êste livro um archivo de excavações recordativas e de preito pessoal a mortos ilustres, exceção feita de um único vivo, nome tão distincto não podia sêr omitido, sem quebra da nossa confraternidade literária.

Carlos Lopes, filho do ilustrado negociante portuense e conhecido bibliófilo José Carlos Lopes e de D. Margarida Cândida Moreira Lopes, nasceu no Pôrto, a 15 de janeiro de 1842; foi educado na Alemanha, e destinado por seu pae, e como êle, á vida comercial.

A tendência literária, que não se amanha facilmente com a secura material das cifras, borbulhou sempre no seu engenhôso espírito, dando aso a que, em certa época, começassem a aparecêr em folhetins do *Jornal do Comércio* alguns contos, acolhidos com decidido louvôr pelo público, entre quem circulavam sôb o nome de Pedro Ivo, engendrado evidentemente pela modéstia, que em tôdo o tempo adornou o caráter do autôr, e ainda, é claro, pela conveniência de não provocar *escândalo* entre a ferrenha gente das trêtas, sempre pouco afeita á lêtra redonda literária ou scientífica.

Anos depois, em 1874, editaram-se os *Contos*, no Pôrto, dedicando-lhes a imprensa portuguêsa e brasileira justos e prolongados encómios; e mais tarde, numa segunda edição, em 1895, pela livraria Pereira, em Lisbôa.

De uma dessas historiêtas amenas, sempre castiças e moralmente doutrinárias, intitulada *A boneca,* serviu-se Guerra Junqueiro, sem citar o autôr, nos *Contos pâra a infância,* coligidos de escritôres selectos; e de outra *A quina de espadas*, ocupou-se um jornalista alemão de Stuttgart, traduzindo-a e publicando-a na íntegra.

A seguir, na alma extremamente bondosa de Pedro Ivo, desenvolvia-se um tema de maior vastidão, e

fructificava exhuberantemente num livro de benéfica propaganda; grito enorme e desolado contra o enjeitamento, a mais triste das orfandades; livro de combate contra velhas usanças; um romance, intitulado *O sêlo da Roda,* que aparecia em 1876, em tiragem modesta, sem uma palavra de introdução, reveladôra dos intuitos ou razões do autôr.

Despida dos espalhafatos anunciadôres das casas editôras, pois que nenhuma acolheu a obra, como joia de bom quilate, propagou-se em tôdas as regiões, onde se fala português, e alçou-se num invejavel triunfo pâra Pedro Ivo, a quem se dispensaram encómios e aplausos de subida monta.

Sagrava-se o escritôr nos altares da fama.

*

* *

Só um ano depois de publicado, em nosso voluntário destêrro pàra além do Atlântico, conseguíamos havêr á mão um exemplar do afamado livro, cuja leitura nos produziu uma das maiores impressões literárias da nossa vida.

Numa segunda revisão, a que não pudémos resistir, o tracejamento geral do assunto, onde a irreprehensivel propriedade dos lances, a variedade dos episódios, a situação das personagens, a belêza da forma e desfêcho lógico e consoladôr se casavam admiravelmente — fortaleceu-nos a ideia dominadôra de um drama, que, um ano mais tarde, a 9 de maio de 1878, líamos no salão paraense do teatro *Paz,* perante o conservatório dramático, de que, apesar de estranjeiro, fazíamos parte, como membro efectivo.

Uma coincidência notavel, abonatória do mérito intrínseco da obra de Pedro Ivo, ocorria no decurso do nosso trabalho. A enormes distâncias, por estranha casualidade, em prodigiosa comunhão de espírito, três

personalidades se entregavam ao mêsmo desiderato de extrair um drama do falado romance — Carlos Borges da emprêsa do Gimnásio, em Lisbôa; Augusto da Cunha, estudante de medicina, no Rio de Janeiro; e nós na cidade do Pará.

Como era natural, tomada a edição do nosso drama pela *Livraria Clássica* desta localidade, comunicámos pâra o Pôrto o nosso emprehendimento a Pedro Ivo, que, a 6 de maio do citado ano de 1878, nos dizia, em formosas linhas caligráficas, tanto de prezar em escritórios comerciaes:

— Era-me efectivamente desconhecido o seu nome. Se, como V. diz, êsse nome é *ainda hôje obscuro*, vejo da sua carta que deixará de o sêr, logo que V. *queira* devéras tornál-o dos mais ilustres.

« Agradêço á minha bôa estrêla o acaso, que confiou a mão tão habil a transplantação do meu romance pâra o teatro; sinto porém que V., em cuja carta descubro o dom de crear, se limite ao *relativamente* inglório trabalho de fazêr valêr as obras alheias.

« A carta de V. foi-me entregue no próprio dia, em que pela primeira vêz se representou no teatro *Baquet* desta cidade o *Sêlo da Roda*, drama igualmente extraïdo do meu romance pelo snr. Carlos Borges, de Lisbôa.

« Êste cavalheiro, adaptando o seu trabalho ao gôsto do nosso público, que difícilmente escuta cinco actos, fêz o drama em três. Suprimiu tôda a primeira parte — Em Traz-os-Montes — e tôdo o epílogo, aproveitando apenas as scenas principaes das duas partes — A Engeitada — e — Em Família.

« Pela divisão, vejo que é de mais fôlego o trabalho de V.; e que foi devidamente apreciado diz-m'o o juizo dos jornaes, que se dignou remetêr-me.

« Resta-me agora lêr o drama, do qual a muita bondade e excessiva delicadêza de V. me promete uma cópia, que aguardo com anciedade.

«Simples curiôso em literatura, e dando á cultura dela apenas as raras horas, que as minhas ocupações comerciaes me deixavam vagas, hôje... nem sequer um curioso posso sêr, porque já não há horas vagas pâra mim.

«Pedro Ivo morreu. E' um escrevinhadôr de menos.

«Não imagine V., por quem é, que lhe participo a sua morte, pâra fugir a agradecêr-lhe o bem, que se digna dizêr do pobre diabo.

«Represento-o pâra tôdos os efeitos, e por isso, entre tôdas as dívidas dêle, reconhêço consagradas as da gratidão, lamentando que o defunto não deixasse cabedal pâra as pagar.»

O nosso amôr próprio estava satisfeito. A carta, que ainda agora temos á vista, intercalada no nosso album de memórias literárias, não era somenos paga. Lisonjeou-nos então aquêle excesso de imerecida bondade.

Desgraçadamente o *Sêlo da Roda,* que dera celebridade a Pedro Ivo, como obra prima, não tève seguimento. Eram um facto as palavras finaes, que a sua carta nos transmitia pâra lá do Atlântico.

O escritôr Pedro Ivo cedeu os seus triunfos a Carlos Lopes, financeiro, antigo directôr da companhia Utilidade Pública, do banco Aliança, e ultimamente fundadôr e presidente da Companhia Real dos Caminhos de Ferro através da África!

A morte moral, que êle nos anunciava, com a modéstia do seu carácter sincero e bondôso, que o tornava querido dos que de perto o tratavam, e lhe ouviam as palestras de óptimo conversadôr, não se realizou, ainda assim, inteiramente, como o provaram o seu terceiro e último livro *Serões de inverno,* coleção de novos contos, publicados em 1880, e alguns escritos dispersos em diferentes jornaes.

Entretanto Carlos Lopes, apoucando-se sempre,

não deixava de mostrar o seu desânimo pâra emprêsas literárias; no que tinha razão, pois que só por méro divertimento, ou extrema devoção, com o perdimento de interesses materiaes, se podem cultivar lêtras em país, onde o jornal sufocou o livro, dando nota do mau gôsto e carência de instrução da maioria dos leitôres.

*
* *

Ao recebêr, em 1884, a nossa obra *Uma Viagem ao Amazonas,* certificava-nos ainda Carlos Lopes, em carta de 10 de maio, com a sua característica e modesta singelêza, assinando-se nosso admiradôr:

— Ao lêr o bilhête de V., pensei: — Ainda há quem se lembre dos mortos! »

« Efectivamente, convencido da inutilidade dos medíocres, por um lado, e não podendo por outro malbaratar tempo, que posso empregar com mais vantagem pâra outros e pâra mim, resolvi, como já sabe, morrêr pâra o mundo das lêtras.

« Realmente morreu Pedro Ivo, deixando apenas ao signatário da presente o que de melhor possuia — a admiração pelas obras dos outros. »

Sempre a mêsma nota! sempre o mêsmo propósito!

A 17 de desembro de 1894, falando-nos do nosso romance *O Senhôr de Fóios*, a que, certamente por benegnidade extremada, chamava primorôso, confirmava o seu dizêr funerário; e, por último, dois anos depois, em 1896, mandava-nos um cartão, em cujo verso, referindo-se ao *Pombeiro da Beira,* tambem do nosso punho, escrevia:

— Abençoado quem assim, cavando em ruinas, vae desenterrando pâra o futuro os tesouros do passado. »

E assinava: — *Uma ruina sem passado nem futuro.*

Êstes inéditos, que trazemos a lume, em razão do nosso devêr de cronista, são aqui bem cabidos, porque denunciam um grave sintoma psicológico, ignorado de muita gente; e acabam de avolumar a figura do escritôr, que, na sua obra literária, repassada de finos sentimentos de moral, justiça e bondade, ahi deixou impressas, em vigorosos lineamentos, as qualidades afectivas do homem, que tinha uma alma de eleição, tão propensa ao bem e ao cultivo da arte, como fugidia de honrarias e basófias, que por ahi engrandecem tanta gente farfalhuda dos nossos dias, e que, por sua posição social, não lhe era difícil conquistar.

Carlos Lopes, víctima da complicação de uma antiga bronchite asmática, inesperadamente, com prejuizo da literatura nacional e fundo sentimento dos que lhe votavam o devido aprêço, desceu á sepultura, em 6 de outubro de 1906, ainda numa edade prestadia.

O seu vulto porêm há-de penetrar futuro dentro, em quanto houver gente, que não aberre dos bons preceitos e das bôas lêtras.

O Medico Ayres

Foi uma organisação fenomenal e um grande desventurado.

Muita gente há-de lembrar-se de vêl-o, alto, espadaüdo, de casaco comprido a batêr-lhe nas pernas, bigode pouco farto, hirsuto e amarelado no centro pelo fumo dos charutos, olhos encovados, rôsto esquelético, figura de passo arrastado um tanto curvada sôbre a bengala de tôjo, uma ossada ambulante, gigântea, macilenta e sombria, a revelar misterio e lenda, e prêsa á vida unicamente por alguns nêrvos fossilisados de uma poderosa musculatura.

Conheceu-o o Pôrto inteiro e meia Lisbôa, num periodo superiôr a meio século, milhares de indivíduos, que se sumiram no sorvedouro enorme do eterno esquecimento, deixando-o a êle combalido, mâs erecto, colôsso esburacado pelas tempestades da vida, sózinho, mâs, na aparencia, resignado a vivêr essencialmente das lembranças do passado.

Êsses milhares de pessôas porêm não tiveram con-

tinuidade? não se reproduziram, legando o homem faustoso, o medico afamado áquelles, que lhes sucederam?

Legados dêstes estabeléce-os a fortuna; e o homem rico, o conselheiro de estado, a elevada personagem, têve que abandonar as ostentosas equipagens; viu-se obrigado a desfazêr a sua casa opulenta; assistiu, medico abalisado, como sêr imprestavel, impotente, de braços cruzados, aos derradeiros momentos, á agonia suprema das suas próprias filhas, que fôram tôdas victimadas pela tísica; e em seguida, achou-se quase impossibilitado pâra o simples ganha-pão de cada dia, por uma enfermidade, que o ensurdeceu completamente.

Das alturas, a que fôra elevado pela sua aptidão, justa e afamada, e por tôdos os largos bafêjos da fortuna, viu-se despenhado quase de repente, ferido de morte pela adversidade e pelo descuido, nos três elementos principaes, que lhe fortaleciam a vida: na alma, na profissão e nos têres.

Por muito menos, se afundam por ahi, tôdos os dias, grandes renomes e até celebridades, no pélago insondavel da obscuridade.

Se, ao menos, na sala de jantar do doutôr Ayres, se ouvissem ainda o tilintar dos talheres de prata e o crac-crac das porcelanas finas, entre o ruido dos bons jantares; e se nos demais compartimentos cheirasse a confôrtos e abundância — nada importaria que êle presidisse a êsses jantares, e passeasse pela casa, com a alma cheia de tristêzas; e que a sua proficiência deixasse de exercêr-se em larga clientela, por causa de uma enfermidade qualquer.

As visitas, os cumprimentos e as solicitações não faltariam, a tempo e a horas, e até ás des-horas, em que tudo isso se torna importuno e supinamente enfadonho, como superficial, que é, na maioria das ocasiões.

Triste e só; imprestavel, mâs farto de meios, o

médico Ayres seria ainda, como tôda a gente, a quem tal sucedêsse, cortejado, querido, acompanhado.

As tempestades porêm, com que fôra acossado, e que o tinham alijado ao mar do infortúnio, como homem perdido, acabaram por envolvêl-o numa extrema pobrêza, a que a sua imprevidência e o seu ânimo generôso não pensaram nunca vêl-o chegar.

Era uma borrasca, que se desencadeara inclemente e interminavel.

E os amigos, sabe-se de há muito, são, no nosso dizêr, como as andorinhas: só aparecem nas épocas do bom tempo.

A deserção pois era inevitavel.

Entretanto êste homem valêra muito, e trabalhara muito, até por amôr á profissão, em que se tornára ilustre.

*
* *

Depois de uma mocidade brilhante e agitada, o dr. Ayres Baptista Pinto entrou, como medico habitual, nos importantes hospitaes da Misericórdia do Pôrto, aonde o levára já a fama do seu mérito.

Os conhecimentos homopáticos começavam então a propagar-se no nosso país, e a entremostrar o belo futuro, a que chegaram.

Ayres, que era dotado de um temperamento impressionavel, por mais de uma vêz, se descontentara, no meio dos seus estudos e da sua clínica, com os recursos, que lhe oferecia a alopatia; procurou pois iniciar-se nos segrêdos da nova doutrina, procedendo a frequentes experiências e a trabalhos de instrução.

Ao estabelecêr comparações, aplicou os dois sistemas, simultaneamente, a doentes atacados da mêsma enfermidade, e acabou por abandonar a alopatia, com exceção da parte cirúrgica, porque êle era tão bom clínico, como habil operadôr.

Vencendo triunfantemente a animosidade dos colegas e a murmuração, que essa mudança produzia nos circulos das suas relações, o estudiôso facultativo entrou na melhor época da sua vida: ganhou fama e riquêza.

Fiado na sua bôa estrêla, e instado pelo marechal Saldanha, que salvara de moléstia grave, e que o aconselhava ardentemente a estabelecêr consultório homopático em Lisbôa, passou-se a esta cidade, onde os mêsmos dotes de fortuna continuaram a protegêl-o, dando-lhe larga clientela, excelentes relações e dinheiro, que despendia a mãos cheias, passando descuidosamente uma vida luxuosa e folgada.

Foi por essa ocasião, em 1870, que êle escreveu, e publicou um livro sôbre a especialidade, que lhe dava fama e abastança, o *Guia Medico-homeopático familiar*, que dedicou ao seu grande amigo e protectôr duque de Saldanha, a quem nas razões da oferenda impressa, entre outras palavras, dizia:

«Êste livro deriva do humaníssimo sentimento, com que V. Ex.ª sugeriu a creação de um consultório homeopático em Lisbôa. E' a vergontea debil da árvore robusta, que V. Ex.ª implantou, e cuja sombra abriga, pâra o louvôr e respeito da posteridade, um dos muitos monumentos da tão longa quanto gloriosa vida de V. Ex.ª»

Na prefáção dêste livro, já compendiôso para a época, em que veio a lume, e ainda hôje digno de sêr consultado, o medico Ayres dava uma prova da sua sinceridade, ao afirmar:

«Não escrevi, nem publico êste livro pâra armar á popularidade. Não digo coisas novas, recopílo de diversos autôres o que me parece bom e necessário pâra atingir o fim, a que me dirijo.

«O meu único intento é sêr util aos meus concidadãos, dirigindo-os, emquanto não chega facultativo, ou na falta dêste, nas moléstias mais comuns e

não complicadas, satisfazendo, ao mêsmo tempo, alguns amigos meus, que vista a carência de um manual homeopático em lingua pátria, e ao alcance de tôdas as inteligências, me instavam a que composesse êste guia pâra as muitas pessôas, que estão fazendo uso de medicamentos homeopáticos, evitando talvês com esta publicação muitos êrros, que diariamente se cometem com descrédito do sistema e prejuizo dos enfêrmos.»

A publicação do doutôr Ayres é hoje pouco vulgar.

Á bôa reputação e largos proventos dessa época, vieram juntar-se as mercês honoríficas.

Saldanha, após a comenda da Conceição, distinguiu o seu médico e amigo, com a carta de consêlho, quando fêz parte do ministério, e tornou-o facultativo da real câmara.

E o nôvo conselheiro, dormindo imprudentemente sôbre os louros conquistados, não pensou no futuro, não entesourou parte dos seus havêres, não supôz nem de leve, que podia despenhar-se das culminâncias do seu prestígio.

A sua ostentação dava nas vistas.

As suas carruagens e os seus cavalos eram das melhores espécies em voga.

Mudaram porêm os tempos: a desgraça bateu-lhe á porta, começou por levar-lhe a família, arrebatou-lhe os bens, e invalidou-o despiedadamente, quando a velhice principiava já a enervar-lhe a possante musculatura.

Conhecemol-o ahi por 1883, no decorrêr da sua penosa decadência, em que figuravam ainda alguns admiradôres das suas aptidões, entre os quaes entravam colegas seus, que, bastas vêzes lhe solicitavam os consêlhos, como fructos preciosos de uma longa e talentosa experiência.

Ayres tinha, na intimidade, ímpetos de descrente,

assomos queixosos de homem desiludido e ingenuidades de uma infantilidade pasmosa.

Dera-lhe pâra fazêr versos mordazes e de crítica social, sonêtos descosidos, poemas monótonos, onde, valha a verdade, havia muitas vêzes propriedade, na frase, e bom acêrto nas imagens.

A fórma galhofeira mal se compadecia com o verso heroico, de que se servia sempre, porque não conhecia a metrificação dos outros, errando a miude, a medida do próprio decassílabo, duro e desataviado, apesar do uso, que fazia dêle.

E lisonjeava-se de têr mostrado a Camillo e a Thomaz Ribeiro algumas das suas produções métricas.

— Isto tudo faz-lhe bem; serve-lhe de desabafo, não é verdade, meu amigo? — perguntámos-lhe de uma vêz.

— Não; os versos não me servem pâra desabafar; representam um triste resultado da velhice — respondeu-nos êle, a despedir fumaças pouco aromáticas do seu charuto de dez réis. — E' velhice, e nada mais. Espere, que eu lhe vou recitar um sonêto, que há-de provar-lhe o que digo.

E, na acentuação minhôta, que nunca perdêra, com aquela voz sumida, peculiar a tôdos os surdos, inexpressiva e monótona, recitou-nos êle, a mascar o charuto entre as gengivas, quase por completo falhas de dentes, o seguinte sonêto, que temos diante de nós, copiado por sua mão, e que não é muito pâra desdenhar:

> Quando eu era rapaz, fiz muita asneira:
> *sopeiras* não deixei nunca em socêgo,
> sôbre um sendeiro, qual Heroe Manchêgo,
> proêzas pratiquei, em uma feira.
>
> Passei vida patusca e galhofeira,
> em farças fiz de dama e de labrêgo,
> dentro d'um cêsto, ás costas d'um galêgo,
> as ruas percorri, por brincadeira.

Más versos nunca fiz! essa loucura
deixei eu reservada p'ra velhice,
ai! se antes não baixasse á sepultura,

por saber, bem ao certo, o que alguem disse:
que, no mundo, uma velha creatura
tem que exhibir segunda meninice.

*

* *

No primeiro período da sua imensa desgraça, ainda alguns doentes lh'a suavizavam, consultando-o, visto que êle podia ouvil-os regularmente, ao metêr uma fôlha de cartão especial entre os dentes, um tôsco reproductôr de sons, um rude objecto, de que andava sempre munido, trazendo-o estendido no peito, entre a camisa e o colête.

Em casos de auscultação porêm, tornava-se inutil semelhante recurso; e essa circunstância fazia-lhe rarear cada vêz mais a resumida clientela, que, pouca e devota, como era, acabou por desaparecêr, porque a surdêz se tornara completa, e a consulta escrita, em moléstia grave ou complicada, convertia-se num meio fatigante e quase impraticavel.

Os raros colegas, que lhe admiravam o préstimo, temiam-lhe a franquêza; e por isso as conferências rareavam igualmente.

— Isto não é assim; o doente foi tratado erradamente! — não lhe custava muito dizêr-lhes na ocasião dos debates.

— A medicina presta pâra muito pouco, e esta súcia de ganhadôres, êstes burros acabam por dar cabo dela — ouvimos-lhe nós, algumas vêzes.

Fraco meio êste de robustecêr simpatias, num tempo e numa sociedade, em que o disfarce e a hipocrisia são o apanágio dos delicados!

Nos últimos tempos portanto valêram ao pobre ve-

lho, quase nonagenário, misantropo e abstracto, a convivência e a mêsa dos poucos, que lhe lastimavam o infortúnio.

Não deixara porêm, de vêz em quando, de ajuntar mais versos aos que possuia, tôdos ineditos.

— Escreva alguma coisa, com cuidado, e dê-m'a, que eu a farei chegar a um ou outro jornal — dissémos-lhe um dia, vendo que êle encontrava um certo alívio na atenção, que prestávamos ás suas descoloridas recitações.

— Responderei ámanhã — volveu-nos êle, sorrindo modestamente.

E mandou-nos êste sonêto, no dia seguinte, um dia brumôso e lamacento de janeiro:

Prezado amigo meu, Sanches de Frias,
tenho o miôlo já petrificado
pela chuva e por frio, que hei gramado;
por isso mando á fava as poesias.

Da banza tiro só desharmonias,
por mais que nos bordões haja arranhado,
pois tenho a mente e as mãos, no tal estado
qual tens o sobrenome, amigo... frias.

Nem mêsmo falar posso; e só dou ais
se na lama patino, como os patos,
êsses broncos e mudos animaes.

Pensando pois, assim, nos ditos factos,
não posso fazêr versos p'r'os jornaes;
cantar bem, em janeiro... só os gatos.

Tem graça e bom conceito.

Só uma robustíssima personalidade é que conseguiria, no extremo de uma adeantada velhice, brincar dêste modo, com o seu próprio desvalimento.

Desventurado velho!

Se o seu cadáver pudesse estremecêr dentro da sepultura ignorada e esquecida, que o guarda, há já

uns poucos de anos, guarida desprezada, onde se sumiu quase despercebidamente; se o espírito, que foi dêle, volitasse em tôrno de nós, nêste momento, estamos certo de que lhes havia de fazêr bem esta triste e amigavel comemoração.

E' que, se a vida acaba sem amigos, a morte nunca espera têl-os.

Dr. Simões Dias

I

Os escritôres e a glória

Há anos, numa tarde de estio, ao ar libérrimo de um arrabalde lisboêta, onde creanças e pássaros chilreavam alegres, chegado com os nossos companheiros ao têrmo do passeio, filosofávamos nós, sentado na pedra rústica de um tôsco mirante, engrinaldado de trepadeiras silvestres; discorríamos, melancólica e azêdamente, sôbre o destino da maioria dos nossos homens de lêtras, jungidos uns á pesada atafona de emprêgos antagónicos da sua compleição moral; muitos, por maior e igual penúria, condenados a prosar automaticamente em artigos e notícias da imprensa periódica e diária, ou a traduzir romances de trapeira; e outros, finalmente, atrofiados por ambição própria ou alhêia nos meandros escorregadios e nada escorreitos da politiquice nacional.

— E diga tambem — ajuntou um dos nossos ouvintes — menosprezados por editôres, que os não encorajam, porque só avaliam obras pelo nome do autôr, pelo apimentado de tôrpe realismo, ou pela fama soprada pelas multidões ignaras; e vendem livros como quem mercadeja sapatos ou ferraduras.

— Num país, em que mal se soletram as fôlhas volantes, que são tubas de soalheiro, a ilustração do editôr orça pela do país, em que vive: antes de tudo, compete-lhe sêr negociante, em quem se não requerem lêtras, nem sentimentalismo.

— Diz bem. Sôbre um balcão de comércio, batatas, tamancos e livros valem o mêsmo.

— Que conversa crua! — interveio uma dama, que assistia, dêsde o comêço, ao azedume das nossas lástimas — Que positivismo tão fastiento! Tudo isso será, e é desgraçadamente verdadeiro; entretanto, eu persisto na minha persuasão, individualismo obscuro, bem sei, mâs inabalavel.

— E poderá sabêr-se, minha senhôra...

— A minha crença? Por que não?

«Eu creio e penso em que a única coisa, pâra que vale a pena vir a êste mundo de frioleiras e dôres, é, e será sempre, a producção original de bôas lêtras. Escrevêr e assinar um livro, que possa e deva sêr lido, constitue um privilégio divino, prémio único, repito, pâra cuja conquista vale a pena têr nascido.

Nunca nos deslembrámos, no discorrêr do tempo, do significativo conceito da ilustre senhôra, tão entusiasta e grande amiga dos escritôres.

É uma tese, cuja larguêza se resume, cimentando-se no *escripta manent* de antiga memória, em que o bom literato, ainda depois de têr desaparecido da terra, é sempre vivo, porque os seus escritos não morrem. Fenece o homem, resurge o escritôr: aquêle fica na terra, e êste ascende ao reino da glória, que é imperecivel.

Um dia, alguns mêses antes de deixar para sempre deserta a cadeira das conversas domingueiras, no nosso gabinête de estudo, onde traçejamos estas linhas, Simões Dias, a quem rememorávamos as palavras da espirituosa dama, balanceava a cabeça, e, num tom amargurado, comentava:

— Sim, sim! O juizo dessa boníssima creatura orça pelas altitudes romanêscas de tôdos os que tiveram uma mocidade ilusória muito sombreada poeticamente dos fumos da glória. Sim, sim! Quem me dera a mim nêsses bons tempos! Que levem o diabo tôdas as grandêzas de alem-túmulo! Os grandes mártires das lêtras e das sciências, que padecêram fomes, injustiças dos homens e da sorte, cárceres, naufrágios, perseguições e inclemências de tôdo o género, que aproveitaram com a tal glória, que lhes floriu na sepultura? Histórias da vida, que nada valem alem da morte, meu amigo! fraquêzas da humana patetice!

— Tu acabaste de lêr Schopenhauer, ou descoroçôas da vida...

— Eu sei lá se êste enôjo, que voto á humanidade, é descoroçoamento, ou o simples golfar da experiência? Quanto á glória, temos conversado dêsde que é inutil aos vivos. Pergunta á fome de Camões e de Homero, á estroinice mal guiada do Bocage, ao cárcere do Tasso e do Garção, ao infortúnio de Bernardim, á penúria e destêrro do Filinto, á fogueira inquisitorial do Antonio Silva e á desgraça de tantos homens ilustres — de que lhes serviu, em vida, a tão apregoada glória, que não passa de um sonho de loucos?!

— Homem, o prazêr do estudo já é refrigério a desgôstos...

— Bem sei. Está nisso o único privilégio do escritôr mal aventurado. Os alarves, que compõem a maioria da humanidade, nove partes em dez, desconhecem a absorção regeneradôra, o alheamento de-

leitôso do estudo, a que já nos temos referido, por vêzes, em nossas palestras.

Apesar da nossa apparente contradita, destinada mais a provocar discussão do que a extractar a verdade do nosso sentir, comungávamos nas idêas do poeta das *Peninsulares* e nosso desditôso amigo, a quem sobravam acerbos desgôstos.

A glória, se não é essencialmente uma doirada ficção, rara vêz ou nunca serve de antepara ao infortúnio dos alumiados das lêtras, daquêles, bem entendido, que podem deixar atrás de si um nome apregoado e bemquisto.

Pelicanos de estranha espécie, fustigados pelos baldões da sorte e pela injúria ou indiferença dos seus contemporâneos, esfacelam-se, desfazem-se do côrpo e alma, pâra recrear ou alimentar o espírito das gerações futuras.

E não brilham ahi por inteiro os tão falados esplendôres da glória? não se torna imorredouro, por isso, o nome afamado do escritôr, que o futuro distinguiu, e aclamou?

E de que vale tudo isso á vida do que se fanou desditôso, quando essa vida não pertenceu ao martiriológio do christianismo, ou ao simples ascetismo, que se afervora, e crê ganhar a ventura celeste, aonde irão brilhar espírito e côrpo?

E' óbvia e desoladôra a resposta positiva.

Entretanto, se a oblação, que levamos até ao sepulcro dos mortos, as flôres, que lhe lançamos sôbre a pedra fria, e o chamamento, com que os invocamos, nos parecem fazêr-lhes bem e consolál-os, evocando-os por momentos á vida — com muito mais razão ainda, devemos pensar em que os ossos dos homens ilustres se hão-de entrechocar no túmulo, quente e vivificadôramente, quando as suas obras escritas se reeditam, e passam de mão em mão, através dos tempos e das gerações, que se sucedem.

O bom escritôr pois, como o sentia a dama, que nos deu aso ás primeiras linhas dêste esbôço, e segundo a opinião de tôdos os amantes da glória, não morre nunca.

II

Castilho e a bôa linguagem

Simões Dias, que era um idealista, que, ainda aflicto ou pezarôso, ao reclinar a cabêça no travesseiro, em busca de repoiso, engolfava o pensamento em visualidades amenas, que muitas vêzes lhe aligeiravam a mágua, e sempre lhe precediam o somno, como nos confessava, cotado pela craveira dos que muito sentiram, e souberam, conquistando sólido renome, Simões Dias não se extinguiu; vive e viverá nos seus livros.

Realizar-se-á o que êle pedia nas *Peninsulares* á sua musa, a meio da invocação, com que abre o rico erário dos seus versos de oiro.

> «Há-de morrêr o sol, finar-se a lua,
> O vento emudecêr, secar o Oceano,
> Sumir-se o glôbo, e evaporar-se a vida,
> E tu, archanjo, realidade ou sonho,
> Meu sêr transportarás a novos mundos,
> Roubando assim minha existencia ao nada.

A frandulagem de um jornalismo ignaro e petulante, que escoucea a tradição linguística dos nossos maiores, de braço dado com escritôres de medianos escrúpulos, realistas pornográficos, que adulteram costumes e linguagem, gongorizando o estilo e mascavando o dizêr com estranjeirismos desnecessários; o ganhar reputação e dinheiro no livro e no teatro, com a exposição de quadros, tirados ás alfurjas do vício, e a enxurrada de publicações, que alardeam novas

escolas e agremiações — não hão-de matar, embora as obscureçam por instantes, as bôas lêtras pátrias.

Tôdas as seitas têm adeptos; e a de bem escrevêr e a de prezar quem bem escrêva hão-de perdurar, emquanto houver purismo e bom gôsto.

Já temos ouvido a muito bôa gente que o livro, o teatro e o jornalismo pouca influência exercem nos costumes de um país.

Nada há de mais falso do que esta leviana asseveração.

Castilho, o maior, mais verbôso e correcto escritôr da nossa lingua, nos tempos modernos, a quem o severo Camillo, como grandíssimo sabedôr do género, classificou pontífice da prosa, cinzeladôr linguístico, que deixou atrás de si arcas de riquêzas filológicas, Castilho, apesar da sua época sêr melhor que a nossa, já se queixava fortemente contra a influência nefasta dos jornaes e dos maus escrevedôres.

Ouçamol-o, por um pouco:

«Nesta era, em que é cabal o esquecimento dos nossos bons livros pátrios, forçôso o uso dos estranjeiros, generalíssima a conversação do idioma, que mais tem contaminado o nosso, sem lemites o despejo, com que os mais néscios traduzem, compõem e imprimem, espantosa a torrente de deslavadas sensaborías causadas de uma chuva miuda de periódicos, a qual nêste reino vae acabando de assolar costumes, amôr á verdade, esperanças do bem, juizo e gôsto seguro, e a formosa, a formosíssima lingua portuguêsa; nesta era, emfim, que a história tem de signalar com ferrête de presumpçosa e estúpida, em consciencia, devíamos nós, os poucos que ainda sômos portuguêses, pôr peito a por todos os modos salvar tal lingua do naufrágio.

«Já hôje o estranjeiro, que pelas obras de nossos antigos a houver aprendido, não a poderá ouvir, entrando por nossas cidades e vilas; só lá pelos recônditos fraguêdos de alguma serra do norte, debaixo

dos tectos de côlmo de alguma aldêa sem nome, a irá tarde desencantar». [1]

Parece um quadro, pintado ainda hontem.

E bom é arrimarmo-nos a semelhante esteio bracejante e robusto, pâra que se nos não atribuam despeitos ou rabugices de temperamento biliôso.

Continuemos por instantes:

«As traduções da lingua francêsa, a que, pouco há, atribuí parte da culpa no estrago do nosso idioma e pelo demais têm sido feitas por ignorantes movidos pela cubiça do lucro, por duas vias damnarão a sincera e nativa purêza da nossa lingua: já cobrindo-a com o voraz e feio musgo de estranhos vocábulos e frases, já principalmente quebrando-lhe o estilo próprio, a interiôr contextura, e desgastando-lhe, sem o cuidarem, a vida e espírito semi-romano, com que tão fera e poderosa andou sempre entre as de Europa». [2]

Vejamos agora o que o grande mestre, em corroboração ao nosso modo de sentir, nos expõe sôbre a influência, exercida por determinados romances e teatro, ao falar das *Metamorfoses* de Ovidio:

«Se procuram em Ovidio essas profundíssimas paixões dos dramas cirúrgicos e novelas anatómicas, com que por ahi se remoça tanto velho, e, o que alguma cousa peor é, se envelhece tanto rapaz, em balde procurarão; não as há nêle, porque ainda, em seu tempo não era inventada a sublime arte de estendêr o ânimo do leitôr sôbre uma ideia, como sôbre um pôtro de martírio; dar-lhe tratos e queimal-o a fôgo lento.

. . . .

«Em cada família, evangelizada pelos romances e convertida á fé da incredulidade, tôdas as prisões, afóra as dos interesses corporaes e imediatos, se desata-

---

[1] *Noite do Castello* — Confissão de Amelia.
[2] Ibidem.

ram: os filhos não acreditam na probidade dos pais, na virtude das mãis; as mulheres na dignidade dos maridos; os esposos na fidelidade íntima de suas companheiras; a amizade é uma hipocrisia calculada, a inocencia uma máscara, o amôr pátrio uma rêde, etc., etc.»

Desta mina deletéria, já menos mal explorada pela chamada escola romântica e tão esmerilhada e refinada pelo realismo pornográfico dos nossos dias, destaca-se como reação potente a grande obra de Julio Verne, onde as pieguices dos amôres, fundidos em olheiras profundas, esgares de tísica pulmonar, venenos, punhaes e bacamartes, o sensualismo desvergonhado, a mundanidade esteril, os escárneos ás religiões e aos bons costumes patriarchaes e a nauseabunda obscenidade da moderna mercancia de livros — fôram redemptôramente trocados por actos de fôrça moral e física, baseados em artes, sciência, lêtras, aplicados a descobrimentos terrestres e planetários, a sentimentos fortes e nobres e á exaltação do trabalho e da virtude.

Nesta obra colossal, onde a geografia, a mechânica, a navegação, a física e a história natural se difundem e aclaram, só há uma falsidade, a da... maravilha, indispensavel á transição do velho sistema, pílula doirada pâra a ingestão dos materiaes novíssimos e regeneradôres, alguns dos quaes julgados impraticaveis são hôje pura realidade.

Castilho, se agora vivêsse, não se dedignaria de aplaudir o intuito benéfico das *Viagens Maravilhosas*, embora tivesse de fustigar despiedadamente o abastardamento da nossa linguagem hodierna, apesar do pronunciado adiantamento dos processos filológicos.

Se o pontífice máximo do purismo português, já no seu tempo de plena florescência literária, requeria polícia pâra o desbravamento do escrevêr e falar — que faria hôje, em face da imprensa e literatices, que nos regem?

Pedia, com certêza, a guilhotina.

Não será despiciendo ouvir ainda, um trêcho clamorôso do mestre, ao menos pâra agrado da meia dúzia de caturras, que se interessam pelo assunto, e lastimam que o mal já venha de longe.

«E assim se nos vai, de fora em fora, a lingua; e não há uma voz de legisladôr, representante do pôvo português, que portuguêsa sôe, a pedir remédio pâra tamanho estrago, em cousa de tanta monta e tão nossa, e a mais nossa de quantas há; como se, depois da religião e dos bons costumes, e do socêgo público e da fama dos particulares, não houvera mais nada contra o que fôsse crime atentar pela imprensa! Oh! quando sobejará um pouco de polícia pâra chegar á república literária, que tão anárquica vai, assolando os presentes e ameaçando os vindouros!»

Simões Dias, desviado embora da sua tendência natural — a de sisudo escritôr de gabinête e de poeta popular e sentimental — pâra o jornalismo de convenção, pela negregada política, que lhe explorou os méritos, conculcando-lhe a carreira das lêtras e desprémiando-o até final, — é, pelo vigôr do seu talento nativo e prática pedagógica, dos raros, em quem a mácula da má escritura não conseguiu alastrar-se.

Os seus versos de feição provençal, sua obra prima, os livros didácticos, cujas edições repetidas lhes assinalaram o préstimo, as traduções e imitações e as suas obras românticas são escritos de segura lição e de português escorreito.

III

Traços biográficos

Pâra os que não conheçam o estudo crítico-biográfico da nossa mão, apenso á quinta edição das *Penin-*

sulares, última e definitiva, como já notámos, ainda revista e arrumada pelo autôr; e especialmente pâra os que desejam apertar num só elo as notícias da vida e morte do popularíssimo poeta — vem de molde trasladar pâra aqui uma parte do que dissémos, preenchendo lacunas, rememorando factos, mencionando incidentes posteriôres, e completando-os, embora resumidamente, a começar pelo escôrço biográfico.

Reivindicando, como lá afirmámos, pâra a crítica e pâra a história, uma individualidade, cujos atributos de plena revestidura andavam mal cerzidos e peormente localizados, aqui e acolá, mau grado a perícia dos que dela se têm ocupado, fazêmol-o, sem que o nosso juizo obedêça ás consequências de uma amizade admirativa, dilatada e rigorosamente mantida por largos anos.

Sendo máxima nossa que a investigação e o registo do passado representam um culto, devido á memória dos que fôram, ao mêsmo tempo, laboriosos, inteligentes e bons, é evidente que o nosso dizêr é um desempenho de bôa e devida justiça.

O doutôr José Simões Dias nasceu, a 5 de fevereiro de 1844, numa pequena aldeia, cujo nome *Bemfeita* lhe basta pàra galhardia.

Situada acima de Còja, ao lado esquèrdo do rio Alva, no concêlho de Arganil, apertada entre montanhas, ramificação longinqua da Estrela, cortada pela ribeira da *Mata,* apesar do desmazêlo extravagante da sua casaria, alem de bem feita, com mais propriedade poderia chamar-se *Beatíssima,* em razão das suas edificações religiosas: uma capela octógona alpendrada da invocação de santa Rita, a meio da encosta; uma ermida de S. Bartholomeu, ao cimo; a certa distância, caminho da montanha, as capelas da Senhôra da Guia e das Necessidades, precedidas de um grande terreno arborizado; e como sentinela vigilante, á entrada do lugar, a egreja parochial do

tôrre quadrangular, cujo orago, Santa Cecília, poderá sêr advogado dos bons poetas, que músicos devem considerar-se de privilegiado quilate.

Uma pequena povoação solitária, estendendo na vertente de uma serra apinada, ladeira acima, a sua casaria rústica, coberta de lousas ardosianas, quasi primitiva, enquadrando-se em socalcos verdejantes, que se enfileiram egualmente noutra serra fronteira, e banhando os pés numa ribeira sussurrante, salpicada de azenhas e marginada por árvores fructíferas e cultura campesina, aonde a primavera envia rouxinoes em barda — é excelente estância pâra bêrço de um poeta.

Antonio Simões Dias, proprietário, que ainda vive, e sua mulher D. Maria do Rosario Gonçalves, há pouco falecida, fôram os paes de Simões Dias.

Aos 10 annos, em 1854, concluia êste os estudos primários na escola do mestre régio da localidade, padre Antonio Pedro Nunes Teixeira, seu parente e velho liberal, que sofrêra por isso as torturas do exílio e das prisões de Almeida, homem probo, vulto espadaúdo, claro, aprumado, que um dia chegámos a vêr, cercado das netas, porque ao enviuvar é que se ordenára, concluindo os estudos interrompidos pelo casamento.

Empunhando a palmatória do ofício, e experimentando frequentemente a elasticidade das orêlhas dos discípulos, Antonio Pedro era menos mau atrofiadôr de intelectos, mâs, no meio dos seus rotineiros processos, lobrigara a intelectualidade precoce e absorvedòra do pequeno alumno, que o fazia pasmar, e que, em breve tempo, lhe sugeriu largos vaticínios.

Nêsse dito ano, o rapazinho, em consêlho de família e por opinião sentenciosa do seu professôr, especialmente, foi mandado estudar latim pâra o distrito de Leiria com outro mestre régio, João Cabral de Brito, em Pedrógão Grande, onde era párocho seu

tio, o reverendo Albino Simões Dias Cardoso, carácter amoravel, homem boníssimo, a quem o educando deveu quente agasalho, e provada dedicação, de que sempre se lembrou agradecido.

O apartamento da aldeia nativa, deitada, a preguiçosa, sôbre as alfombras da encosta, que o pequeno percorrêra a despedir-se de tôda a gente, não se fèz sem lágrimas, como era natural e é próprio da compleição e sensibilidade dos que nascem nos braços das musas.

Na pátria de Miguel Leitão de Andrada, estêve três anos o novel estudante a suportar as lições, não de uma personagem, como seria o Andrada, douto autôr da *Miscellânea*, mâs sim do mestre Cabral, pedagogo ferrenho e ignorantaço, que êle felizmente abandonava no fim dêsse tempo, recolhendo-se ao *ninho seu paterno,* pâra se transferir a Coimbra, aonde iria cursar preparatórios.

A ida pitorêsca da Bemfeita pâra a Raiva num carro de bôis, sôbre molhos de palha, a sua entrada na barca mondegana, que, atulhada de pipas de vinho, ia leval-o, rio abaixo, á terra de Sá de Miranda e o seu deslumbramento em face da poética cidade, pâra êle tôda rutilante de louçanias e esplendôres babilónicos, que avultavam ao espírito impressionavel do estudantinho aldeão, como maravilhas nunca sonhadas, durante as leituras fantásticas da *Princêsa Magalona,* do *Carlos Magno* e da *Imperatriz Porcina,* sôbre que já tinha derramado não poucas lágrimas de admiração — tudo isso, tão nitido como fotografia indelevel, não se riscou nunca das lembranças infantis de Simões Dias, que saltava no caes de Coimbra, comovido, titubiante, com 15 anos de edade, dôze vintens em prata no bôlso, dádiva generosa de sua madrinha, e a alma virgem, angelicamente bucólica, alanceada de dúvidas e sustos.

A sua entrada e demora em casa de outro parente,

tambem padre, conhecido latinista naquela cidade, são por demais pungentes e ingratas pâra que delas nos ocupemos.

Dahi provieram numerosos desgôstos á sua vida, que foi sempre eivada de rara parcimónia e successivas dificuldades.

De tôdos os preparatórios, necessários á matricula posteriôr, fêz exames em 1857 e 1858; faltando-lhe porêm a edade, e cedendo passivamente ás instâncias e vontade dos parentes, que o desejavam clérigo, foi inscrevêr-se, ao seminário, no curso teológico, que, tão galhardamente como acontecêra com os estudos antecedentes, terminava, ao fim de três anos, em 1861, contando apenas 17 de edade.

Por isto, facilmente se pode calcular que tortura não seria pâra aquêle espirito florejante a aridêz de taes conhecimentos tão contrários á sua vocação; e de que podêr de intelecto dispunha o seu organismo!

*
* *

No *Doutôr Sphinge* dos *Contos em prosa,* narrativa, que transitou pâra as *Figuras de Cêra*, com o modestíssimo titulo de *João Ninguem*, e que é uma autobiografia, Simões Dias, apoucando o seu mérito, mâs indicando os processos de ensino do seu tempo, faz-nos dêles o seguinte retrato:

«Os mestres orçavam geralmente pelos que tinha encontrado nas primeiras lêtras e no latim; os processos os mêsmos; e, quando me supunha um sábio em tôdas as matérias percorridas, encontrei-me com o cérebro vasio e a inteligência exhausta. O mundo continuava a sêr pâra mim um vasto mar tenebrôso e desconhecido.

«Pâra o vencêr carecia de lutar, mâs faleciam-me tôdos os meios de resistência. As aulas não tinham

pôsto nas minhas mãos nenhum dêsses instrumentos poderosos, que servem pâra defendêr a dignidade pessoal e pâra grangear o pão de cada dia.

«Sentia-me com âncias pâra o trabalho util, mâs não sabia trabalhar. Os méthodos da disciplina mental e as torturas da memória não tinham feito de mim o que vulgarmente se chama um cretino, mâs tinham com certêza produzido um inutil. Discorria como um papagaio, porêm não raciocinava melhor que um selvagem por domesticar.»

A amargura cáustica, que resumbra destas linhas, pinta, a justos e breves traços, tôda a sequidão do ensino oficial.

Apesar de tudo, porêm, a frequência de estudos áridos e monótonos quase incompativeis com aquêle cérebro juvenil, onde borbulhavam tôdas as idealidades, côr de rosa, de uma alma scismadôra e inexperiente, não chegou, durante êsse largo tempo, a empanar a luz fulgurante de uma espontânea e vivíssima inspiração, que se desatava em floridas primícias, que a tôdos pareciam demasiado precoces.

São de anos tão vêrdes os primeiros versos correctos de Simões Dias, porque os incorrectos datavam já de mais tempo.

Diante de nós temos uma longa carta do doutôr Jacintho Nunes, na qual o conhecido democrata, domiciliado em Grândola, ao sabêr-nos biógrafo do seu antigo companheiro de estudos, se apressou espontaneamente a dar-nos alguns esclarecimentos.

Ao falarmos em versos incorrectos, vem de molde, dar notícia das seguintes particularidades dessa carta:

«Convivi muito com Simões Dias, dêsde 1855 a 1865, visto que Pedrógão Grande, onde êle estudou lâtim, é a terra da minha naturalidade.

«Quando êle se matriculou no curso theológico do seminário de Coimbra, já eu lá estava.

«Por êsse tempo, apesar de *formigão,* entregava-

me eu, nas horas vagas, a devaneios poéticos. Um dia, mostrei a Simões Dias uma versalhada qualquer da minha lavra.

«Êste não se denunciou, mâs, dois outros dias depois da minha confidência, que o estimulou, correu a mostrar-me uns versos seus, originalíssimos, mâs um tanto livres na *téchnica*.

«Dei-lhe por isso o tratado de metrificação de Castilho, aconselhando-o ainda, como melhor guia, a estudar nos escritos dêsse grande mestre, nos do Garrett e de outros poetas muito em voga.

«Resultado maravilhôso! Poucos mêses depois, já quando a minha brotoeja poética estava quase curada, inundava êle as fôlhas literárias de Coimbra com os seus versos tão naturaes, tão peninsulares, tão sentidos, que eram um encanto pâra os que prezavam o cunho nacional dêsse género de literatura».

E era assim. Dahi data a sua colaboração nos periódicos literários de Coimbra — *Tira-teimas, Himnos e Flôres, Fósforo, Harpa, Prelúdios Literários, Átila, Academia,* que fundou com Emigdio Navarro e Lopes Praça, *Chrisálida,* em que se associou com Theophilo Braga e Duarte de Vasconcellos, e finalmente na *Fôlha,* de João Penha.

Pode afoitamente dizêr-se que, num período de 9 anos, de 1861 a 1870, não houve em Coimbra e arredores publicação, que não tivesse escritos seus, podendo ajuntar-se ás mencionadas o *Pôvo, País, Estrêla da Beira* e *Comércio de Coimbra.*

IV

Curso teológico — Prégação e casamento

Concluido o curso do seminário naquêle ano de 1861, como dissemos, Simões Dias, ainda á espera de

maior edade, ia matricular-se nos estudos universitários.

Recrudesceram aqui verdadeiros amargôres de uma vida laboriosa pâra o môço poeta, que, ao mêsmo tempo que forcejava por mantêr completa nas aulas a reputação conquistada, via-se forçado a lecionar numerosas classes, dentro e fóra de sua casa, pâra ganhar o pão; sustentar a sua independência; dedicarse, com o fervôr do seu estro sugestivo, aos predilectos estudos literários, sua aspiração suprema; e mais tarde pâra auxiliar e encaminhar a educação de seus dois irmãos, Antonio e Albino, aquêle, actualmente oficial do exército e êste professôr e párocho exemplar da Cerdeira.

Com efeito, mercê das tendências inatas, vivazes, irresistiveis do seu espírito creadôr, dois anos mais tarde, aos 19 de edade, em 1863, publicava em Coimbra a coleção lírica do *Mundo Interiôr;* em 1864, o poemêto *Sol á Sombra;* em 1867, a 2.ª edição do *Mundo Interiôr;* e finalmente, em 1868, o livro de contos *Corôa de Amôres,* que, há pouco, se fundiram e alargaram em 3.ª edição, sôb a crisma de *Figuras de gêsso.*

Tôdas as previsões dos aurúspices, devotados á preconisação dos seus altos destinos intelectuaes, ultrapassavam as raias prescritas.

A imprensa da época registava com aplauso vibrante as estreias do novel poeta, prometendo-lhe vasto futuro.

Tôdos os magnates das lêtras, os que então faziam e desfaziam reputações, vieram ao chamamento dos louvôres, que se apregoavam, e exalçaram o mérito, que lhes dava causa.

Mendes Leal, logo ao lêr dos primeiros versos, mandava-lhe o seu retrato, com esta ridente e notavel dedicatória: — A uma primavera, que se inflora com o nome de Simões Dias, um estio, que declina com o

nome de Mendes Leal». Castilho aplaudia-o, com alma, em correspondência particular, e publicamente em carta ao *Jornal do Comércio;* Camillo, como escreve no *Cancioneiro Alegre,* conhecendo poucos poetas e gostando de pouquíssimos, destinava aos cantares do novel trovadôr, o pequeno raio das estantes, consagrado aos bons; Pinheiro Chagas, analizando no *Panorama* as canções populares do recem-vindo ás fraldas virentes do Parnaso, chamava-lhe o primeiro guitarrista peninsular!

O talentôso estudante ia portanto terminar os seus estudos universitários, tão discordes da sua compleição, sôb os melhores auspícios, já senhôr de um nome laureado; o vate recebia a sua sagração por mãos dos melhores patriarchas da seita; e o escritôr ia entrar na pugna, onde em breve conquistaria as suas esporas de cavaleiro.

*
* *

Cabe nesta altura uma curiosissima nota, que pouca gente conhece fóra do districto coimbrão, e que vem dar nôvo abono á elasticidade intelectual do nosso estudante. Simões Dias, ao fim do curso theológico, por benevolência, certamente, das autoridades eclesiásticas e instâncias do tio padre, chegou a prégar em várias egrejas, nomeadamente na do Pedrógão Grande, com um êxito, diz-nos ainda a carta do doutôr Jacintho Nunes, superiôr ao de tôdos os afamados prégadôres d'aquêles sítios!

Se não fôra a falta de edade, os desejos e instâncias dos parentes eclesiásticos e seculares e a atmosfera, que respirava no seminário, tel-o-iam convertido, precipitadamente, num padre.

Durante o curso universitário, porêm, e ao desabrochamento irradiante da sua florescência poética e

literária, parecêres autorizados, consêlhos de homens doutos, vozes unânimes, emfim, clamavam que seria desconchavo inaudito e até barbaridade premêr, atrofiar tão prometedôras aptidões na estreita e aleijada envergadura de um simples sacerdote.

Alem das causas, que apontamos, o nosso devêr de cronista rigorôso, obriga-nos a registar que Simões Dias se apartava da vida clerical, alem de tudo, por irresistivel inspiração da sua musa, encarnada num vulto trasbordante de formosura e mocidade, na figura esbelta e seductôra de uma mulher, que era o seu maior estímulo e o ardente amôr da sua alma apaixonada e poeticamente sonhadôra.

Vejamos.

Em julho de 1868, ano da sua última publicação literária, tendo alcançado, durante tôdo o curso universitário, as mais honrosas classificações, Simões Dias concluía a sua formatura; e era instantemente solicitado pelos seus professôres pâra que se doutorasse, e consentisse em fazêr parte do côrpo docente da universidade.

Impelido porêm pela aura de uma liberdade, que lhe sorria de longe, pelos próprios encómios dos seus admiradôres, por estímulos vários, que lhe tumultuavam no ânimo assimiladôr, e ainda mais pela norteação e sorrisos estonteadôres da sua donairosa musa — preferiu concorrêr a uma cadeira de português, francês, latim, economia rural e administração pública, creada pâra a cidade de Elvas, por lei de 27 de junho de 1866.

Entretanto, em festiva caravana, composta apenas dos seus queridos amigos e admiradôres Domingos de Almeida, a quem adeante nos referimos, Dr. Lopes Praça, José Galvão Peixoto Lobato e sua espôsa D. Albertina, esta e aquêle padrinhos do casamento, Simões Dias, aos 24 anos, respirando, a plenos haustos, a maior alegria de tôda a sua vida, três mêses

depois da formatura, a 3 de setembro de 1868, seguia caminho do Bussaco, onde ia passar êste dia, levando de braço a sua musa dilecta, a mulher de há muito amada, D. Guilhermina Simões da Conceição, que de madrugada esposara em Coimbra, na egreja da Sé.

Então exclamaria êle, transportado de louco embevecimento, como nos seus conhecidos versos:

> Bem hajas, meu tesoiro!
> Bem hajas, minha flôr!
> O' minha estrêla d'oiro,
> O' meu sonhado amôr.
>
> Bem haja a luz celeste,
> Que os passos teus condúz,
> Archanjo, que vieste
> Tomar a minha cruz!

Do consórcio de Simões Dias, celebrado pelo párocho Ignacio de Carvalho Freitas, apresentada provisão do governadôr do bispado, dispensando os proclamas, fôram testemunhas José Galvão Peixoto Lobato, [1] representante de Miguel Antonio de Souza Horta; e D. Albertina Augusta Caldeira Galvão, delegada de D. Maria da Gloria Costa Souza Albuquerque.

A noiva de Simões Dias era filha da então muito conhecida e celebrada logista Delfina, estabelecida em Coimbra com botequim, frequentado pela academia e gente grada. Bôa edúcadôra de suas filhas, mantinha-as com recato e distinção.

---

[1] Galvão, tão preconizado por Simões Dias, na sua correspondência epistolar, era um rapaz de larga inteligência e probidade. Cursou os preparatórios do liceu conimbrecense; foi 2.º sargento de caçadôres, fêz-se em seguida telegrafista, sendo, em 1871, nomeado directôr do correio das Caldas da Rainha, e morrendo dois anos depois tuberculôso. Ao que nos consta, D. Albertina, sua espôsa, vive ainda em Condeixa, tendo passado a segundas núpcias.

Segundo se deprehende de uma carta de Simões Dias, escrita em agôsto de 1866, da Figueira, ao seu e nosso dilecto amigo Domingos de Almeida,[1] os seus amôres, começados na frequência do botequim, robustecêram-se naquela praia de banhos, aonde Delfina fôra, nêsse ano, com tôda a família, sendo seu hóspede o futuro noivo da filha Guilhermina.

— Que tempos! — escrevia êle, um mês depois, recordando essa época, saudosa [2] — Que tempos! que luar! e que louco devanear por essas solidões da praia, ou lá, em cima, no forte, onde, sôbre uma peça de artilharia, tracei a lapis aquêle *adeus* do *Mundo Interiôr* quando me vi obrigado a retirar-me antes *dela!*»

Recordemos nós êsse *adeus,* que anda adstricto ás *Peninsulares,* como convem ao quadro e como eco tradicional dos amôres característicos, tantos e vários, que hão tido por bardos os rouxinoes dos sinceiraes de Coimbra:

É forçôso partir, e só Deus sabe
Quanta amargura em tão cruel momento!
Nem se imagina como em peito cabe,
Com tanto amôr, tamanho sofrimento!

Hei-de conta-lo aos ceus de alheia terra,
Hei-de dizê-lo á lua, quando passe,
No viso melancólico da serra
Anciôso por beijar-te a nivea face.

---

[1] Domingos José de Almeida e Silva, um quase irmão de Simões Dias, nosso condiscipulo e amigo, em cuja casa dormimos a última noite, que precedeu a nossa partida pâra alem do Atlantico; actualmente chefe da estação telegrafo-postal de Coimbra, coração amantíssimo, carácter impecavel no que toca a sentimentos de bôa e leal camaradagem, amigo raro, a cuja dedicação se deve a guarda de numerosa correspondência, que recebeu do poeta, durante tôda a sua vida, a mais importante da qual nos forneceu algumas datas e esclarecimentos, de que nos servimos, e que aqui lhe agradecemos.

[2] Carta de 4 de outubro de 1868.

E, quando á noite o ceu tôdo estrelado
No azul estenda o luminôso manto,
Hei-de lembrar-me de outro ceu doirado,
O ceu do teu olhar, cheio de encanto.

Depois no rasto, que deixa, no espaço,
Cada estrêla cadente, em noite calma,
Hei-de mandar-te num estreito abraço
As saudades sem fim, que me vão nalma.

Quando eu andar mais triste, irei sentar-me
No cume do alto cerro, ao fim do dia.
Só para vêr se, á fôrça de enganar-me,
Posso enganar a própria fantasia.

Mâs que triste consôlo! Adeus! Comigo
Vai combatendo a sorte, que me cabe;
As saudades, que levo, não tas digo;
Penas, que nalma vão, só Deus as sabe!

V

Em Elvas — Trabalhos literários

Apesar do grande número de concorrentes, as provas de habilitação á cadeira, a que aspirava, fôram tão brilhantes que o faziam preferir, e nomear professôr vitalício, por decreto de 30 de novembro do sobredito ano, isto é, quatro mêses depois da sua formatura.

Simões Dias, ainda á espera do seu diploma, pâra fugir aos reparos e recriminações de tôdos os seus parentes, que instavam pela sua elevação ao sacerdócio, e não tiveram conhecimento das antecedências e realização do consórcio, ao voltar do Bussaco, no próprio dia do seu enlace matrimonial, dizia apressado adeus, na estação do caminho de ferro, aos seus companheiros e amigos, abandonava os cinceiraes do Mondêgo, onde modulara os seus primeiros cantares, e se-

guia pâra Elvas, enamorado das doces peripécias dos seus castos amôres, que, ainda mal pâra o seu futuro, se lhe sumiriam em breve no túmulo.

Houve largo espaço entre a chegada a Elvas e o recebimento do diploma, que o encartaria na cadeira, sendo-lhe preciso, pâra acudir ás necessidades da sua vida doméstica, promovêr lecionações, que lhe deram uma dúzia de discipulos.

Aludindo a uma legenda, que Domingos de Almeida lhe pedira, nessa época, pâra o túmulo de uma creança conimbricense, escrevia-lhe Simões Dias:

— A quadra vai fria de mais pâra versos; alem disso, saem sempre enregeladas coisas, que se não sentem; por mais que a gente lhes puxe e repuxe as grenhas, não há levantál-as da prosa.»

São assim os versos de encomenda; bem o sabemos tambem.

Levantemos nós, porêm, de futuro esquecimento essas linhas não despiciendas, que só constam da carta amarelada, aberta deante de nós:

A' sombra desta lousa, em terra dura,
Se finou em botão, môça e menina,
Aquela, que, através da sepultura,
Fêz seu caminho pâra a luz divina.

Amôres, pae e mãe, que Deus lhe dera,
Por longas horas, vêm aqui chorar,
Que o anjo de sua alegre primavera,
Aos anjos, seus irmãos, se foi juntar.

Recebido o diploma, dizia Simões Dias, através da sua trabalhosa experiência, com o leve prurido de ironia cáustica, que ela lhe emprestára. [1]

— Depois dêste despacho já tenho muitos amigos em Elvas! Como as coisas são!..................

---

[1] Cartas de fevereiro de 1869.

«A minha criada, que tem 23 anos, é literata e actriz! profissão, que exerceu três anos e meio no teatro cá da terra, onde fazia de primeira dama! e o meu criado é um militar, que me saúda, fazendo continências! Vê tu que grandêzas! O diabo é que sou um fidalgo pobre!»

*
* *

As obrigações do seu cargo, como acontecêra com os estudos anteriôres, não inhibiram Simões Dias do cultivo literário, e concorrêram até pâra que, pela primeira vêz, experimentasse as suas armas de polemista, batalhando nas ardentes pugnas, que então se feriram contra a *Nação*, o *Bem Público* e outras folhas reacionárias, que lhe não perdoavam o desvio pâra fóra dos arraiaes teológicos.

O campo da batalha era a *Democracia*, de Elvas, onde colaborava com o reverendo Henrique de Andrade, tão modesto como erudito, seu companheiro e devotado admiradôr, a quem deve uma das mais calorosas biografias.

A sua estada em Elvas assinalou-se especialmente pela publicação do poema heroe-cómico *A Hóstia de oiro,* saido dos prélos da *Democracia,* em 1869, ano fatal pâra o seu amorôso coração de espôso idolatrado.

Sua mulher, a musa dilecta dos bons tempos de Coimbra, enfêrma, a 20 de março, sucumbia na melhor quadra da sua vida, a 14 do mês seguinte, e era sepultada no cemitério de S. Francisco, aos 24 annos de edade, flôr tão modesta, como formosa, que se desfolhava em pleno viço, por ironia da sorte, ao desabrochar das flôres primaveraes.

Dêste dia em deante, deixou Elvas de têr pâra Simões Dias a costumada simpatia, apesar de ainda ahi publicar, no ano seguinte, 1870, a 1.ª edição das *Pe-*

ninsulares, canções meridionaes, impressas, como o livro antecedente, nos prélos da *Democracia.*

Êsse livro antecedente *A Hóstia de Oiro,* estabelecia um caso singular do destino.

Ao respirar a mêsma atmosfera, que tinha envolvido a figura irónica do doutôr Antonio Diniz da Cruz e Silva, um século antes, o amorôso trovadôr e cantôr lírico das canções meridionaes, comungava em espírito com o autôr do *Hyssope,* e satirisava personagens do seu conhecimento, na *Hóstia de Oiro,* escrita á mêsa da redação da *Democracia,* e pensada na própria casa, onde poetara Cruz e Silva!

Êste poema era um nova característica de aptidões, que ninguem lhe supunha, que a superstição poderia atribuir a filtro maravilhôso, que por ahi estadeasse, desprendido, havia tanto, do alto espírito, que produziu o *Hyssope.*

Em agôsto do já dito 1870, Simões Dias deliberava transferir a sua residência pâra Lisbôa, onde obtivera, em concurso, um modesto emprêgo na secretaria da justiça, exactamente quando o município de Elvas se reunia pâra o louvar, como professôr, aumentando-lhe o ordenado, e rogar-lhe que não saisse dalí.

No período, consagrado a Elvas, devemos tambem mencionar o aparecimento de uns *Estudos sôbre a literatura hespanhola contemporânea,* que, anos depois, em 1877, se ampliaram, e refundiram, formando o volume *Hespanha Moderna;* bem como nos cumpre notar os factos principaes, a que êsses escritos deram causa.

Simões Dias, pelo conhecimento que tinha dos escritôres espanhoes, alguns dos quaes lhe conheciam e aplaudiam o nome, compozera êsse livro, revista crítica e biográfica dos poetas, oradôres, eruditos, historiadôres e artistas contemporâneos da nação vizinha.

Esta obra pôl-o em comunicação com os princi-

paes talentos de Espanha, com cuja amizade se honrou sempre; valeu-lhe um encomiástico artigo na *Ibéria,* onde se mencionavam e celebravam os serviços feitos á literatura hespanhola pelo escritôr português; e deu-lhe a honra de recebêr, na sua casa de Elvas, no dito ano, das mãos do então ministro Montero Rios a comenda de Izabel a Católica, com que a regência de Serrano quis galardoar êsses serviços.

A comunhão confraternal de Simões Dias com os escritôres espanhoes promanara das traduções, que alguns dêles haviam feito dos seus versos, e dos louvôres, com que o saudara a imprensa espanhola, logo em seguida á publicação.

Emquanto distinctos poetas, como Ventura de Aguilera, Luiz Vidart e Garcia Blanco assinavam essas traduções, notabilidades, como Victor Balaguer, o sábio académico autôr da monumental *História de los Trovadores,* Emilio Castelar, Romero Ortiz, Nunes de Arce, Montero Rios, o recente e coagido negociadôr da triste paz espano-americana, e outros publicavam na imprensa mais autorisada artigos laudatórios e calorosas felicitações.

A comenda espanhola, louvôres sejam dados aos sicofantas da politiquice portuguêsa, que convivêram com Simões Dias, e lhe sugaram o mérito, foi a única distinção honorífica, que o acompanhou em vida!

VI

Em Lisbôa e Viseu

A estada de Simões Dias em Lisbôa foi passageira, durando apenas de agôsto do ano antecedente até abril de 1871, ano, em que deu á estampa as *Ruinas,* poemêtos, que ainda imprimiu em Elvas, e que, como o *Mundo Interiôr,* fazem hôje parte das *Pe-*

ninsulares; e data, em que era encarregado pelo governo de ir regêr no liceu da cidade de Viseu a cadeira de oratória, poética e literatura, sendo provido na propriedade desta última disciplina, em 1880, e desempenhando já o cargo de secretário do mêsmo liceu, pâra que fôra escolhido, dois anos antes, por decreto de 21 de fevereiro de 1878.

A curta demora, porêm, na capital, não inhibiu o festejado poeta de travar relações e camaradagem com a maioria dos literatos lisboetas, quase tôdos frequentadôres dos célebres saraus literários, onde, aos sábados, na sua residência de S. Francisco de Paula, o venerando Castilho, cercado de fina flôr da aristocracia do talento e do sabêr dessa época brilhante, fazia da sua casa um areópago de sciência e lêtras, como nunca mais tornou a havêr em Lisbôa, onde os conventículos posteriôres de invejas e seitas produziram a desunião subsequente.

As tão procuradas enciclopédias literárias dêsses tempos áureos dão a medida da cohorte numerosa de escritôres, que se acercavam do maior sabedôr e melhor purista da lingua portuguêsa.

Uma dessas afamadas reuniões, a pedido de Fernandez de los Rios, celebrou-se no palácio da embaixada espanhola, á rua das Chagas, onde êste diplomata tratava de conquistar prosélitos, entre os melhores políticos e homens de lêtras pâra os seus fanatismos ibéricos.

Julio de Castilho, como êste próprio nos afirmou, há tempo, herdeiro do título e do talento de seu gloriôso pae, ia lêr uma obra do mestre, nacionalisadôr inimitavel de estranhos monumentos literários, a tradução do *Fausto*, em sarau familiar de gala, entremeado de ceia, crítica, dôces, licôres e música, serão brilhante, que se prolongou até á madrugada.

Simões Dias, que pâra êle fôra um dos convidados, recebendo do diplomata espanhol finêzas espe-

ciaes, sempre se lembrou com saudade dessa noite memoravel.

*

* *

A permanência em Viseu comprehende um dos períodos mais afanosos e notaveis, se não o mais afanôso, do vivêr de Simões Dias, tantas e tão diversas ramificações tomou êle.

Um ano depois da sua chegada, creava nova família, matrimoniando-se, segunda vêz, em 26 de setembro de 1872, enlace, de que proveio sua filha, a sua filha dilecta.

Amigo particular do falecido bispo de Viseu, D. Antonio Alves Martins, lançou-se, abertamente e a breve trêcho, na defensa dos princípios e programa daquêle estadista; e taes aptidões desenvolveu, que lhe conquistaram, dêsde logo, um dos primeiros lugares da política districtal.

Os sinceros amigos das lêtras é que, certamente, não mandaram o seu cartão de visita á inebriante e refalsada empolgadôra de quase tôdos os talentos literários do nosso país.

Apesar de tudo, sem faltar aos seus devêres profissionaes, escrevia livros pâra as aulas; compunha contos e romances, uma vêz por outra; dirigia o jornal *Observadôr*, que fizera nascêr pâra apostolar a sua política liberal e patriótica, em 1878; e depois, a 2 de novembro do ano seguinte, creava o *Districto de Viseu*, que dirigiu, durante oito anos; cuidava das fações, pâra onde o arrastavam as solicitações dos amigos; fazia discursos nas assemblêas populares, e curava finalmente do bem-estar da família.

Eleito deputado ás côrtes, por Mangualde, em 1879, estreou-se, como oradôr parlamentar de excelentes recursos, ao propôr que fôsse considerado de gala nacional o dia do tricentenário de Camões.

A sua oração foi académica e elegante; avantajou-se-lhe extraordinariamente, porêm, a que pronunciou, como relatôr do projecto de lei da instrução secundária, de 14 de julho do ano seguinte, discurso erudito, que preencheu duas sessões do parlamento; trabalho oratório e pedagógico de primeira ordem, seguido de gabos especiaes da imprensa.

O melhor discurso parlamentar de Simões Dias foi reduzido a livro, e conta duas edições de larga circulação.

Três legislaturas mais o tiveram por deputado, por acumulação de votos — a que vae de 13 de dezembro de 1884 a 7 de janeiro de 1887; por Pombal, a de 2 de abril dêste ano a 10 de junho de 1889; e por Mértola, a de 19 de abril de 1890 a 2 de abril de 1892.

Os seus artigos de polémica, vernáculos e um tanto irónicos, nada ficavam a devêr á costumada oratória parlamentar, que não tinha fulgurações demosthénicas, nem repentes arrojados e retumbantes, á José Estêvão, mâs frases conceituosas e períodos de um colorido quente e incisivo, quando o assunto lhe merecia afecto.

Nos tão falados comícios, que se celebraram, em 1882, contra o contracto Salamanca, a palavra vehemente e correcta de Simões Dias produziu peças tribunícias, que fôram altamente cotadas pelos jornaes do tempo.

Foi êle quem, á frente de uma numerosa comissão districtal, se dirigiu a el-rei D. Luiz, então de visita á Beira, pedindo a demissão do govêrno.

Apesar d'essa agitação de vida, a robustêz das suas faculdades mentaes não deixava condenar ao abandono os assuntos escolares e as belas lêtras, exceção feita da poesia, que não viça em ruidos tumultuantes, nem floresce em terrenos de aluvião, estranhos á subjectividade do seu sêr imaculado.

VII

Ainda a época de Viseu

Pertencem á época visiense, que atravessou o largo período de 1871 a 1886, as seguintes obras:— *Compendio de história pátria*, pâra as aulas primárias, em 1872; *Compendio de poética e estilo,* em 1872, mais tarde refundido na *Theoria da composição literária*, que já chegou á 10.ª edição; *Historia da literatura portuguêsa*, que começou em 1875, com o titulo de *Lições da literatura portuguêsa*, e já atingiu a 9.ª edição; *As mães,* romance publicado no Pôrto, em 1877; impressas na mêsma localidade e ano, as *Histórias contemporâneas*, refundidas em 1898 sôb o título de *Figuras de cêra; Curso de philosophia elementar,* de Balmes, tradução, Pôrto, 1878; *A flôr de pântano,* de Carlos Rubio, tradução, Viseu, 1881; *História da philosophia,* de Balmes, Pôrto, 1881; *A instrucção secundária*, 1.ª edição do Pôrto, 1880, e 2.ª de Coimbra, 1883; e *Manual da leitura e análise,* colaboração, Pôrto, 1883.

A musa cancionista e trovadorêsca de outros tempos desertara chorosa de Viseu, onde a escandalizavam os rasgos tribunícios e os artigos de polémica de Simões Dias; e iria refugiar-se amedrontada no meio dos rosmaninhos floridos da pequena Bemfeita, aldeia, onde o seu amado nascêra, onde o dilecto da sua feição popular, característica, bebêra a agua lustral da inspiração, que ela, a musa sertaneja de bom sangue, sincera, espontânea e robusta, lhe fizera bebêr nos sêios maternos, quando êle, o doido bandolinista, a definia assim:

> É uma serrana bela
> Que um dia encontrei no monte,
> De madre-silva e marcela
> Toucada a virginea fronte.

É uma gentil plebeia,
Pastora sadia e forte,
Que prefere o sol de aldeia
Ao gaz dos salões da côrte.

A testa espaçosa e bela
O cabêlo de oiro fino,
E uma túnica singela
Sôbre o seu côrpo divino.

Se aparecia, a coitada, de vêz em quando, a uma réstea de sol nascente, era pâra repetir, a meia voz, soluçante, as trovas dos bons tempos de Coimbra, e deixar-se cair desalentada sôbre a aresta das penedias, ao recordar-se do que o travêsso descantara ás morenitas do Guadalquivir:

Quem sou? — perguntareis, môças de Espanha:
Sou das bandas, que o límpido Mondêgo,
Com sua veia cristalina banha.
A minha terra em glória foi tamanha,
Que a não excede a pátria de Riego;
Nos campos me creei da bela Ignês;
Môças de Espanha, em fim, sou português.

....

Porque canto? — direis, lindas donzelas.
Que ha-de fazêr a gente, quando é môço;
Sôb este ceu de fúlgidas estrelas,
Ante essas raras perfeições tão belas,
Que outras mais belas descobrir não posso?
Não pergunteis, ocidentaes huris,
Pela razão dos cantos, que me ouvis.

Eu canto, como canta o passarinho,
Pousado, á tarde, no rochêdo alpestre,
Quando, ao passar do doido torvelinho,
Se lembra, com saudade, do seu ninho,
Onde aprendeu a descantar sem mestre;
Canto a capricho, canto sem lição,
Canto, por comprazêr meu coração.

*

Era verdade tudo isso; mâs torvelinho mais doido ainda, onde revoluteam sempre paixões de uma turba ignara, que ruge conveniências de ocasião, que não qualidades inatas, nem sentimentos como os dêsse homem simples e boníssimo, de quem ela se acercava — fizera que a voz do poeta emudecêsse.

Mal empregado descaminho de quinze anos!

Que proventos, que honrarias, que posições deu a negregada política a Simões Dias?

A política não é arte de bem governar, como se pensava, e dizia na infância da palavra; é o barracão de feira franca, aonde primeiro chegam os que mais atropelam, gritam e ousam.

Madrasta dos paises gastos, onde falha patriotismo, aventureira de mediano pudôr, abraça-se aos atrevidos, que lhe arregaçam as mangas de colareja, e só os bem conhece, e distingue no turbilhão ensurdecedôr e capciôso, que a cerca, noite e dia.

Audaces... audaces...

Simões Dias não ousou, abroquelado na sua sinceridade espartana; gastou anos a palmilhar o caminho das secretarias de Estado, com os bolsos atulhados de pretensões dos beleguins eleitoraes, tarimbeiros de ofício, adstrictos ao barracão do ídolo, saltimbancos vários, que mais tarde desconhecêram o seu patrono; trabalhou afanosamente a favôr de um partido, que levou tôdo esse largo tempo a explorar-lhe a valia; e por último nem ao menos viu baixar até êle o que tem subido ao próprio balcão das mercearias, uma simples carta de consêlho.

Razões em barda tinha pois a donairosa musa do poeta pâra se lastimar, chorosamente, do abandono, em que se via, a pobre apaixonada!

VIII

Simões Dias e nós

Permita-se-nos nêste lugar, uma nota pessoal, que vem a pêlo, como depoimento obrigado de testemunha ocular, narradôra fiel dos acontecimentos.

Em 1863, emquanto Simões Dias, nosso compatrício, se comprazia já com as suas estrêias poéticas, nos *Prelúdios literários* e noutros periódicos, e pouco depois publicava as líricas. do *Mundo Interiôr,* a nossa orfandade interrompia-nos os primeiros estudos preparatórios, e atirava comnôsco barra-fóra, em demanda de um modo de vida, que uma parentela brutal nos recusava.

As saudades do lar, onde nos ficava a santa velhinha, que nos servira de mãe; as lembranças da pátria, pungentes, quando o coração não é simples cartilagem anatómica, pungentes sempre em terra estranha, embora nada devamos á pátria, como nada lhe devíamos; e a duvidosa esperança de regresso, a mil e tantas léguas de distância, em clima adverso, — cruciavam-nos agudamente, obrigando-nos a lástimas e a versos pouco correctos, mâs muito lacrimosos.

Ano e meio, mais tarde, em principios de 1865, mandávamos a Simões Dias um volume das nossas pobres nénias manuscritas, requerendo opinião.

Colada ao nosso album de memórias, temos diante de nós, segundo documento dêste tomo, amarelenta, com a lêtra desbotada e os vincos meio dilacerados, a carta, que em 25 de abril dêsse ano, da sua mão recebíamos, pâra alem do Atlântico.

E' um inédito, que, embora de carácter particular, deve sêr conhecido, porque denuncia como, aos vinte e um anos, Simões Dias possuia o critério da

edade madura, corrigindo verduras de um inexperiente, que sentia muito, mâs que nada sabia.

Archivêmo-lo pois aqui, pâra que o tempo o não consuma, e pâra que aos nossos olhos figure como uma homenagem a mais, tributada á memória do nosso compatrício, tal é o culto, votado ás recordações, que nos são comuns.

Eil-o:

«Respondo em poucas palavras, que a mais não alcança o tempo, á sua carta, que, se me honra tanto e por isso me confunde, não menos me enche de nobre orgulho, por vêr que de tão longe, alguem se lembra do meu nome obscuro.

«Li com interesse as suas poesias, e nelas palpei a veia febricitante de um genio embrionário, que tôdo se desdobra em flôres e saudades.

«Há nos seus versos alguma coisa, que endoidece nos êxtasis do lirismo sôlto e desinquieto, como o balbuciar trémulo da creança, que chora nos seios da mãe, por não podêr contar em palavras os estos do coração juvenil.

«Gostei muito, principalmente, d'aquêles gritos arrancados do peito pela saudade da pátria, a qual em todas as estrofes rebenta viva e precipitada, como o palpitar das artérias.

«E' talvêz êste sentimento, que domina e escravisa o pensar nas horas tristes e pungentes da concentração; por isso, eu não vejo senão endeixas e threnos onde eu pensava encontrar o retrato de um coração aberto ás impressões d'essas florestas seculares, d'essa vegetação robusta e nervosa das palmeiras da América.

«O seu livro agradou-me, porque me fêz crêr nos gorgeios de uma ave, que hoje mal se deixa conhecêr pelos atilos modestos e tímidos de infante. Agora que eu vejo a alta consideração, em que me quer têr, e a confiança, com que me entregou a âmbula sagrada

das suas muitas lágrimas, entendo que seria crime e remorso pâra toda a minha vida não falar com franqueza á pessôa, que de mim o exige.

«Não sou crítico, nem poderei sêl-o, mâs lisongeio-me de nunca havêr sufocado em fumos de incenso os ídolos, que por si, isto é, pela sua pobrêza, repelem os adoradôres.

«A sua estreia, meu amigo, não está nêste caso, mâs porque amanhã pode embaciar as pérolas, que teem de brilhar na sua corôa de poeta; e os homens costumam rir quando os outros choram, e, o que mais é, apontar na virilidade os defeitos da infância, aconsêlho-o a que guarde pâra si as lágrimas, não publicando ainda as suas poesias, não porque elas o deshonrem hôje, mâs porque há de um dia cortar, despiedadamente, o que hoje escreve com tanto amôr.»

Bom e generôso amigo!

As suas previsões do nôsso engrandecimento poético falharam, mâs o seu parecêr têve consequências benéficas: a destruição completa dos versos, que lhe remetêramos.

Corrêram largos tempos de fortuna vária: perdemo-nos de vista.

Quinze anos depois, em 1880, o bom amigo de ambos, o Domingos de Almeida, dava a Simões Dias a notícia da nossa chegada á patria, aonde aportávamos opulento de... trabalhos e enfermidades; e mandava-lhe um livro nosso.

Alvoroçou-se, e escreveu-nos, começando por estas palavras:

«Avivaram-se no meu espírito e no meu coração gratíssimas recordações de um passado, que procuraremos reconstruir, quando eu tiver o desejado prazêr de lhe dar um apertado abraço de camarada antigo e de amigo saudôso.

«A notícia encheu-me de júbilo, dêsse júbilo superiôr e inefavel, que só experimentamos quando, no

caminho da vida, tornamos a encontrar o companheiro, que julgávamos perdido pâra sempre».

Mais tarde, quando o seu labôr visiense e a barafunda política lhe deixaram lêr o nosso livro, *A mulher — sua infância, educação e influência social* — remetido pelo citado amigo de nós ambos, Simões Dias publicou ácêrca dêle, no *Districto de Viseu*, um largo estudo, que afóra os trêchos, que nos dizem respeito, forma excelente doutrina pedagógica e completo conhecimento de tôdos os propagandistas, que acham graves defeitos da educação feminina, tôda eivada de ociosidade, frioleiras e hábitos de luxo e vaidade.

Abrangeu êsse escrito cinco folhetins, que deverão entrar, como publicação valiosa, em qualquer reedição de livro apropriado.

O agradecimento á fineza recebida consta da oferenda e carta, com que abre a nossa obra, publicada em 1883, *Uma Viagem ao Amazonas*, onde há as seguintes frases:

«Nem tudo se perdêra da minha excepcional e desfortunada infância. Só a reminiscência de um amigo podia acompanhar, e seguir os precalços de uma luta, que as suas expressões pôem a descoberto.

«Nunca o meu amôr próprio se sentiu mais lisonjeado. Votado ao trabalho e vivendo só dêle, por êle e pâra êle, sem nenhum dos grandes regalos comuns aos dilectos da sorte, tudo isso tem pâra mim o inestimavel valôr de uma avultada compensação.

« Vale bem o melhor dos diplomas.

«Agora, meu amigo, que bem sabe que falo de sua pessôa e comsigo, a quem dêvo, ausente, as expressões de maior estímulo, que me foi dado recebêr, pâra alem do Atlântico; em terras da pátria, a principal e mais retumbante de tôdas as saudações, e agora uma suave recordação da minha meninice — permita-me que eu coloque, como pedra tôsca e rude, nos humbraes do edifício, que precisamos reconstruir,

da amizade, que julgámos perdida, êste livro, oferecendo-lh'o ».

IX

Em Lisbôa

Em Lisbôa, e no ano de 1886, abraçávamos Simões Dias, pela segunda vêz, depois do nosso regresso.

Transferido de Viseu pàra a capital, foi colocado no liceu, como professôr, por decreto de 16 de setembro; e como chefe da respectiva secretaria, por despacho de 14 de outubro.

A seguir, em 1887 e 1888, têve a direção do jornal progressista *Correio da Noite,* a que consagrou, como de costume, trabalho assíduo; fundou com Candido de Figueiredo, Visconde de Sanches de Frias e Oliveira Simões *O Glôbo,* fôlha diária, que atravessou um período de três anos, 1888 a 1891; e finalmente passou a redigir o *Tempo,* com Lobo de Ávila e Oliveira Martins.

Simões Dias, ferido nos seus brios e largos serviços pela ingratidão dos partidários dirigentes, aberrara da política.

Em livro, imprimiu e reeditou as suas obras didácticas, e estampou, em edições do periódico portuense *Educação Nacional,* de que era constante colaboradôr, *A escola primária em Portugal* e o atado de contos *Figuras de Cêra,* a que já nos referimos, creações de um molde palpitante de verdade e de correcta anatomia social, a que não escapou a própria figura do autôr, que é o *João Ninguem,* com que fêcha o volume.

Schopenhauer divide os escritôres em duas classes distinctas — os de vocação e os de profissão — notando que os últimos, pâra agradar ao público, abundam extraordinariamente, e os primeiros são raríssimos.

Simões Dias, nos livros, onde a espontaneidade se manifesta, pertence aos primeiros; foi um escritôr de vocação.

Ao mencionar a sua estada no liceu de Lisbôa, onde se demorou até á morte, é justo e preciso, agora, que falemos do professôr.

Exercendo o magistério, dêsde os 15 anos, póde dizêr-se, adquiriu, pela experiência e pelo estudo, não só o melhor método do ensino, mâs tambem um sabêr variado e profundo.

Quer doutrinando sôbre a maioria das disciplinas do curso dos liceus — a gramática, o latim, a literatura, a história e a filosofia — quer examinando, em concurso de pretendentes ao magistério, ou comissionado pâra fazêr parte dos júris de exames nos diferentes liceus do reino — a sua competência profissional ficou sempre demonstrada, e o seu nome ileso de qualquer suspeita deprimente.

E' esta uma asserção, que os seus próprios adversários, os oficiaes do mêsmo ofício, não contestaram nunca.

Dos seus conhecimentos técnicos dão testemunho os livros elementares, de que é autôr, e que mereceram sempre não só a aprovação oficial, mâs ainda a adopção nas aulas da instrução pública.

E, note-se bem, Simões Dias não foi simplesmente um professôr do quilate, que apontamos; foi um pedagogista distincto.

Conheceu bem a organisação do ensino nos países estranjeiros; foi chamado, por vêzes, e ouvido em reformas dos estudos; e pâra lhe atestar a competência pedagógica, ahi nos deixou livros de alta importância didáctica, como são — *A escola primária em Portugal*, *a Instrucção secundária*, de que se fizeram duas edições, comprehendendo o discurso parlamentar na defêza da lei de 14 de junho de 1880, da qual foi relatôr, e a que já nos referimos; a *Theoria da com-*

posição literária, que já chegou á oitava edição, sendo póstuma a última; e a *Pedagogia oficial*, outro livro recheado de excelente doutrina e larga e proficiente discussão sôbre o transformismo liceal de 1895, comparado com as organisações similares no estranjeiro; e por fim campo de batalha, onde se repelem, em nome da sciência as acusações, que um professôr do Curso Superiôr de Lêtras ousou fazêr ás doutrinas contidas na *História da Literatura Portuguêsa*, com menos sciência e apoucada inteligência.

Em resumo: Êstes trabalhos, a par de outros, que ficaram dispersos em jornaes, demonstram que a pedagogia moderna perdeu um apóstolo fervorôso, sincero e erudito, que têve decidida influência no ramo didáctico dos liceus.

X

As Peninsulares

Não obstante o que ahi fica dito ácêrca da obra literária de Simões Dias, o seu talento poético é que lhe confere o maior título de glória, que temos por imarcescivel.

Seremos sempre, como até aqui, em pleno domínio da arte, avêsso a escolas e a propagandistas sistemáticos; o que havemos manifestado, por vêzes, e ainda ultimamente no prólogo de um livro nosso [1].

E repetiremos:

Num D. Joan, a espumar de embriaguêz no recanto de uma viela lamacenta, onde se estorce na agonia da morte, sôbre a fermentação pútrida do tremedal, um cão pustulento envenenado pela strichnina

---

[1] *Horas Perdidas* — Poesias.

municipal — não encontramos poesia, por mais que a procuremos e rebusquemos.

A epopea e o lirismo esquadrinhados na labutação da oficina, donde saem lufadas de fumo escaldadiço, nos hospitaes de infeciosidade viciosa ou na trapeira das gentes de ínfima e infame condição, não os comprehendemos, nem os aceitamos.

Juvenal, Rabelais, Boileau, Gil Vicente, Bocage, Cruz e Silva e outros, que se possam considerar precursôres inocentes do desregramento, que se transformou em seita, nos próprios descomedimentos de frase, não incitavam á perversão, nem condimentavam realismos tôrpes; ao contrário, riam ás escâncaras, ou carregavam o sobrôlho, ao desnudar com malícia descritiva certos costumes do seu tempo, simplesmente pâra os verberar e corrigir.

Descrevêl-os seriamente, como estilo e primôr de dição, com o sabôr próprio do acepipe provocadôr, que se transforma em corrosivo dos espíritos fracos ou ignaros, de que se compõe a maioria das multidões, nunca o tentaram sequer, deixando aos alcoices e á bibliografia oculta a propaganda dos vícios e cruêzas sociaes.

Os românticos... êsses ao menos, cuja escola Herculano denominou ideal, verdadeira e nacional, enflorando as suas liras de maldresilva, loiro, mirto e rosas, embora a ficção os tornasse inverosimeis por vêzes, cantavam as flôres, o sol e os campos, as ações nobres e o amôr, as mulheres e a pátria, isto é, tudo que a vida tem de belo, elevado, fortificante.

A obra de arte genial deve sêr, e é sempre, o artista com a sua índole, as suas aptidões, gôstos e temperamento.

Poderemos alistar Simões Dias nas fileiras do romantismo, por índole ou contágio da época, em que primitivamente floresceu?

Embora alguns o tenham dito, nós discordaremos

parcialmente, pois que na compleição dos que nascem artistas, podemos admitir modificações de temperamento e época, mâs pouquíssima ou nenhuma influência de escolas, salvo em composições artificiosas.

O imitadôr e o copista não constituem individualidades geniaes.

Canto como á tardinha canta a brisa
Ao perpassar nas cordas da harpa eólia,
Tal como a vaga sôbre a areia liza,
Ou como a nota, que a gemêr desliza
Por entre as verdes franças da magnólia;
Ondas e brisas, ventos, que passaes,
Levae comvôsco pelo ar meus ais!

Môças, que estaes banhando de afrontadas
No Douro e no Genil o rosto lindo,
E vós, ó frescas rosas perfumadas,
Cujas corolas de oiro polvilhadas,
Nas veigas do Mondêgo ides abrindo,
Vinde ouvir as canções do trovadôr,
Vinde comigo suspirar de amôr!

Disse-nos o poeta; e nisso está com o nosso modo de vêr e com a opinião, que dêle formamos.

O ar, que desfere sons vários nas franças do arvorêdo, nas cordas de uma harpa ou nas de uma lira; a corrente, que murmura; a onda, que deslisa sôbre a areia; a florita, que rebenta entre sarçaes; a rosa, que espaneja galas em jardins cuidados; o rosmaninho e a macela, que florescem á borda dos caminhos agrestes, as aves, que pipilam ou gorgêam — porque fazem tudo isso?

Porque obedecem á ordem infalivel e invariavel da grande mãe, que os creou... a naturêza.

Que escolas, que sistemas e que erudição possuia o rapazito da Bemfeita, quando, em vêrdes e incultos anos, cantava como as aves, engendrando versos desataviados?

Cantava... cantava, porque os seus cantares eram um dom espontâneo da naturêza, que o infantara.

Perdêram-se êles nas anfractuosidades da alpestre serrania da Bemfeita?

Não perdêram; deram a origem e a revestidura essencial ás canções e trovas de maior notoridade popular, impressas mais tarde; as quaes, na própria feição erudita, nada despiram do seu sabôr primitivo.

Participando um tanto do lirismo de Espronceda, da melancolia de Lamartine e do cançonismo de Beranger, Simões Dias tem um cunho de originalidade sua própria.

Não daria, na edade média, um cantadôr de gestas, mâs seria um sublimado trovadôr, zagal erradio nos alcantís das serranias e nas veigas floridas; bandolinista amorôso nos ajuntamentos das donzelas campesinas, em serões do lar, nos terreiros festivos ou no adro do presbitério; cantôr apaixonado das damas castelãs, enamoradas do luar resplandecente, polvilhado, alta noite, como em diadema, sôbre a gorra emplumada do trovadôr, que desfiriria, a distância, sentado nas escarpas, enquadradas de arbustos odoriferos, o seu plectro inspirado.

Em pleno eruditismo do século XIX, descontadas as diferenças evolutivas, o nosso conterrâneo é o representante legítimo da trova popular dos tempos medievaes, poeta provençal da época moderna.

Senhôra dos meus cuidados
Dos meus cuidados senhôra,
Por que não dás que passados
Sejam meus males agora
De há tanto principiados?
....

Senhôra, que te recostas,
No peitoril da janela,
Abaixa os olhos á rua,
E vê quem passa por ela.

Não é o sol, que passeia,
Nem a réstea do luar,
São dois olhos, que navegam
No rumo do teu olhar.

Manda apagar as estrêlas,
Manda recolhêr a lua;
Só quero por testemunhas
Os lagêdos d'esta rua.
....

Mal haja o amôr, que dá penas,
Ardente amôr, que me abrazas!
De que me servem as penas,
Se me falecem as azas?

Se em vêz de penas de amôr
Fôssem pennas de voar,
Suspiros, que o vento leva,
Não se perdêram no ar.

Ahi têm o trovadôr, na última das suposições, que atraz deixámos marcadas.

Raia o luar, a castelã assoma á gelosia escusa, e o poeta enamorado desfaz-se em versos de menestrel.

*

* *

Simões Dias, êle próprio, cremos que por se vêr, algumas vêzes, desacertadamente aquilatado em críticas breves delineadas sôbre o joêlho, viu-se obrigado, na advertência da 4.ª edição das *Peninsulares*, modestamente e como lhe cumpria, a acudir pelo seu crédito.

Ouçamol-o:

«O breve prólogo da primeira edição d'êste volume abria pela seguinte quadra de A. F. de Castilho:

« Ao menos a mocidade
Tôda de amôr se enfeitice
E deixe em terno legado
Saudades pâra a velhice. »

« Servia-lhe de fêcho est'outra de Bocage:

« Incultas produções da mocidade
Exponho a vossos olhos, ó leitôres;
Vede-as com mágua, vede-as com piedade,
Que elas buscam piedade e não louvôres. »

« Hoje que sobre a primeira edição passaram mais de trinta anos, ainda essas quadras reproduzem á justa o pensamento, que presidiu á publicação primitiva em 1863, á reproducção em 1867 e 1876 e á reimpressão actual d'êstes versos dos dezoitos anos, ingénuos e desprètenciosos como a edade que os produziu.

« Êste livro representa com efeito uma fase da mocidade do autôr; o seu valôr, portanto, é tôdo pessoal. Màs sendo fóra de dúvida que na direcção dos esforços individuaes se anunciam os factos de interesse geral que marcam as grandes épocas da Arte, facilmente se observará no exame das peças d'êste volume a tal ou qual tendência do espírito poetico português pâra despedaçar as peias do convencionalismo romântico, e retemperar-se nas aguas lustraes da inspiração popular, a única verdadeiramente humana e sincera, como a comprehendêram entre nós Luis de Camões e fr. Agostinho da Cruz.

« Esta evolução deu-se na decada de 1860 a 1870, e foi precisamente nêsses dez anos que o autôr d'êste livro compôs a coleção das suas obras poéticas, na maior parte versos amorosos e elegíacos, de carácter subjectivo, como aliás os faziam os menestreis do tempo, e hão de fazê-los sempre os poetas meridionaes, emquanto durar o bom sol da Península que tão generosamente os ilumina e aquece. »

E é assim. Entretanto nêsses dizêres parece-nos descobrir uma ponta de receio de que alguem pudesse increpal-o pela feição simples e musical dos seus versos, que é ahi que predomina a característica do seu mérito.

Èsse receio, se existe, não tem fundamento, embora os buzineiros das modernas seitas, que por ahi cabriolam dizêres abstrusos, falhos de gramática, de metro, de harmonia e senso comum, não pensem em que a arte, salvas pequenas conveniências evolutivas de anos e ocasião, é eternamente môça e sempre a mêsma, quando lhe assistem o sabêr, a inspiração e o génio.

Já o autôr do *Hyssope*, há tanto, dizia, no canto v, que, se os varões antigos resuscitassem:

> «Os novos idiotismos escutando,
> A mesclada dição, bastardos têrmos,
> Com que enfeitar intentam seus escritos
> Êstes novos, ridículos autôres
> (Como se a bela e fertil lingua nossa,
> Primogénita filha da latina,
> Precisasse de estranhos atavios!)
> Súbito certamente pensariam
> Que nos sertões estavam de Caconda,
> Quilimane, Sofala, ou Moçambique;
> Até que, já por fim desenganados
> Que era em Portugal que os portuguêses
> Eram tambem os que costumes, lingua
> Por tão estranhos modos afrontavam,
> Segunda vêz de pejo morreriam.»

Bem fêz, por tudo isso, Simões Dias em levar a efeito uma edição revista e arrumada por êle, definitiva, pâra que fanatismos de admiradôres ou futuros empresários de minúcias abandonadas não venham dar nova disposição á sua obra, nem acrescentar-lhe, como se tem feito, em edições gananciosas, títulos, dizêres e composições completamente condenados pelo autôr.

Sabemos bem que fóra dêsse livro, não resta coisa nenhuma desperdiçada.

E' celeiro, de que não há grãos perdidos, afirmâmol-o categoricamente.

De quatro volumes, que constituiam as *Peninsulares*, com diversos títulos, resultou um de económica grossura, onde se não alteraram elementos primitivos, em que seria imprudente tocar, mâs onde se praticaram alterações, aqui e acolá, como era de esperar, e se estabeleceu por fim uma ordem completa, reformando antigas denominações, consoante a índole dos escritos.

Essa nova disposição abrange quatro partes, que se chamam—*Elegias*, *Canções*, *Odes* e *Poemas*, composições mais ou menos refundidas, nem sempre com extrema felicidade, como por mais de uma vêz advertimos ao autôr, pois era preciso não medir pela craveira do homem feito, desiludido e maguado, os versos do rapaz inspirado, exhuberante de mocidade e crenças.

Na *Hóstia de Oiro*, por exemplo, que denuncia um certo predicado irónico, as passagens vestem agora trajos do último figurino, onde entram frisantes alegorias políticas, desmerecendo muito da composição primitiva.

Nas *Odes* figuram páginas de interesse objectivo, onde se comprehendem vôos d'alma de um verdadeiro crente e sentimentos de melancolia lamartiniana, que ascendem até á poesia filosófica, a cuja classe pertence o sonêto *A Jesus*, que serve de portada a essa secção interessantíssima, e que não podemos deixar de trasladar pâra aqui:

Chamaram-te a esperança do futuro,
E Tu, meu bom Jesus immaculado,
Sentias-te feliz, embriagado,
Nessa doce ilusão d'um sonho puro.

Atravessaste a vida, humilde, obscuro,
A fantaziar o advento d'um reinado,
Que nunca ninguem viu realizado,
Traço ideal de luz num fundo escuro.

Fôste no mundo a cândida inocencia,
O símbolo do amôr e da piedade,
Da perfeição, emfim, a última essencia.

Mâs pâra que serviu tanta bondade
E tanto padecêr, se a Consciência,
Qual d'antes era, é cheia de impiedade?

A clara rudêza do nosso carácter tem-nos feito desviar, por vêzes, do cerrado panegírico, impróprio de nós e do nosso propósito. E assim notaremos que, sendo fiel devoto da purêza de fórma, embora material e não essencial, quizéramos encontrar na metrificação de tôda a obra mais propositado intercalamento do verso agudo com o grave e menos frequência, na rima, da toante pela consoante.

Êste senão, tôdo superficial, não merece valiôso reparo, se atendêrmos ao carácter popular, que não cura de fórmas, e ao jôrro do sentimento inato, que não admite pêias.

Se considerarmos as *elegias* e as sátiras em separado, poderemos até encontrar nelas certo tom melancólico e ao mêsmo tempo zombeteiro usado por Camões; quanto ás primeiras, em composições como as que adiante citamos em extracto; e, quanto ás segundas, nos poemêtos *Milagre de Lourdes, A Espada do Guerreiro* e até em muitas passagens da *Hóstia de oiro.*

Nas elegias, como expressões de íntima mágua, vê-se claramente realizado o consêlho dado por Gœthe ao que lhe pedia um assunto pâra versos.

— «Faze um poema da tua dôr» — respondia o poeta do *Fausto.*

E Simões Dias foi, amiudadamente, o pelicano da

sua alma, de cujo sangue se formaram as suas melhores elegias.

Nas *Elegias* e nas *Canções* é que resalta muito nítida a feição peculiar do poeta, a que serviu de instrumento a inspiração nativa, entrelaçada com a verdade e o amôr.

Embora, pela cultura do verso popular, queiram colocar Simões Dias a par de autôres selectos e venerados, a quem se atribuem predicados iguaes, nós continuaremos sempre a consideral-o, pela documentação plena dos seus versos, como individualidade distincta e inconfundivel.

E, note-se, que nós encontramos nos seus versos pelo menos duas feições salientes, que, obedecendo á mesma espontaneidade de colorido, são, pelo tema e pela dição, um deliciôso e grande contraste, que só os artistas de raça, isto é, os que a arte bafejou no bêrço, chegam a realizar superiôrmente.

E' isto que repele uma aliança estranha; é nisto que está, a nosso vêr, a inconfundibilidade do carácter poético do buriladôr das *Peninsulares*.

Os tons vários, que o verso popular, a redondilha menor, lhe faz extraír do plectro, elevando-se ou baixando-se á gama, que muito bem lhe apraz, são estremados.

Nêles descobrimos a prova de uma opinião, que de há muito professamos; e vem a ser que, sejam quaes fôrem as afinidades e parentêscos das outras línguas, em nenhuma realça e brilha o sete-sílabo como na portuguêsa, onde êsse verso popular e lendário geme, troveja, suspira, zomba, grita, sorri e canta, sejam quaes fôrem tambem os contrastes do assunto.

Vejamos, ligeiramente, por que nos vae faltando o espaço, diversos diapasões em cantares do mêsmo verso.

Sorrimos com a ligeira toada das trovas do *Teu lenço*.

O lenço, que tu me deste,
Trago-o sempre no meu seio,
Com medo que desconfiem
Donde este lenço me veio.
....

Alvo, côr da açucena,
Tem um ramo em cada canto;
Os ramos dizem saudade,
Por isso lhe quero tanto.
....

A scismar nêste bordado
Não sei até no que penso;
Os olhos trago-os já gastos
De tanto olhar para o lenço.

O mêsmo tom nos enfeitiça na *Tua roca:*

Meu amôr, quando acabares
De espiar a tua estriga
Se ouvires por alta noite
Soluçar uma cantiga,

Sou eu, que estou a lembrar-me
Da tua divína bôca,
E penso que em mim são dados
Os beijos, que dás na roca.

e na *Andaluza:*

Eil-a que passa! a mantilha
Dêsde a cabeça á cintura
Dá-lhe o aspecto de uma santa
Em primorosa moldura.
....

E a rosa rubra suspensa
Do penteado singelo,
Como estrela incendiada,
Presa alí por um cabêlo?!
....

Ela vae só, mâs parece
Que um regimento a acompanha!
Passa a flôr da Andalusia!
Passa a formosa de Hespanha!

Gememos doridamente nas estrofes do *Moço e Velho,* escritas com sangue do coração:

Nas tristes faces cavadas
As rugas lavraram fundo:
Olha que tenho sofrido
Como ninguem nêste mundo!
....

Eu ando como um somnâmbulo
Pelas estradas a mêdo,
Sempre a pensar no motivo
Porque envelheci tão cêdo.

na *Volta do Peregrino:*

Ai! quem me dera agora
A cândida innocencia
Dos tempos, que sorriram
Á minha alegre infância!

e finalmente na *Melancolia*:

Luz do amôr, astro jocundo,
Gasto a vida na ansiedade,
Perguntando a Deus e ao mundo
Se és um sonho ou realidade.

Sorrimos ainda no *Teu manjerico,* no *Teu canário,* na *Tua liga* e noutras composições de igual feição, tanto de encantar:

Quando te vejo entretida
Tosquiando o manjerico,
Horas e horas me fico,
Alma em êxtasis perdida.
....

De que te serve um canário
Sempre a gemêr na prisão?
Prisioneiro voluntário...
Só meu pobre coração.

Encanta-nos a musa travêssa nos rendilhados versos *A uma vizinha:*

Mal sabes, minha vizinha,
Vizinha dos meus pecados,
Que lances amargurados
Por tua causa penei,
Quando te vi á varanda,
Que fica d'aquela banda
D'onde nascia o luar,
Á meia noite, falar
Com um vulto, que ali anda
Constantemente a rondar!

Sentem-se os olhos húmidos de lágrimas no *Adeus* e nas *Brisas do norte:*

Brisas do norte, felizes
Mais do que eu sois vós agora;
Vós cantaes ledas no espaço,
Emquanto minha alma chora.

O poeta folga ainda, e tece madrigaes de uma frescura especial e de outro dizêr tão diverso no *Drama novo*, poemêto, que só por si podia dar nomeada a qualquer poeta novíssimo dos poucos, já se entende, que escrevem em português e pâra portuguêses; e mostra ainda outra faculdade creadôra, ao tracejar da redondilha indicada, no *Ramo de flôres,* tôdo repassado de saudades olorosas:

« Aceito-o, senhôra minha,
Como aceita o moribundo
A santa cruz sôbre o peito,
Ao despedir-se do mundo.

« Aceito-o, como se deve
De aceitar na cova escura
Os goivos, que mão piedosa
Nos vae pôr na sepultura.

Na *Silva de Cantigas*, finalmente, é onde o verso popular de Simões Dias fulgura tão rico de naturalidade, conceito e graça, que não há encontrar-lhe rival.

Apreciemos a amostra:

Meu amôr, se andas perdido,
Sem sabêr quem te perdeu,
Nos meus olhos tens a escada
Por onde se sobe ao céu.

—

Se eu soubesse que te rias
Quando eu suspiro e dou ais,
Tirava os olhos da cara,
Pàra nunca te vêr mais.

—

Quando foi á despedida,
Quando te apertava a mão,
Dobrou o sino a finados:
Morria o meu coração.

—

Teus olhos são mais escuros
Do que a noite mais fechada,
E, apesar de tanto escuro,
Sem êles não vejo nada.

Desentranhem-nos da alma popular versos mais finos e conceituosos do que êsses, que nós quebraremos à penna, com que traçamos estas linhas, vanglória á parte.

E por aqui nos cerramos, que mais espaço nos não sobra.

Folheiem-se, com alma de sentir, essas líricas suavíssimas, ora impregnadas de uma melancolia e tristêza ternuíssimas, ora engrinaldadas de bucolismos e arcarias, entretecidas da madresilva dos ribeiros e das flôres alvíssimas dos estevaes beirões; saboreie-se a lêtra da *Senhôra de pedra*, da *Hera e o olmeiro*, da *Barca da vida*, do *Pensamento*, da *Xácara de D. João*, da *Branca flôr do meio dia*, do *Sábbado;* leia-se a *Musa dolorosa*, com que abre êste livro, e os solenissimos versos da ode *Aos párias;* pese-se, oiro e fio, tôda a valia das rimas christianíssimas, difundidas largamente em algumas odes e poemas, e ver-se-ão, com perfeita nitidêz, as duas feições distinctas do poeta inconfundivel: trovadòr, ao bandolim, no primeiro plano; elegíaco e pensadôr, no segundo.

*

* *

Se nos arreceássemos de errar na exposição dos nossos juizos, podíamos recorrêr a estranho auxílio, por exemplo, á série de opiniões críticas, que o editôr de um dos livros de Simões Dias, *As mães*, 1877, deu em apêndice, firmadas por avultado numero de escritôres ácerca das *Peninsulares;* e diríamos que, ainda há pouco, na quarta divulgação de uma parte delas, o então chamado *Mundo Interiôr*, a imprensa letrada se desatou em louvôres.

— São versos, que se lêem sempre com prazêr, porque pertencem á classe dos que não envelhecem, — dizia Barros Gomes.

— Tu serás um dos poucos, que ficam — escrevia João Penha.

— As suas poesias têm o condão de revivêr em tôdas as primaveras — afirmava Ramalho Ortigão.

— Simões Dias é um dos maiores poetas de toda

a literatura portuguêsa. Dante assignaria os seus tercêtos, — exclamava Trindade Coelho.

— Graças a Deus que ainda há nesta terra alma, talento e português! — acrescentava Bulhão Pato.

Mâs... pâra que citar apreciações?

De facto, essa poesia terna, amorosa e tão acentuadamente nacional e humana não passará de moda; não envelhecerá nunca, porque tem o sêlo da belêza eterna. Entretanto, acima de tôdos os juizos, nossos e alheios, está o juizo do pôvo, que, em rapsódias de larga vulgarização, espalha pelos cegos ambulantes e pela gente dos campos os versos do menestrel, de quem não sabe o nome.

O melhor crítico, pois, o mais entendido no assunto é o pôvo, que confunde, com os seus, os cantares eruditos de Simões Dias, os espalha de terra em terra e os vae introduzindo nos seus cancioneiros, como se fôram obra sua!

Sucede tudo isso nas duas Beiras e noutras províncias; no Algarve, por exemplo, o erudito e falecido Estacio da Veiga encontrou quadras das *Peninsulares*, as do *Teu lenço*, por exemplo, como se fôssem de creação vulgar.

Ainda recentemente o *Cancioneiro de músicas populares*, inseriu, a pag. 276 do 3.º volume e sôb n.º 318 das canções, o *Moribundo*, uma das estrêas do nosso poeta, seguida desta nota:

«Esta canção foi recolhida em Unhaes da Serra, onde, em 1870, e na Bemfeita (patria do autôr, como sabêmos) era cantada pelos cegos, de quem a aprendeu o pôvo daquêle e de outros lugares».

Esta assimilação é a iniludivel consagração do alto senso estético, que repassa tôda a obra de Simões Dias; o que lhe dá um valôr inestimavel.

Quando um poeta, como êle, chegou a traduzir em fórmulas espontâneas, quase inconscientes, profundamente populares, o espírito tradicional da sua raça,

corporizando em versos a alma anónima da multidão, êsse poeta, que, com tanta justêza, soube interpretar o sentimento colectivo, conquistou um lugar indisputavel na história literária do seu país, a que pertence mais que a si próprio.

As escolas, que se atropelam e passam, nada têm nem terão que vêr com quem está, em efigie de alémtúmulo, no seu pôsto consagrado, assistindo ao desfilar dos que chegam.

XI

Solitário e triste

Carácter aparentemente fleumático e reservado, Simões Dias, cuja compleição musculosa parecia forte, já combalido, moralmentè, por desgôstos políticos e profissionaes, recebia em pleno coração, seis anos depois da sua chegada a Lisbôa, em 19 de julho de 1892, o mais violento e profundo desastre de tôda a sua trabalhosa vida. [1]

Tendo edificado, no ano anteriôr, dêsde os alicerces, um lar doméstico, com os confôrtos, que lhe proporcionavam os seus modestos recursos pecuniários, na rua Estefânia n.° 72, viu-se coagido a desfazêl-o, no dia citado, alugando em seguida o prédio a estranhos, e indo refugiar-se em casa alheia, longe dalí, com sua filha, que, três anos depois, se apartava dêle, por têr casado com seu primo, Carlos, estudante em Coimbra, onde era obrigada a ir residir.

Pâra escondêr a sua suposta viuvêz, e fugir ao convívio mundano, que o não prendia, nem lhe des-

---

[1] Aludimos ao seu desquite conjugal, com separação de pessôa e bens, ultimado por escritura de 29 de novembro do dito ano, inserta nas notas do tabelião Barcellos.

pertava simpatias, Simões Dias, então, fêz construir, no extremo do amplo e alongado quintal da Estefânia, uma casita, composta de rez do chão e primeiro andar, muito banhada de sol e cercada de árvores e flôres, unicamente, pâra dormida e descanso dos dias feriados.

Na solidão daquela tebaida, tanto ou quanto apropriada ao alquebramento da sua estatura moral e física, lhe avaliámos por muitas vêzes, apesar de disfarçada em aparências corajosas, a larga efervescência do seu íntimo sofrimento.

Calando incidentes dolorosos, mâs aludindo ao estado patológico do troveiro inimitavel das *Peninsulares;* ao despremiamento político, á cançosa peregrinação de vida, e á retirada e escondida habitação da Estefânia, onde se refugiara — Candido de Figueiredo, êsse outro poeta e servo tambem de uma gleba fatigante, que parece fatídica e infernalmente inventada pâra os grandes engenhos, êsse trabalhadôr emérito, que arvorou mais alto do que ninguem o pendão reformadôr dos estragos introduzidos pelos inscientes no tesoiro da nossa bela língua — no *Reporter* de 4 de novembro de 1897, escrevia o seguinte, que muito a propósito vem pâra o caso:

« Quando seguia desafogadamente a sua estrada, deparou-se-lhe a política, fêmea arrebicada e manhosa, que, como as ambulatrizes da velha Roma, percorre praças e ruas, a recrutar incautos pâra o seu triclínio, e recebeu dela palavras de mel e olhares de fôgo. Calou-se a guitarra de Almaviva, e o poeta lá seguiu a fêmea por vielas esconsas. Seguiu-se a noite, e perdi-o de vista.

« Quando, ao outro dia, alguem supusesse vê-lo surgir distante, nalgum dos pontos mais elevados e mais arejados de Suburra, vê-lo-ia retrocedêr e voltar ao ponto de partida, de pós pisados e olhar triste, receando voltar-se pâra trás, que, se o fizesse, bem po-

deria convertêr-se em estátua de sal, como a mulher de Loth.

« E porque voltava êle, desalentado e triste? Porque, na sua qualidade de poeta, absôrto nas claridades do seu mundo interiôr, não têve olhos pàra vêr a trilha da sereia, e, em vêz de tomar pela estrada do Capitólio, achou-se num escuro e apertado *cul de sac.*

« Resolvido a penitenciar-se, fêz-se trapista, recolhendo-se á sua cela do bairro Estefânia, onde ninguem o conhece e ninguem o vê, e donde sái apenas em dias de prégação, pâra doutrinar meninos e imergir a capa nas aguas lustraes do trabalho independente e útil.

« Concluida em cada dia a sua doutrinação profícua e san, volta á sua cela, onde as musas o embalam, segredando-lhe tentações, que a *outra* não conhece.

« Em volta da cela, há trepadeiras e limoeiros; e quando, de manhanzinha, as avesitas ali vão chilrear, é pâra compôr a música das estrofes, que vão saindo da alma do poeta.

« Essas estrofes dilatam-se então e, difundindo-se como uma evaporação perfumada, vão cair na alma popular, como gôtas ambrosíacas de estranha e pura suavidade.

« Daqui vem que Simões Dias, poeta genuinamente peninsular, pelo seu temperamento e pelas vibrações da sua lira, é de hontem, é de hoje, e será de ámanhan, emquanto na alma peninsular ecôe essa música estranha e immortal, que os homens chamam poesia. »

Sim. Conforme supôs o notavel filólogo e poeta Figueiredo, as aves com o seu chilrear matinal compunham a música das estrofes, que a alma do troveiro peninsular ia engendrando; mâs estas não se transmitiam ao papel, porque, se a alma sentia e divagava,

o cérebro enrugado e entristecido gravitava nas escuridades de um eclipse.

De facto, não há versos notaveis dessa época. [1]

Simões Dias, a ocultas, talvês pela ante-visão de um acabamento próximo, trabalhava na emenda e revisão da sua obra poética já conhecida e consagrada; o que se poderá denominar testamento literário; e, ás claras, escrevia muito, febrilmente, ao colaborar na *Educação Nacional*, do Pôrto, e em outras fôlhas de ensino e lêtras, onde se acumulam escritos, que formarão volume póstumo, como é de prevêr.

Cumpre notar, como incidente de rigorosa narrativa, e até pâra satisfação íntima e compensação dos nossos sentimentos afectivos, que Simões Dias, habitualmente, dedicava o primeiro dos dois feriados semanaes, a quinta-feira, aos trabalhos literários; e o domingo, passado o meio dia, a visita á nossa casa, onde, participando do nosso repasto principal e da intimidade, de que, a tôdos os respeitos se tornou merecedôr, se sentia afastado do trato social, de que fugia, expandindo-se, e gracejando por vêzes com aquela pontinha de ironia cáustica, com que tão bem sabia colorir e satirisar os aleijões da maldade, hipocrisia e patetice do género humano.

Quem se não lisonjearia com tão extremada preferência?

---

[1] Os últimos, derradeiro canto de cisne, resumem-se em quatro quadras, compostas, um mês antes de morrêr, a 4 de fevereiro de 1899, distribuidas no festival do teatro *D. Maria*, consagrado a Garrett, e parodiadas por nós na *Educação Nacional*, número comemorativo da sua morte, conforme se póde vêr na *Necrologia*, que vae no fim das *Figuras de Gêsso*, prefaciadas por nós, e publicadas em 1906.

XII

Revisão dâs Peninsulares

Estamos a vêr ainda, com os olhos de uma saudade infinita, o seu vulto melancólico, um tanto inclinado por uma leve curvatura de cabêça e leutidão de movimentos; testa espaçosa e scismadôra, cabêlo curto e erguido na frente, nariz um pouco aquilino, faces ligeiramente cavadas, olhos fundos mâs vibrantes, bigode e môsca grisalhos; rôsto oval e simpático, trajar modesto e um tôdo bem conformado.

Estamos a vêl-o, o erudito contendôr das nossas amigaveis pugnas literárias, o comensal dos jantares domingueiros, o símile de tantos casos da nossa vida; estamos a vêl-o, sentado naquela cadeira, que parece trajar luto, dêsde que êle a deixou, junto do bufête central do nosso gabinête de estudo, voltado pâra nós, que abancávamos ao pé da secretária, onde estamos a tracejar estas linhas, encostado ao braço direito, ou a fumar, ou a preparar-se pâra isso, apertando pachorrentamente o cigarro e anediando-lhe a ponta, antes de o levar aos lábios.

Num domingo de maio de 1898, participava-nos êle daquêle lugar:

— Apesar da minha má disposição de espírito me não dar muito pâra isso, estou empenhado na revisão, emendas e agrupamentos das minhas *Peninsulares;* tenciono, por economia, convertêr os dois volumes num só.

— Edição definitiva, como hôje se diz?

— Exactamente. Hei-de declarar que, fóra dessa edição, nada de aproveitavel deixarei disperso, pois não quero, embora valha pouco, que procedam comigo como com o João de Deus, numa edição pós-

tuma, a que juntaram peças, de há muito despresadas e condenadas por êle.

— Bem entendido, sem dúvida.

— E tenho que fazêr-te um pedido a êsse respeito.

— Dirás.

— A resenha biográfica e o estudo crítico, que hão-de precedêr os versos, serão escritos por ti.

Nèste ponto da conversa, pareceu-nos que não tínhamos ouvido bem, pois que de mais sabíamos de elevadas e mui sabedôras entidades, que de há muito lhe solicitavam apontamentos pâra escritos congéneres, que refundissem e ampliassem o que da sua pessôa e obras se tinha dito.

Gargalhámos pois sôbre o estranho pedido, considerando-nos mero amadôr de lêtras, desprendido de confrarias e escolas literárias, e mal avindo com o que a maioria da gente chama progresso e sabedoria; e terminámos pela negativa.

Simões Dias levantou-se, deu alguns passos pâra um e outro lado do gabinête, tregeitou, e, defrontando comnôsco, contraditou-nos abertamente, declarou que lhe agradava a nossa atitude de ouriço-cacheiro, aduziu benevolências demasiadas a nosso respeito, em larga frase; e concluiu, a uma nova recusa nossa:

— Sim, sim. Será tudo o que tu quizeres. Não prescindo da tua penna, comtanto, bem entendido, que, ao escrevêr, te esqueças da nossa amizade. Vaes partir pâra o teu Pombeiro. Durante os mêses da tua ausência, prepararei tudo pâra o prelo e pâra o teu exame, a que, á volta, terás que procedêr.

— Homem, vê que...

— Quando mais razões não houvera, predominaria o ardente desejo de vêr o teu nome ligado ao meu.

Depois disto, tôda a resistência era inutil e mal cabida.

O nosso regresso da província efectuou-se, quase ao fim do ano.

Ao visitar-nos, uma e mais vêzes, durante um mês, e até nos colóquios domingueiros, Simões Dias não nos falou do assunto; e nós, por melindre facil de percebêr, calámo-nos igualmente.

Queixava-se de um mau-estar geral, que atribuia a defluxos e reumatismo; percebia-se-lhe, de encontro ao colarinho, um batêr violento das carótidas entumecidas.

Nós julgávamos que apenas se tratava de uma dilatação própria das pessôas, que praticam o canto, ou se entregam a bastas parlendas e oratória.

Num domingo do próximo janeiro, Simões Dias, aparentemente satisfeito, entrou-nos em casa, trazendo um rôlo vulumôso de papeis, e disse:

— E' chegada a ocasião. Se cuidaste que estavas livre de mim, enganaste-te. Aqui tens, como pediste, tudo o que pude guardar das louvaminhas, que me têm sido consagradas. Bem sei que não subordinarias a tua opinião ao que os outros dizem, só porque o dizem; em tôdo o caso, liberta-te de louvaminhas; corta a direito. Acharás tambem já impresso mais de meio volume das *Peninsulares;* o que já não é mau subsídio pâra o teu estudo e exame. Aqui está.

— E o resto... quando virá?

— Pelas provas, que me são dadas com certa regularidade, calculo que a obra estará completa em fins de fevereiro. O teu escrito, paginado á romana, irá no comêço da brochura; e o final do teu exame será feito sôbre as provas, que te serão fornecidas.

XIII

Doença e morte

De facto, o trabalho tipográfico seguiu ininterruptamente.

Entretanto a saude do grande poeta declinava mais e mais; era evidente a prostração das fôrças vitaes, manifestada num extremo cansaço.

Ultimamente subia arquejante as nossas escadas, ajudado por nós, ou arrimado ao braço de uma criada nossa em ocasião, em que o não presentíamos, pois que teimava sempre o nosso querido e inolvidavel amigo em visitar-nos, com a regularidade do costume.

Queixou-se de que a emenda da *Hóstia de Oiro*, conhecido poema humorístico, com que fêcha o livro, lhe saíra desageitada, como era verdade; agradeceu-nos, enternecido, o nosso trabalho, que lêra nas provas, alcunhando-nos de amigo demasiado benévolo, quando nos negámos a eliminar alguns pontos laudatórios.

A breve trêcho, por instâncias nossas e em vista do seu melindrôso estado, têve que recolhêr ao leito, não consentindo que eu noticiasse o caso em Coimbra, pâra que sua filha e genro se não assustassem.

Acompanhado, noite e dia, por uma excelente enfermeira e pelos nossos cuidados, foi cercado de tôdos os recursos necessários; no entanto, a medicina denunciava uma fatal dilatação na aorta, cuja consequência era o aniquilamento do amorôso e infortunado homem de lêtras.

Horas antes da crise final, á entrada da sua longuíssima agonia, quando a lucidêz do espírito se começava a turvar, ainda êle nos perguntava, a espaços, pelo andamento do seu livro, que ia sêr remetido ao brochadôr.

Terminadas essas poucas horas, perdeu a razão, a que sucedeu um cruciante delírio, uma agonia de sessenta horas, a maior das muitas, a que infelizmente temos assistido; pelo que, á volta de nós, se levanta largo cemitério, onde se há afundado quase tudo o que temos amado na vida, parentes, amigos, família.

Nos estos da sua turvação, comtudo, ao espírito do desvairado acudia ainda, como demonstração miraculosa de um filtro indestructivel da sua naturêza privilegiada de poeta, a vaga lembrança da sua musa predilecta.

— Filha de Apolo! — tartamudeava o ilustre moribundo, que nas vascas da morte talvêz avistasse largos intermundios de luz — Filha de Apolo! ela... é tão... bonita! O' formosa filha de Apolo!

Êste significativo chamamento, invocação divina, que parecia acompanhada de rápidos sorrisos, na hora derradeira da vida mundana, simboliza a organisação especial dos verdadeiros poetas, angélicos sonhadôres, que vivem pelo espírito numa esfera rutilante de scintilações, que o comum da humanidade não concebe, nem idealiza, nem comprehende.

Na extrema escuridade espiritual de Simões Dias não houve, nunca mais, vislumbres de luz.

Quando a filha, prevenida por telegrama nosso, se lhe abeirou do leito, já não pôde sorrir-lhe; e ás 11 horas de 3 de março do citado ano de 1899, na rua Estefània n.º 2-A, exhalava o último alento.

A' noite, propalada a notícia, os académicos, seus discípulos e admiradôres, revezavam-se lacrimosos, na camara ardente, junto do gloriôso mestre; e no dia seguinte, dia borrascôso e sinistro, com muitos membros do professorado, homens de lêtras e outros, acompanhavam-no ao cemitério oriental, onde ia sêr provisoriamente depositado em jazigo de um amigo nosso, até se realizar a trasladação, que mais tarde se efe-

ctuou, pâra Coimbra, onde jaz no túmulo de família, e cemitério da Conchada.

Não houve discursos, á borda da sepultura, porque a penumbra, a que se acolhia, em vida, o modesto sabedôr, dêsde que virou costas á politiquice nacional, não dava aso a espalhafatos gananciosos, muito do gôsto da parlapatice oratória, que, fingindo prantear os mortos, discursa pâra fisgar os vivos.

Apraz-nos crêr, e isto faz bem ao nosso espírito, que o mau tempo concorreu pâra que Simões Dias entrasse no jazigo lisboêta sem palavras sentimentaes de colegas, amigos e admiradôres, embora isso prove ainda o egoismo e ingratidão desta nossa tão repugnante humanidade.

O parlamento, porêm, três dias depois, a 6 de março, por proposta da presidência, ocupada então pelo Dr. Simões Ferreira, a quem se associou o ministro da justiça, Dr. Beirão, em nome do governo; Ressano Garcia pela maioria e João Franco, em nome da minoria regeneradora, proclamaram por unanimidade um voto de sentimento, de que se deu parte á família do extincto.

Por iniciativa nossa e representação escrita, [1] a

---

[1] Êsse escrito dizia assim:

— Sendo honra e timbre das gerações modernas prezar e glorificar o nome dos que, pelas suas obras de sciência, lêtras, artes e rasgos de patriotismo, se elevam acima da vulgaridade, honrando a pátria, que os viu nascêr; e sendo essa obrigação mais de prevêr pelas autoridades concelhias da naturalidade dos grandes homens — peço eu licença pâra lembrar que os conterrâneos do doutôr José Simões Dias, poeta inconfundivel, trovadôr provençal dos tempos modernos, professôr e pedagogista abalisado, literato profundo, escritôr correcto e oradôr parlamentar, lhe devem honrar a memória, de uma maneira duradoura.

Esta câmara já deu excelente prova dos seus sentimentos, mandando lavrar numa das suas actas um voto de pezar pela pêrda de homem tão modesto como sabe-

câmara municipal de Arganil, votou o seu pêsame, resolvendo, como lembrávamos, dar á rua central, que vae da praça á egreja, o nome do poeta, e mandar colocar na casa familiar da Bemfeita uma lápide comemorativa, coisas que, apesar de muitos anos decorridos, os vereadôres de então não cumpriram nunca, provavelmente porque, não comprehendida nem avaliada e por tanto esquecida a grande obra poética, literária e pedagógica de quem foi honra e lustre do concêlho arganilense, Simões Dias já não podia livrar rapazes de soldados, empregar jornaleiros, solicitar, e obtêr cargos públicos.

Do que, ultimamente, outra casta de gente camarária fêz, ainda assim apenas pela maioria de um voto, o do padre presidente, que no seu faciosismo só conseguiu arrebanhar metade da votação dos colegas, não nos ocuparemos, por tédio.

Apesar disso, quando dos ossos dos pelotiqueiros da mesquinha, faciosa e nauseabunda politiquice lá do sitio e de outras partes condignas já não existir o menor resquicio de pó, o nome do abalisado escritôr ainda será mantido e glorificado.

Sirva isto de consolação aos que engulham com a sordidêz, ignorância e maldade dos nossos semelhantes, em quem assentam êsses predicados.

A imprensa, distinguindo-se os números especiaes e comemorativos do *Gabinête dos Repórters* e *Educa-*

---

dôr. Sendo porêm a estatura do falecido digna de maior acatamento, pois que Simões Dias representa uma glória dêste concêlho, vinha eu propôr, como conterrâneo e amigo das honrarias do mêsmo concêlho, se isso me é permetido, que a uma das principaes ruas de Arganil se dê o nome do ilustre môrto, e se mande colocar na Bemfeita e casa, onde viu a luz, uma lápide comemorativa do seu nascimento e morte. Honrando Simões Dias, o digno município arganilense honrar-se-á a si próprio, dando um alto exemplo, que decerto servirá de estímulo a futuros beneméritos.

ção Nacional, celebrou, sentidamente e em larga cópia, o lutuôso acontecimento, que representava uma perda nacional [1]; e nós, á pressa, sôb a dolorosa pressão de espírito, facil de avaliar, juntávamos, como *fôlha solta,* á edição definitiva das *Peninsulares,* que o autôr não chegou a vêr brochadas, os seguintes períodos, tomados ainda agora pâra fêcho desta resenha:

Eu ando como um somnâmbulo
Pelas estradas, a mêdo,
Sempre a pensar no motivo,
Por que envelheci tão cêdo.
....

Vivi, se vida foi, sem primavera,
A sós com Deus e a lira;
Amôr, foi como se eu nunca o tivera;
Tôdo o prazêr, mentira.

SIMÕES DIAS.

Ao traçar, há breves dias, o desadornado peristilo da sublimada galeria das *Peninsulares,* mal diríamos nós que cimentávamos os alicerces de uma cripta, e, á guisa oficial de certos documentos, teríamos que registar a abertura e o encerramento do preciôso livro, abertura festiva, encerramento necrológico!!

Tristíssima e custosa missão a nossa, quando as artérias nos vibram descompassadas em constante crepitação articular; quando sabemos sentir, mâs não podemos descrevêr!

A morte de Simões Dias figura-se-nos a visão diabólica de um sonho infernal.

Embora alquebrado por lances vários e antigos de acerbo desgôsto, e muito enojado do trato social, de

---

[1] Veja-se a parte necrológica das *Figuras de Gêsso,* prefaciadas por nós e publicadas em 1906.

que sistematicamente se escondia, o douto sabedôr não denunciava nos estragos aparentes do seu forte organismo um têrmo próximo de vida.

Verdade era que o seu luminôso espírito, aos nossos olhos de amigo, há tempos a esta parte, perdêra uma determinada parcela da sua fulgurante irradiação, acorrentado á nervosidade de um labôr extraordinário e desacostumado, que o preocupava constantemente.

Longe porêm estávamos nós e muita gente de que êsse estado prenunciasse decisiva e próxima fatalidade.

Entretanto uma dilatação da aorta, provocada por má disposição orgânica, produzia, insidiosamente, havia muito, efeitos deletérios, e lançava o infórtunado nas torturas incuraveis de uma agonia lenta e cruciante, que ia entregar a uma irremediavel viuvêz a musa inspiradôra do grande trovadôr.

Na rua Estefânia n.º 2-A, ás 11 horas de 3 de março corrente, [1] dia borrascôso, em que a naturêza parecia insurgir-se contra o mau destino de quem tão profundamente lhe conhecêra a feição popular — Simões Dias, aos 55 anos, turvado de idêas, pois que Deus concedêra a mercê de lhe não deixar conhecêr o seu estado, exhalava o último alento, graças ao mêsmo Deus, cercado de confôrtos e lágrimas.

As lágrimas do afecto formam a âmbula sagrada, onde, á despedida da terra, se devem envolvêr os corações de oiro, como o dêle.

Simões Dias morreu, como tantos homens ilustres, despremiado da política, que muito lhe deve; esquecido de ingratos, que lhe sugaram o préstimo; privado de distinções cívicas e académicas, porque as não solicitou; mâs baixou ao túmulo, querido dos bons colegas, admiradôres e amigos selectos, e se-

---

[1] de 1899.

guido de um clamôr de bençãos, que as almas juvenis dos seus discípulos, em roda do modesto catafalco, no caminho da morada fúnebre e junto da sepultura, lhe convertêram em flôres de olorosa gratidão.

A noite do lutuôso acontecimento foi pâra êles uma noite de vela, piedosa enternecedôra, ao pé do preciôso cadáver do mestre, que êles cobriram inteiramente de violêtas, as flôres que melhor diziam com a simplicidade característica do meigo trovadôr das *Peninsulares.*

A' juventude encantadôra daquêle peregrino espírito, correspondeu perfeitamente a manifestação comovedòra da mocidade escolar.

A não sêr isso, que muito é, Simões Dias acabaria a vida sem uma distinção do seu país, pois que a única mercê honorífica, que possuia, deveu-a a uma nação estranha!

Pobre amigo! desditôso companheiro do nosso modesto gabinête de estudo, nas palestras domingueiras, nas horas de lazêr! que vácuo enorme sentimos agora, ao parecêr-nos que ouvimos os lamentos soluçantes da tua musa predilecta!!

— Filha de Apolo! — tartamudeava Simões Dias em meio do seu tormentôso delírio — Filha de Apolo! é tão bonita! O' formosa filha de Apolo!

Era a sombra voejante da musa peninsular, sem dúvida, que êle via adejar-lhe em tôrno, nas escuridades do seu cérebro revòlto.

Por êsse estraordinário e fatídico motivo, devem a mocidade escolar e tôdos, que o amaram, mandar-lhe inscrevêr o seguinte epitáfio:

Aqui jaz o coração diamantino do poeta inconfundível das **Peninsulares,** *cuja musa dilecta, divindade cândida e robusta dos campos beirões e da trova provençal, como formosa e verdadeira filha de Apolo, ungiu os lábios do grande trovadôr, na hora derra-*

deira, quando êle despia o invólucro torturante da vida pâra ascendêr ás alturas rutilantes de uma gloriosa eternidade.

Se Portugal tivesse, por honra sua, um pantheão digno de tal nome, êsse letreiro seria alí gravado, em lâmina de oiro, defronte dos de Garrett e Castilho, que ainda esperam por tão simples e justa homenagem do seu degenerado país, cujo amolecimento de costumes substituiu a virilidade heroica e espartana de outros tempos.

Esquecidas ou não as cinzas do poeta genial, a sua obra florejante viverá nas lêtras pátrias, que serão talvêz um dia, quem sabe? o único monumento perdurável, a memória única da nacionalidade portuguêsa.

Faustino Xavier de Novaes

I

Primeiros tempos — Edições poéticas

Uma tela, que se destine á representação do perfil característico de um homem ilustre, pâra sêr fiel na sua tintagem, tem que se cingir á verdade, onde não transparêçam modalidades de fantasia, nem deslocações de colorido, nem pinceladas românticas.

Os pontos rectificados, as minúcias completadas, ou não sabidas, que aparecem nêste escrito, singelo como é, fructo de largas e prolongadas diligências, obedecem a êsse predicado, e seguem ordem chronológica.

Alem disto, deve notar-se e bom será sabêr-se, intercalámos os toques biográficos com os literários, a feição do homem com a do escritôr, propositadamente, porque uma se projecta na outra, com vigorosa e inquebrantavel intensidade.

Entremos em materia, sem maior divagação preambular.

Antonio Luiz de Novaes, ourives e negociante de joias, estabelecido, em mediana escala, na rua de Santa Catharina, da cidade do Pôrto têve de sua mulher D. Custodia Emilia Xavier de Novaes seis filhos, Faustino, Miguel, Henrique, Adelaide, Emilia e Carolina; o primeiro dos quaes, o Faustino, nasceu a 17 de fevereiro de 1820.

Cursou êste apenas os estudos primários e pouco mais, visto que seu pae lh'os fazia interrompêr, pâra o dedicar ao seu comércio e á profissão, que exercia.

De ânimo irrequieto e genio folgazão, mal se pôde subordinar, por largo tempo, á passividade e reclusão do estabelecimento paterno; sempre que podia, entrou a suciar com rapazes de bôa educação e lêtras, com quem pretendia hombrear; manuseou tôdas as obras literárias, que lhe chegavam ás mãos, suprindo a sua falta de sólida instrução por uma aturada e proveitosa leitura, a que ávidamente se entregava.

Talentôso por índole, graciôso e repentista, começou a poetar, satirisando coisas e pessôas com tal espontaneidade, que servia de pasmo a parentes e amigos, como era de prevêr, calorosos autôres dos primeiros louros, que colheu.

Cumpre notar, porêm, que, antes de se manifestar ás claras, como poeta, trabalhou disfarçadamente, quase a ocultas, na sua aprendizagem e cultivo das belas lêtras.

Durou esta situação até aos vinte e tantos anos de edade.

A larva genial, passando ao estado de crisálida, não poderia demorar-se indefinidamente, sem se apresentar borbolêta iriante.

E assim aconteceu.

Uma noite, em dia de anos pomposos, celebrados na casa de um vizinho, deparou-se a Novaes, entre os

convidados, um indivíduo, que se apelidava Basto, e gosava a alcunha de *Cosido*.

Fôra tendeiro, engrossara em cabedaes, e tornara-se presumido, dando-se modos de fina e alta personagem.

Novaes embirrou com a figura truanêsca do tal homem, que estoirava dentro de uma rabona acasacada, riu a bom rir, e, no meio de um grupo de pessôas, que participavam do seu riso, desfechou-lhe um bom tiro motejadôr na seguinte décima:

Aquêle Basto, que outr'ora
Só vendia bacalhau,
Figos, passas e cacau,
Não é o Basto de agora:
Êle canta, êle namora,
Êle dansa, e... que sei eu?
Ou o pobre ensandeceu,
Ou eu estou confundido;
Ou não é êste o *Cosido*,
Ou alguem o descoseu!

O auditório aplaudiu a brilhante revelação, que o tendeiro aposentado provocara.

A fama correu, e Novaes, a breve trêcho, sentiu a ambição e necessidade de experimentar as azas, percorrendo a área alcantilada da publicidade.

Foi feliz na tentativa, que punha a descoberto uma veia poético-satírica de originalíssimo quilate, uma voz galhofeira, incisiva, sonora e cáustica, como nunca mais se ouvira, dêsde que haviam expirado as de Bocage e Tolentino.

Nos círculos rumorosos e mais frequentados, onde Faustino já se fizera conhecido pela sua chistosa conversação e ácções ruidosas, os seus versos alcançaram rápida nomeada e calorôso aplauso, exceção feita das personagens alvejadas pela agudíssima fórma da sua sátira, que abria sulcos profundos na prosápia e iracúndia de fidalgotes lôrpas e figurões endinheirados.

Por êsse tempo, a casa paterna de Novaes era frequentada, como se a ela pertencêsse, por um rapazito a quem sua mãe dedicava entranhado afecto, como se fôra filho seu, uma creança fenomenal, que pelo talento precoce de artista entrou, em breve, a sêr tido por menino-prodígio.

Faustino, que se dedicava um tanto ao culto da música, tocando flauta, entusiasmava-se com a creança, que ao piano produzia milagres de execução, sendo solicitada ardentemente pâra tomar parte em concêrtos públicos.

Nessas exhibições musicaes, que fizeram época, o poeta apresentou-se em público, dando largas á sua admiração em versos seus, que recitava, consagrados ao extraordinário rapazinho, que mais tarde seria o grande pianista Arthur Napoleão, a cuja obsequiosidade devemos estas informações, justificadas por uma composição poética, que nas notas finaes, apensas a êste esbôço, terá cabida.

Em janeiro de 1852, no último concêrto, dado pelo joven artista, antes de sair de Portugal pâra a sua peregrinação européa, ainda Novaes compoz novos versos, uns, que recitou, e outros, que ensinou a Arthur, fazendo-lh'os decorar e dizêr em público, porque eram calorosa saudação á pátria, de quem nêles se despedia. [1]

*

* *

Seduzido pela aura particular e pública, que tão rapidamente lhe sorrira, e impelido pela tendência literária, sua paixão suprema, Faustino de Novaes desligou-se das funções, que desempenhava no estabe-

---

[1] Êstes e outros inéditos, devidos á obsequiosidade de Arthur Napoleão, constam das *notas suplementares* dêste estudo.

lecimento paterno, onde foi substituido por seu irmão Henrique, e tentou abrir carreira pelas lêtras, em que militava então, ciclo áureo do romantismo, numerosa plêiade de homens talentosos, em que florejava já prometedôra e vibrante a individualidade de Camilo Castello Branco, que, cinco anos mais nôvo do que êle, se lhe dedicou como bom amigo, mestre e admiradôr.

Houve um tempo, em que eram de temêr os remoques falados e escritos dêstes dois atletas da gargalhada, um, laminando, em prosa scintilante e irónica, setas de um ridículo ferino, e outro espargindo em verso sonoridades satíricas, que convertiam as víctimas em truões de desoladôras visagens.

Tornar-se alguem temivel e temido pelo desbragamento do noticiarismo moderno, que devassa a intimidade de tôda a gente, quando pâra isso lhe dão aso, fazendo rir pela chufa, pelo doesto e pela murmuração de soalheiro, não admira; conseguir, porêm, a notoriedade pública pela graciosidade das maneiras, pela justêza da frase, pela gargalhada franca, sem intuito desvirtuadôr e propriamente ofensivo, pela censura moralisadôra e pelo castigo da crítica, que ao incriminado não repugna abertamente, pela generalidade, que a envolve — se não é sempre um dote natural, representa ao menos uma individualidade distincta pela educação, pelo quilate da sua consciência e pela finura do sentir.

No poeta portuense, apesar das verduras da mocidade, existia essa feição natural, que se lhe distendeu por tôda a vida, tornando-lhe distinctos o carácter poético e a áção pessoal.

Não obstante o emprêgo, que alcançára no Banco Mercantil Portuense, Faustino de Novaes, como notámos, tentando havêr alguns recursos pecuniários do exercício literário, escreveu folhetins no *Pôrto e Carta,* com o pseudónimo de Padre Caetano; no *Periódico dos Pobres,* sôb o nome de Saturno; no *Echo Popular,*

assinando Lingua Damnada; colaborou no *Portuense*, no *Clamôr Público*, e na *Aurora do Lima*, á compita com Camillo; foi correspondente do *Viriato*, fôlha viziense, com a assinatura de Pantaleão Pantana; da *Nação*, de Lisboa, sôb o pseudónimo de José Valvêrde, e do *Peneireiro*, tambem lisboêta, com o nome de Coruja; e escreveu ainda na *Miscelânea Poética*, e na *Grinalda*.

Decorreu êste tirocínio até 1853, notando-se porêm que o verso sobrelevava a prosa, menos tersa e ataviada do que as suas poesias, que denunciavam uma extraordinária espontaneidade.

Por esta circunstância talvêz, foi que êle se associou, em 1852, a Antonio Pinheiro Caldas, o poèta mercadôr, tambem fugido do balcão comercial e discípulo de Camilo, pâra fundar, como fundaram, o *Bardo*, periódico destinado a versos e colaborado por ambos, por Soares de Passos, Camilo, Guilhermino de Barros, Augusto Luzo e outros.

Em 1854, aguilhoado por sua veia satírica e pôr uma idêntica e recente publicação de Camilo, deu á estampa, anónimamente, como aquêle fizera, um folhêto, compôsto de dez poesias jocosas e picantes, intituladas *A Vêspa do Parnaso*, a maioria das quaes, depois de corrigida, foi agregada aos dois volumes posteriôres dos seus versos [1].

---

[1] Até há pouco, era-nos desconhecido êste opúsculo de 52 páginas, como o foi sempre de tôdos os biógrafos de Novaes.

Pagámol-o recentemente, como raridade, a um livreiro do Pôrto.

Intitula-se *A Vêspa do Parnaso, colèção de poesias lisongeiras — pôr um Mordomo das Almas de Campanhã, que vem de colarinhos tezos meter a fala ao bucho ao seu Juiz, author das Folhas Cahidas.*

Alusão ao folhêto de Camilo, que se assinára juiz da mêsma irmandade.

Na parte bibliográfica, propriamente dita, falarêmos com mais larguêza dessa pequena brochura, estreia, em livro, do poeta portuense.

Um ano mais tarde, terminava a publicação do *Bardo,* que Novaes havia prefaciado com uma poesia jocosa, [1] fazendo-se dêsse periódico, ainda passado outro ano, em 1856, uma edição em livro, que não é vulgar.

Coincidiu com a terminação do *Bardo,* em 1855, o vir a lume o primeiro livro do fogôso satirisadôr, batisado com o simples nome de *Poesias*, que, dentro de poucos mêses se esgotaram completamente; o que deu causa, no ano seguinte, a uma segunda e avultada edição, que, como a primeira, foi excelentemente recebida pela crítica e pela imprensa.

Ao dar notícia dela, escrevia a *Revista Peninsular*, que era dirigida e colaborada pela maioria dos patriarcas literários dessa época:

«Faustino Xavier de Novaes é um poeta satírico e jocôso, único no género entre nós.

«As poesias, que publicou há pouco, já têm uma segunda edição quási consumida. E' o poeta mais querido do pôvo, que se ri, e entusiasma diante das suas zombarias métricas.

«Aquela musa, porêm, está ainda na sua singelêza primitiva, pura e desenfreada, como no primeiro dia da creação. Aquêles versos deu-os a naturêza; a arte é quem ali tem menos ingerência, e contudo são suaves, harmónicos e perfeitos. Faustino de Novaes é um dos homens de mais genio do Pôrto. Sem instrução literária, sem estudo, ninguem fêz mais, e creio mêsmo que, apesar de grandes e vaidosas pretenções de erudição, há mui pouco lá quem faça tanto!

---

[1] E' tambem a primeira composição, com que abrem as suas *Poesias*, 2.ª edição de 1856.

«Tem escrito algumas comédias e farças, mâs nota-se-lhe a mêsma falta, que apontei já nos seus versos. Creio porêm que, com o amôr, que consagra ao estudo, com os desêjos, que tem, de chegar a sêr um bom escritôr, e sôbretudo com o talento, com que o dotou a naturêza, Novaes há-de dar um nome á sua pátria.»

O trêcho encomiástico desta crítica, pâra não faltar á pragmática desengonçada, que mandava notar excelências a par dos defeitos, depois de afirmar que a musa de Novaes tinha a singelêza primitiva e desenfreada, e que por isso nas suas composições poéticas se descobria mais naturêza do que arte — concluia, como se acaba de vêr, por certificar que os versos eram *suaves*, *harmónicos e perfeitos!*

A contradição é flagrante.

Uma obra harmónica e perfeita, com tôdos os requisitos de poética suavidade, não póde filiar-se em desenfreamentos e carências de arte; ao contrário, há-de fundamentar a sua origem na reflexão, na quietude e no estudo, embora fortemente ajudada pelos atributos de uma tendência natural.

Que Novaes, a quem falhavam demorados exercícios escolares, compulsava os bons modêlos e a lição dos mestres, ávida e frequentemente, provaram-no logo as suas primícias literárias, cuja linguagem incisiva e cáustica, tersa e correntia, apesar da sua singelêza, era de bom molde e sempre acomodada ao assunto.

O fogôso mentôr, que, principalmente, lhe servia de estímulo e guia, Camilo, pâra se elevar á suprema grandêza de primeiro romancista português e um dos melhores de tôda a literatura culta, nunca precisou de concluir um curso de bacharelato; bebeu nos livros de literatura universal e vária o preciôso manancial, com que amassou a pasmosa fecundidade da sua imaginação, tornando-se um erudito de bêlas lêtras e um escritôr primacial, que nunca será des-

tronado da eminência, em que o consagrou seu desmedido talento.

Se manejasse uma língua mais acessivel a estrangeiros, se tivesse nascido num país amigo da lêtra redonda, e não precisasse de forjar romances, de um dia pâra o outro, na incude da penúria estroina, Camilo existiria celebrado e traduzido no mundo inteiro, sem têr professado demoradamente cursos superiôres, nem atingido qualquer doutôramento.

Os bancos escolares ensinam apenas a estudar.

Quem fechar os livros, ao recebêr o diploma honorífico, que êles concedem, cristalizará embrião.

E por isso é que, nêste país de pataratas, há tanta bacharelice ignorante e ôca, que só florêja nos meandros escuros da politiquice venal e parisitária.

Novaes destilava a inspiração satírica dos moldes onde assentavam os ridículos sociaes; e aprendia a linguagem de seu uso na lição dos mestres, dos quaes, pela leitura, se abeirava constantemente. Nada mais nem menos.

Bem sabia êle que só por mania ou disposição natural, mâs inculta, ninguem podia modelar bons versos.

Manifestou-o de sobêjo no seguinte sonêto, com que, tão acertadamente, satirizou as pretenções de um aspirante a poeta:

Quis um joven marchar, só por mania,
das lètras na senda trabalhosa:
diz-se vate, mâs prenda tão famosa
ninguem nos versos seus a descobria.

Começa a dar patada, e tão bravia,
que logo, alçando a voz imperiosa,
lhe brada a Natureza: — Chega á prosa! »
e o maldito a encostar-se á poesia!

Vem Apolo, munido dum chicote,
e, dando-lhe nas ventas dois embates,
diz, altivo e severo, ao tal pechote:

—Eu não dou proteção a bonifrates!
Se na musa inda dás mais um pinote,
encaixo-te na casa dos orates, [1]

Ainda o ano de 1855 foi assinalado pâra Novaes pela mudança do seu estado, especialmente, visto que, a 28 de julho, realizava alegremente o seu casamento, muito de alma e coração, com «uma mulher pobre como eu—diz êle numa carta, que temos á vista—[2] ou ainda mais pobre do que eu; e casei porque ela me cativou o coração, preheucheu um vácuo, que eu sentia, e fêz-me crêr que eu havia de gosar, na sua companhia, a vida deliciosa, que eu tinha imaginado, e julgava possivel, se encontrasse uma mulher, que me comprehendesse, tendo sensibilidade bastante pâra pagar com afecto tôda a minha dedicação.»

II

Feição tipica—Emigração

As relações de amizade e literatice, entre Camilo e Novaes, são conhecidíssimas, e provam-se com os escritos em prosa e verso, que há da época.

O periódico *Aurora do Lima*, ao noticiar sentidamente a morte de Camilo, informou que êste residira algum tempo em S. João de Arga, arrabalde formôso de Vianna do Castello, onde o gloriôso romancista

---

[1] *Poesias*, 2.ª edição, pag. 89.

[2] Carta escrita em 4 de agôsto de 1860, dando conta dos seus grandes desgôstos domésticos ao seu amigo sr. comendadôr Francisco José Corrêa Quintella, actual presidente do *Retiro Literário Português*, do Rio de Janeiro, patriota benemérito, português de lei, a quem agradecemos cordealmente os valiosos documentos e notícias, com que concorreu pâra este escrito.

*

escreveu *Carlota Angela*, *Scenas da Foz* e outras produções, e termina assim:

— Foi colaboradôr da nossa fôlha, nos seus primeiros tempos; e aqui, á compita com Faustino Xavier de Novaes, escreveu folhetins e artigos humorísticos, que são verdadeiramente um modêlo no seu género».

Camilo, no *Eusebio Macario,* referindo-se a episódios da mocidade, representa Evaristo Basto, a quem noutro logar, [1] donomina primeiro folhetinista do seu tempo, de braço dado com Novaes, ambos vestidos de dominó, perseguindo com chufas mordazes os mascarados insípidos do teatro de *S. João*, do Pôrto.

Entretanto o poeta satírico, a quem se podia atribuir bom humôr constante e até contentamento profundo, mau grado as expansões exteriôres e umas estroinices próprias da edade, era particularmente taciturno, e desdizia, na vida íntima, do homem folgazão, que manifestavam os seus versos e muitos dos seus actos.

Esta característica forma um contraste notavel, mâs um tanto vulgar em homens de lêtras e actôres. É ainda Camilo quem nol-o afirma, no *Cancioneiro Alègre*, ao dizêr que, quando tôda a gente lhe invejava a alegria, Novaes tinha intermitências de nêgra tristèza; e que, nestas crises, escrevia as suas poesias mais cómicas, e nas horas contentes as mais sentimentaes.

Esta singularidade é uma das notas mais salientes da vida de Novaes, que se avantajou aos melhores poetas do género, os quaes figuram dêsde os princípios do século XVIII até os nossos dias. [2]

---

[1] *Cancioneiro Alegre,* pag. 96.

[2] São êles Gregorio de Matos Guerra, 1633 a 1696; Paulino Cabral, abade de Jazente, 1720 a 1787; Antonio Lobo de Carvalho, 1730 a 1787; Antonio Joaquim de Carva-

Tributando á leviandade mundana e á mentira adjacente o acertado valôr, que ela merece aos espíritos esclarecidos, nunca o poeta, em vida, firmou com o seu nome, publicamente, quaesquer líricas de íntimo desafôgo e ainda menos os versos lacrimosos, que só póstumamente se deram á estampa.

O público folgazão e banal, sempre desinteressado das máguas alhêias, nada lhe merecia fóra do arraiaes satíricos.

A chufa e o riso eram o alimento, que êle, a premêr por vêzes, sentidamente, o coração, atirava com notavel bom senso ás fauces escancaradas dêsse abutre, ávido de escândalos e risota.

Seja Novaes, em algumas das quadras plangentes, que escreveu, já ao declinar da existência, no album de uma dama, quem superiôrmente nos mostre, com tôda a nitidêz, a intenção do seu procedêr e a desusada feição do seu carácter[1].

Se impávido, outr'ora, da vida na estrada,
com plácido rôsto, seguro, marchei,
não foi que eu a achasse de rosas juncada;
pungentes espinhos, mil vezes, pisei.

E a dôr, que era forte, dobrar-me podera,
se a face eu voltasse da sorte ao rigôr;
valeu-me a coragem... altivo que eu era!
chamava o sorriso dos lábios á flôr.

E o riso enganava, tão dôce, tão brando
qual riso, que ao mundo venturas só diz;
e o mundo, que o via nos lábios brincando,
olhando-me, incauto, bradava: — E' feliz! »

---

lho, 1740 a 1817; Nicolau Tolentino, 1741 a 1811; Bocage, 1765 a 1805; e Francisco Palha, actualidade.

[1] *Poesias posthumas*, 1870, pag. 31.

Mentida aparência, tão pura, tão calma,
no peito escondia tão nêgro pesar,
que a mágua, latente, jazendo em minha alma,
não vinha aos ditosos seu luto mostrar.

E a lira empunhando nos cantos festivos,
mais ledo, mais vivo, fingindo prazêr,
sarcasmos profundos, em vôos altivos,
deixei pelo mundo, bem livres corrêr.

E os anos corriam... e a fronte elevada...
e o riso nos lábios... e a fala a mentir...
e a lira cantando. . e a voz esforçada...
e as máguas ocultas... e o pôvo a sorrir!

Magnífico instantâneo de fotografia animada representam êstes apropriados e sentidos versos!

E' o caso de se dizêr: — Tôdas as apreciações acatarás, mâs a tua... não deixarás.

*

* *

Segundo o próprio testemunho de Novaes, expresso na carta, a que nos referimos, a vida doméstica, apesar de certa asperêza de genio de sua mulher, empregue especialmente contra os servos, deslisava regularmente.

O poeta não se considerava desditôso.

A mordacidade dos versos cáusticos, atirados, ás claras e de chofre, á corcova borbulhosa, ôca, lazarenta de alguns figurões do Pôrto, creou-lhe, entretanto, profundas antipatias e até inimizades, apesar da sua grande popularidade; e os embaraços do lar doméstico, a que faltavam os proventos de um emprêgo, superiôr ao que tinha, fizeram-lhe lembrar a expatriação pâra o Brasil, onde ecoava, lisongeira e

afortunada, a aura invejavel dos seus ruidosos escrítos, em que figurava, como elemento principal, a 2.ª edição do seu livro de poesias, feita em 1856, cuja avultada tiragem de uns poucos de milhares de volumes se espalhara largamente pelas dilatadas regiões de Santa Cruz.

Alem de tudo isso, acoroçoava-o a esperança da proteção, que lhe poderia dispensar um tio de sua mulher, Antonio Redrigues de Azevêdo, Barão de Ivahy, negociante de grôsso trato, estabelecido em Itaguahy. Do pensamento á realização mediou um pequeno espaço.

Apesar do altíssimo aprêço, em que era tido, e da custosa despedida da casa paterna, aos 38 anos de edade, partia Novaes, em companhia de sua mulher, a bordo do paquete *Tamar*, com direção ao Rio de Janeiro, aonde chegou a 3 de junho de 1858, e onde têve excelente acolhimento de portuguêses e brasileiros, distinguindo-se entre êstes o bemquisto e já então afamado poeta Casimiro de Abreu, que fêz circular a sua cordeal e retumbante säudação do seguinte modo:

Bem vindo sejas, poeta
a estas praias brasileiras!
Na patria das bananeiras
as glórias não são de mais.
Bem vindo, ó filho do Douro!
A terra das harmonias,
que tem Magalhães e Dias,
bem pode saudar Novaes.

Vieste a tempo, poeta,
trazêr-nos o sal da graça,
pois co'os terrôres da praça
andava a gente a fugir;
agora, calmando o mêdo,
e ao bom humôr dando largas,
a comprimir as ilhargas,
agora vão tôdos rir.

Entre tôdos os paquêtes,
que o velho mundo nos manda,
eu sustento sem demanda:
Tamar foi o mais feliz;
os outros trazem cebôlas,
vinho em pipas, trapalhadas;
êste trouxe *gargalhadas*,
sem sêr fazenda em barris.

Venha a sátira mordente,
brilhe viva a tua veia,
já que a cidade está cheia
dêsses eternos *Maneis:*
os barões andam ás duzias,
como os frades nos conventos,
comendadôres aos centos,
viscondes a pontapés.

Aproveita êsses bons tipos:
há-os aqui com fartura,
e salte a caricatura
nos traços do teu pincel;
ou quer na prosa ou no verso,
dá-lhes bem severo ensino;
resuscita Tolentino,
embeleza o teu laurel.

Pinta êste Rio num quadro:
as lêtras falsas dum lado,
as discussões do senado,
as quebras, os trambulhões;
mascates roubando môças,
e lá, no fundo da tela,
desenha a febre amarela,
vida e morte aos cachações.

Oh! canta! o povo te aplaude,
e os loiros p'ra ti são certos!
acharás braços abertos
no meu paterno torrão:
se és português lá na Europa,
aqui, vivendo comnôsco,
debaixo de côlmo tôsco,
aqui serás nosso irmão!

Bem vindo, bem vindo sejas,
a estas praias brasileiras!
Na pátria das bananeiras
as glórias não são de mais!
Bem vindo, ó filho do Douro!
A terra das harmonias,
que tem Magalhães e Dias,
bem pode säudar Novaes. [1]

A êste aplauso de sabôr fraternal, acrescentou a imprensa brasileira cumprimentos de requintada afabilidade.

III

No Rio de Janeiro — Desventura doméstica — Desastre comercial

Ao comêço, na tentativa de vários meios de vida, Novaes colaborou, como folhetinista, no *Jornal do Comércio*, a mais importante fôlha fluminense, onde publicou, no próprio ano da chegada, e no seguinte, 1859, uma longa serie de *Palestras*, em verso, subscritas por C C; as quaes ainda hôje se conservam dispersas; e o romance *Um dote em papel*, anos depois agregado ao seu livro *Manta de retalhos.*

Não arranjou logo residência fixa, mâs facilmente se relacionou com diferêntes entidades, no meio das quaes se distinguiam os vultos principaes da colonia portuguêsa, de que faziam parte — em abastança e comércio, o conde de S. Mamede e o da Estrêla — em lêtras, José Feliciano de Castilho — em lêtras e comércio, Reinaldo Carlos Montoro, Ernesto Cibrão,

---

[1] Esta poesia faz parte da 2.a edição póstuma das *Primaveras* de Casimiro de Abreu.

[2] Vive ainda quase octogenário. Foi íntimo de Novaes, a quem, um dia, chegou a cedêr a própria casa, em

Fernando Castiço, Antonio de Almeida Campos, [1] Manuel de Mello, [2] Joaquim de Mello, Francisco José Corrêa Quintella, [3] José Coelho Louzada, Augusto Emilio Zaluar [4] e outros. [5]

Seis mêses depois da chegada ao Brasil, é que Faustino de Novaes se resolveu a permanecêr no Rio de Janeiro, na firme tenção de estabelecêr uma loja de livros e papelaria, sôb a proteção e auxílio do tio de sua mulher, alugando por isso casa de moradia e prêtos pâra o respectivo serviço.

Êste último elemento, a criadagem prêta, segundo o triste relato, que está deante de nós, e a que já nos referimos, foi o início dos seus grandes desgôstos domésticos, visto que sua mulher, excessivamente geniosa pâra os criados, demandava castigos, a que o marido se recusava, por injustos e contraproducentes.

Até alí, como tambem corrobora o distincto amigo de Novaes, sr. Corrêa Quintella, passara aquêle uma vida suave: tôdos o queriam, exhibia-se por *encomenda,* porque, alem do poeta, que sabemos, e homem

---

que morava. Possue alguns inéditos do poeta. Negou-se, porêm, a dar cópia de qualquer dêles, e a fornecêr esclarecimentos uteis.

1 A êste amigo consagrou versos, que se lêem, a pag. 176, das *Poesias Pósthumas.*

2 A página 113 e seguintes do mêsmo livro comprehendem poesia dedicada a êste nome.

3 Êste amigo, o principal dos nossos informadôres, cavalheiro que muito auxiliara Novaes na colocação das edições dos seus livros, figura tambem, a pag. 178 e seguintes das *Poesias Pósthumas.*

4 Êste poeta lisboêta foi o primeiro e mais íntimo amigo, que têve Bulhão Pato, na sua mocidade, segundo o autôr da *Paquita* relata no seu livro *Sôb os cyprestes.*

5 Das suas bôas relações tambem mais tarde fizeram parte os poetas brasileiros Pereira da Mota e Machado de Assis, que posteriôrmente entrou na família, casando com sua irmã Carolina.

espirituôso, tocava flauta, tendo-se por melhor flautista que poeta, e não se fazendo rogar demasiadamente pâra executar os trêchos do seu reportório, com tanto que alguem soubesse acompanhal-o ao piano.

Eram das suas íntimas relações o conde e condêssa de S. Mamede, em cuja casa, ao que parece, fôra apresentado por Fernando Castiço, íntimo e futuro genro dêsses titulares, homem sabido em lêtras; o qual mais tarde regressou á pátria, morrendo, há anos, conselheiro, em Braga, sua terra natal, de cujo santuário do Bom Jesus deixou uma *Memória Histórica.*

O conde, homem de reconhecida influência, incitava Novaes pâra a carreira comercial.

Quando regorgitava de esperanças sôbre o futuro, embora o maguassem dissenções íntimas provocadas por sua mulher, por quem era constantemente insultado e desatendido; e quando tratava de inaugurar o seu estabelecimento, sobreveio-lhe a maior tortura de tôda a sua vida.

O seu lar doméstico tornara-se, havia muito, num verdadeiro inferno; e êle, após um deploravel conflicto, têve que abandonal-o, a 16 de janeiro de 1860, visto que a sua bondade, consêlhos e prudência de nada serviram, no longo espaço, em que fôram exercidos, pâra contêr as diatribes da espôsa, cuja incompatibilidade de génio lhe tornava o vivêr intoleravel.

A sua irascibilidade subiu ao ponto de lhe afastar de casa tôdas as relações, e de convertêr as rixas, que na separação, da sua parte, chegaram a vias de facto, em escândalo público, que a própria polícia têve que vigiar, e seguir de perto.

Por intermédio de amigos, decorrido certo tempo, com promessa de mesada e ponderosas razões, alguem fêz vêr á espôsa a conveniência de regressar a Portugal.

Pareceu concordar, mâs, depois de paga a passa-

gem no vapôr transatlântico e feitas despêzas demasiadas pâra as posses do marido, recusou-se a embarcar, ocorridas várias peripécias. Só mais tarde, e a muito custo, regressou ao Pôrto. [1]

Por sêrem do domínio público, e constituirem utilidade histórica pâra esta narrativa fiel, é que o nosso devêr de cronista regista êsses factos, que ensombraram o resto da vida do infortunado poeta.

Sete mêses depois do inevitavel apartamento, a 4 de agôsto de 1860, ainda êle, tão magoado por desgôstos acerbos, na missiva dolorosa, que temos á vista, e foi endereçada ao seu amigo Quintella, escrevia assim:

«Nunca mais dormi uma noite socegado, perdi o apetite, começou a aborrecêr-me a sociedade e tôdas as distrações, que ela oferece; fugiu-me quase totalmente a memória, e, durante o mês de maio estive quase idiota, sem a inteligência necessária pâra traçar uma linha.

«Aproveitava qualquer momento lúcido, se posso assim dizêr, pâra escrevêr alguma carta, mâs fazia-o com grande dificuldade.

«A minha constituição extraordinariamente robusta, cedeu ao pêso do martírio, e uma velhice prematura revela o que eu tenho sofrido. Em tão pequeno espaço tornou-se branco quase tôdo o meu cabêlo, emagreci extraordinariamente; e hoje sinto-me fraco e abatido, como nunca me senti.

«Veja o meu amigo se eu, em tal estado, poderia fazêr versos, pâra cumprir o devêr de manchar uma página do seu album! Não era possivel; crêia, porêm, que eu aproveitarei o primeiro momento de socêgo de espírito pâra satisfazêr o seu desêjo.

---

[1] Onde, depois de enviuvar, contraiu segundas núpcias, continuando a assinar-se Ermelinda de Novaes.

«E poderei eu fazêr versos jocosos? Duvido, porque me domina uma pungente mágua, e só poderia chorar em verso a minha infelicidade, embora eu noutros tempos condenasse as lamúrias poéticas de muitos dos meus colegas.

«Eu condenava-as, porque sabia que eram idealizadas; eu desgraçadamente sinto a realidade da dôr.»

Valiam a Faustino, pâra íntimo desabafo, a convivência de Ernesto Cibrão, com quem fôra morar na rua do Catumby, após a saída do lar doméstico, e a proximidade do irmão Henrique, que viera, havia pouco, de Portugal, e êle conseguira estabelecêr, pela influência e crédito dos seus amigos, com loja de ourives, ofício aprendido no estabelecimento paterno. [1]

Amargurado e triste, Novaes sentia-se falto de energia pâra o tráfego do mister, a que se entregava, o comércio de papelaria e livros.

Esta fase da sua vida era bem diferente da que presidira á inauguração do seu estabelecimento, cujo início e funções comunicou jubilosamente a tôdos os indivíduos e colegas de lêtras, com quem, de perto ou longe mantivera relações de certo vulto, em Portugal.

Era uma aurora ridente, que fulgira nos ceus do seu destino, luminosa, fulgurante de dôces ilusões e abundantes esperanças.

O maviôso poeta Palmeirim foi um dos literatos, a quem Novaes se dirigiu no estilo faceto do seu dizêr originalíssimo, dando parte da sua iniciação no gremio dos negociantes fluminenses.

— Fasenda melhor do que a minha — dizia-lhe êle

---

[1] Henrique chegou a viajar pelo interiôr da província do Rio de Janeiro, em propaganda do seu negócio, mâs têve que o desfazêr, por falta de assiduidade e tino, regressando ao Pôrto, em 1864, e passando-se, anos depois, a Penafiel, onde morreu em 1881.

em carta, que temos diante de nós — não será possivel encontrar-se em tôdo o universo e *seus arrabaldes.* [1]

Entretanto o comércio da papelaria e livros era mal administrado e peormente sucedido.

Quase sempre os homens de lêtras mal se harmonizam com as trêtas.

Em Novaes, alem de um desaso natural, havia um enorme pesadume.

Depois de certo tempo, pouco havia pâra fazêr face ao passivo comercial relativamente consideravel; o que originou gravíssimos desgôstos ao poeta, que se encontrava a caminho de uma falência, pelo clamôr e ameaças dos credôres, onde entrava, como mais exigente e irreconciliavel, o dono do capital, o pseudo-protectôr barão de Ivahy, tio de sua mulher.

Rodrigo Pereira Felicio, o abastado conde de S. Mamede, já dito, provou então, com a magnanimidade de uma grande alma, que era um verdadeiro amigo.

Condoendo-se da precária situação, que podia arrastar Faustino da ruina ao supremo descrédito, avaliando com justêza o seu enorme desgôsto, liquidou-lhe o estabelecimento, pagou os créditos, onde entravam dez contos ao tal barão, e entregou-lhe por fim a quitação com um desprendimento e generosidade, que denunciavam um carácter altamente filantrópico e bom!

Pâra êste benemérito nunca devia têr, nem têve, limites a acendrada gratidão de Novaes.

---

[1] Carta, que nos foi confiada pelo filho do falecido poeta Luiz Augusto Xavier Palmeirim, o ilustre administradôr de Grândola, sr. Julio Palmeirim, cuja finêza agradecemos. Dal-a-emos na íntegra, quando chegarmos ás *Notas Suplementares.*

IV

Desolação — Um afecto maternal —Tentativas literárias

Depois do seu desastre comercial, o poeta auferia recursos do emprêgo, que alcançou na repartição estatística da *Praça do Comércio.*

Pelo tempo adiante, e no meio da sua desolação e doenças, a porta, que mais francamente se lhe abriu, foi a de uma casa, a cujos saraus musicaes e dansantes costumava concorrêr, albergue providencial, onde se lhe deparou uma amizade desinteressada e profunda, ou antes, o afecto maternal de uma senhôra edosa e viuva, cujos filhos, correspondendo á solicitude da mãe, acarinhavam Novaes, como se seu irmão fôra.

Era titular a ilustre dama, que tão notavel e benéfica influência exerceu na peor quadra da vida do poeta; era a baronêsa de Taquary, viuva do general brasileiro Manuel Jorge Rodrigues, barão de Taquary, á qual fôra apresentado, ao que parece, pelo médico português dr. Luiz Augusto Ferreira Soares, casado com uma sua neta e muito amigo de Novaes. [1]

A residência dêste passou a sêr em casa da com-

---

[1] E' isso o que, incertamente, dizem as nossas informações. Nós acreditamos antes que o apresentante fôsse Miguel Cordeiro da Silva Torres e Alvim, relações anteriôres ás do medico Soares, por sêr genro da baronêsa, casado com D. Josefa, sua filha mais velha.

Esta nossa suposição prova-se com as palavras de suma gratidão, com que Novaes ofereceu a Torres e Alvim o seu livro *Manta de Retalhos*, pag. 11, palavras que pouco adiante mencionamos, transcrevendo-as, e se referem claramente á época, em que o poeta foi protegido pela baronêsa de Taquary.

passiva senhôra, que morava, com sua família, na rua Estacio de Sá, n.º 18, hôje 30.

Deu-se isto em 1861.[1]

Por devêr de gratidão patriótica, deve-se á posteridade o nome desta benemérita dama.

*

* *

A mesquinha fortuna de Novaes era pesadamente agravada pela obrigação, que o amôr filial lhe fizera tomar, da avultada remessa mensal de trinta mil réis fortes a seu pae, que não fôra feliz no negócio da casa comercial, e que continuava a vivêr no Pôrto.

Embora soubesse, por experiência própria, que seria dificil angariar largos meios pela penna, ao notar-se que, na capital brasileira, havia a falta de um periódico ilustrado de lêtras e artes, Novaes tentou supril-a, principiando em 15 de setembro de 1862 a publicar *O Futuro,* colaborado por escritôres de aquem e alem do Atlântico. Em 1 de julho do ano seguinte, porêm, terminava a existência dessa publicação esmerada, de que chegámos a vêr alguns números, por falta de pagamento de numerosos assinantes e pelo traiçoeiro procedimento de um credôr, um negociante, que se dizia protectôr da emprêsa e amigo do empresário.

---

[1] D. Julia Fernandes, senhôra portuguêsa, de 54 anos, moradôra, actualmente, na rua do General Severiano n.º 88, Rio, intervistada pelo sr. Quintella, disse que, quando, orfã de pae e mãe mortos de febre amarela, foi caridosamente recolhida, aos 9 anos, pela baronêsa de Taquary, já em casa desta encontrou o poeta Novaes, que lhe fazia muita festa, e, por brincadeira, lhe chamava *tia* Julia. Ora, deduzindo 9 de 54, e tirando o resto da época, em que estamos, claramente nos aparece o ano de 1861.

Num livro, que posteriôrmente deu á estampa [1] o infortunado redactôr do *Futuro,* dá-nos ideia do caso e do tal amigo, em nota de duas páginas, de que destacamos os períodos a seguir:

—Tentando a publicação, encontrei nêle um dedicado protectôr, um infatigavel agente em procura de assinaturas, que realizou em grande número. Não havia aqui credôr nem devedôr; havia um homem rico, protegendo um amigo pobre.

«Publicado o primeiro número, quis encarregar-se da remessa aos assinantes, que grangeara, pedindo-me egualmente os recibos, não só pâra êsses, como pâra tôdos os que tivesse nas mesmas terras, angariados por outras pessôas.

«Não se esqueceu o devotado amigo de me ponderar as vantagens resultantes do seu assinalado serviço: teria certa e prompta a cobrança, o que era indispensavel numa emprêsa nascente e dispendiosa; não pagaria percentagem a cobradôres, nem me sujeitaria a recusas!

«Não era pâra desprezar a oferta, que aceitei e agradeci, entregando-lhe tôdos os recibos, na importancia de alguns contos de réis.

«Sabendo que dois meus amigos, seus caixeiros, se empenhavam com ardôr em benefício da minha emprêsa, recebeu dêles — pâra me entregar! — a importância das assignaturas, que haviam grangeado.

«Ainda não parou aqui a dedicação; fêz mais; *guardou tôdo êsse dinheiro,* sem me dizêr palavra a tal respeito!

«Ferido já por outros calotes, não pôde *O Futuro* resistir a esta passagem pela Falpêrra! morreu, como era natural».

Êste pagamento de atrazada conta, por mão pró-

---

[1] *Manta de Retalhos,* pag. 93 e 94.

pria, é, em verdade, de um notabilissimo desvergonhamento.

Pelo que respeita a maus subscritôres, Novaes ainda formulou a sua queixa em verso, numa carta a Camilo Castelo Branco: [1]

Adiante. Subi um furo,
fui ás nuvens elevado,
sou redactôr do *Futuro;*
mâs olha que estou *passado,*
que o presente é ôsso duro.

Vou roendo, e de maneira
que sinto os queixos doridos;
mâs é minha a culpa inteira,
pois dizem os entendidos
que fiz uma grande asneira.

Eu sei que sêr jornalista,
com maus versos e más prosas,
andar dos cobres na pista,
é nestas eras formosas,
têr olhos, e não têr vista.

Mâs não foi só essa, amigo,
a asneira, já confessada;
falo em segrêdo comtigo:
—Cuidado, não digas nada
do que, baixinho te digo.

Veio *O Futuro* a terreiro,
e aos assinantes foi dado;
mâs, depois, fui tôlo inteirô,
e confesso-o, envergonhado...
mandei-lhes pedir dinheiro!

Que parvo fui! que pedante!
pude julgar, indiscreto,
nestas coisas ignorante,
que era uma *letra* o prospecto
e o que assinou *aceitante!*

---

1 *Poesias Posthumas*, pag. 13, *Cancioneiro Alegre,* de Camilo, pag. 533.

Seguiu-se o castigo ao crime;
bradaram muitos: — Não pago!
E o que de pagar se exime
não se abranda pelo afago,
nem esta queixa o deprime!

E a casa tem senhoria,
querem paga os gravadôres,
quer paga a typografia,
querem-na alguns escritôres,
e eu... tambem a aceitaria.

E quem pagou por inteiro
o prêço da assinatura,
se eu fôr vendêr o tinteiro,
ou goste ou não da leitura,
dirá que sou caloteiro.

Hei-de ir pela rua adiante,
bôlsa leve e roupa gasta,
e ouvirei de voz possante:
— Que firma! E' poeta e basta!
comeu-nos! Oh! que tratante!

A consciência, inda sem chaga,
há-de incomodal-a a fama;
e a nossa língua é tão vaga!
— Camilo... Como se chama
o que assinou, e não paga?

....

Isto, amigo, não se atura!
Tu escreves a cavalo;
modera mais a andadura:
tempo, que dás de intervalo,
não chega pâra a leitura!

Mâs, se intentas, bem montado,
corrêr o mundo, em que moras,
sempre em galope dobrado,
quando lá não haja esporas,
não quero vêr-te parado.

*

Dou-te assuntos verdadeiros,
em que hás-de marchar seguro;
mando-te nomes inteiros
de assinantes do *Futuro,*
mâs é só... dos caloteiros.

Desventurado Novaes!

Chama-se a isto brincar com a própria desventura, em lêtra redonda; no que primou sempre, o que prometeu, e cumpriu, como homem de brios, que era.

Uma certa rudêza aparente encobria um carácter probo e leal, e conferia-lhe a suposta excentricidade, que, de ordinário, se atribue aos infelizes ilustres.

V

Um livro em prosa—Elevada classificação do poeta

Em outubro de 1863, passou Novaes a sêr folhetinista do *Correio Mercantil,* onde começou a publicar a interessantíssima série das *Cartas de um roceiro,* revista quotidiana e panorâmica dos costumes locaes, cuja feição censuravel ou ridícula avultava ao espírito do autôr, como ponto obrigado da sua crítica de observadôr sensato, embora risonho, a quem escandalizavam frioleiras, vícios e preconceitos, que mais salientes se tornavam joeirados pela ingenuidade atribuida a um pobre roceiro, provinciano de bôa fé, que, iludido, se resolvêra a permanecêr por algum tempo na côrte imperial.

Alem dêstes escritos hebdomadários, sempre entremeados graciosamente de um estribilho, arrancado á feição popular, os quaes se estendêram até junho de 1864, Novaes sustentou colaboração na *Revista Popular* e no periódico, que a substituiu, o *Jornal das Famílias,* de que era editôra a livraria Garnier; e escreveu as comédias *Scenas da Foz e Um Ber-*

nardo em dois volumes, representadas no teatro de S. Pêdro de Alcântara, e arquitectadas sôbre alicerces burlêscos.

No ano seguinte, 1865, reuniu alguns escritos dispersos em volume, que apropriadamente intitulou *Manta de Retalhos*, e ofereceu a um amigo íntimo, o estadista Torres e Alvim,[1] a quem manifesta profunda gratidão na carta, que serve de prefação.

Alguns períodos dão-nos ideia do que, a sério, pensava Novaes da sua situação, estado de alma e fortuna.

Dizia êle ao amigo:

« — Tratemos agora da causa, que me deliberou a embrulhar o seu nome nesta *Manta de Retalhos.*

« Sabe o meu amigo que a infelicidade, minha antiga companheira, o foi tambem, sem convite meu, na viagem, que fiz, em 1858, de Portugal pâra o Rio de Janeiro. Acostumada ao domínio absoluto, exacerbaram-a ainda mais os esforços, que a hospitalidade praticara pâra me arrancar ás suas garras; e o seu podêr, zombando de afeições sinceras e de generosos rasgos, pesou sôbre mim com tôda a sua fôrça.

« Emquanto a vi estabelecida á porta do bôlso do colête, exercendo uma fiscalisação, que ninguem lhe encomendara, prohibindo a entrada ao dinheiro, bem pouco me incomodou o seu domínio.

« Nunca pensei que a riquêza me faria feliz; nunca a ambição me guiou por caminho, que eu não pudesse trilhar sem guia.

« Mâs a infelicidade, que me encontrara invulneravel por êsse lado, fisgou-me profundamente pelo coração,[2] e levava-me de rastos, nem eu sei pâra onde,

---

[1] Genro da Baronêsa de Taquary, a quem, há pouco em nota, atribuimos a apresentação do poeta em casa dessa caritativa dama.

[2] Perfeita alusão aos seus desgôstos domésticos, que acabaram pelo desmembramento do lar conjugal.

quando uma robusta mão lhe impediu o passo, tomando generosamente a defêza do mais fraco!

«Essa mão era a sua, meu bom amigo; e, dêsde então, eu seria ingrato se não julgasse a felicidade, que d'ahi me proveio, mais poderosa que a desventura, que, por outros lados, tem continuado a perseguir-me».

Como trêcho irrefutavel de sentida auto-biografia, é preciôso o excerto, que acaba de sêr lido.

*

* *

Alem de poeta de uma saliente envergadura, que sempre tivémos por maior que a de Tolentino, ainda antes de conhecêr opinião idêntica do grande Castilho, como em seguida se verá, e a que já por vêzes aludimos, Novaes era músico amadôr, como tambem já indicámos levemente, tendo-se por melhor flautista que poeta. [1]

Na sua mocidade conviveu muito com artistas do género, a cujo contacto deveu os seus estudos musicaes, destacando-se entre êles, o insigne rabequista Sá Noronha, seu mestre e amigo íntimo.

---

[1] Do mêsmo modo que o afamado Arthur Napoleão, que tão amigo foi de Novaes, cuja casa paterna frequentou em pequeno, se considera melhor executante de rabeca do que pianista! — diz-nos com graciosa ironia o nosso venerando correspondente sr. Corrêa Quintella.

Arthur Napoleão, roubado infelizmente á arte e á pátria pelo tráfego comercial, baixando do apogeu da glória á banca de negociante, e seguindo o preconceito de Novaes, não póde, como êste, sêr juiz em causa propriamente sua. Ainda que o tentasse, por tôdos os meios, não poderia desfazêr a merecida consagração de grande pianista, que aos 9 anos percorreu a Europa, dando concêrtos.

Dá-nos boa nota dessa intimidade a *Epístola* a Noronha, [1] de que fazem parte êstes versos:

....

Sons *agudos* tambem dás, com bravêza,
Que eu não posso imitar porque me falta,
Pàra dar-te os *agudos*, a *agudeza*.

....

Subindo com maneiras circumspectas,
Tu vaes da *escala* ao cimo, emquanto eu fico
No mais baixo da *escala* dos poetas.

....

Dás *oitavas*, e eu dar-t'as não promêto,
Sim, como tentará chegar a *oitavas*
Quem lhe custa fazêr um só *tercêto*?

....

Quanto ás suas habilitações, como flautista, que fugia de tocar, por modéstia, está claro, deante do seu amigo Arthur Napoleão, diz-nos êste gloriôso artista, em carta que está deante de nós:

— Poucas vêzes ouvi Faustino tocar flauta, porque a isso se esquivava deante de mim, apesar da familiaridade, que havia entre nós. Podia-se ouvir nas peças do seu reportório, que não era de primeira força. Êle admirava muito o grande flautista Reichert, então no Rio de Janeiro, e procurava interpretar algumas das obras dêsse grande artista.»

Sabe-se muito bem que o poeta se distraía a tocar flauta, instrumento da sua paixão, e que por vêzes foi concertista muito notado, não em espectáculos públicos, pàra que se negava, mâs em saraus particulares, onde era estimado e aplaudido.

---

[1] *Poesias*, 2.ª edição, pag. 304.

A festa familiar dos anos da baronêsa de Taquary, que se lhe afeiçoara com amôr maternal, protegendo-o, tornando-o seu comensal e agasalhando-o, emquanto têve fôlego de vida, era pâra Novaes ocasião solene, obrigada a música e versos.

Vem aqui de molde a transcrição do primeiro sonêto, que êle lhe recitou, em cuja lêtra transparece o verbo saliente da sua imensa gratidão. [1]

Da vida na viagem tormentosa,
Vi o mar levantar-se enfurecido;
Quase sem rumo, já, quase perdido,
Julguei a morte certa e dolorosa.

Mâs vi terra por fim! De árvore anosa
A' dôce e amena sombra recolhido,
Alma nova ganhei, que, esmorecido,
Era-me a vida, já, longa e penosa.

E os ramos dêsse tronco e as tenras flôres
Pendendo pâra mim, foi tal o efeito
Que vivo agora só dos seus amores.

Mâs... meu estro, nascido em campo estreito,
Não pode, iguaes ao *dia*, erguêr louvôres:
Abafa a gratidão a voz do peito.

*
* *

Em 1865, ainda de parceria com Carlos Montoro e Emilio Zaluar, escritôres e poetas seus compatriotas, estabelecidos aquêle, como negociante, em Vassouras, e êste guarda-livros na capital, têve Novaes avultado quinhão nos festêjos e homenagens, com que a colonia portuguêsa obsequiou ruidosamente a nossa trágica Emilia das Neves, que fôra ao Rio em excursão ar-

---

[1] *Poesias Póstumas*, pag. 107.

tística, sendo êle o encarregado da saudação em verso, publicada anónima em nome dos portuguêses residentes nessa cidade. [1]

E' que Novaes votava uma cega adoração aos artistas e literatos eminentes do seu país, cuja glória, enchendo-o de justificado orgulho, se lhe avolumava rutilante na sonhadôra irradiação do seu vivêr nostálgico.

Por isso rendêra êle a Emilia das Neves uma grande homenagem, nascida da sua compleição de artista; e por isso publicava em dezembro de 1866 uma poesia dedicada a Antonio Feliciano de Castilho e denominada *Glória ao Génio*, escrito, em bôa hora pensado e levado a efeito, visto que grangeou pâra o autôr uma elevadíssima classificação do mestre.

O grande poeta do *Amôr e Melancolia* mandava a Novaes, em 8 de maio do ano seguinte, em que têve conhecimento dos seus versos, uma carta de agradecimento, onde, depois de reflexões várias, por vêzes amargas, sôbre o método de leitura repentina, em que andava empenhado, dizia o que vae lêr-se:

....

«Qualquer que fôsse o vulto literário de V. S.ª e pouca, ou pouquíssima, a sua proficiencia poética, real, sempre esta cordeal saudação me teria encantado, porque emfim, a alma é sempre a alma, e o amôr, pâra quem o conhece, nunca deixa de têr um valôr inestimavel, mâs que não será quando o que nos vem abraçar, e sentar-se por um momento ao pé da nossa lida, pâra nol-a auspiciar em bem com os seus cânticos, é um poeta incontestavel, como acontece nêste caso?!

«Sim, sr. Novaes, V. S.ª o é, e mêsmo duplica-

---

[1] Esta composição, que é um poemêto, e que se distribuiu em folhêto, lê-se a pag. 82 das *Poesias Póstumas*.

damente. Nicolau Tolentino de Almeida, de quem eu me ufano com sêr parente por afinidade, passava com razão por havêr aberto e cerrado entre nós a poesia satírica; as severas, mâs infloradas disciplinas, com que a musa folgasã açoita e enxota os vícios e ridículos, tinham ficado pendentes no loureiro, que, á mingua de túmulo, lhe serve de monumento; ninguem aspirava a sucedêr-lhe; considerava-se o seu livro como a última palavra no género, como os *Lusiadas* da sátira; V. S.ª (em tudo a lei do progresso!) subiu com pé firme ao throno vago d'aquêle príncipe, e dêsde a primeira hora provou que era êle mesmo renascido e melhorado. A corôa de V. S.ª, apenas começada a tecêr, é já brilhante; persevere, que, se os auspícios de um homem, costumado a tirar certos os horóscopos aos poetas nascentes da nossa terra, o não enganam, o capítulo de Novaes, na hisótria literária de Portugal, tem de eclipsar o de Tolentino.

«V. S.ª não há-de brilhar só na espinhosa especialidade, em que êle se afamou e que V. S.ª nunca fará descer, como êle, até á baixêza da lisonja mendicante; V. S.ª não há-de sêr só um moralista risonho, e expurgado das cóleras pessoaes de Boileau, da hidrophobia mordacíssima de Aristófanes, dos satíricos romanos, de Aretino, de Bocage e de Macedo; há-de ao mêsmo tempo (e esta sua mal intitulada homenagem ao genio o revela) há-de corrêr honrôso estádio com os poetas graves e heroicos, com os cantôres sisudos, com os arautos do sublime ideal, que paira, com os Hugos e Lamartines, por cima dêste universal e contínuo refervêr do trabalho humano.

«Prosiga V. S.ª as suas duas estrêlas, que ambas elas devem conduzir ao bem, acêsas e irmanadas, como fôram, pela Providencia; estude, medite, ame, corôe-se dos ódios da inveja bem merecida, e o futuro é seu.

«Do meio dêsses ódios, ou atravez dos silêncios despresativos, que talvêz tambem o aguardem, V. S.ª

se aplicar o ouvido, perceberá sempre, emquanto eu vivêr, pensar e sentir, uma voz sincera e amiga a celebrar de longe as suas victórias.

«E essa voz, quando nenhuma outra se escute, será a minha.» [1]

VI

Carta a Camilo — Desânimo — Último livro

Nesta altura, Camilo Castelo Branco, que sempre entretivera espaçada correspondência com o amigo e companheiro da mocidade, indagava-lhe saudosamente da vida, entremeando a missiva com perguntas várias.

A resposta, que veio em carta extensa, datada de 23 de outubro de 1866, última recebida por Camilo, dá-nos cópia exacta da situação física e moral de Novaes, cuja vitalidade enfraquecia aos embates do desânimo, que era a sua extraordinária sensibilidade, ferida por frequentes dissabôres.

— Responderei agora — escrevia o poeta, a meio dos seus sinceros dizêres — ás tuas últimas perguntas e reflexões sôbre a possibilidade de não nos tornarmos a vêr. E' isso o mais provavel e quase certo.

«Eu não conto voltar a Portugal; e o desêjo, que tenho, de abraçar-te não me compele a trair a amizade, aconselhando-te que venhas cá. Não sonhes semelhante desatino. Verdade é que eu cá estou; mâs entre nós há diferenças incontestaveis. Tu não podes sêr senão literato; nascêste só pâra isso: eu nasci artista, fiz-me literato por mania; a mania passou; e comquanto eu reconhêça que não sou de tôdo burro,

---

[1] Encontra-se esta carta no *Archivo Universal*, TOMO I n.º 7.

amoldo-me ás circunstâncias, e trabalho em tudo, que se me oferece.

— E' obrigatório que venhas rico? — perguntas-me tu.

«Desgraçada ilusão é essa. Então, apesar de quanto daqui te tenho dito, entendes que a riquêza no Brasil é só questão de tempo? Pois, meu amigo, não tenho um vintem de meu.

«Dêvo agora antecipar resposta a esta pergunta:

— Então que fazes no Brasil?

«Respondo: aqui paga-se melhor do que lá tudo que não seja trabalho literário. Tenho actualmente dois emprêgos; labuto muito; satisfaço a obrigação, que me impuz, de mantêr mensalmente a meu pae 30$000 réis fortes; o resto chega-me pàra vivêr, tendo casa e mêsa gratuitas, [1] não indo a divertimento de género algum, e vivendo uma vida modesta.

«Agora dize-me: — Acharia eu ahi trabalho, que me désse o necessário pàra continuar a proteção, que hoje dou a meu pae?

«De certo não. Seria acêrto ir mendigar um emprêgo? E não é tudo. Os meus infortúnios deram causa a rasgos de abnegação da parte de pessôas, de quem me não poderia separar pàra sempre.

«A minha mais profunda afeição é uma senhôra, que no dia 19 dêste mês completou oitenta anos. Achei nela mãi extremosa; e nêste momento correm-me as lágrimas, porque a tenho perto de mim quase moribunda.

«Vou sofrêr uma dôr profunda. Sei que respeitas êstes sentimentos. Entrei em casa desta santa quase louco. Sofreu-me, e curou-me com resignação santíssima, salvou-me com desvelos maternaes. Vivo em

---

[1] Em casa da senhôra titular, a quem nos referimos, e a quem o autôr da carta vae referir-se.

sua casa, há quatro anos; e dizem-me os filhos que ela me estima talvêz mais que a êles, embora se julguem, como são, adorados por ela.

«Não nos demoremos nêste dolorôso assunto. Prometti contar-te a minha vida, e pouco te disse ainda, quando caminho no cabo da quarta página.

«Será o assunto de outra carta com igual extensão.[1] O que ainda posso dizêr-te é que do antigo Novaes, que tu conhecêste, estimaste, guiaste e ensinaste, só resta a robustêz *cavalar* e a paixão pela música.

«Toco flauta desesperadamente. Sáio pâra o trabalho ás 9 horas da manhã, recôlho ás 4 da tarde, janto: e torno a sair no dia seguinte.

«Fui ultimamente a um concêrto do Arthur Napoleão, que me convidou pela terceira vêz, e porque esta família me obrigou a ir. Nêsse dia fazia oito mêzes que eu tinha passado uma noite fóra até ás 10 horas. Só faço versos quando me pedem, e não posso eximir-me. Linha espontânea não escrêvo uma só[2].»

Destas linhas resalta o estado mórbido, enervante, em que se afogariam as faculdades creadôras do boníssimo homem e gloriôso poeta, que para cúmulo de desdita, ao findar do próprio dia, em que escrevêra a Camilo, perdia a sua bemfeitôra.[3]

Os dois emprêgos, a que Novaes aludia, em 1866, na carta a Camilo, e a que devia os seus recursos, com que fazia face á elevada quantia mensal, remetida a seu pae; eram — o de secretário da *Associação internacional de emigração* e o de encarregado da

---

[1] Carta que, como fica indicado, não chegou a escrevêr.

[2] *Cancioneiro Alegre*, pag. 530.

[3] A baronêsa de Taquary faleceu, aos 80 anos, em 23 de outubro de 1866, e foi sepultada no cemitério de S. Francisco de Paula, a 24, carneiro n.º 5607.

estatística comercial da *Praça do Comércio* fluminense, os quaes exerceu, sem larga duração, emquanto lh'o permitiu o estado doentio do seu espírito abatido.

Em 1867, imprimiu em volume de 404 páginas as *Cartas de um roceiro*, a característica serie de folhetins, a que já nos referimos, precedendo-a de alguns períodos preambulares, que começam assim:

— Êste volume não é volume; é um fardo. Contem uma variedade de miudêzas expostas ao público, em porções eguaes, nas lojas do *Correio Mercantil*, por obséquio dos ilustres proprietários do edifício.

«Essa exposição, começada no dia 1 de novembro de 1863, terminou em 12 de junho de 1864; e o expositôr, *sr. Bernardo Junior*, retirou-se pâra a roça, deixando aqui as fazendas armazenadas. Voltando agora, e precisando desocupar o armazem, tomou a resolução de reduzir as mercadorias a especie menos volumosa, de modo que lhe coubessem na algibeira, onde há sempre espaço devoluto. Custa cada lote dois mil réis (vale 2$500) moeda do Brasil. Não lhe chamo moeda fraca, porque vejo os fortes dobrarem-se ao seu podêr».

Por último Novaes, floreando sempre, mercê do dom privilegiado, que possuia, como ninguem, a graça cómica com a aparente e costumada alegria, termina por declarar que o negociante *Bernardo Junior* tinha a honra de participar aos seus freguêses e ao respeitavel público que, pâra evitar confusões, resolvia assinar-se: *F. X. de Novaes.*

Foi esta a sua última publicação; e o ano, em que ela se realizou, 1867, o derradeiro, em que houve do seu engenho notícia pública.

VII

Secção bibliográfica e crítica

Convem aqui, nesta altura, contemplar a generalidade da obra de Xavier de Novaes, aquilatando-a ao de leve, pâra não avolumar o conjuncto dêste escrito.

Vem a sêr chronológicamente:

Escritos dispersos nos periódicos portuguêses *Pôrto e Carta, Echo Popular, Periódico dos Pobres, Portuense, Clamôr Público, Aurora do Lima, Viriato, Nação, Peneireiro, Miscelânea Poética, Grinalda e Bardo;* no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, onde pena é que ainda existam, sem estar convertidas em livro, as *Palestras,* em verso, e o romance *Um dote em papel;* na *Revista Popular, Jornal das Famílias,* no *Correio Mercantil* e finalmente no *Futuro,* periódico êsse, em que, alem de várias críticas e humorismos, em prosa e verso, se encontram *O dinheiro,* paródia ao 1.º canto dos *Lusíadas,* e um bosquêjo biográfico do general brasileiro Manuel Jorge Rodrigues, barão de Taquary, de quem era viuva a senhôra, a cuja bondade deveu Novaes desinteressada proteção e amizade de raro quilate, e a cuja memória teremos ainda que nos referir gratamente.

A Vêspa do Parnaso, *coleção de poesias lisongeiras — por um mordomo das almas de Campanhã — que vem de colarinhos têxos metêr a fala ao bucho ao seu juiz, autôr das Fôlhas Cahidas — obra de cem réis que vale um pataco, por sêr muito instructiva e de grande proveito pâra quem não sabe lêr* — 1854.

Como já notámos, a matéria poética dêste opús-

culo de 52 páginas foi refundida, na maior parte, e intercalada nas edições dos versos posteriôres, á exceção de quatro composições insignificantes, que foram despresadas, e do seguinte sonêto, que fècha o folhêto:

Já lêstes! Ora então que vos parece?
Não sou benigno até, não sou prudente?
Quando tanto escritôr nos ferra o dente
Eu espeto o ferrão, que só aquece.

E qual é que de vós não agradece
Minha extrema bondade tão patente?
Se alguem se recusar, é indecente,
E maior ferroada então merece.

Nunca injustiça tal ninguem me faça!
Pois quando simpatias só requesto,
Hei-de ouvir-vos ralhar? Ora... isso é graça!

Sois tolerantes, sois; não o contesto.
Seringuei-vos um pouco? Foi chalaça.
Perdão!... Pàra a outra vêz irá o resto.

O chefe da irmandade, a quem Novaes aludia burlêscamente, era o seu dilecto amigo Camilo Castelo Branco, que, pouco tempo antes, influenciado pela denominação de *Fôlhas Cahidas,* dada por Garrett ás poesias, que, em 2.ª edição, publicara, havia poucos mêses, em 1853 — fizera imprimir um folhêto de verrinas sórdidas, em maus versos, intitulados — FÔLHAS CAHIDAS APANHADAS NA LAMA *por um antigo juiz das almas de Campanhã e sócio actual da Assembléa Portuense, com exercicio no* PALHEIRO. *Obra de quatro vintens e de muita instrução — Pôrto 1854.*

Novaes, aludindo ao juiz de Campanhã, autôr das *Fôlhas Cahidas,* empregou uma forma vaga e indiscreta, que deu aso a que, á primeira vista, se suposesse que se referia a Garrett, único autôr dos versos assim crismados, pois Camilo, a quem verdadeiramente se

dirigia, escrevêra as *Fôlhas cahidas apanhadas na lama;* o que é muito diferente, e levava a engano quem não conhecêsse a verrina de Camilo [1].

Tem-se dito e até escrito que *A Vêspa do Parnaso* foi resposta ao folhêto do grande romancista. E' inexacto. Camilo, nos seus maus versos, dirigiu diatribes à diversas entidades, na generalidade. Novaes, nas suas poesias, bem mais correctas e humorísticas, satirizou personagens e costumes, que em nada se prendem aos assuntos de Camilo, a quem sómente aludiu no frontispício do seu escrito, como se acaba de vêr, chamando-se, modestamente *mordomo* do juiz de Campanhã.

Mais nada.

Poesias, 2.ª edição de 1856 — Pôrto. Novaes, pertencendo já á pleiade brilhante dos que desprezavam os arrebiques fabulosos, ainda recentes, dos pastôres da Arcádia, artifícios e denominações, que não quadraram ao resurgimento romântico da época, a que parecêram tão falsos como ridículos — castigou sobranceiramente em linguagem tersa, de variada inspiração e formas novas de humorismo cáustico e sensato, o orgulho, a hipocrisia, a ignorância, o pedantismo, a basófia e finalmente os crimes e vícios da comédia social.

A sua superioridade sôbre a obra de Tolentino está na larguêza dos quadros, na variedade do feitio e do assunto, na espontaneidade da inspiração, na au-

---

[1] E' de notar que, na mêsma época e ano de 1854, ainda apareceram as *Fôlhas cahidas apanhadas a dente*, outro folhêto, que Pedro Diniz deu ao prelo, sôb a assinatura de *Amaro Mendes Gavêta, antigo colaboradôr do Palito Métrico.* Estas, sim, estas poesias de extraordinária correção e fluência são as que, em parte, dizem respeito ás *Fôlhas cahidas, de Garrett,* donde tiraram epígrafes e trêchos parodiados.

sência de artifícios arcadianos, e até, e muito; no reflexo da sua pessôa, como homem altivo e de brios, a contrastar com a nojenta pedincharia do professôr de retórica.

O carácter moralisadôr e a fecunda inventiva de Novaes manifèstam-se, especialmente, nas poesias, cujas estrofes brincadas e cadentes terminam por adágios e provérbios portuguêses.

Praticando tôdas as formas de metrificação, arcou por vêzes com extremas dificuldades, de que é exemplo admiravel, além de outras, a *Epístola* de 76 versos, em tercêtos rimados uniformemente com palavras exdrúxulas de arrevesada pronúncia, como dêste comêço:

Não sei por que hôje estou tão sorumbático,
Mâs é certo que vou pâra o pathético,
Mais que pâra o jocôso e epigramático.

Dizem que quem mais sofre é mais poético,
Mâs, eu sou, em taes casos tão exótico,
Que ora de gêlo estou, ora frenético;

E dou, em cada verso, um bom narcótico,
Ou me torno mordaz, e sou tão crítico,
Que muitas vêzes chego a sêr despótico.

Mâs, se devo comtigo sêr político,
Vou chamar e invocar o favôr métrico,
Sáia o canto mordaz, sáia analítico;

Sáia exótico, emfim jocôso ou tétrico!
Mâs... fatal propensão! pâra o sarcástico
Já começa a impelir-me um fogo eléctrico.

....

E assim por diante.

Bem sabia Novaes que as víctimas do seu estro lhe boquejavam no nome com despeito e má língua; e por isso, noutra *Epístola* final do seu livro escreveu:

....

Màs o crítico audaz, que tem coragem
Pàra dizêr, em acra linguagem,
Quando póde sentir dentro do peito,
—Embora possa alguem, ao *sêbo* afeito,
Por tomar pàra si o correctivo,
De grande exclamação achar motivo —
Êsse inimigo tem em tôda a vida,
Com tôdos anda em guerra desabrida.
Nêste caso estou eu, presado amigo.
Pequeno, como sou, eu não consigo
Fazêr acreditar que os meus queixumes
A's pessoas não vão, sim aos costumes;
E sou na opinião de certa gente,
Por dizêr as verdades... maldizente.

....

Um dos indivíduos, de quem o poeta tinha conquistado as malquerenças, seria, sem dúvida, um rico e asquerôso velho, por apelido o *Janeiro,* que pretendia casar com uma formosa rapariga, e que foi cruelmente satirizado nêste sonêto:

Tu não tens um espêlho, desgraçado,
Onde possas ir lêr os desenganos?
Não sabes que, vergado á força de anos,
No teu próprio nariz tens tropeçado?

Nêsse teu chapelório homisiado,
Em veludo envolvido e finos panos,
Que vales, se não fazem taes enganos
Ao presente voltar o que é passado?

E pretendes casar c'uma beleza?
Não vês que se uma joven te quisera,
Só a mira levara na riquêza?

Vae nas contas rezar, e considera
Que fôra grande insulto á naturêza,
Ajuntar-se o *Janeiro* á primavera!

Novas Poesias. — 1858 — Pôrto. Justificam plenamente a reputação do autôr, elevando-a, e fazendo

crêr aos seguidôres do progresso literário que o horóscopo de Castilho saira certo, como de quem na sua antevisão de conhecedôr e mestre, não podia enganar-se facilmente.

Camilo, no comêço dos seus versos, dedicados a Novaes, dizia, num rapto de admiração:

....

Tu, que ás coisas dás o nome,
Que elas têm, como Boileau,
Diz-me se é louca mania
Debicar nesta poesia,
Onde tu campeias só?

Versejar é simples coisa;
Rimas tôlas qualquer faz;
Mâs prender idéa a idéa,
Com fecunda e rica veia,
Como é, não me dirás?

....

E em prosa, na carta que fêcha o livro, referindo-se a um passado ainda recente, exclamava o grande romancista, aludindo á atitude de Faustino, diante das prepotências sociaes:

....

— Era belo vêr-te em pé, diante de uma sociedade cancerosa até ás medulas, tu, artista, tu operario, tu dependente dos caprichos dum vulgacho insolente, era belo vêr-te superiôr a ti mêsmo empurrado por impulsão estranha, cujo alcance nem tu próprio antevias, sarjar fundo por estas carnes pôdres, chorriscal-as com o cautério da mofa, afogar o rugido dos lazarentos com a gargalhada pública!

« Foi então que eu receei muito pelo teu côrpo.

« Olhei em redor de ti, e não vi os marquêses, que abroquelavam o Tolentino das sanhas da gentalha; não vi o anteparo real, que defendêra Molière das iras dos marquêses; não vi a tua algibeira recheada da munificente esmola do trono, que facultava o escárneo inexoravel de Boileau.

« Vi-te sosinho, Novaes, e algum raro amigo de ti e do teu talento, acoroçoando-te com os gabos da imprensa, furtando-te á meditação do risco, em que te punha o astro indomavel, no meio de uma gente, que te encarou a mêdo, que te fugia com rancôr.

« Como foi que a fidalguia dêstes reinos te não contundiu os lombos com o cabo da enxada, herdada dos avoengos ?

« Não sei. E' certo que, até á data desta, o teu côrpo passa incólume por entre as feras, como qualquer dos meninos dos lagos dos leões; e a tua alma multiplica-se em robustêz, em coragem, em ardimento, em petulância contra os filhos mestiços da felicidade e da asneira.

« Sinto isto, acabando de examinar as provas do teu segundo volume de versos ».

....

A fidalguia, a que Camilo se reportava acremente, com a sua mordacidade característica, e que mais tarde tanto solicitou e merecidamente obtêve, não era a nobilitação digna daquêle nome, e sim a do simples dinheiro.

Ouçamos Novaes:

Sustentava um ratão que a fidalguia
Em ouro só fundada, era uma asneira;
Que a distinção, em tôdos frioleira,
Na rica estupidêz crime seria.

Outro, que o grave assunto discutia,
O metal argüir julgou cegueira,
Por *fidalgos* crear dessa maneira,
Visto que outros milagres já fazia.

Promete aquêle então, com juramento,
A' *burra,* que dinheiro só encerra,
Sempre *excelência* dar, dêsse momento.

A' justa decisão não faço guerra,
Que é bem que tenha a *burra* o tratamento,
Que tantos *burros* têm na nossa terra.

A chave dêste sonêto é verdadeiramente bocagiana. Qualquer gênero satírico encontrava em Novaes fa-

cílima adaptação, de que daríamos ideia completa aos que desconhecem a sua obra, se não fôra o nosso intuito de evitar a prolixidade.

Vejam a simples amostra de um dos seus epigramas:

Um rico velho avarento,
Já bem prestes de expirar,
Pâra fazêr testamento
Manda o tabelião chamar.

Com timbre de voz roufenho,
Diz o velho, a suspirar:
Deixo tudo quanto tenho...»
E não podia acabar.

O tabelião, cansado
Do seu tempo em vão gastar,
Tendo escrito, diz, zangado:
— O resto? Queira ditar.»

—Deixo tudo quanto tenho...»
O velho torna, a chorar.
Pára um pouco, e diz, roufenho:
—Porque... o não posso levar!»

Uma amostra joco-séria, escrita num album muito pequeno:

Diz Faustino de Novaes:
Que, por têr comprida a mão,
Tambem tem dêdos, que são,
Na deformidade, iguaes;
E como enchem coisas taes
O pequeno album, que vê,
A seu dono pede que,
Se quizer obra melhor,
Lhe mande um album maior,
E receberá mercê.

Estas linhas constituem um mimo de graciosa inventiva.

E por último, com referência ao volume das *Novas*

poesias, transcrevamos um sonêto, que é uma fidelíssima página da crítica social embora se não trate da escrita em albuns:

Num album escrevêr é nêgra emprêsa,
De que o vate jámais sae triumfante.
Se é no canto singelo — é ignorante;
Se é pompôso — renega a naturêza.

Se não cita ninguem — mostra pobrêza,
Se faz mil citações — é um pedante;
Se é prodigo em louvôr — é repugnante,
Se não louva — não tem delicadêza.

Se dá cantos de amôr — é um babôso,
Se em prosa escreve só — quer sêr rogado,
Se escreve em prosa e verso — é orgulhôso.

Se enche muito papel — é desalmado,
Se breve assunto escolhe — é preguiçôso,
Se recusa escrevêr — é malcriado.

Scenas da Foz — 1859 — Rio de Janeiro.

Nunca vimos esta comédia, que consta de 59 páginas impressas, e que foi representada no teatro de *S. Pedro de Alcântara,* daquela cidade, onde subiu á scena tambem *Um Bernardo em dois volumes,* outra comédia, que não sabemos se chegou a imprimir-se.

Manta de Retalhos. — 1865 — Rio de Janeiro.

Já mencionámos êste livro, oferecido ao estadista brasileiro Torres e Alvim, íntimo do autôr, a quem no dizêr do prefácio, de que já fizémos um ligeiro extracto, prestou serviços de grandíssima valia.

E' uma miscelânea de variado sabôr, um desopilante de tristêzas, respigado em periódicos de efémera duração, e caracteristico do *ridendo castigat mores,* divisa de Novaes, que ria em público, ainda quando o coração sangrava lágrimas, de que os olhos só davam

sinal, quando ninguem, estranho á sua intimidade, lh'as podia vêr.

Destacaremos de um episódio romântico uma ligeira amostra, dedicada, como outras, a quem desconhêça o autôr ou só o tenha aferido pelos versos.

Um homem maduro, em quem principiavam cãs respeitaveis, e que aos 35 anos já era irmão do Santíssimo, mordomo de uma confraria, tesoureiro de duas e comendadôr de algumas ordens, perdeu-se de amôres por uma bailarina italiana, e presenteou-a com a seguinte missiva:

« Adorada Angélica. *Reinava a dôce paz na santa igreja*, onde eu te vi pela primeira vêz, e pela segunda, sendo esta depois da outra, com certêza...

« Elevavas a Deus êsse ternissimo olhar; e eu, simples mortal, comprehendi logo que lhe pedias um homem, que te adorasse, ou dois, quando muito. Se soubesses que eu estava alí, não precisavas de incomodar-te. Não o sabias. Tôlo fui eu por não t'o dizêr. E' o mêsmo.

«Como estavas bela, elegante e fascinadôra! Eras um anjo, angélica Angélica. A belêza, a inteligência e a sensibilidade bailavam alegremente sôbre êsse teu animado rôsto, meigo na sua palidêz, apesar de sêr um pouco moreno. Paciência! ha-de sêr do sol.

« Lias no livro ás avessas, com extraordinário desembaraço, e eu admirei o podêr do teu talento, pela certêza de que não poderia lêr do mêsmo modo uma única palavra. Tambem não é preciso. Se eu adivinhasse, ou alguem me dissesse que eras estranjeira, talvêz te fizesse uma grave injustiça, supondo que o livro fôsse escrito em alguma língua desconhecida no país, em que nascêra a que deves ter na bôca. Tens de certo. Era um êrro. Uma mulher, como tu, maneja tôdas as línguas conhecidas, e não desconhece as que mais tarde hão-de inventar-se.

« Em último caso, aprende-as.

«Quando saiste da igreja, segui-te os passos; entraste em casa, e eu fiquei cá fóra; conversei com as vizinhas, e soube que fazias parte de uma companhia de baile. Bem bom.

«Havia espectáculo nessa noite; fui ao teatro; e lá me aparecêste mais bela ainda, se bem que um pouco menos recatada. Melhor. Não estavas tão pálida, mâs fôste empalidecendo gradualmente, ao passo que as amaveis companheiras te roçavam pelas faces os folheados folhos das sáias em voluptuosas evoluções. Não desgostei.

«Eu tinha sido, na mocidade, altamente apaixonado das artes, preferindo a dansa a tôdas............ ......Vendo-te dansar, eu senti: com tôda a certêza, não sei bem o que senti. Eu estava perto do palco, em que voltejavas aerea como um passarinho. Quem sabe se, despedindo pâra o meu lado um daquêles divinos pontapés, dados com pés de ponta, me tocaste o cérebro, já escandecido pela presença de tão maravilhosas maravilhas?

«Não foi outra coisa, menina.

«Fiquei perdido, e ainda não me achei. A graça, com que dansavas, a dansa, com que me encantavas, os encantos, com que me arrebatavas, eram tudo coisas novas pâra mim. Quem inventou a dansa não pode cedêr o primeiro lugar no templo da glória senão a quem te inventou a ti. E há-de cedêr, se Deus quizér.

«Dêsde então penso em ti, acordado ou dormindo; sonho comtigo, dormindo ou acordado; e escrevi um poema, em que tu és a heroina e eu o heroe. Somos dois, exactamente.

«No último canto há um rasgo, em que é rasgado o teu contracto com a emprêsa teatral e substituido pelo diploma, que eu hei por bem conferir-te, de meu par constante na variada contradansa da vida. E' coisa admiravel, Angelicazinha; é obra do teu amante.

«Dize-me pois se desejas realizar esta poética ficção,

que deve assegurar-nos uma existência mais poética ainda; com mais vagar conversaremos a respeito dos arranjos domésticos.

«A decisão não tem pressa; basta que a mandes pelo portadôr d'esta, que é um criado fiel do — *Teu fiel criado*».

A bailarina, apesar dos estudos profundos da língua portuguêsa, apagou o incêndio revelado na carta amatória com o seguinte laconismo: — *Signore* — Non lo capisco — *Angelicà!*

Estabelecendo o paralelo entre o homem de lêtras, de ordinário pouco favorecido da sorte, e o homem de trêtas, que pode sêl-o em tôdas as profissões e até mêsmo no caso de não excercêr nenhuma, Novaes afirma que êste, julgando o mundo propriedade sua, é fiel observadôr dos dez mandamentos da sua lei:

«1.º Amar o dinheiro sôbre tôdas as coisas e o do próximo como á nós mêsmos.
2.º Não empregar o seu valôr em vão.
3.º Guardal-o nos domingos e festas de guarda.
4.º Negal-o ao pae e á mãe.
5.º Não matar os pobres.
6.º Afectar castidade.
7.º Não furtar pouco.
8.º Não levantar falsos testemunhos sem lucro.
9.º Não desejar o interesse do próximo.
10.º Não pensar que há coisas alheias.
Êstes dez mandamentos se encerram em dois: Amar o dinheiro sôbre tôdas as coisas e o do próximo, como a nós mêsmos».

Encorporados no livro, de que tratámos, figuram *Os Paios,* que primeiramente viram a luz no *Futuro;* compõem-se de um largo estudo humorístico sôbre a gente pretenciosa, ôca, parvajola, que forma da sua pessôa um conceito superiôr a tudo e a tôdos, mâs que se deixa lograr facilmente. Indivíduo dêste jaêz, segundo o qualificatívo brasileiro e especialmente flu-

minense, é um *paio*, cujo pueril ridículo não podia escapar á crítica do autôr.

O fêcho da obra é *Um dote em papel*, romancête, publicado em folhetins do *Jornal do Comércio* e no costumado estilo faceto.

O retrato da heroina predispõe pâra a facil suposição do que será o entrêcho romântico.

Aos seguintes predicados e feições chama Novaes não propositada exageração sua, e sim um mero brinquêdo da naturêza:

— A senhôra Maria de Jesus contava, ao tempo, 34 anos de edade. Era alta como um granadeiro e mais direita que tôdos êles. O pescôço, semelhante ao da cegonha na grossura, era comtudo mais recto que o daquêle animal.

«A respeito de carnes, qualquer christão a podia engulir em uma sexta-feira, sem ofendêr o preceito da egrêja, com tanto que se lhe não atravessasse na garganta.

«Pessôas, que a conhecêram na infância afiançam, sôb palavra de honra, que a interessante joven possuia nos seus primeiros anos uma sobêrba dentadura, destas, que mordem o estro de tôdos os poetas apaixonados, fazendo-lhes espirrar em jorros a poesia descritiva e sentimental. Uma pertinaz moléstia, estranha, como quase tôdas aos olhos da medicina, lhe roubou essa preciosidade, condenando as volumosas e rubicundas gengivas a uma eterna viuvêz.

«Êste desgraçado sucesso deu muito que falar na vizinhança; e os instinctos económicos de Maria de Jesus, muito conhecidos no bairro, deram causa a boatos inacreditaveis, que nem por isso deixaram de tomar vulto. De tôdos êles o que têve mais voga revela uma grande imaginação na inventiva, mâs péca por inverosimil.

«E quem poderá crêr que uma rapariga, com aspirações ao matrimónio levasse a avidêz de dinheiro

ao excesso de despojar-se, por um processo nôvo, dum dos seus mais belos atractivos, pâra obtêr de um *dentista universal* uma avultada quantia?

«Eu não creio. No entanto uma das propaladôras de tão infundada notícia acrescenta que reconhecêra na bôca de uma matrona da alta sociedade os belíssimos dentes de Maria de Jesus.

«A caluniada não era estranha a estas ridículas invenções da malidicência; não assevero que deixasse de sêr alguma vêz assaltada pelo desêjo de vingar-se; mâs, como não era directa a provocação, seguia o voto do antigo poeta hespanhol:

Reñir con quien sin arenas te maltrata
Lo tengo por sangria de la frente,
Que a cuatro libra, y a cincuenta mata

«O que é certo é que a falta de dentes se tornava mais saliente, pela enormidade da bôca. Nunca se viu coisa assim!

«A pobre rapariga, inclinada por naturêza a dormir muito e obrigada por hábitos domésticos a dormir pouco, tinha contrahido o mau costume de bocejar continuamente. A certas horas, quando era mais justificavel o bocêjo, terriveis aprehensões se apoderavam de quem se aproximasse dela.

«Totalmente aberta a porta daquêle estupendo edifício parecia que a parte superior da cabeça ia separar-se a ponto de cair, deixando o queixo inferior expôsto a algum insulto, pela sua semelhança com uma descalçadeira.

«Não vale a pena descrevêr os cabêlos, amarras que em outras mulheres têm servido tantas vêzes pâra prendêr poetas, se os há capazes de se deixarem amarrar. Eu creio que sim. Separados no alto da cabêça pela naturêza, que arrogára as attribuições do pente, eram cincoenta e tantos os fios, que repousavam de

cada lado, juntos ao aposento, que lhes era destinado, entre a cabêça e a extremidade superiôr da orêlha.

«Os chouriços, que embelezam a fronte das nossas damas, não tinham licença lá em casa pâra sair da cozinha.

«O ôlho direito, cheio de justa indignação, porque o nariz lhe impedia o exercício das suas funções, tentara um dia sair do alinhamento, e deixando a órbita, que lhe marcara a naturêza, caminhando pâra a frente, como o navegante, que se dirige á prôa do navio, anciôso por descobrir terra, estalou, e não pôde mais recolhêr-se á sua natural habitação.

«Convem notar que não lhe chamei ôlho direito ùnicamente em relação ao lado, que ocupava; e sim porque, sendo tôrto o esquêrdo, êste, por têr sido mais prudente, se conservava no seu estado normal.

«Seria fastidiosa a descrição de outras muitas belêzas, que se reuniam a estas, sem quebrar a harmonia do tôdo, e que o leitôr perspicaz poderá facilmente imaginar.»

Cartas de um roceiro — 1867 — Rio de Janeiro.

Êste livro, como o precedente, é quase desconhecido em Portugal. As pinceladas de côr local não o apertam em acanhados horisontes; é um kaleidoscópio, onde, vestidos de uma viva linguagem, perpassam os ridículos sociaes, peneirados pela crítica acerada, sem deixar de sêr prudente e sensata, de *Bernardo Junior,* fingido palúrdio, que abandonara a roça e a tia Pancrácia, com quem vivia, e viera á capital espairecêr e instruir-se, munido da guitarra, que a miude costumava dedilhar.

Como temos feito, a quem não sabe da índole dêste escrito, e só conhece as rimas humorísticas do autôr, vamos oferecêr uns trêchos breves das *Cartas de um roceiro,* que pâra livro fôram transcritas dos folhetins

do *Correio Mercantil*, como, em devido lugar, deixámos indicado.

Tomaremos por modêlo dêste estilo risonho e leve o introito do folhetim, que obedece na série ao número XXX.

«Meu caro redatôr. Adeus até qualquer dia. Tenho a roupa na mala, a guitarra na caixa, o passaporte na algibeira e a figura de prôa com o nariz voltado para Londres. Repare bem que não é para Montevideo. [1] Para lá sei eu que se levam malas bem recheadas, e que pode ir a guitarra pâra amenizar a vida. A respeito de passaportes há suas dúvidas, e eu gosto de sêr *Bernardo Junior*, por mar e por terra.

«Sou assim e arrumou.

«Não é ainda resolução definitiva a minha viagem: e apenas um projecto em primeira discussão e com probabilidades de passar nesta câmara alta, onde poiso o chapeu.

«Se o assaltar aquêle exquisito sentimento, a que um tal Garrett chamou, segundo diz o vizinho Gaudencio:

Saudade gôsto amargo de perdizes
Deliciôso grunhir de pôrco espinho

não grunha o meu amigo; suspenda as lágrimas até segunda ordem.

«Se lhe parecêr permatura a despedida, desculpeme. Cada vez me confundo mais com as malditas etiquêtas da Côrte; e como preciso ocultar muitas vêzes a procedência, pâra evitar motejos, que me incomodam os nêrvos, antes quero exagerar as leis da civilidade que transgredil-as, como se faz ás leis civis.

«Sou assim, e arrumou.

---

[1] Pâra onde, havia pouco, tinha fugido, como tantos, mais um ladrão.

«Já não ouso ir daqui ao Botafôgo, sem me despedir de tôdos os meus amigos, que por isso dizem, á bôca cheia, que eu sou um homem muito delicado. Pois olhe: eu chamaria tôlos aos que me fizessem outro tanto lá na roça.

«Recomendo-lhe porêm que se não deixe dominar por aprehensões infundadas sôbre o meu projecto de viagem. Não cuide que pretendo sêr adido a alguma legação.

«Já o tentei uma vêz, e disseram-me que eu tinha juizo de mais pâra tão importante cargo. Se algum dia me julgar habilitado, deito um cáustico na nuca, e fico por aqui.

«Sou assim, e arrumou.

«Não pense tambem que vou dar uma serenata ao seu amigo Christie, e que pâra isso V. me viu estar escrevendo, há dias, aquela modinha:

> O ladrão do nêgro melro
> tôda a noite assobiou;
> mâs, lá sôbre a madrugada
> bateu as azas, e... foi-se!

«Deixe-o ir, que é outro e mui diverso o fim da minha viagem.

«E foi V. que me inspirou esta viagem, publicando na sua fôlha de 2 do corrente, a seguinte notícia: — O sabio inglês doutôr Barins oferece dezoito contos de reis a quem queira fazêr a experiência de se sujeitar a permanecêr 13 dias debaixo do recipiente de uma máchina pneumática, depois de extraído o ar. Como garantia, o doutôr inglês apresenta o exemplo de um gato, que estêve nesta posição 24 dias, e que voltou á vida, quando, pouco a pouco, foi entrando o ar no recipiente. Em Inglaterra não há por hora quem assim queira sêr rico sem trabalhar».

«Pois há cá no Brasil quem tenha essa coragem.

Deus me livre de crêr que um gato inglês é mais animôso que um *Bernardo* brasileiro.

«Eu já fui ao Jardim Botânico dentro de um ómnibus, sentado entre dois pançudos da minha bitola, e estou vivo; não posso recear o efeito da experiência do tal doutôr.

«*I have no money*, e quero o preciso pâra gastar nêste sorvedouro do Rio de Janeiro.

«Sou assim, e arrumou».

E bem arrumados deixou Novaes, nos belos escaninhos do volumôso livro das *Cartas*, os assuntos, que criticou, servindo-se graciosíssimamente de estribilhos populares, máximas e provérbios, que intercalou com extrema felicidade, em tôdos os seus escritos de prosa e verso.

Poesias Pósthumas — 1870 — Rio de Janeiro.

Embora nos reste ainda concluir as referências á última época da vida do poeta, seria deslocar a menção dêste volume se o separássemos do registo bibliográfico, destinado á generalidade da sua obra.

Desdenhando da sinceridade humana, na tocante a sentimentos despertados pelas lágrimas, que os desgraçados choram, Novaes protestou que, em sua vida, ninguem folhearia livro de líricas suas.

Publicações dispersas anónimas ou pseudonímicas e albuns, que a muitas serviam de escrinio, não revelavam autenticidade pública.

Disse, e cumpriu. Face risonha em público; coração maguado na penumbra do seu modesto vivêr.

As poesias póstumas são pois o repositório dos melhores impulsos da sua alma, onde vibraram, com intensidade, a gratidão, a saudade, as lágrimas do infortúnio, os queixumes íntimos e as expansões do amôr.

Sejam quaes fôrem as chamadas escolas literárias, de que desdenhámos sempre, os pruridos da moda, que até em lêtras se intromete, ou o hibridismo, que

criou nefilibatas, e alimenta simbolismos, a poesia foi, é, e há-de sêr sempre o sentimento do belo, seja qual fôr o seu carácter épico, elegíaco, descritivo, lírico ou bucólico.

E belas são, na maioria, as poesias sentimentaes de Faustino, vasadas nos moldes de uma linguagem singela, que não acusa extremos de erudição, mâs que é escorreita, em tôda a sua obra, onde poucos pecadilhos se descobrem contra a vernaculidade dos que escrevem bem.

A naturalidade do dizêr, sem a mínima afectação de frase, eguala o desprendimento de estilo amaneirado.

Como era de prevêr, Novaes feriu, no seu lirismo, tôdas as notas do sentimento humano.

A da gratidão está manifesta em numerosos versos consagrados á baronêsa de Taquary, a senhôra octogenária, sua amiga e protectôra, e nos que lhe inspirou sua filha, D. Rita de Cássia Rodrigues, que substituiu a provecta dama no carinho e proteção, tributados a Novaes.

Destaquemos êste sonêto, ofertado a D. Rita, em dia de anos:

Não esperes ouvir da inculta lira
Arrôjos imortaes da fantasia,
Brilhe, embora, mentindo a poesia,
Jámais eu prestarei culto á mentira.

Grato o meu coração hoje me inspira,
E inspiração, que aplaude a razão fria,
Que, ao despontar da aurora dêste dia,
Um astro amigo pâra mim surgia.

Êsse astro meigo és tu, e o canto rude,
Se pelas galas da dição não brilha,
Dá-lhe o assunto o fulgôr, que não me ilude

Porque és, d'alma nos dotes, maravilha,
Porque és tipo singelo na virtude,
Porque és de excelsos páes excelsa filha.

A lira afectuosa desferiu tambem, entre longa toada, sons amorosos, que, como os demais, quase no geral, eram inspirados por Elvira, casta diva, que, segundo informações recentes, tambem frequentava a residência da veneranda titular:

....

Encanta-me a luz tão bela,
Que dêsses teus olhos vem,
Luz, que tem, nos ceus, a estrêla;
Na terra tu... mais ninguem!

....

Hei-de amar-te. A vida incerta
Pâra amar-te a quero só;
Há-de amar-te a alma liberta,
Quando o côrpo já fôr pó.

Até lá... sôfro... e não temo
Meu destino fero e crú,
Porque adoro a Deus supremo,
E o meu Deus na terra... és tu.

....

E' triste, quando ruge o vento irado,
Vêr dos astros sumir-se a luz formosa,
E do arbusto, que ostenta a linda rosa,
Vêr o tronco mimôso ao chão curvado.

E' triste vêr o mar, que socegado
Ostentava a luzir face lustrosa,
Erguêr-se, e á praia, em vaga furiosa,
O barquinho arrojar despedaçado.

E' triste a escuridão, com seus horrôres,
Quando, á furtiva luz, sombras errantes
Nêgros fantasmas são, aterradôres.

Mâs... dizem-me tormentos incessantes
Que é mais triste por ti morrêr de amôres,
Sem têr do teu amôr vivido instantes.

....

Existem nos jardins mimosas flôres
Tão sombrias, tão dadas á tristêza,
Que só do rei dos astros a vivêza
Lhes faz abrir o seio aos seus fulgôres.

A' tarde, aos menos cálidos ardôres,
Dão, em trôco, tambem menos belêza,
A' noite, quando é muda a naturêza,
Fecham seu calix, escondendo as côres.

E, embora o que é da terra ao ceu pertença,
Não tem nelas podêr a meiga lua,
Nem nas estrêlas há fulgôr, que as vença.

....

Por teus olhos vencida a casta lua,
Despeitada se envolve em manto escuro,
Que o ciume teceu... e assim me rouba
A doce embriaguêz, que me separa
Do mundo, meu rival, que eu só detesto,
Porque és do mundo, Elvira, e não és minha!

....

Eis-me de nôvo entregue á dôr intensa,
Pesando tôdo o horrôr da desventura,
Que me torna esta vida atroz suplício!
Pàra que hei-de eu vivêr, se nêgro abismo
Me separa de ti, anjo adorado?
Pàra que hei-de eu vivêr?... Mâs não, Elvira,
Eu quero o teu amôr... quero que brilhes
Na noite desta vida, que é só tua,
Como a estrêla, que é bela, inda entre nuvens.

Dize mais uma vêz que em mim só pensas,
Que a saudade por mim te mata ao longe;
Dize-o mais uma vêz, e a mágua extrema,
Que padêço por ti, será ventura.

....

Ouçamos agora, e por último, um eco da musa elegíaca:

Mandaste-me cantar, quando só prantos
Eu podia vertêr, curvado á dôr;
Foi debalde que á lira pedi cantos,
Que não pode quem sofre sêr cantor.

*

Se vês cantados, em canções ligeiras,
Do cantôr infortúnios, que sofreu,
São da vida as tormentas passageiras:
Ao estro, nêsse instante, a dôr cedeu.

No desalento d'alma, atroz, profundo,
Não esperes ouvir cantar ninguem,
Que a verdadeira dôr, longe do mundo,
Nas lágrimas o alívio apenas tem.

Só no passado o desditôso pensa,
Tormentos não concede eguaes aos seus;
A esperança não vem, vacila a crença;
Chega-se quase a duvidar de Deus.

....

No exílio a divagar, sem luz, sem tino,
Que venturas a Deus posso pedir?
Vivêr, sofrêr, chorar... é meu destino;
Nem me é dado sonhar dôce porvir.

....

Reconhece alguem na resonância do lirismo, que reveste quase tôda a coleção das *Poesias Pósthumas*, o incansavel escarnécedôr de tanta protérvia e vilania sociaes, o faceto brincalhão, que provocava risos, e gargalhava do mundo?

E' que Novaes nascêra poeta; e os verdadeiros poetas, ainda os que o são por simples temperamento e não por seus cantos, representam exceções da especie humana; pelicanos de novo género alimentam-se do seu próprio sangue, á força do sentir diferente, por mais violento e menos vulgar, do que pulsa nos corações do resto da humanidade.

— Se risonhas canções arranco á lira,
E' que o meu nêgro fado assim o quiz,
Chorando, presto cultos á mentira,
E cuida o mundo que inda sou feliz.

Nada mais nem menos. Disse-o Novaes. Não podia fugir ao seu destino, visto que nascêra poeta.

Na comédia social, o seu papel de galhofeiro era um dolorôso artifício.

O NETO DE FAUBLAS — obra póstuma de F. X. de N. — 1873 — Madrid.

Custou-nos crêr na existência desta obra secreta e afrodisíaca, impressa quatro anos depois da morte de Novaes, em suposta tipografia, embora homens de subido renome, por sobôrno de editôres gananciosos, ou verduras da mocidade, tenham produzido trabalhos dêste teôr.

Um dos nossos informadôres de alem-mar, o venerando cavalheiro, amigo do poeta, já citado por nós, comunicou-nos, há pouco, a acquisição dos três tomos da obra numa livraria do Rio de Janeiro, e dizia-nos, surprêso, que, apesar da sua intimidade com o autôr, nunca ouvira falar dela.

Em razão da nossa estranhêza e atitude de cronista faustiniano, requeremos-lhe um exemplar, por julgarmos apócrifo o escrito, que acabamos de folhear.

Descontadas a edição mesquinha e a revisão desleixada, não há dúvida de que os três volumes são do punho de Novaes, cuja fraseologia peculiar e faceta se revela facilmente.

Em que edade e circunstâncias os escreveu? Quanto a estas, pode supôr-se uma fase de apêrto pecuniário; quanto á época, a do Rio de Janeiro, visto que a sua demorada permanência ahi lhe poz nos bicos da penna, de longe em longe, três ou quatro vocábulos, que só no Brasil se empregam.

Como se desempenhou da tarefa quem primava pela sisudêz de carácter na edade madura?

Muito bem, urdindo um romance secreto, sem têrmos obcenos, onde os próprios lances pornográficos tendem a um fim moralizadôr, castigando o vício com o próprio vício.

Como curiosidade, transcrevamos uns períodos,

por onde se mostra que a tendência do escritôr, a revêzes, enveredava por caminho diferente do que lhe fôra traçado:

— Na grande cidade, onde esta história se passa, tinha a caridade, por meio de apóstolos distinctíssimos, tomado grandiosas proporções.

« Os entendidos em grêgo chamavam-lhe *filantropia,* e já havia senhôras, que usavam esta palavra de preferência a outra. Esta virtude tornou-se a feição característica da época. Era moda andar a descobrir desamparados e a dar a mão a cegos. As mais nobres matronas, as mais gentis esposas e as mais prometedôras donzelas governavam estabelecimentos pios, socorrendo viuvas, orfãos e doentes; e administravam irmandades e confrarias santas, em que a pompa do culto á nossa santa religião cathólica egualava em primôres e galas a belêza das dedicadas devotas. Era tempo santo aquêle. Podia-se sêr necessitado. »

Há, por ventura, nessas linhas mais que a costumada ironia das apreciações de Novaes?

Vejamos um trêcho sôbre a purêza da vida campestre:

— A auréola da civilisação cresta os renovos da virtude, esteriliza as sementes da justiça e da paz geral. O lar doméstico da província não está maculado com as herpes da gangrena social. A poesia fugiu espavorida dos grandes centros pâra se aninhar no calix das flôres do campo, no ninho dos passarinhos e no coração dos amantes, que crêem que não há outra civilização se não a que vem directamente da naturêza.

« Amamos pelo espírito e não pelos sentidos, porque pâra nós o amôr é a hipocrene do sentimento e não o pôço dos prazêres sensuaes. Não se comprehende por lá de outro modo a felicidade terrena, nem se imagina que possa sêr outra. Chamem embora obscurantismo ao que eu chamo simplicidade os homens apostados a tudo perderem e derrancarem ».

Aqui temos o homem sisudo e não o escritôr licenciôso.

Pôsto embora na bôca de uma personagem do romance afrodisíaco, êsse era o sentir do autôr.

Mal empregado tempo gasto no cerzimento de obra tão inglória![1]

Ignez d'Horta. — Obra póstuma. Lisbôa, 1906.

Esta comédia semi-trágica, em verso, como se sabe, foi, a instâncias nossas, editorada pela livraria Viuva Tavares Cardôso, e seguida dêste estudo analítico-crítico da vida e obras do autôr e suas notas suplementares.

Vem de molde trazêr pâra aqui a parte do nosso escrito, que diz respeito ao antelóquio, de que fizémos acompanhar essa publicação.

Diz assim:

— Triste e réveladôra de manifesta cruêza de sentimentos em quem deviam falar a voz do sangue e a

[1] Notícias posteriôres ao nosso juizo, dizem-nos que Joaquim Cunha, antigo alfarrabista, estabelecido actualmente na rua de Uruguaiana, Rio, afirma, de sciência própria, que o *Neto de Faublas* é efectivamente de Novaes. Estimámos êste testemunho, mâs não precisávamos dêle. Já disso estávamos certo. Quem estiver familiarizado com as obras do poeta chegará facilmente ao descobrimento da verdade. Dizem-nos tambem que o editôr fôra Cruz Coutinho, fundadôr da livraria popular da rua de S. José n.º 75, Rio; e que a publicação se fizera em vida do autôr. Esta última parte é pâra nós inverosimil. Não a acreditamos nem no mais insignificante dos seus fracos elementos.

A mesquinha e pobríssima edição, tôda eivada de numerosos êrros de revisão, não transitou na impressão sôb os olhos do autôr, como era natural; nem êle consentiria, por sua dignidade, que a tinha elevada, em que o seu nome tão conhecido, embora nas simples iniciaes F. X. de N., figurasse no frontispício. Essas iniciaes eram denúncia clara.

da gratidão, é necessário que se conhêça a história justificativa do aparecimento fortuito de uma obra inédita de Faustino Xavier de Novaes, trinta e sete anos depois da sua morte, ocorrida bem longe da terra, que lhe foi bêrço.

«Num período áspero da nossa trabalhosa mocidade, lográmos encontrar, um dia, por uma só vêz, numa das ruas mais frequentadas do Rio de Janeiro, já no declinar da vida, o infortunado poeta, cuja fisionomia pálida e melancólica, sombreada por barba cerrada, apenas um tanto grisalha, denunciava sofrimento, em seu habitual sobrecenho, e não aparentava, como era de esperar, a feição cáustica espiritualmente primacial do autôr de tanta sátira alegre.

«Maravilhou-nos a taciturnidade de tal semblante, em côrpo de estatura regular e porte altivo, e nunca mais se nos riscou da memória porque já a êsse tempo, no nosso balbuciar de lêtras escritas e faladas, votávamos a Novaes um estremado aprêço.

«No decorrêr de uma época próxima, avolumou-se o nosso sentir por êsse desterrado ilustre, nosso compatriota, convertendo-se o aprêço em admiração, dêsde que, segundo o nosso modesto parecêr de apaixonado amante das lêtras amenas, o êmulo de Tolentino se nos afigurava superiôr a êste vulto da poesia satírica.

«A nossa opinião deu-nos, mais tarde, momentos de desculpavel ufania, justificado regosijo e completo convencimento, ao sabêrmos que o patriarcha da lídima e castiça linguagem portuguêsa, o grande Castilho, o inimitavel joalheiro de tanta riquêza filológica, classificara Novaes, de acôrdo com o nosso obscuro entendêr, escrevendo, como adeante se verá, que êle subira com pé firme ao trono vago daquêle príncipe, que se chamara Tolentino, e dêsde a primeira hora provara que era êste renascido e melhorado.

— A sua corôa — afirmava Castilho — apenas começada a tecêr, é já brilhante; perservere, que, se

os auspícios de um homem costumado a tirar certos os horóscopos aos poetas nascentes da nossa terra, o não enganam, o capítulo de Novaes, na história literária de Portugal, tem de eclipsar Tolentino».

«E eclipsou, em nossa opinião, por seu carácter pessoal e literário, seja dito com grande pasmo dos que, em terras portuguêsas, desconhecem, numa grandíssima e desoladôra maioria, que Faustino Xavier de Novaes é um vulto assinalado, como nosso primeiro e melhor poeta satírico. [1]

«Na actualidade, entre a própria mocidade estudiosa, será plenamente desconhecido!

«Por isso e pela manifesta deficiência de informações escritas, [2] foi que de há muito, num livro

---

[1] Há muito quem pense com Castilho e comnôsco. O distinto bibliógrafo, sr. Brito Aranha, digno continuadôr da obra monumental de Innocencio, ainda ultimamente, ao escrevêr-nos, agradecendo um exemplar da *Ignêz d'Horta*, dizia assim, num trêcho da sua carta:

«Não se podia fazêr mais, nem melhor, do que V. fêz pâra levantar e tornar perduravel a memória de um poeta insigne, tão cheio de talento, como de amarguras, qual foi o Faustino Xavier de Novaes, a quem eu prestei sempre culto mui superiôr a Tolentino, pois, apesar da graça portuguêsa, em muitos pontos inimitavel, de seus versos satíricos, não gostei nunca da sua apresentação na sociedade, curvando-se em demasia, como figura ridícula de homem importuno e de exíguo valôr, figura triste, que só cabe na comédia social aos que se humilham, e se arrastam, como parasitas repugnantes.

«Um homem de talento, que se aprecia e não pode deixar de reconhecêr o que vale e o que merece, apesar das adversidades, que o assaltem e persigam, não deve dobrar a espinha dorsal com tamanha baixêza, sôbretudo sabendo-se que é pâra obtêr, com humildade, as bôas graças de grandes e dinheirosos.

«O talento é pâra levantar, nobilitar e glorificar um homem, e jamais pâra o deprimir.»

[2] A começar pelas de Innocencio, na sua obra monumental, e pelas de Pinheiro Chagas, no *Dicionário Po-*

nosso, já prometido, *Memórias Literárias,* que virão a sêr ementa apreciativa e crítica de alguns autôres e livros, resolvemos incluir um estudo biográfico-literário de Novaes, tão completo quanto nos fôsse possivel, pela acurada diligência, com que procurávamos havêr os materiaes necessários.

«Nêste firme propósito, um cavalheiro, decidido admiradôr dos nossos melhores homens de lêtras, [1] por entretêr relações com um irmão e protegido outrora do poeta, Miguel de Novaes, que vivia abastadamente num dos arrabaldes de Lisbôa, foi incumbido por nós de lhe solicitar alguns apontamentos, que se relacionassem com a vida e obras do seu gloriôso irmão.

«Dias depois, o nosso amabilíssimo intermediário, entregava-nos um rôlo de papel, ao dizêr-nos:

— Aqui está isto, de que Miguel de Novaes lhe faz presente, prometendo, pâra mais tarde, novas informações.

«Agradecendo, regosijámo-nos intimamente, como acontece aos que se entregam a diligências de paciente investigação, as quaes representam muitas vêzes verdadeiros trabalhos de sapa, e sentem significativo júbilo, ao recebêr alguma luz nos meandros escuros, em que labutam.

«Se nos eram prometidas novas notícias, necessariamente o rôlo de papel devia contêr algumas.

«Abrímol-o sôfregamente, e vimos, com vibrante surprêsa nossa, que, em vêz dos esclarecimentos pedidos, se nos fazia presente de uma obra autógrafa, completa e inédita, de Faustino Xavier de Novaes, a *Ignez d'Horta*, comédia semi-trágica, em cinco actos,

---

pular, que são as maiores e melhores, tôdas as notas referentes a Novaes são incompletas.

[1] Sr. José de Macedo Araujo Junior, ingenheiro inspectôr de obras públicas e velho amigo da família Castilho.

paródia escrita em verso sôlto ao assunto da *Nova Castro* de João Baptista Gomes!

«Mal refeito do nosso pasmo, revoltado o nosso sentimento de confraternidade literária, doeu-nos amargamente que um irmão do poeta, a quem devia, indirectamente embora, a sua posição, porque a pessôa de Faustino lhe abrira as portas da casa, onde enriquecêra; lastimámos que êsse homem abastado tivesse em tão pouco a glória e nome de seu irmão, cujo reflexo lhe doirava a prosápia, conservando inédito e em risco de se perdêr, havia tantíssimos anos, um producto completo, perfeito, da sua mentalidade privilegiada. [1]

« Ao nosso reparo acerbo correspondeu o critério do portadôr do manuscrito, o ingenheiro sr. Araujo Junior, que por sua vêz entendeu, dias depois, fazêr algumas reflexões a Miguel de Novaes sôbre o seu estranho procedêr.

«A resposta, envolta em protestos de respeito á memória do poeta, resumiu-se em que êste, nos últimos dias de vida, lhe tinha significado que a *Ignez d'Horta* não ficara bem nos moldes antecipadamente traçados; que requeria minuciosa revisão e acerada lima; e que Miguel portanto, não podendo acertadamente avaliar do assunto, escrupulizara na publicação.

«Nestas palavras, reveladôras de um demorado escrúpulo de trinta e tantos anos, muito falhas de provas e lógica, acreditou a nímia bôa fé do nosso solícito intermediário que não a nossa, perdõem-nos...

---

[1] Caso muito mais de estranhar, e punir, ao sabêr-se e pensar-se que os organizadôres das *Poesias Pósthumas* de Novaes, edição do Rio de Janeiro, 1870—prefaciadas embora fugazmente por seu cunhado M. A. (Machado de Assis) sem as notas biográficas, que lhe competiam—publicaram um acto apenas da comédia *Caetano Pinto*, e uma parte da poesia *Um Passeio*, peças, que appareceram incompletas, entre os papeis do poeta, falecido um ano antes. E' flagrante o contraste.

êle e a memória do irmão de Novaes, falecido, há pouco mais de um ano.

«Em breves têrmos, daremos as razões da nossa incredulidade.

«O manuscrito do poeta estava limpo de emendas; não se podia têr em conta de rascunho, onde elas deviam abundar, especialmente em obra de factura mal corrente; ao contrário, manifestava, com clarêza, que era cópia correcta da primitiva composição.

«Ao aparecimento das *Poesias Pósthumas* de Faustino, Miguel viu que o seu cunhado, sr. Machado de Assis, distincto homem de lêtras brasileiro, publicara inéditos encontrados nos papeis do môrto, incluindo um acto de peça teatral e uma poesia incompletas; e podia avaliar que uma parte de escrito, apenas começado, seria menos consideravel do que uma obra acabada, fôssem quaes fôssem os juizos do autôr, que, por modéstia ou má disposição de espírito, não deveria sentenciar, ao certo, em causa própria.

«Se pâra a publicação, que lhe cumpria fazêr, especialmente depois disso, não tinha aptidões de exame, em razão das suas poucas lêtras, impendia-lhe a obrigação de consultar um perito, que veria logo no escrito de seu irmão, se não uma obra prima, ao menos um objecto digno da publicidade, a que atingiram os outros livros, que correm mundo.

«Um simples impulso de bôa vontade e bom senso supriria a falta de habilitações téchnicas.

«A seguinte última razão contraditória é esmagadôra:

«Faustino de Novaes, indiferente a tudo, que o cercava, não podia têr falado a seu irmão, nem a ninguem, ousamos afirmal-o, em assuntos literários, nos últimos dias de vida, nem muito antes, porque, em dois anos consecutivos, o seu cérebro orçou pelas raias da imbecilidade, perturbadas as faculdades na escuridão de uma tormentosa encefalite!

«E, por último, Miguel Novaes, no largo período, em que ainda viveu, descurando o nosso reiterado pedido de apontamentos, destinados a enaltecêr a memória de seu gloriôso irmão, mostrou evidentemente o seu desaprêço, esquecimento ou desamôr ao nome daquêle, a quem muito devia, dando irrefragavel desmentido ás suas palavras desculpadôras, em que, pelo que fica dito, não acreditámos nunca.

«Mais uma vêz se acentuava a desoladôra e verídica tradição de que os homens de lêtras, por uma judiaria da sorte, raras vêzes deixam atrás de si, de portas a dentro, quem lhes preze o sabêr e memória.

«É uma aberração da naturêza, uma brutalidade do destino, que já tivémos ocasião de lamentar acerbamente, quando emprehendemos, e levámos a efeito a resurreição comemorativa do poéta do *Viriato Trágico*, ao pesquizar e escrevêr o estudo biográfico, genealógico e literário, que acompanha o nosso último livro *O Poeta Garcia*.

«O pobre Brás Garcia Mascarenhas, o famôso espadachim do século XVII, o destemido capitão da *Companhia dos Leões*, o valente governadôr da praça de Alfaiates, o célebre poeta-guerreiro, não seria conhecido por suas lêtras, cuja maioria se perdeu, após a sua morte, se uma personagem, o capitão-mór da sua terra, a quem melindrara o caso, não editorasse o nosso primeiro poema de segunda classe, o *Viriato Trágico*, 43 anos depois do falecimento do poeta beirão.

«Brás deixára mulher, filha e genro, como notámos, fidalgos de prosápia e poucas ou nenhumas lêtras, consoante a época, assinando talvêz de cruz, como lhes cumpria, e não sabendo soletrar os manuscritos do poeta, e não curando dêles, apesar dos gabos, que mereceriam da fama e da gente conspícua, que lhes frequentava a casa.

«Viuva, filha e genro nem ao menos se lembra-

ram, quando faziam a digestão dos bocados chorudamente herdados, que, na indiferença bestial e imperdoavel, votada aos preciosos papeis do homem, que os enobrecêra, engoliam pedaços do seu espírito e a honra própria do solar, que os abrigava.

«Brás Garcia, em virtude da animalidade empedernida e farisaica dos seus herdeiros, esperou no túmulo 43 anos pela publicação da sua obra suma, só devida a um estranho.

«Novaes, deixando, em podêr de parentes, uma obra original, um belo fructo do seu espírito fulgurante, castigadôr emérito dos vícios, manhas e defeitos da comédia social, pela ingratidão, inconsciência ou cruêza de um irmão rico e regalado, só, passados 37 anos, vae por nosso esfôrço, o de um estranho tambem, lograr a publicidade dêsse escrito, pelo visto, arriscado a perdêr-se.

«Mal suporia, em vida, o escritôr da *Manta de Retalhos* e das *Cartas de um roceiro*, o poeta portuense, sócio estúrdio da bohêmia de Camilo, que havia de têr, na morte, tantos pontos de contacto com o antigo cantôr do pegureiro viziense, flagelo das hostes romanas!

«Ao sabêl-o, folgaria sem dúvida no próprio túmulo, o seu belo túmulo-monumento, por sinal, devido ao patriotismo da colonia portuguêsa fluminense, se lá lhe fôsse dado ouvir um eco, embora fraco, do nosso falar e sentir.

«Ajuntando á presente comédia de Novaes a nossa notícia de sua vida e obras, destinada ao futuro livro crítico, a que já nos referimos, fazemo-lo jubilosamente, convicto de que, antecipando, em lugar próprio, o preenchimento de uma imperdoavel lacuna, prestamos serviço aos amigos das bôas lêtras, cujos autôres mereçam honrada memória e a plena consagração da posteridade, e correspondemos aos desêjos e bôa vontade dos editôres.

«Êstes, diferentemente de colegas, por ventura mais abastados, que não viram na obra inédita do poeta lucros correspondentes á sua ganância mercantil, bem merecem da gratidão pública e da nossa, por se terem abalançado a esta edição, do melhor grado, acedendo facílimamente ao nosso pedido sôbre um assunto, em que andávamos cordealmente empenhado.

«Bem hajam êles pela finêza dispensada á literatura pátria, tão eivada, há longo tempo já, de crú realismo, polvilhado de tediosas escurrilidades, e tão despida da genuina graça portuguêsa, que fluentemente nos recordam os versos correntes e escorreitos da característica paródia de Novaes!

«Honra lhes seja, pois!»

VIII

Última época. — Necrologia. — Honras Póstumas

Faustino de Novaes, perdendo, em 1866, a santa senhôra, em cuja casa se abrigava, como se dela fôsse filho, sentiu choque violento, como o que sofrêra, quando lhe noticiaram a morte da sua verdadeira mãe; e mandou vir do Pôrto sua irmã Carolina.

D. Rita de Cássia Rodrigues, a filha dilecta da baronêsa de Taquary, por morte desta, mudou de residência, deixando a casa da rua Estacio de Sá, e tomando outra no arrabalde do Rio Comprido.

Novaes, emquanto esperava, pela vinda da irmã, alugou um quarto numa casa particular do mêsmo sítio, mâs continuou a passar os dias na morada de D. Rita, que se lhe dedicara, desinteressadamente, como sua mãe o fizera. [1]

---

[1] Esta senhôra tivera desgôstos na mocidade. Contrariada nos seus primeiros e únicos amôres, nunca quis

Bem dissera o poeta nos seus versos: — Tal mãe... tal filha!

A essa dama servia de companhia especial a sr.ª D. Julia Fernandes, que forneceu estas informações, que então era menina, e que ainda hôje abençôa a memória das duas senhôras, a quem deveu educação, ensino e amôr materno; e afirma categoricamente que Novaes não resistiria, por tanto tempo, aos seus achaques, contrariedades e desgôstos, se dessas bemfazejas creaturas não recebêsse carinhos e confôrto, como de família própria. [1]

Passado um mês, pouco mais ou menos, em fins de 1866, D. Carolina, irmã de Novaes, desembarcava no Rio de Janeiro, aonde fôra acompanhada por Arthur Napoleão, que, como fica dito, era devotado á família, e vinha alí em excursão artística.

— Na própria noite do desembarque — escreve-nos êle — em carruagem levei D. Carolina ao Rio Comprido, onde morava Faustino. Passeava o poeta, já com o cérebro avariado, a tôdo o comprimento da sala; e, ao vêr-me e á irmã Carolina, desatou em pranto, abraçando-nos a ambos, comovidíssimo e titubeante.»

A êsse tempo já êle morava definitivamente em casa de D. Rita, que a isso o obrigara, dêsde que o viu doente, e que jubilosamente acolheu, e hospedou a irmã, tornando-se mais assíduas, dêsde a chegada desta, as visitas dos seus amigos, que procuravam distraíl-o com animadas palestras, música e recitações.

---

matrimoniar-se, morrendo solteira em 1870. Sua irmã D. Maria, casada com um indivíduo de sobrenome Forbes, vivia em Portugal, donde veio visitar a mãe, com quem passou algum tempo, regressando a êste país, após a sua morte.

[1] Já por nós se fêz honrosa menção desta senhôra, cujo testemunho é tão valiôso como fidedigno.

Êle animava-se por vêzes, e ainda tinha ditos chistosos. [1]

*

* *

Na primeira excursão europêa, que os condes de S. Mamede realizaram, depois da chegada de Novaes ao Rio de Janeiro, recebêram dêste carta íntima de apresentação pâra a sua família do Pôrto, onde aquêles viajantes se demoravam sempre, por bastante tempo.

Convivendo muito com os parentes de Faustino, taes fôram os serviços, prestados por êstes, e a intimidade estabelecida entre tôdos, que os titulares oferecêram a Miguel Novaes e D. Adelaide, irmãos do poeta, valimento e proteção, convidando-os a vir pâra a capital brasileira. [2]

Aceito o convite, realizou-se a viagem em 1868, sendo os recem-vindos recebidos a bordo pelos condes de S. Mamede e hospedados no seu palacête da rua do Cosme Velho, n.º 20, ás Laranjeiras.

Miguel, que, em rapaz, aprendêra uns simples rudimentos de pintura, [3] foi estabelecido, sôb a indicada proteção, com casa de fotografia na rua da Quitanda

---

[1] Estamos habilitado a mencionar que a musa inspiradôra dos numerosíssimos versos, consagrados a Elvira, nome supôsto, e componentes da máxima parte das *Poesias Póstumas*, concorrêra em muito, ao ausentar-se do Rio de Janeiro, pâra o abalo moral de Faustino, cujos últimos amôres são página tão curiosa como desoladôra.

E mais não podemos dizêr, por emquanto.

[2] A êsse tempo, já a última irmã, D. Emilia, estava em Pernambuco, casada com Arthur Braga, que ali fôra exercêr o cargo de chanceler do consulado de Portugal.

[3] Referindo-se á sua meninice, diz-nos ainda o sr. Arthur Napoleão: — Miguel Novaes, que principiava a pintura, fêz o meu retrato, quando eu tinha 8 anos, retrato curiôso, que se acha hôje na *Escola das Belas Artes*, do Rio de Janeiro. »

n.º 44; do que não tirou resultado, indo mais tarde empregar-se no consulado português.

Nos fins dêsse ano de 1868, tendo Faustino peorado consideravelmente, acordaram os irmãos em leval-o pâra Petrópolis, onde pouco se demoraram, voltando ao Rio, e indo instalar-se na casa da rua do Marquês de Abrantes, praia de Botafôgo, cedida pelo seu amigo Ernesto Cibrão, visto que os médicos aconselhavam ao doente imersões de água salgada.

Depois de certa demora, dando os banhos resultado negativo, corriam a estabelecêr moradia definitiva na rua do Ipiranga n.º 29, ás Laranjeiras, bairro, onde moravam os condes de S. Mamede.

*

* *

Dissémos, ao introito da resenha bibliográfica, que, depois de 1867, ano, em que as *Cartas de um roceiro* fôram reduzidas a livro, nenhum registo houvera de novas produções, nos círculos da publicidade.

Pelo que fica narrado, claramente se descortinam as razões.

Os embates violentos de uma vida agitada por numerosas contrariedades, influiram, com estranho podêr no espírito do poeta, que necessariamente, ao insurgir-se por tendência natural contra as intempéries da sorte, empregaria esfôrço descomunal, superiôr á sua constituição física, já visivelmente debilitada.

A voz irónica e moralisadôra, segundo a verdadeira fórmula consagrada do *ridendo castigat mores,* a voz finamente acerada do prosadôr faceto — não mais se fêz ouvir no circuito público, onde ecoava atraente; a penna, que lhe delineava as notas vibrantes, enfraquecêra, e tombara pâra o lado; e a lira sonorosa de tantos cantares ridentes e escarnecedôres de tanta ridicularia humana, emudecêra, porque o

brazido de uma inspiração privilegiada não chamejava já sôbre as suas cordas vibráteis.

Faustino de Novaes, na sua especialidade, não tinha êmulos, de que se arrecear; não podia porêm, na sua terra, nem fóra dela, vivêr das lètras, dêsde que não eram instrumento alugado a qualquer emprêsa comercial ou manufactureira, ou a uma parcialidade de baixa ou alta politiquice.

Em terras, que falam a língua portuguêsa, ainda ninguem viveu da literatura propriamente dita, nem o próprio Camilo, que tantos dos seus livros escreveu, infelizmente, sôbre o joêlho, pâra acudir a necessidades, agravadas sempre pela ganância de editôres, por mediano senso governativo e pela ignorância pública.

Enormemente prejudicado nas suas aspirações e tendências, infelicitado no lar doméstico, atreito a certo desatino pâra o amanho da vida prática, desenganado de que as lêtras são, em quem as professa, um simples adôrno, um galardão honorífico, a que as fatuidades ridículas e vícios sociaes, que êle tanto combateu, e que compõem a maioria da sociedade, se conservam indiferentes. — Novaes começou a sentir, com nebulosidades da alma, turvações do cérebro, que dia a dia, mês a mês, se debilitava progressivamente, fazendo recear a quem o cercava, o estado de uma completa insensatèz.

Embora os amigos, de ordinário, sejam como as andorinhas, que só aparecem no bom tempo, alguns dos que pertenciam ás relações de Novaes fizeram côro com a solicitude dos irmãos, cercando e animando o enfêrmo, que, de há muito, na sua constante inércia e progressiva atonia moral, que lhe davam aos actos e movimentos atitude machinal, deixara de exercer as obrigações dos seus emprêgos.

Declarada a morte espiritual, que convertêra o infortunado num autómato pelos estragos de uma debi-

litante e pronunciada encefalite, a morte física não se fêz esperar.

Faustino de Novaes, ás 11 $^3/_4$ da noite de 16 de agôsto de 1869, na citada rua do Ipiranga n.º 29, deixava de existir, aos 49 anos de edade, quando pâra muita gente se alargam e doiram os horisontes da vida, após afanôso lidar; e, ás 5 horas da tarde do dia seguinte, era conduzido, com numeroso acompanhamento, ao cemitério de S. João Baptista.[1]

Com as lágrimas dos que o amaram, é de crêr que se misturassem abundantes as da sua musa galhofeira, que ainda hôje, á falta de substituição condigna, deve trajar rigorôso luto.

*

* *

Fôram variadas e abundantes as homenagens fúnebres, tributadas á memória do infortunado poeta. A

---

[1] Rezam assim os documentos funerários, algo curiosos:

ATESTADO MÉDICO.—Eu abaixo assignado, bacharel formado em medicina e cirurgião pela universidade de Coimbra, aprovado pela faculdade de medicina do Rio de Janeiro, atesto que Faustino Xavier de Novaes, de 49 anos de edade, filho legítimo de Antonio Luiz de Novaes, moradôr na rua do Ipiranga, 29, faleceu hontem, ás 11 $^3/_4$ da noite, de encephalo-myelite chrónica. Rio de Janeiro, 17 de agôsto de 1869. *Antonio Augusto Ferreira Soares.* Sepultou-se na fórma da lei. *Candido Moreira Maia,* inspectôr do 24 quarteirão da freguesia da Glória.

FORNECIMENTO DE OBJECTOS PARA O FUNERAL. Termo de adulto. O abaixo assinado, moradôr na rua dos Ourives, 75, compareceu nêste escritório, ás 2 horas da tarde do dia de hòje, e cometeu á Emprêsa Funeraria o fornecimento de objectos abaixo mencionados pâra o funeral e entêrro do finado Faustino Xavier de Novaes, natural do Pôrto, com 49 anos de edade, que faleceu do encephalo-myelite chrónica, e cujo cadáver se acha depositado na rua do Ipiranga,

imprensa alongou-se unanimemente em sentida necrologia; Miguel, Adelaide e Carolína, suas irmãs e irmão, a Associação dos Artistas Portuguêses, o Retiro Literário Português, o Club Mozart e o Liceu Literário Português mandaram dizêr missas em diferentes dias de agôsto e setembro, na egreja de S. Francisco de Paula, sendo as destas duas corporações com tôda a solemnidade e *Libera-me*, a que assistiram sócios, famílias e grande número de portuguêses e brasileiros.

A 29, trêze dias depois do falecimento, o periódico humorístico *Semana Ilustrada* publicou um número especial, homenagem ainda rara naquêle tempo, com retrato, notas biográficas e algumas poesias de Novaes; do que adeante damos alguns excertos.

29, donde deve sahir pâra o cemitério de S. João Baptista, pelas 5 horas da tarde do dia de hôje, a saber: eça n.º 3 — 20$000; caixão n.º 4, com 69 polegadas — 58$000; vehiculo pâra conduzir o corpo — 40$000; carneiro pâra 5 anos — 100$000. Soma dos objectos 218$000, certidão de obito 1$000, total recebido 219$000.

Escritorio — a Emprêsa Funeraria da Santa Casa da Misericordia, 17 de agôsto de 1869. *Secundino José Tavares.*

Ordem para o cemitério. N.º 146, quadro 1.º — 100$000. O sr. administradôr do cemitério de S. João Baptista mandará dar sepultura no quadro mencionado, se com êste lhe fôr apresentado documento legal, ao cadáver do adulto, nome Faustino Xavier de Novaes, natural do Pôrto, edade 49 anos; o qual tem de sêr conduzido em vehiculo n.º 5, em caixão n.º 4 de 69 polegadas. Escritório dos Funeraes, 17 de agôsto de 1869. O chefe da turma *Julião J. Castilho.* Foi sepultado no quadro 1.º debaixo do n.º 474 de adulto. Cemitério de S. João Baptista, em 17 de agôsto de 1869. O administradôr *J. S. de Freitas.*

Trasladação. Faustino Xavier de Novaes, 17 de agôsto de 1869, natural do Pôrto. Faleceu na rua do Ipiranga, foi sepultado no carneiro n.º 74, e depois exhumado em 18 de outubro de 1874 e depositado no jazigo n.º 284.

(*Registo* de entradas do cemitério de S. João Baptista).

O que sobrelevou a tudo, porêm, foi a sessão fúnebre, que, no dia 16 de setembro, trigésimo da sua morte, celebrou o Liceu Literário Português, no salão da *Filarmónica Fluminense*, estabelecido na rua da Constituição, enchendo êsse recinto cêrca de 500 pessôas portuguêsas e brasileiras, entre as quaes — o encarregado dos negócios de Portugal, oficiaes da corvêta portuguêsa *Duque da Terceira,* consul português, José Joaquim de Lima e Silva, veadôr de D. Pedro II, conde de S. Mamede, comendadôr Leonardo Caetano de Araujo, Miguel de Novaes, comendadôr José Avelino da Silva Braga, homens de lêtras e muita gente do comércio.

A meio do salão, elevava-se uma riquíssima eça, envolta em crepe e encimada por volumosa corôa de saudades, entrelaçada em fitas, onde se lia: — « A' memória de Faustino Xavier de Novaes o Liceu Literário Português ».

A's 8 $^1/_2$ horas, no meio de um significativo recolhimento, Antonio Maria dos Santos Bandeira, presidente do Liceu, abriu a sessão, discursando sôbre a pêrda, que acabavam de sofrêr as lêtras portuguêsas, e sendo secundado por Ferraz de Macedo e Pedro Telmo, oradôres dessa sociedade.

As associações brasileiras *Ensaios Literários, União Académica, Instituto Farmacêutico* e *Amôr ao Estudo;* as portuguêsas *Ensaios Dramáticos, Artistas Portuguêses, Retiro Literário* e *Amôr á Monarchia;* e as mixtas *Club Mozart* e a dos *Guarda-livros* fôram representadas por comissões, de que se fizeram ouvir oradôres especiaes, recitando alguns dêles versos, não satíricos, do poéta, publicados mais tarde nas *Poesias Póstumas;* e deposeram várias corôas nos degraus do catafalco.

O comendadôr José Avelino da Silva Braga, negociante, grande patriota, filho dos Açôres, sócio bene-

mérito de tôdas as associações portuguêsas,[1] aventou a ideia de se abrir uma subscrição, cujo producto servisse pâra erigir um monumento a Novaes, alvitre, que germinou logo em tôda a assembléa.

A's 10 $^1/_2$ horas, o presidente, discursando novamente, entregou, ao fechar a sessão, a corôa principal a Miguel Novaes, irmão do môrto, pâra que a família dêste a conservasse, como tributo de admiração e respeito, que o Liceu Literário Português consagrava á memória do assinalado poéta.

*

* *

De facto, o monumento, cujo desenho acompanhou êste escrito no volume *Ignêz d'Horta,* devida a obra a alguns contos de réis subscritos por portuguêses e alguns brasileiros, foi inaugurado no primeiro aniversário da morte de Novaes, a 16 de agosto de 1870, no cemitério de S. João Baptista, onde figura com o n.º 284.

Entre os escritos necrológico-comemorativos, merecem registo especial os que vamos transcrevêr em seus pontos essenciaes.

Vejamos a notícia da *Semana Ilustrada,* em 22 de agôsto de 1869:

«Faleceu, á meia noite de 16 do corrente, o célebre escritôr português Faustino Xavier de Novaes, o maior poeta satírico do nosso tempo. Estão as lêtras de luto. Choram-o tôdos quantos o conheciam.

---

[1] Especialmente da *Caixa de Soccorros de D. Pedro V*, de que foi tesoureiro e presidente, a qual por gratidão lhe mandou pintar a oleo o retrato, que figura na sala de honra, como luminôso incentivo a futuros patriotas.

A essa benemérita sociedade nos honramos de pertencêr.

«A notícia correu, como um raio, por tôda a capital; e, apesar de se não fazerem convites pâra o entêrro, numerôso e luzido foi o cortejo fúnebre. Estavam representadas as lêtras, as artes, a diplomacia e o comércio.

«Novaes, o poeta, tinha um grande amigo — o pôvo. Novaes, o homem, tinha muitos e mui dedicados amigos.

«Foi redactôr e colaboradôr de muitos dos melhores jornaes portuguêses, e colaboradôr aplaudido de tôdos os grandes periódicos fluminenses. Êle e só êle, em seu próprio entêrro, ia representando a imprensa diária.

«O féretro foi conduzido, dêsde a eça até ao carro e do carro até á sepultura pelos srs. ministro de Portugal, conde de S. Mamede, veadôr Lima e Silva, chanceler do consulado geral de Portugal, dr. Henrique Corrêa Moreira e Ernesto Cibrão.

«A *Semana Ilustrada*, como sinal de alto aprêço, em que tinha os talentos de Faustino Xavier de Novaes, dedicará o seu próximo número á memória do ilustre finado».

Agora um trêcho do número especial de 29 dos sobreditos mês e ano:

«A morte de Novaes deixa um grande vácuo nas lêtras portuguêsas. Abundam os poetas de outro género; o drama, a elegia, a ode contam muitos cultôres assíduos entre os contemporâneos. Novaes era o único no seu género.

«A lira de Tolentino foi êle quem a herdou, após o longo silencio, em que o autôr do *Bilhar* a tinha deixado. Só êle a empunhou, durante vinte anos; e agora, que volta á terra, nossa mãe comum, ninguem há que a empunhe, como Novaes ou Tolentino.

«Já êstes dois nomes pertencem á historia. A crítica da posteridade colocal-os-á um ao pé do outro, como irmãos, que são; ambos servirão de modêlo aos seus herdeiros futuros.

«Começando a escrevêr mais de meio século depois de Tolentino, Novaes encontrou os mesmos vícios e ridículos. Em que pese á nossa triste humanidade, são contingências inevitaveis, que uma época póde disfarçar ou melhorar, mâs que hão-de existir sempre, como se fôram o fundo da nossa vida na terra.

«Essa é a matéria prima do poeta satírico, o assunto vivo e perene das suas lucubrações; mâs, por isso mêsmo que o assunto é vasto e delicado, exige no poeta talento superiôr. Póde suportar-se a mediocridade nêste ou naquêle género; na sátira é impossivel; o látego, que fustiga, deve impôr-se pela solidez do braço, que o empunha.

Qualquer dos dois poetas satíricos citados está nêste caso. Ambos possuiam um talento superiôr, uma veia abundante, observação e sagacidade notaveis. Eguaes no talento, são eguaes na maneira de empregar a sátira.

«A indignação não era a musa de nenhum dêles. Juvenal precisava da indignação; estavam frêscas as recordações da virtude republicana; a decadência política e social de Roma, contraste vivo com a austeridade antiga, a própria grandêza dos vícios romanos, tornava preciso que a indignação inspirasse Juvenal.

«Nem Tolentino, nem Novaes, nem Boileau precisaram d'ela, pela razão simples de que os vícios e ridículos, que vinham combatêr, eram moléstias endémicas da humanidade, eram o fundo comum das sociedades humanas.

«A sátira de Novaes era galhofeira, enérgica, mâs risonha; atacava, fazendo rir o pôvo e ás vêzes a víctima. Não se disfarçava; sacrificava a metáfora á expressão recta e própria; mâs, como a veia do poeta

era inexgotavel, a sátira provocava a gargalhada pública, consagração suprema, a que um poeta satírico deve aspirar.

«Conhecem tôdos o talento e as obras do poeta; muitos conhecem os seus dotes de coração e a sua inflexivel probidade? Não falo da probidade comum, mâs dessa, que é a expressão ampla da virtude — a franquêza dos sentimentos e a sinceridade do coração.

«Nisto e no mais, era a sua vida o comentário de seus versos.

— Vem, Persico — dizia Juvenal — e verás se os meus costumes desmentem os meus preceitos.»

«Tal era Novaes.

«Coração tinha-o êle de ouro. Os que o conhecêram de perto souberam apreciál-o, e amál-o tambem. Aberto a tôdos os sentimentos generosos, tinha êle esta qualidade dos grandes caracteres — era rude. Mâs era de amôr aquela rudêza tão franca e nobre, quando se sabia que êle fazia da lealdade uma lei inviolavel.

«Se os seus amigos quizessem comemorar as suas qualidades, bem poderiam escrevêr-lhe na campa estas palavras de Shakspeare: — *This was a man.*»

Ouçamos ainda o poeta brasileiro, sr. Machado de Assis, numa bela ode:

A. F. X. de Novaes

«Já da terrena túnica despida,
Voaste, alma gentil, á eternidade;
E sacudindo a terra,
As lembranças da vida, as maguas fundas,
Foste ao sol repousar da etherea estancia.
Nem lágrimas, nem preces

O despojo mortal do somno acordam;
Nem penetrando na mansão divina
A voz do homem perturba
O espírito imortal. Ah! se pudessem
Lágrimas de homem revivêr a extincta
Murcha flôr de teus dias; se rompendo
O misteriôso invólucro da morte,
De nôvo entrasses no festim da vida,
Alma do céo, quem sabe se não déras
A taça cheia, em trôco do sepulcro,
E agitando no espaço as azas brancas
Voltarias, sorrindo, á eternidade?

Não te choramos, pois, descança ao menos
No regaço da morte: a austera virgem
Ama os que mais sofreram; tu compraste
Co'a dôr profunda o derradeiro somno.
Choram-te as musas, sim: choram-te as musas;
Choram-te em vão, que das quebradas cordas
Da tua lira os sons não mais despertam.
Nem dos festivos lábios
Os versos brotarão, que outr'ora o pôvo,
No enthusiasmo férvido, aplaudia.
Apenas — e isso é tudo —
Fulge co'a iuz da glória
Teu nome. E os versos teus, garridas flôres,
De imortal primavera, em quanto o vento
Inuteis fôlhas pela terra espalha,
Celeste aroma á eternidade mandam.
Tu viverás. Não morre
Aquêle, em cujo espírito escolhido
A mão de Deus lançou a flama do estro.
Traz do bêrço o destino. Em vão, fortuna
Lhe comprime a voz; a voz prorompe
Tal o rochêdo inútil
Ousa detêr as águas;
A corrente prosegue impetuosa,
O campo alaga, e a terra mãe fecunda!

Reinaldo Carlos Montoro, literato e negociante português, que fizera protesto de não voltar a escrevêr em público, tantas desilusões lhe dera o cultivo das lêtras, enviou ao *Jornal do Comércio*, em 24 de setembro, um longo artigo, em que se lia o seguinte:

. . . .

«Dos nomes, que hão-de sobrevivêr a essa página histórica de 1858 a 1865, é sem dúvida Novaes um dos mais notáveis.

«De suas poesias satíricas há muitas de agudo pensamento, de expressão concisa e feliz, de graça incontestavel.

«Quem as discriminar dos seus trabalhos de menor espontaneidade lhes realçará, sem dúvida, o valôr.

«Em sua prosa faceta há produções de verdadeira originalidade e quadros cheios de vida e de acertada crítica de costumes. A estas qualidades do seu talento vence, e se alteia a inspiração sublime dos seus cantos elegíacos de amôr, as estrofes inspiradas, em que o infortúnio se desafoga em lágrimas, em que a correção das imagens rivaliza com a abundância e riquêza da metrificação.

«Felizes aquêles, que, depois de tão nobres momentos de inspiração, se a decepção os fulmina, podem escondêr o coração despedaçado sôb as lages de um túmulo! Ao menos não vêm alí os amargôres da vida prática, das humilhações imerecidas, afogar o espírito nêsse lago imenso de morte, que se chama o esquecimento do próprio ingenho.

«Faustino Xavier de Novaes é pâra a imigração portuguêsa no Brasil mais do que um compatriota ilustre: pelo seu talento, pela generosidade do seu coração, pela sublimidade dos seus sentimentos, um dos mais nobres representantes da pátria, que tem pisado nêste país.

«Honrando a sua memória, a imigração corôa a sua própria estátua.»

E nós terminaremos, exclamando:
— Pobres poetas... os que o são verdadeiramente!
A sua inteligência, segundo sabemôs, e consigna o sisudo historiadôr do *Eurico*, precisa de vivêr num mundo mais amplo do que êsse, a que a sociedade traçou tão mesquinhos limites.
Por isso sofrem tanto, em vida, êsses desalumiados da fortuna!
Cara glória a sua!

NOTAS SUPLEMENTARES

Notas suplementares referentes a Novaes

I

Bibliografía

Na secção bibliográfica não mencionámos as *Poesias*, edição Chardron, Pôrto, 1879, publicadas, dêz anos depois da morte do autôr, por Antonio Moutinho de Sousa, por serem uma mistificação do primeiro livro de versos, editorados pela segunda vêz em 1856, de que Chardron e o seu mandatário bem podiam formar uma 3.ª edição.

Ao contrário disso, aparentando obra nova, organizaram um mistifório, suprimindo da edição de 56 os versos de páginas 103, 143, 151, 182, 260 e 299, e incluindo o resto, e acabando por dar o nome de poesias inéditas a 42 composições, que sempre fizeram parte da supracitada edição!

Esta, a de 56, contem 81 peças, em quanto que aquela, a que nos referimos, conta apenas 77, incluindo duas poesias inéditas, únicas, que merecem êste nome, e não fôram assim classificadas, sôb os títulos *N'um albumzinho* e *No album do meu amigo I. J. L. e Costa!*

A edição Chardron não pode pois entrar na ordem numérica e apreciativa das obras de Novaes.

E' um objecto espúrio.

II

Dois inéditos

Como já notámos, a muitas das nossas pesquizas satisfêz plenamente o melhor dos nossos informadôres, sr. comendadôr Francisco José Corrêa Quintella, benemérito compatriota, amigo de Novaes e actual presidente do *Retiro Literário Português,* do Rio de Janeiro, a cuja agremiação pertencemos, de há muito, como sócio honorário.

Êste distincto patriota, inclinado na sua mocidade a estudos literários, era um entusiasta da poesia satírica.

O primeiro volume das poesias de Novaes — diznos êle — despertou um acolhimento extraordinário, no Brasil, entre a gente estudiosa, acontecimento ruidôso, somente egualado pelo poema *D. Jaime,* de Thomaz Ribeiro.

Quintella, espontaneamente, angariou numerosas assinaturas da obra, cuja lista e respectiva importância mandou pâra o Pôrto ao festejado poeta, com quem, por êsse motivo, estabeleceu relações de amizade, robustecidas por amiudada correspondência.

Ao sabêr, em 1858, que Novaes chegára ao Rio de Janeiro, regosijou-se intimamente o seu solícito correspondente, e da freguesia da Conservatória, município de Valença, onde residia então, querendo divertir-se com êle, e disfarçando a lêtra, mandou-lhe pelo correio uma irónica saudação, em verso, assinada por *O incógnito.*

Novaes, que achou a brincadeira um tanto pesada, apesar de não sabêr a quem se dirigia, não se demo-

rou com a resposta, digna de quem era, servindo-se de tôdas as rimas da epístola recebida, como em paródia, e endereçando-a ao *Incógnito, filho de incógnita musa.*

Os dois inéditos logram agora bôa ocasião de sêr conhecidos; aqui os registamos gostosamente, como é do nosso devêr, dêsde que nos vieram ás mãos.

SAUDAÇÃO

Á chegada de Faustino Xavier de Novaes ao Rio de Janeiro em 1858

Tambem por cá, meu Faustino,
Pelo país da banana?
Que fado, sorte, ou destino
Dize-me, meu barbatana,
Te guiou a êstes sertões?
O desejo dos milhões?

Blasonavas mui faceiro,
Em teus versos de além-mar,
Que não cubiçavas dinheiro,
Nem desejos de Casar!
E agora, caro poeta,
Porque é que deu tudo em pêta?

Quanto melhor não seria,
Com tua espada de pau,
Viveres em doce harmonia,
Dar em tôdos teu quinau,
Sem te fazêr forasteiro
Em procura de dinheiro?!

Nêsse estado eras ditôso,
Sem ambição, nem desejos;
Tinhas prazêr, tinhas gôso,
Sorrisos, abraços e beijos,
Carícias e *requebrados* [1]
Por menos de dois cruzados.

---

[1] Êste particípio é vulgarmente substantivado no Brasil, significando requebro, gesto amorôso ou lascivo.

*

Não te lembras do ditado
Boi sôlto lambe-se tôdo?
Sim, depois que estás casado,
E' que procuras o modo
De ganhar algum vintem,
Porque os filhos ahi vem?

E' que te entrou no bestunto
O diabo da ambição;
P'ra não cheirar a defunto
Deixas amigos, nação,
Vens com a cara metade
Procurar felicidade!

Meu amigo, o senso humano,
Tem muita variedade;
O que hontem crês-te, ingénuo,
Achas hôje sêr verdade,
Porque a cabêça dum homem
Mil desejos a consomem.

Não chacoteies assim,
Sem magua nem compaixão,
Qualquer Zé, Mané, Jaquim,
Que á pátria leva um milhão,
Que a pátria está precisada
Dessa gente apatacada.

Bem quizera agora sêr
Sovela de sapateiro,
P'ra na tripeça me erguêr,
E dar-te um furo certeiro
No ventre, na bunda, ou rabo,
E enterral-a até ao cabo.

O INCÓGNITO.

RESPOSTA DO FAUSTINO

Ao incógnito filho da incógnita musa em razão da sua epístola rimada

Que te importa, se o *Faustino*
Veio ao país da *banana?*
A causa dêste *destino*
Não a digo ao *barbatana,*
Que vive lá nos *sertões,*
Entre animaes aos *milhões.*

Não seja assim *faceiro*
Com quem chega de *além-mar,*
Ou antes de têr *dinheiro,*
Ou depois de se *casar,*
Com *C* grande: (E és tu *poeta?!)*
Disse-t'o alguem, mâs é *pêta!...*

Quanto melhor não *seria,*
Já que tens cara *de pau,*
Com tôdos em *harmonia,*
Sem dar a ninguem *quinau,*
Não sêr mais que *forasteiro,*
Em procura de *dinheiro?*

Nêsse estado eras ditôso,
Sem ambição, nem desejos,
Dando na musa, qual *gôso,*
Dentadas em vêz de *beijos;*
Contra ti se erguem mil *brados;*
Ficas de braços *crusados.*

Não te lembras do ditado
Boi sôlto lambe-se tôdo?
Pois com a musa *casado*
Não te lambes dêsse *modo,*
Por que versos de *vintem,*
Como os teus, á feira *vem.*

Tambem te deu no bestunto
De gloria têr *ambição,*
Sendo na sciência um *defunto,*
Que envergonhas a *nação?*
Do senso comum *metade*
Só tens por *felicidade.*

Amigo, o género *humano,*
Tem muita *variedade;*
Se te crês sábio — *é engano,*
Se te crês tôlo — *é verdade;*
Se fazes mais *versos, homem,*
Mil apupos te *consomem!*

Não sei a quem falo *assim,*
Nem me inspiras *compaixão;*
E's algum *Mané Jaquim,*
Talvêz senhôr de um *milhão!...*
A sensatêz *precisada*
Ri da asneira *apatacada!...*

Porêm não... não pode *sêr!*
Não passas de *sapateiro;*
Não me faças mais *erguêr,*
Foge ao meu tiro *certeiro,*
E's tôlo de cabo a *rabo,*
Vae prégar do mundo *ao cabo!...*

F. X. de Novaes.

P. S. — Faça o favor de encaixar, no sítio competente, servindo de epígrafe, êstes dois versos:

Queixae-vos asneirões, que a pêrda é vossa,
Pois quer sêr lôbo quem lhe veste a pele.

José Agostinho de Macedo.

F. X. de N.

Apesar da verrina em verso, Quintela e Novaes, logo que se reconheceram, e abraçaram, mais tarde, em pleno Rio de Janeiro, riram muito do caso, e aumentaram a escala ascendente da sua estreita amizade.

III

Um inédito em prosa

Conforme levemente indicámos, a páginas 285 e 286, ao fundar o seu estabelecimento de papelaria e

livros, Novaes espalhou larga correspondência epistolar e autográfica pelos homens de lêtras portuguêses, com quem tinha relações.

A pesar nosso, só pudémos havêr á mão a carta, que êle, nessa época e sôbre tal assunto, escreveu a Luiz Palmeirim, devida ao digno administradôr de Grândola, sr. Julio Palmeirim, filho dêste maviôso poeta lírico, conforme já dissómos em nota das páginas acima indicadas.

Como se deprehende do tom familiar e do trêcho final da carta, êste documento é um simples éco do que a outros escritôres comunicou Novaes largamente.

Registando-o, porêm, sabemos que êle vale testemunho eficaz, de uma época, que a seu autôr foi perniciosa, por gravíssimos desgôstos domésticos e prejuizos consideraveis seus e alheios.

Vejamos:

Meu caro Palmeirim

Ainda és poeta? Não o sei, porque não tem chegado aqui novos gemidos da tua lira. Eu creio que nunca o fui, apesar de ter escrito muitas linhas rimadas, que tiveram o merecimento de me dar algum, ainda que pouco, dinheiro.

Agora é que eu estou mal com a minha musa, e pâra sempre. Deixei-me de descompôr o género humano, e trato de compôr a algibeira; o que é muito melhor.

Daqui a um mês, pouco mais ou menos, dêvo estar atrás de um balcão, fazendo cortezias aos freguêses, e asseverando-lhes que fazenda melhor que a da minha loja não será possivel encontrar-se em tôdo o universo e seus arrabaldes.

Chama-me estúpido, brutal, materialista e barão, mâs olha que te arriscas a chupar o cognome de lôrpa, que é muito peor.

Quero dinheiro, porque preciso d'êle pâra certos arranjos domésticos, e não me importa do que dizem os poetas e os folhetinistas.

Já não sei lêr. Entre as quinquilharias, que vou expôr á venda, desejo têr alguns livros portuguêses de bons autôres. Tencionas publicar alguma coisa? Nêste caso, man-

da-me uns cem exemplares da obra, e escreve, dizendo-me o prêço.

E' uma tentativa, que dará pouco resultado no princípio, más que póde sêr vantajosa pára o futuro.

O Mendes Leal (José) e o Rebelo da Silva, a quem escrêvo mais largamente sôbre o assunto, podem dar-te mais esclarecimentos sôbre a minha pretenção.

Conversa com êles, e escreve na volta do paquête, pára a rua Direita n.º 86 ao

Teu amigo velho

Faustino Xavier de Novaes.

Rio de Janeiro, janeiro de 1860.

Quem diria que êstes prenúncios, dentro de uma época breve, constituiriam um verdadeiro desastre, tão contrario á fórma ridente, com que fôram formulados?

E' que a musa, de que o poeta desdenhava a sorrir, não o abandonara, tornando-lhe a esperança ilusória, porque ela, a musa, era condão inato, que ninguem podia sobrepujar.

Apolo e Mercúrio, fugindo-se, perdem-se em horisontes opostos.

Lira afinada e balcão comercial repelem-se por desavindos e antagónicos.

Bem o sabemos, por desdita nossa!

IV

Faculdade creadôra

Quem de perto conhecêr a obra poética de Novaes, há-de têr notado a facilidade de invenção, com que êle coloria assuntos similares, imprimindo-lhe uma variedade, que os distanciava admiravelmente, como que se de coisas novas se tratasse.

Nisso estava a sua notavel fecundidade creadôra.

Sirva de exemplo pâra os menos lidos o que êle escreveu em dois pequenos álbuns, um de que já démos conta a páginas 310, e outro, em que se lêem os seguintes versos, que completam uma graciosíssima dualidade:

NUM ALBUMZINHO

MUITO PEQUENINO, DE UM MEU AMIGUINHO, MUITO BAIXINHO

Nêste albumzinho
Pequerruchinho,
Um vatesinho
Que há-de escrevêr?
Uns versosinhos,
Mui sentidinhos?
Uns amorzinhos?
Não pode sêr.

Um cantosinho,
Mui mimosinho,
Ao livrosinho
Não dá prazêr.
Ao pradosinho,
Ao riosinho,
Ao jardinzinho
Não pode sêr.

Um louvorzinho
Ao donosinho,
Do livrosinho
Não vou tecêr;
Da lisonjinha
Sua almasinha
Vaidosasinha
Não pode sêr.

A' damasinha,
Ao janotinha
Satirasinha

Vae ofendêr;
E as costasinhas
Expostasinhas
A's coçasinhas
Não pode sêr.

A' patriasinha
Desditosinha
Lamuriasinha
Fará corrêr,
Nas facesinhas
Portuguesinhas
Lagrimasinhas
Não pode sêr.

Vontadesinha
Tem firmesinha
A lirasinha
De obedecêr:
Mâs... tristesinha:
E' pobresinha.
Pacienciasinha!
Não pode sêr.

V

Poesias não coligidas

Relações de família, como já foi indicado, fizeram que a mãe de Novaes acolhêsse em seus braços, por muitíssimas vêzes a bem fadada creança, de que mais tarde se formaria o gloriôso pianista Arthur Napoleão, a quem o poeta consagrou sempre encendrado afecto, amiudada convivência e provada admiração.

Ao grande artista, que, infelizmente pâra a arte portuguêsa e universal, se aposentou fóra de tempo, agradecemos o original dos versos, que a seguir inserimos, e que são a sequência, ou antes, o complemento dos que figuram a páginas 56 das *Poesias pós-*

tumas, edição do Rio de Janeiro [1]. Ahi se recordam factos, lances saudosos, maviosidades e carinhos, que no coração dos dois amigos perduraram sempre com a mêsma intensidade.

DESPEDIDA

A ARTHUR NAPOLEÃO

De viçosa roseira, que, extremôso,
Com amigo cuidado, eu cultivava,
Vi nascêr um botão tenro, mimôso,
Em ameno jardim, onde eu folgava;
Entre as rosas irmans, meigo e formôso,
Era o lindo botão, que mais brilhava,
E os olhos, enlevados na belêza,
Pasmavam do podêr da naturêza.

De galas prematuras adornado,
Tôdo viço e frescôr, alvo de arminho,
Sem manchar-lhe êsse alvôr aveludado
Aspérrimo contraste de agro espinho,
Dos mais dôces aromas perfumado,
Tôdo encanto e primôr, o botãosinho
Afagavam-no alegres mariposas,
Que deixavam, por êle, o mel das rosas.

Foi crescendo, crescendo... e sempre belo
A inveja despertando em outras flôres,
Sem orgulho sentir, sempre singelo,
Cândido sempre, cativando amôres,
Incitou no cultôr largo desvelo,
Que tão ricos não vira outros cultôres,
E levou-me o botão por êsses mares,
Buscando novos climas, novos ares.

---

[1] Esta poesia e as que se seguem, apesar da inserção fugitiva, que tiveram no número especial da *Semana Ilustrada*, podem considerar-se inéditas, ao menos pâra os leitôres d'aquem do Atlântico.

Que tempo já lá vae!... Inda hôje em sonhos
Vejo aquêle jardim cheio de encanto,
Recordo amenos dias, tão risonhos,
Que sonhando passei, vivendo tanto,
Sem que receios do porvir medonhos,
Misturassem ao riso amargo pranto.
Só chorei de saudade, ao vêr, fugindo,
O meu casto botão, que era tão lindo.

Lá... folgava o cultôr, que o transportara
A mais amplo jardim, de ambição cheio;
Venturas, que a sonhar imaginara,
Tornavam-se reaes; e nêsse enleio,
Vendo abrir-se o botão, que me roubara,
Era extremo cuidado o seu recreio!
Dias, mêses... lá vão... fugiram anos...
Arrastaram-me aqui duros enganos!

....
....

Sofri muito, chorei, sucumbiria,
Se por mim não velasse a Providência;
Mâs nem a nova dôr, que me pungia,
A saudade apagou de longa ausência.
Eis que um dia surgiu — ditôso dia! —
Vi um raio de luz... senti-lhe a ardência,
Achei a minha flôr, aberta e bela,
Pura como era o botão, casta e singela.

A' fama não aspira humilde instincto,
Não pretende subir da glória ao templo,
Sôbre a terra deixando, bem distincto,
Excelso nome, salutar exemplo;
Só quisera exprimir, tal como o sinto,
Da minha alma o prazêr, quando contemplo,
No vedado botão, na flôr tão vista,
O pequenino Arthur... o grande artista.

Êsse, que só da infância tinha as galas
A inocência, a candura, e já ufano
Desferia, em seguida a debeis falas,
Harmonias perfeitas no piano;
Que era ornamento encantadôr nas salas,
Que em breve o foi no mundo, e de ano em ano
Na fronte engrinaldando novos louros,
A pátria enriqueceu com seus tesouros.

E vaes deixar-me, Arthur? Não vaes saudôso
Das puras afeições, que te rodeiam;
De um pôvo, que te acolhe, tão bondôso;
De amigos, que nos braços te encadeiam?
E vaes deixar-me, Arthur? Inda, orgulhôso,
Palmas, que vaes colhêr, te lisongeiam?
Pois vae... que eterna em mim tens a memória.
Eu hei-de vêr-te, á luz da tua glória.

Emquanto, com meu pranto, a face inundo,
Vê se inda lembra a alguem, no Pôrto ameno,
O vaticínio meu por ti profundo:
— Podes, sim, percorrêr vasto terreno:
« Verás que há-de servir de pasmo ao mundo,
« Entre os grandes, sêr grande *o mais pequeno!* »
Não digas a ninguem que sou poeta;
Vae a tôdos provar que fui profeta.

Entre os braços amigos, que te esperam,
Que hão-de logo prendêr-te em dôces laços,
Abertos hás-de vêr uns, que te deram,
Ao despertar da infância, mil abraços;
Num resto de rigôr, que já tiveram,
No pranto a borbulhar nos olhos baços,
Sentirás minha mãe, que inda te adora,
Que lá chora por mim, que por ti chora.

Há naquela afeição forte constância.
Eu recordo-me bem do tempo antigo,
Em que era seu prazêr a tua infância;
Tão meigo te cingia ao peito amigo,
Osculava-te as faces, com tal ância,
Com maternal amôr, prêsa comtigo,
Tão risonha, afagando os teus cabêlos,
Que se infante inda fôsse, eu tinha zêlos.

Vaes vêl-a, meu Arthur; verás sem brilho
Murcha a face, que foi nívia e rosada;
Murchara-lh'a da vida o longo trilho,
Pelos sulcos do pranto foi cavada.
Vaes abraçal-a tu... e ao pobre filho
Cá deixas a saudade amargurada!
Minha vida não contes; eu t'o imploro;
Arthur, dize-lhe só que vivo, e... choro.

Rio de Janeiro, 22 de Novembro de 1863.

FABULA

O jumento e o armadôr

Quando os jumentos falavam,
Como agora falam tantos,
E, ao som da lira, entoavam
Como hôje, dôces cantos;
Seguindo em traje e maneira
As modas vindas de fóra,
Sem terem outras canseiras,
Como os peraltas de agora;

Houve um, que buscando um dia
Certo armadôr afamado,
De quanto na loja havia
Tomando o mais aceado,
Abriu a algibeira sua,
Que era, entre os mais, opulento;
E tentou vir sêr na rua
Fidalgo, mais que jumento.

Bordado a retroz, veludo,
Mil galões de prata e de oiro
Brilhantes, pérolas, tudo
Tornava o traje um tesoiro.
A armação ao côrpo estranha
Fazia estranho barulho;
E, se mais pôvo o acompanha,
Mais se enche o louco de orgulho.

Ostentando em tôda a parte
O brilho d'essas alfaias,
Recebia, por tal arte,
Dos outros burros zumbaias;
Entre animaes de outra raça,
Se passava empavesado,
Sorria a tôdos com graça,
Pâra sêr mais festejado!

Três dias assim passara,
Sonhando mais alta glória,
Porque a vaidade o assaltara
De têr um nome na história:

Da louca ideia se inflama,
Mete-se em alto congresso,
Pois quer de Cícero a fama,
Juntar á fama de Cresso.

Dados a sérios estudos,
Estavam muito entretidos
Outros animaes sisudos,
Numa sala reunidos;
Cada qual o seu discurso
Sôbre o assunto proferia,
E o sapiente concurso
Com mil bravos aplaudia.

O nosso heroe ostentando
Porte magestôso e altivo,
Passara o tempo escutando
Com fumos de pensativo;
Dizia alguem que ao talento
Daria mais nobre emprêgo;
Mâs... pâra o rico jumento
Quanto se disse era grêgo.

Veio a vaidade maldita
Trazêr fatal desengano;
Tudo applaude, tudo grita,
Mostra-se o congresso ufano;
Não quer o mais enfeitado
Uma vêz passar por bronco,
De ânimo cheio, o coitado,
Abre a bôca, e prega um ronco!

Fica tudo estupefacto!
O que dizêr ninguem sabe!
Mâs, por honra d'aquêle acto,
Não querem que o monstro acabe.
—«Era um burro!» em altos brados
Grita a súcia, ouvindo o zurro.
Da casa nos quatro lados,
O éco repete:—«Era um burro!»

De vergonha então corrido,
Por evitar mais desgôsto,
Foge o pobre, espavorido,
Correndo, já decompôsto;

Pesam-lhe estranhos arreios,
Serve a lição de escarmento;
Vae despir fatos alheios...
Outra vêz fica jumento!

Onde foi acontecido
Tal caso ninguem m'o disse;
Nem eu fui tão atrevido
Que o narradôr inquerisse;
Mâs... de fitas vendo cheio
E de títulos, um tonto,
Por temêr que suje o arreio,
Lembra-me logo êste conto.

FRAGMENTO

Que triste vida a minha! e que martírio!
Sempre ardente em minha alma êste delírio;
Na cabêça um vulcão!
Sempre ante os olhos meus o abismo aberto,
O mundo pâra mim sempre deserto,
Sempre um mundo de amôr no coração!

Amôr! amôr, que os cínicos motejam,
Porque os cabêlos meus na fronte alvejam,
E a face enruga já;
E o fumo, que subindo se evapora;
Aos cínicos não diz, branqueje embora,
Que, sem fôgo existir, fumo não há.

E sabem se estas cans são fructo de anos,
Ou se a ardência de amargos desenganos
Na verdura os creou?
Diz o rôsto em que maguas me definho?
Quem sabe, ao encontrar-me no caminho,
Se já venho de longe, ou longe vou?

Decrépito que eu fôsse, ao chão pendendo,
E já trémulo, e mal a fronte erguendo
A' luz, que vem do céu,
Inda, ao vêr-me passar, ninguem pudera
Sem meu peito sondar, dizêr que eu era
Um triste, um velho, um penitente, um réu.

Já inerte o ancião, quase sem tino,
Ama do filho o filho pequenino,
Que abraça com ardôr;
E náufrago no mar de outros afectos,
Revela na expansão de amôr aos netos
Os restos, que salvou do antigo amôr.

Não é morte a velhice, em côrpo humano;
É como o inverno, no corrêr de um ano,
É a estação final;
Morre a materia, seja ardente ou calma,
O amôr não morre! não, que vive n'alma
Porção, que Deus em nós fêz imortal.

Antes morrêsse, que me fôra a vida,
Embora triste, plácida, esquecida,
Sem lágrimas, sem ais;
Loucuras da fogosa mocidade
Seriam para mim uma saudade,
Uma dôce lembrança... e nada mais!
....

A MINHA MÃE

ENVIANDO-LHE O MEU RETRATO, EM MINIATURA, PRIMORÔSO TRABALHO, QUE ME OFERECEU O SEU DISTINCTO AUTÔR, O MEU AMIGO J. T. DA C. GUIMARÃES.

Meu destino qual é? Perdido, errante
Lá na pátria que fiz? que faço aqui?
Onde estás, minha mãe? ao filho amante
Quem o pôde arrastar longe de ti?

Foi o destino meu, sempre mesquinho,
Quem de ti me afastou. Ai! se eu voltar,
Deixo, saudôso, maternal carinho,[1]
Por quem, mêsmo a teu lado, hei-de chorar!

Lágrimas sempre! Se um sorriso passa
Nos lábios, que o desânimo fechou,
O mundo, cego á perenal desgraça,
Inveja o riso, que a fugir passou.

---

[1] Alusão claríssima ao afecto da baronêsa de Taquary.

O mundo! abismo de traições e enganos,
Em que arrasto a existência, prêso á dôr.
E Deus não me revela os seus arcanos!
E Deus não me comparte o seu amôr!

Não sabes, minha mãe, quantos martírios,
Quantas angustias eu combato, em vão,
Abrazada a cabêça em mil delírios,
Implacavel algoz o coração.

Contempla nêsse quadro a minha imagem.
Se algum traço ainda vês, que te seduz,
Deu-lh'o do genio a mão, que, na passagem,
O reflexo deixou da própria luz.

Obra do Creadôr, a flôr mimosa
Tambem ousado artista a imita assim;
Mãe, emquanto êle firma a côr da rosa,
Vae ela caminhando a certo fim.

Nêsses olhos mortaes, quase sem brilho,
Nas prematuras cans, a reluzir,
Na face macerada. . . eis o teu filho!
Eis o triste presente... eis o porvir!

Nessa imagem que falta? o pranto ardente,
Expressivo sinal da mágua atroz;
Se diz o rôsto quanto o peito sente,
Pâra chamar por ti, falta-lhe a voz!

Não chama... vae .. e eu fico amargurado,
Sem jamais esquecêr os mimos teus,
De saudade a chorar pelo passado,
Pensando no futuro, em ti e em Deus.

De tôdo o apaixonado lirismo, que ahi fica expresso em lágrimas candentes, de que, noutro tempo, ninguem julgaria afectados os olhos ridentes e escarnicadôres do poeta eminentemente satírico, ao *Fragmento,* mau grado a sua exiguidade, compete a palma classificadôra...

Pela justêza da frase, pelo sentimento e pelo conceito, é uma notavel miniatura; vale um pequeno, mâs verdadeiro poema.

VI

Mais inéditos

Posteriôrmente á escritura e registo do que até aqui fica mencionado, fomos favorecido com mais três inéditos pelo sr. Arthur Napoleão, que os extraiu do seu riquíssimo album de glórias, onde figuram, em brilhante promiscuidade, autógrafos de reis e príncipes, escritôres e poetas, banqueiros e magnatas, hómens de sciência e artistas, clero, nobrêza e pôvo de tôdas as partes do mundo, onde os sons do seu piano se fizeram ouvir.

Têm uma história, êsses versos, que pertencem ao período infantil do pianista, 1852.

Sendo seu pae de nacionalidade francêsa, num dos concêrtos, que precederam a saída do menino Arthur, resolveu mandar imprimir em francês os bilhêtes de entrada.

Não tripudiando tanto á solta, como hôje, a mania estranjeirofóbica, a gente do Pôrto não gostou da inovação, e deu mostras de desagrado.

Faustino de Novaes, em cuja casa Arthur, como já demonstrámos, gosava afectos de família, doeu-se do caso, e, como que em desfôrço, escreveu, e recitou em público os seguintes versos:

Arthur! se te escuto rebenta-me o pranto,
Mal posso os soluços no peito contêr;
Quizera fugir-te... màs... não posso tanto,
Que pâra prendêr-me tens alto podêr.

E a origem da dôr, que minha alma devora,
Ninguem a ad'vinha, nem tu a prevês;
Màs eu a revelo, censurem-me embora:
E' só a lembrança de que és portuguès.

*

Não sabes a sorte, que está destinada,
Se nasce nos montes, á cândida flôr?
Dos ventos batida, das feras calcada,
Se perde a existência, quem dela tem dôr?

Ninguem! E' verdade. Tambem nesta terra
Os génios famosos têm sempre mau fim.
Dos grandes nas artes, na sciência e na guerra,
Que exemplos eu vejo, que falam por mim!

Que importa que eu veja grandêzas agora?
Que vale havêr ouro, palácios, brazões?
Tambem os havia nos tempos de outrora;
E qual foi a sorte do grande Camões?

Que homem portento, que á pátria deu gloria!
Morreu desgraçado num triste hospital.
Oh! pátria mesquinha, tão grande na história,
Em sêres sempre ingrata não tens tu rival!

E' sina cruenta que um genio sublime,
Na terra, que é sua, não possa brilhar;
Aqui o sêr grande parece que é crime!
Arthur! se pudesses a pátria negar!

Mâs não! não a negues, que honrôso não fôra!
Mal hàja o que a pátria, gemendo, maldiz!
Embora não aches a mão protectôra,
Que tente elevar-te, fazêr-te feliz.

Do mundo as grandêzas o tempo consome:
No pó tudo envolto no chão se perdeu;
Tu deixas a terra, mâs legas-lhe um nome...
Eterna vergonha de quem te esqueceu!

Prosegue, prosegue nessa arte mimosa,
Por ela tornando teu nome imortal!
Dá honra; dá glória á nação desditosa.
Arthur! sacrifica-te ao teu Portugal!

O sonêto, que segue, refere-se ao concêrto, benefício de despedida do pequeno artista, a quem Novaes o fêz decorar, e dizêr, no final do espectáculo, como, ao comêço do nosso estudo, mencionámos.

Inda mais uma vêz, pôvo excelente,
O nobre auxílio teu invocar venho;
Inda mais uma vêz, meu pobre engenho
A quem nascêr o viu vae sêr patente.

Ufano, por me dar tão culta gente
Os louros, que virentes inda tenho.
Hôje aos lábios chamar é meu empenho
A dôce gratidão, que o peito sente.

Se a minha condição vir elevada,
A ti o dêvo só; e em tôda a parte
Minha alma ao Pôrto meu será votada.

E se outro galardão não posso dar-te,
Meu nome ilustrarei e a pátria amada,
Se a tanto me ajudar engenho e arte.

29 janeiro 1852.

Por último, nessa ocasião tão solene e comovedôra, Novaes, muito sentido e subidamente inspirado, saiu-se de improviso com êste outro sonêto, que, alem de sobremaneira aplaudido, foi alvo de estremado aprêço jornalístico.

Cada vêz que, de nôvo, Arthur, te escuto,
Mais se augmenta a vontade de escutar-te;
Quando, apenas, acabo de louvar-te,
Já com igual desêjo, outra vêz, luto.

Ora elevas teu génio, resoluto,
Inocente vens logo demonstrar-te,
Vacilante me deixas, a admirar-te,
Cada vêz que, de nôvo, Arthur, te escuto.

E não julgues que só eu me confundo
Por na infância te vêr, puro e sereno,
E contemplar em ti sabêr profundo.

Podes, sim, percorrêr vasto terreno...
Verás que há-de servir de pasmo ao mundo
Entre os grandes, sêr grande o mais pequeno.

VII

Parte anedótica

Da crónica anedótica de Novaes, extensa, ao que nos consta e é de presumir, daremos apenas algumas valiosas amostras, de que temos conhecimento, uma das quaes, a segunda, já foi por nós divulgada em 1871, no *Almanaque de Lembranças.*

Uma tarde, seguia o poeta num dos pesados carroções, que, ao tempo, se chamavam *gôndolas,* da cidade do Rio pâra o arrabalde, onde morava. Novaes tomou assento numa das bancadas exteriôres da dianteira, tendo apênas por companheiro um popular, que se sentara, no lugar inferiôr, ao lado do cocheiro.

Êste, que era ilheu, faladôr em demasia e, por abrutado, belo ornamento da classe, abrira conversa com o passageiro vizinho ácêrca da parêlha, que puxava o carro, e que êle dizia oriunda da sua terra, atribuindo-lhe belêza, fôrça e outros predicados, que ela não tinha.

O popular dizia-se conhecedôr do género, e refutava as qualidades das bêstas, machos ou mulas, a que, no Rio, chamam indistinctamente burros. A conversa azedôu-se, e o cocheiro, praguejando e soltando asneiras, afirmava que a maioria da gente era da sua opinião, e que a maioria é que vence sempre e em tôda a parte.

— Não é assim, meu caro senhôr? — interrogou êle, voltando-se pâra o Novaes.

Êste, aborrecido da disparatada séca, respondeu de repente:

— Não precisámos de ir mais longe; você tem razão. Eu e o passageiro, com quem vae falando, somos

dois; você emparelha com os burros; dois e um fazem três ilheus; logo... venceu; a maioria é sua.

O brutamontes do cocheiro riu alarvemente, sem percebêr a ferroada da bôa resposta.

Noutro dia, o poeta, findo o seu trabalho, encaminhava-se, apressadamente, rua do Ouvidôr acima, com a intenção de alcançar a *gôndola*, em que costumava retirar-se, e êle entrevia ao fim da rua, no largo de S. Francisco de Paula, estação dos ómnibus, assim denominados, ao que parece, por mera ironia.

Em sentido contrário, desciam dois velhotes, que discutiam política, em diálogo acalorado.

Um dêles, ao esbarrar com Novaes, que ia a fumar, alçou a mão esquêrda, onde segurava um charuto apagado, e, na frase local, pediu:

— Faz-me o favôr do seu fôgo?

Novaes, impacientado, com os olhos fitos no carro, que se bambeava a meio do largo, mandou interiôrmente ao diabo o político importuno, mâs ofereceu o seu charuto, com tôda a delicadêza.

O bom do homem pegou no charuto, tossiu gesticulando, escarrou com estridôr, levou o braço á altura da bôca pâra se servir do lume, mâs distraiu-se, e continuou a discutir azêdamente com o companheiro, acabando de exacerbár a paciência do poeta.

Êste, vendo que o ómnibus se mexia, e que podia perdêl-o, tirou o seu chapéu, e, inclinando-se cortêzmente, falou á pressa:

— Meu caro senhôr, eu moro na rua do Rio Comprido. Queira mandar-me o seu bilhete de visita, indicando-me o dia e hora, em que poderei aqui mandar um criado buscar o meu charuto.

E deitou a corrêr pâra o carro, deixando o importuno estupefacto, a quem castigara, inflingindo-lhe uma bôa lição de civilidade.

Quintela, um dia, censurou ao poeta, com a amigavel liberdade, que reinava entre ambos, um acto qualquer, em que falhava o bom senso.

— Digo-lhe, e torno a dizêr que houve no caso muita falta de tino.

— Essa agora! — retrucou Novaes repentinamente — Essa não parece sua! Dêsde a pia baptismal que tenho abundância disso.

— Ah! sim?

— Está claro. Tudo me podia faltar, menos o tino, que abunda no meu próprio nome. Faus... *tino*. Enganou-se; bem vê.

Na ocasião de ofertar a Manuel de Mello [1] um retrato seu, uma bôa fotografia, tirada por Insley Pachêco, primeiro dos artistas do gênero, Novaes, escreveu no verso do cartão a seguinte dedicatória:

— Sua Alteza, o *Principe dos Poetas satíricos portuguêses do seu tempo — o repentista inspirado — o poeta de coração* — desce hôje do *régio* sólio, aperta a mão ao seu *vassalo*, o *simples* filólogo distinctíssimo e seu amigo Manuel de Melo, e oferece-lhe o retrato do seu admiradôr — *F. X. de Novaes.*

Numa palestra entre amigos, de que faziam parte Machado de Assis, Pereira da Silva e José Coelho

---

[1] Filólogo português, natural de Aveiro. Trabalhou, como tantos homens ilustres da colónia portuguêsa, no comércio do Rio de Janeiro; e elevou-se pelo estudo a grande altura mental. A sua livraria, onde se contava tudo o que de linguística se conhecia de melhor, foi adquirida pelo *Gabinête Português de Leitura*, depois da sua morte, ocorrida em Milão, no ano de 1884. As lêtras portuguêsas fôram brindadas postumamente com a sua importante obra *Da glótica em Portugal*. Manuel de Melo é uma das *Figuras Literárias*, recente e valiôso livro do Dr. Candido de Figueirêdo, êsse outro filólogo de raro e preciôso engenho.

Lousada, conversava-se acaloradamente sôbre mulheres.

O primeiro, o Assis, tinha a opinião de que as mulheres de meia edade eram preferiveis ás raparigas, e aduzia razões do seu convencimento e preferência.

Lousada, concordando em parte, virou-se pâra Novaes, interrogando abstractamente:

— Porque será que, de facto, as mulheres de meia edade são as primeiras em agradar a certos homens?

Resposta repentina do poeta:

— Porque pensam sempre que são as *últimas!*

Um indivíduo, empregado no comércio, desejava muito sêr apresentado a Faustino, de quem era admiradôr, pâra lhe mostrar uma composição sua em verso satírico; e comunicava a sua aspiração a um sujeito das relações do poeta, em plena rua do Ouvidôr, pedindo-lhe o grande favôr da apresentação.

Casualmente, a tornejar a esquina da rua Direita, e a certa distância, surgiu Novaes.

— Lá vem êle — exclamou o encarregado da obsequiosa missão — Bela ocasião temos de lhe falar, porque se encaminha pâra aqui.

O poetrasto rejubilou; conseguia rapidamente o que tanto almejava.

Novaes convidou os dois a entrarem num corredôr, e recebeu o papel, que passou pela vista sorumbaticamente.

Os versos intitulavam-se *Dois asnos.* Finda a leitura rápida, dobrou o papel, entregando-o ao dono, que se empertigava anciôso, mâs não pronunciou uma palavra.

— Que me diz, meu caro sr. Novaes — interrogou êste, apressadamente, de olhos esbugalhados, nervôso.

— Digo-lhe que acertou. Sim, senhor; acertou. O juizo está feito pelo autôr.

«*Dois asnos!* .. bem achado, porque um só era incapaz de escrevêr tanta asneira!

Imagine-se a cara do desgraçado!

VIII

Família Rodrigues

A baronêsa de Taquary, viuva do general brasileiro Manuel Jorge Rodrigues, falecida aos 80 anos, como já notámos, em 29 de outubro de 1866, têve os seguintes filhos:

José Calasares Rodrigues, herdeiro do título. Casou, e têve descendência.

Antonio Rosendo Rodrigues, que casou com D. Rafaela Carolina Bandeira, e têve dois filhos e uma filha, que se matrimoniou com o médico português Dr. Antonio Augusto Ferreira Soares, amigo de Novaes, cuja certidão de óbito assina, como assistente.

D. Josefa Rodrigues, casada com Miguel Cordeiro da Silva Torres e Alvim, a quem attribuimos a apresentação de Novaes a sua sogra, baronêsa de Taquary, e a quem o poeta ofereceu a *Manta de Retalhos,* por gratidão.

D. Maria Rodrigues, que casou com um indivíduo apelidado Forbes, e vivia em Portugal, pâra onde se retirou definitivamente, depois da morte de sua mãe.

D. Rita de Cássia Rodrigues, continuadôra assidua da bemfazêja missão, a favôr do poeta, iniciada por sua mãe, sobrevivendo a esta quatro anos e áquele apenas um, pois que faleceu em 1870, no estado de solteira.

Devidos á obsequiosidade da sr.ª D. Julia Fernandes, sua antiga protegida e amiga muito grata, folgamos com podêr apresentar os retratos das duas beneméritas senhôras, mãe e filha, [1] memória significativa, consagrada á posteridade até onde chegar o nome de Faustino de Novaes.

IX

Irmãos de Novaes

Dos irmãos de Faustino de Novaes restava ainda, ao terminar êste escrito, em meado do corrente ano, D. Adelaide, senhôra de 81 anos, que aparentava, ao que nos diziam, uma edade muito menos avançada. Residia em casa de sua sobrinha D. Sara Braga, filha de sua irmã Emilia, na rua de S. Christovão, 149, Rio de Janeiro. A' reminiscência desta dama devemos largos apontamentos.

Infelizmente, em carta de 10 de setembro, escrevia-nos o nosso obsequiôso correspondente, sr. comendadôr Corrêa Quintella:

— Dou-lhe uma triste notícia. D. Adelaide Novaes, que tanto nos auxiliou, única que ainda existia da irmandade do poeta, morreu, há poucos dias. Foi pâra mim uma surprêsa, porque, quando estive com ela, achei-a forte e bem disposta. »

Sentimos, porque, de facto, esta obra, na parte biográfica, fica devendo a essa senhôra largos e preciosos subsídios.

D. Emilia da parentela fraterna foi a única, que têve filhos, três — D. Sara, casada com o capitão brasileiro Bonifacio Gomes da Costa, de quem tem des-

---

[1] Êstes retratos figuram na edição da *Ignêz de Horta*.

cendência — Arnaldo e Ariosto. Por seu marido têr vindo de Pernambuco pâra o consulado português do Rio, domiciliou-se aqui, e morreu em 20 de outubro de 1903.

D. Carolina, tendo ajustado casamento com o poeta brasileiro, Machado de Assis, ainda em vida de Faustino, realizou-o depois da morte dêste, em novembro de 1896, vivendo feliz até ao falecimento ocorrido em 1904.

Henrique, moradôr em Penafiel, como já se disse, morreu em 1881.

Miguel, o retentôr, durante 37 anos, da *Ignez d'Horta,* matrimoniou-se com D. Joana Felicio, viuva do seu protectôr Rodrigo Pereira Felicio, conde de S. Mamede.

Falecendo esta, passou a segundo enlace, e faleceu abastado pelas alianças matrimoniaes no arrabalde lisboêta do Lumiar, a 19 de novembro de 1904.

O seu testamento, redigido por êle, fêz certo ruido, pela fórma extravagante, ao sêr publicado, parecendo provar que a graciosidade era comum na família de Faustino de Novaes.

Miguel era alegre de maneiras, e deu disso grande amostra num dos momentos mais sérios e solenes da vida de tôda a gente, que preceitua pâra alem da morte, como é o da feitura de testamento; gracejou êle comsigo próprio.

Vejamos alguns trêchos do mencionado documento:

. . . .

— Deixo ao meu amigo Queiroz de Lacerda um castão de bengala, esperando que faça uso dêle, pelo menos nos dias de gala.

« Deixo á minha amiga e comadre condêssa de S. Mamede um conto de réis pâra comprar umas lunetas.

. . . .

« Desêjo sêr enterrado, depois de môrto, já se vê, ao lado do jazigo n.º 10, no cemitério do Lumiar.

«A' data da factura dêste testamento, estou em diligências de comprar á camara municipal um terreno junto ao referido jazigo, onde existem dois covaes, que devem ficar devolutos. Declaro que se morrêr antes, do que duvido, mâs tambem não tenho a cartêza do contrário, espero que os meus três testamenteiros empreguem tôdos os meios pâra a realização do meu desejo.

«A campa deve têr a seguinte inscrição: — Aqui jaz Miguel de Novaes. Nasceu no Pôrto em 11-6-29...» O resto é com os testamenteiros.

«Peço a minha mulher que me não mande pâra o cemitério sem terem passado 24 horas. Não confio muito no que dizem os médicos.

«Não que isto de enterrar a gente viva não é negócio de brincadeira.

«Não quero luxos; apenas um carro funerário, puxado por um ou dois burros de 4 pés cada um; nada de acompanhamentos, nem tochas, nem flôres, nem corôas; nada de decorações, como as que se fizeram pela chegada do rei Eduardo, ainda que a minha morte se dê pelo carnaval.

«Não quero habilitar-me a ganhar o prémio».

. . . .

(*Diario de Noticias,* 21-11-1904).

Êste era alegre, mâs não tinha envergadura poética. Bem ao contrário. Por isso viveu bons 74 anos, e morreu ajuizado!

X

Por último

Ao largar a penna, após a nossa demorada peregrinação por largos desvios, á cata de notícias certas e fidedignas, algumas das quaes estavam prestes a

desaparecêr, cumpre-nos dedicar gratíssimamente os nossos últimos pensamentos ás pessôas, que, directa ou indirectamente, nos fornecêram subsídios pâra levarmos a cabo o nosso propósito comemorativo, nomeadamente as sr.as D. Adelaide de Novaes, recentemente falecida, D. Julia Fernandes e srs. comendadôr Arthur Napoleão dos Santos, o venerando pianista amigo de Novaes, e Joaquim Jorge de Oliveira, digno directôr geral da secretaria da Misericordia, do Rio de Janeiro; ao senhôr administradôr do cemitério de S. João Baptista, da mêsma cidade; e especialmente ao sr. comendadôr Francisco José Corrêa Quintella, actual presidente do Retiro Literário Português, acrisolado patriota e cavalheiro pundonorôso, que, correspondendo bizarramente ao nosso apêlo, nos forneceu, através do Atlântico, apontamentos preciosos, autógrafos, retratos e materiaes, denunciadôres de prolongado trabalho e acurada diligência.

Entre as pouquíssimas portas, que se nos fecharam, figura no primeiro plano a da Legação Portuguêsa, do Rio de Janeiro.

Em 3 de julho do ano passado, dirigimo-nos, com tôdos os requesitos de cortezia e deferência, ao respectivo ministro, formulando um pedido de informações, que, pela especialidade e altura da repartição, a que eram solicitadas, não demandavam pesados esforços, e requeriam apenas um bocadinho de patriotismo.

Não obtendo resposta escusatória ou de simples cumprimento de delicadêza rudimentar, encaminhámos ainda a nossa petição pâra o secretário da Legação, reiterada nos mêsmos têrmos.

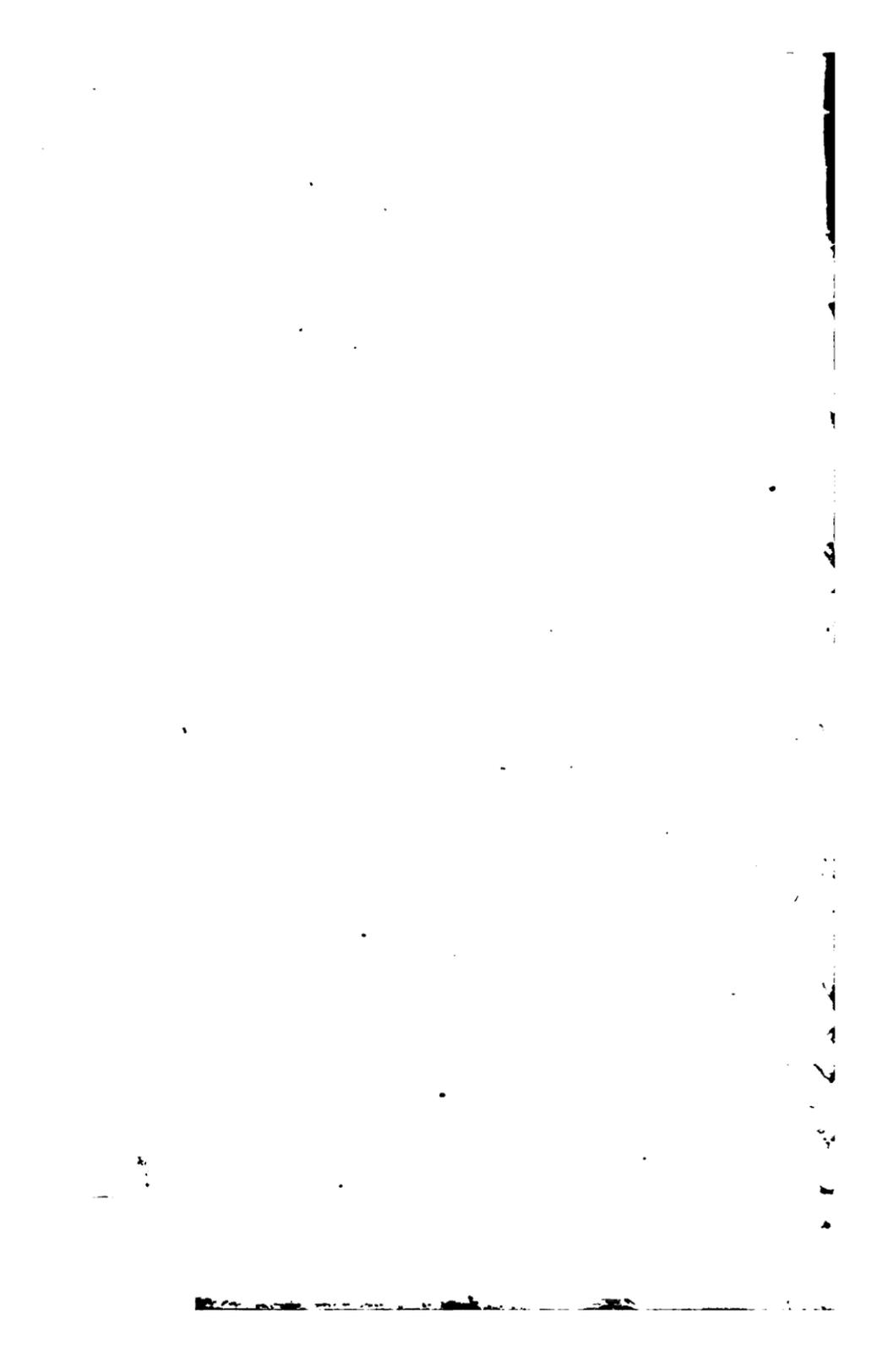
Coube-nos a mêsma sorte. Não obtivemos uma palavra. Nada.

A Legação Portuguêsa, ao que se pode avaliar, soltou estridente cachinada de riso, ante a lembrança esporádica de um indivíduo, que se ocupava de um

poeta português, cujo nome, apesar de afamado, não conhecia; e que lhe vinha falar de literatura em vêz de lêtras gôrdas ou de cambio, embora êsse indivíduo, a quem se perdoará a desafronta, modéstia áparte, dêsde fidalgo da casa real portuguêsa, até ás comendas e pergaminhos, que possue, não fôsse socialmente inferiôr, antes pelo contrário, ás personagens, a quem se dirigiu.

Da indelicadêza, com que fômos depreciativamente tratado pela Legação Portuguêsa, consola-nos a ideia axiomática de que, quando os corpos, nome e prosápia dos dois figuraços, cuja graça já nos esqueceu, estiverem reduzidos a pó, terra, cinza e nada, ainda viverão fulgurantes, prevalecendo futuro dentro, o nome e lêtras de Faustino Xavier de Novaes.

FIM

APÊNDICE

A PROPÓSITO DE NOVAES

Que nos não alcunhem de vangloriôso por êste apêndice, que encerra algumas impressões e juizos de imprensa e homens doutos ácêrca da *Ignêz de Horta,* obra inédita de Faustino Xavier de Novaes, publicada por nosso impulso, e acompanhada do último estudo, que fêcha êste livro de *Memórias Literárias.*

Com as opiniões alheias, desejámos nós corroborar as nossas, e especialmente completar o escrito referente a Novaes, com as apreciações, que lhe fôssem consagradas.

Era legítimo o nosso desêjo.

Como se tornava impossivel destacar os dizêres de benevolente louvôr, destinados á nossa pessôa, dos que eram tributados ao poeta, tão ligados estão êles entre si, não hesitámos na realização do nosso intuito, fiando de que os que bem nos conhecem podem atestar o nosso desprendimento de vaidades e ambições, que não sejam as precisas pâra um nome limpo.

Havendo, alem de tudo, testemunhos epistolares,

*

que, a respeito do autôr da *Ignêz de Horta*, particularmente, sobrelevam juizos públicos, só aqui os podíamos tornar conhecidos; o que não nos era dado praticar sem a exposição dos encómios, que de mistura se nos dirigiam.

Timoneiro do barco, em que, há tanto tempo, pretendíamos salvar os elementos principaes pâra o registo aperfeiçoado, se não completo, da história pessoal e literária de Novaes, não devíamos desperdiçar nenhum material, a que pertencem indubitavelmente os seguintes:

ESCERTOS

«... Snr. Visconde.

Estou, há bastantes dias, de posse do seu excelente trabalho a comédia pósthuma de Faustino Xavier de Novaes *Ignez d'Horta* salva e restituida á nossa literatura por V.; e acima de tudo o seu substanciôso e decisivo estudo biográfico do desgraçado poeta satírico.

« Confesso que lí êsse quadro, admirando a devoção, com que V. foi coligindo informações biográficas das pessôas, que trataram de perto com o poeta. Como é simpatica a emoção, com que enfeixou êsses dispersos materiaes!

« Êste trabalho está devidamente coroado, sabendo-se que êle vem completar o quadro, em que figuram poetas como Soares de Passos e escriptôres como Camilo Castelo Branco.

« Felecitando-o pelo seu precioso estudo, sou etc.

THEOPHILO BRAGA.

4 abril, 1907.

— Meu caro Snr. Visconde.

....

Não se podia fazêr mais nem melhor do que V. fêz pâra levantar e tornar perduravel a memória de um poeta insigne, tão cheio de talento como de amarguras, qual foi Faustino Xavier de Novaes, a quem eu prestei sempre culto superiôr ao de Tolentino, pois, apesar da graça por-

tuguêsa dos versos satíricos dêste, não gostei nunca da sua apresentação na sociedade, curvando-se em demasia, como figura ridícula de somenos importância e de exíguo valôr, figura triste, que só cabe na comédia social aos que se humilham e se arrastam, como parasitas repugnantes.

Um homem de talento, que se aprecia, e não póde deixar de reconhecêr o que vale e o que merece, apesar das adversidades, que o assaltem e persigam, não deve conservar a espinha dorsal assim pâra se dobrar com tamanha baixêza, sobretudo sabendo-se que era pâra obtêr com humildade as bôas graças de grandes e dinheirosos.

O talento é pâra levantar e glorificar um homem e jámais pâra o deprimir.

O livro de V., é um primôr. Revela um cultôr esmerado das lêtras portuguêsas, paciente nas suas investigações, conscienciôso no coligir de apontamentos pâra erguêr um monumento digno da justa fama de Faustino Xavier de Novaes e do ilustre nome de V., a quem considero e respeito como benemérito, não só por êste belo trabalho de acendrada admiração ao insigne e desditôso poeta portuense, mâs tambem por outros, que conhêço e aprecío por serem outros tantos documentos do esmero de V., em seus labôres literários.

....

BRITO ARANHA.

Belem, 4 de abril de 1907.

....

Confesso que nada soube nunca da vida dêste notavel Faustino Xavier de Novaes, e fêz-me pena o quadro das suas desditas em homem, que tanto merecia, e que tão pouco alcançou.

....

Com descanço, com bôa fortuna, com perseverança, com animações inteligentes, havia de subir muito mais alto do que o seu nêgro fado permitiu que êle subisse.

....

VISCONDE DE CASTILHO (Julio)

26 março
1907.

É com efeito uma comédia a trasbordar de chiste e recheada de estribilhos minhôtos, que lhe dão interesse e relêvo.

É de supôr que Xavier de Novaes a tivesse escrito pàra sêr representada no Pôrto, onde obteria nímio aplauso, por têr sabôr local.

V. praticou um acto digno dos maiores encómios, salvando-a do limbo eterno, com generosidade e nobre cavalheirismo.

VISCONDE DE SANCHES DE BAENA.

Março 1907.

Provavelmente, mais de uma bôa alma, que nos lê, mal conhece de nome, se tanto, o grande poeta satírico e jocôso, que se chamou Faustino Xavier de Novaes. E contudo foi o nosso segundo Tolentino, logrou a estima e a admiração de Camilo, e, quando deixou Portugal pelo Brasil, onde faleceu há trinta e tantos anos, foi entusiasticamente recebido e saudado pelo escol das lêtras brasileiras. Casimiro de Abreu, o malogrado poeta das *Primaveras*, saudou a chegada de Novaes numa calorosa poesia, que, se a memória nos não atraiçôa, começava assim:

«Bem-vindo sejas, poeta,
a estas praias brasileiras!
Na pátria das bananeiras,
as glórias não são demais...
Bem-vindo, ó filho do Douro.
A terra das harmonias,
que tem Magalhães e Dias,
bem póde saudar Novaes!
. . . .
Entre tôdos os paquêtes,
que o velho mundo nos manda,
eu sustento sem demanda
Tâmar foi o mais feliz,
Os outros trazem cebôlas,
vinho em pipas, trapalhadas;
êste trouxe gargalhadas,
sem sêr fazenda em barris.»

Anos depois, o poeta morria no Brasil, victimado por uma mielite, e Portugal esqueceu-se quase do inditôso poeta satírico.

Contra êsse esquecimento protesta hôje o facto de se publicar em Lisbôa uma obra inédita de Novaes, e de se fazêr agora, conjuntamente, o mais completo estudo bio-

gráfico e crítico, que se podia fazêr do autôr da *Inês de Horta.*

A peça é moldada, salvo a índole, na célebre tragédia *Inês de Castro*, de João Baptista Gomes.

A *Inês de Castro* começava assim:

« Sombra implacável, pavoroso espectro,
Não me persigas mais! Elvira, eu môrro! »

E a *Inês de Horta* começa:

Vai-te, oh! vai-te... demónio! Eu te arrenego!
Não me atarantes mais, Quitéria! Eu môrro! »

E assim por deante, num crescendo de graça e de sátira, que faria rir um môrto.

Não sabemos se a peça é representavel. Temos porém a convicção de que é obra portuguêsa a valêr, e nôvo documento dos raros méritos literários do autôr.

No prefácio, conta-nos o visconde de Sanches de Frias os esforços que empregou pâra obtêr o original da peça, contando-nos a êste respeito alguns curiosos episódios. Màs o seu trabalho principal, nêste volume, é o largo estudo, literário e biográfico, que êle consagra á personalidade de Novaes. Pâra isto, têve a bôa ventura de adquirir numerosas notícias, até agora desconhecidas, conseguindo ao mêsmo tempo trazêr a lume várias composições meúdas, que o poéta deixára inéditas, e outras que não chegaram a sair em volume.

Com esta publicação, a bibliografia nacional é brindada com o meritório resultado de pacientes investigações e pertinazes esforços. A figura brilhante de Faustino Xavier de Novaes fica, assim, nitidamente delineada na galeria literária do século XIX. O visconde de Sanches de Frias realizou, por esta forma, a reconstituição de um grande vulto literário, como já fizera, apresentando em tôda a luz a comovente história de Brás Garcia de Mascarenhas, o autôr do *Viriato Trágico.*

São tão raros os devotados propugnadôres da glória alheia, embora glória nacional, que o desinteressado e substanciôso trabalho do visconde de Sanches de Frias naturalmente se impõi ao aprêço e aplauso de quem não desadora a justiça nem os mais nobres interesses da pátria.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Diario de Noticias.

IGNEZ D'HORTA. — O sr. visconde de Sanches de Frias é um erudito e benemérito escritôr, que sabe dar ao seu tempo e á sua fortuna a mais inteligente e profícua aplicação. A comédia semi-trágica em 5 actos, intitulada *Ignez d'Horta*, obra inédita, em verso do finado poeta Faustino Xavier de Novaes, agora trazida a lume pelo sr. visconde de Sanches de Frias vem demonstrar, mais uma vêz, a verdade e a justiça do nosso assêrto. A bibliografia portuguêsa enriqueceu-se com esta preciosa publicação, na qual talvêz o mérito da comédia inédita seja excedido pelo valiosíssimo estudo biográfico-literário, que a acompanha, onde figuram peças não publicadas e notícias não sabidas.

Ninguem ignora que Faustino Xavier de Novaes é um dos mais brilhantes poetas satíricos de que póde ufanar-se a literatura portuguêsa. Há quem o repute superiôr a Nicolau Tolentino de Almeida. Sem que façamos confrontos, cumpre dizêr que o jocôso autôr de *Ignez d'Horta* — paródia á *Ignez de Castro* de João Baptista Gomes — mereceu de Castilho as mais calorosas e encomiásticas referências, considerando-o o eminente poeta com talento superiôr ao de Tolentino. Não há dúvida de que Faustino Xavier de Novaes nos legou admiraveis poesias humorísticas, portuguesíssimas tôdas elas, d'uma graça esfusiante e sadia e d'uma fórma de impecavel contextura. Muitas d'elas são geralmente conhecidas, e outras aparecem agora impressas pela primeira vêz, e com elas põe-nos o sr. Sanches de Frias ao corrente da vida tormentosa do desgraçado poeta, a quem a fortuna foi adversa na pátria e longe d'ela. A biografia de Faustino Xavier de Novaes, apensa á *Ignez d'Horta* é rica em interessantíssimos pormenores e traçada com um afectuoso sentimento só comparavel ao inexcedivel escrúpulo, que presidiu á sua elaboração.

5 abril, 1907.

Século.

IGNEZ D'HORTA.

Pelo seu carácter intrínsecamente sadio e pelo humorismo honesto e alacre, que lhe espiritualiza as páginas, pela incomparavel *alegria de vivêr*, que dêle triunfantemente se exala, êste livro arreda-se em bem saliente destaque, da vulgaridade literária, que correntemente nos desconcerta a inteligência, e acabrunha, e dissolve a vontade,

amalgamando-a nas depressões esterilizantes do sentimentalismo piegas.

....

Ignez d'Horta, comédia semi-trágica, como a qualifica o seu autôr, é uma paródia galhofeira e inocente á *Nova Castro*, de João Baptista Gomes. Nos cinco actos, em que a ação decorre, nunca afroixa a espontaneidade, a fantasia, a graça ingénua e alada, com que, logo nas primeiras páginas, o autôr nos delicia, descrevendo e caraterizando as personagens da peça. Lê-se o livro com interessado encanto, desanuvía-se o espírito com as abertas de riso, que êle nos provoca, sente-se íntimamente um prazêr honesto e salutar embalar-nos numa dôce carícia de bondade e de luz, num desafogado repoiso das lutas acidulantes da vida e dos botes mortificadôres dos egoismos perversos.

Êsse inédito, que um literato ilustre acaba de arrancar ás ingratidões do esquecimento, tem um raro valôr, que os estudos atentos de bibliófilos e filólogos posteriôrmente lhe hão-de, sem dúvida, adjudicar. Da rica variedade de vocabulário e da intensa cópia de frases típicas e provérbios, anexins e estribilhos populares recebe a obra uma particular e autêntica ingenuidade, que deriva na corrente constante de graça, que a vigoriza: são êsses elementos valiosos e fecundos pâra oportunos investigadôres da especialidade.

O livro agora publicado tem ainda um apêndice, que lhe realça condignamente o valôr: são as apreciaveis notas bio-bibliográficas de que o snr. Visconde de Sanches de Frias precedeu e seguiu a comédia de Novaes. Em estilo florido e possante, elas são um documentado manifesto da valia de quem as escreveu.

Nova Silva
Pôrto

IGNEZ DE HORTA — É êste o título de uma comédia semi-trágica de Faustino Xavier de Novaes, que o sr. visconde de Sanches de Frias, literato ilustre, acaba de publicar, póstuma, visto que há 37 anos que o seu autôr desapareceu do número dos vivos.

Faustino Xavier de Novaes foi o primeiro poeta satírico do seu tempo. Contemporaneo do grande Camilo, êste dispensara-lhe tôda a sua amizade e bastantes vêzes se lhe refere com louvôr. Infeliz sempre, o poeta, tendo ido ao Brasil tentar fortuna, lá morreu, e lá está sepultado. O livro

agora salvo do esquecimento pelo sr. visconde de Sanches de Frias, é uma obra prima de graça, da antiga facécia lusitana, e que há-de encontrar, estamos certos disso, bastantes admiradôres.

Faustino Xavier de Novaes, apesar de pouco conhecido pelas gerações, que chegam, é um clássico que merecia sêr lido e consultado, visto que o é sempre com proveito. O seu tempo fèz-lhe justiça, visto que com justa razão exgotara as sucessivas reimpressões dos seus versos. Rival de Tolentino, êle é um belo satírico, um censôr dos vícios e costumes do seu tempo, sem acrimónia, antes doirada a sátira por um riso galhofeiro, que encobria o cautério.

E' emfim, a tôdos os respeitos, uma bela obra do sr. visconde de Sanches de Frias, obra que muito lhe hão-de louvar os entendidos, e que de tão grande proveito foi pàra as lêtras pátrias.

A edição, que é esmerada, pertence á casa editôra da viuva Tavares Cardoso, que não se poupou a esforços pàra ajudar na sua obra meritoria o sr. visconde de Sanches de Frias. O volume é acompanhado de notas, um prefácio e comentários pàra a história literária do poeta, tambem devidas á penna do ilustre titular e que demonstram bastante erudição.

Novidades.

....

E' certo que Faustino Xavier de Novaes foi um poeta notavel; e o seu paralelo com Tolentino acode naturalmente a quem tem alguns dos seus versos, tão faceis, de uma ironia tão viva e tão original.

....

Alem do valôr da obra de Novaes, êste livro insere especialidades raras, algumas pouco conhecidas, outras absolutamente inéditas sôbre a amargurada vida do poeta, colecionadas pelo sr. visconde de Sanches de Frias, com cuidado e trabalho, que só poderão devidamente aquilatar os que alguma vêz tentaram emprêsas análogas.

O sr. Visconde fèz um verdadeiro serviço á literatura portuguêsa, esclarecendo uma página obscura e esquecida da nossa história literária.

....

Resistencia
Coimbra.

Um livro inédito de Faustino Xavier de Novaes, grande poeta satírico portuense — que conviveu com Camilo Castelo Branco, que o admirava, e com os mais célebres escritôres e artistas do seu tempo — trinta e sete anos depois da sua morte no Brasil, é uma surprêsa inesperada e quase inacreditavel. Até agora, nem sequer se suspeitava que Xavier de Novaes — de quem apenas se conheciam as poesias iluminadas d'uma graça tão portuguêsa, tão espontânea e tão florida — deixasse inéditos. Esta descoberta deve-se, por um feliz acaso, ao paciente investigadôr e erudito snr. visconde de Sanches de Frias, a quem o manuscrito foi entregue pelo irmão do poeta, Miguel de Novaes, há pouco mais dum ano falecido na capital: e tão encantado ficou o ilustre escritôr com a leitura dêsse manuscrito, legado por um homem insigne e desgraçado que Castilho comparou, pela fluência maravilhosa da *verve* e pela potencia da sátira, a Tolentino, que resolveu publical-o com um prólogo seu e varias notas elucidativas.

Aqui o temos, impresso, numa bela edição da livraria da Viuva Tavares Cardôso, de Lisbôa, e com um retrato de Faustino Xavier de Novaes, já no crepúsculo da existência. E' uma paródia, em versos soltos, á «Nova Castro», de João Baptista Gomes. Nestas páginas, em que um riso imenso se espalha e uma adoravel adolescência de espírito desabrocha em rosas, revive a fantasia singular, a imaginação prodigiosa, a ironia faiscante do poeta portuense na sua juventude, — dêsse poeta gentil domadôr das rimas, com um estro prompto, uma feição jocosa, e zombeteira inimitavel, e uma inspiração, que nunca se exhauria. A arte de Faustino Xavier de Novaes encanta precisamente pela sua naturalidade, pela sua purêza e por um fundo de bondade, que a toca de claridade e de belêza.

Êste livro, agora trazido á luz e que admiravelmente concorre pâra a grandêza dum notavel homem de lêtras tão imperfeitamente conhecido, encerra, de certo, as melhores páginas de quantas produziu êsse espírito fecundo eternisado em algumas composições de primeira ordem. Nunca a sua graça, a sua jovialidade e a sua inspiração esplendêram com mais brilho.

A obra recomenda-se ainda por um longo estudo que o snr. visconde de Sanches de Frias faz de Faustino Xavier de Novaes, num primorôso resumo crítico e analítico das obras e da vida do poeta. A personalidade esthética e social do autôr da «Ignez d'Horta» é magistralmente traçada em trêchos magníficos e preciosamente documentados. Como trabalho biográfico e de crítica, êsse estudo é mo-

delar, e põe mais uma vêz em destaque o nome consagrado do snr. visconde de Sanches de Frias, a quem as nossas lêtras devem serviços valiosos e inolvidaveis. Não cabe numa simples notícia de jornal uma análise completa a êsse estudo, que é sobêrbo e que vem rehabilitar uma excelsa memória de poeta: màs a sua leitura ofereceu-nos horas consoladôras de repouso, e deu-nos a visão nitida do grande talento do biografado.

Diario da Tarde
Pôrto

O abreviado espaço entre o aparecimento da *Ignez de Horta* e a impressão das *Memórias Literárias* não permite maior número de apreciações, que muitas se esperam de perto e longe.

ERRATAS

PAG. LIN.

34 22 — reputações farpalhudas — leia-se — reputações farfalhudas.
40 12 — o que não privou — leia-se — o que o não privou.
144 20 — paternalmente — leia-se fraternalmente.
166 2 — anôjo — leia-se — arrôjo.
298 17 — hisótria — leia-se — história.
309 3 — astro indomavel — leia-se — estro indomavel.
8 1867 a 1907
139-27 — finalmente a firmamento

INDICE

SECÇÃO BIBLIOGRÁFICA E CRÍTICA

Obras do mêsmo autôr

Jovita, poemêto, com uma carta do doutôr Velho da Silva e o retrato da heroina — Rio de Janeiro — 1867 — *Exgotado.*

A Mulher, sua infância, educação e influência social — obra critico-doutrinária — Pará — 1878.

Jorge de Aguilar, drama, fundado sôbre o *Remorso Vivo* — Pôrto — 1878.

O sêlo da roda, drama, extraído do notavel romance de Pedro Ivo — Pôrto — 1878.

Horas Perdidas, coleção de poesias, 2.a edição ilustrada — Lisbôa — 1897.

Uma viagem ao Amazonas, noções verdadeiras da fauna, flora, costumes e lendas gentílicas do grande rio, sôb ligeira forma romântica, obra luxuosa e ilustrada, com gravuras de página, por Bordallo Pinheiro, Casanova, H. Pedrôso e Manuel de Macedo — Lisbôa — 1883.

Maria de Frias, memórias biográficas e páginas íntimas, edição comemorativa e particular — Lisbôa — 1884.

Notas a lapis, passeios e digressões peninsulares, revista crítica e amena de viagens e visitas a lugares, cidades, paisagens e monumentos de Portugal e Espanha — Lisbôa — 1886.

Quadros á penna, contos e narrativas, precedidas da biografia do poeta e filólogo dr. Candido de Figueiredo — Pôrto — 1891.

O Senhor de Fóios, romance caracteristico — Lisbôa — 1894.

Pombeiro da Beira, memória histórica, descritiva, crítica e ilustrada — 2.a edição volumosa — Lisbôa — 1899.

O Poeta Garcia, Brás Garcia Mascarenhas, autôr do *Viriato Trágico,* drama histórico em 5 actos, precedido de largo estudo genealógico, biográfico e bibliográfico — Lisbôa — 1901.

Memórias literárias, apreciações e críticas de autôres e livros — o presente volume.

A entrar no prélo

Ersília ou Os amôres de um poeta, romance.

Em elaboração

Horas crepusculares, poesias.
Quadros e lêtras, histórias e romancêtes.